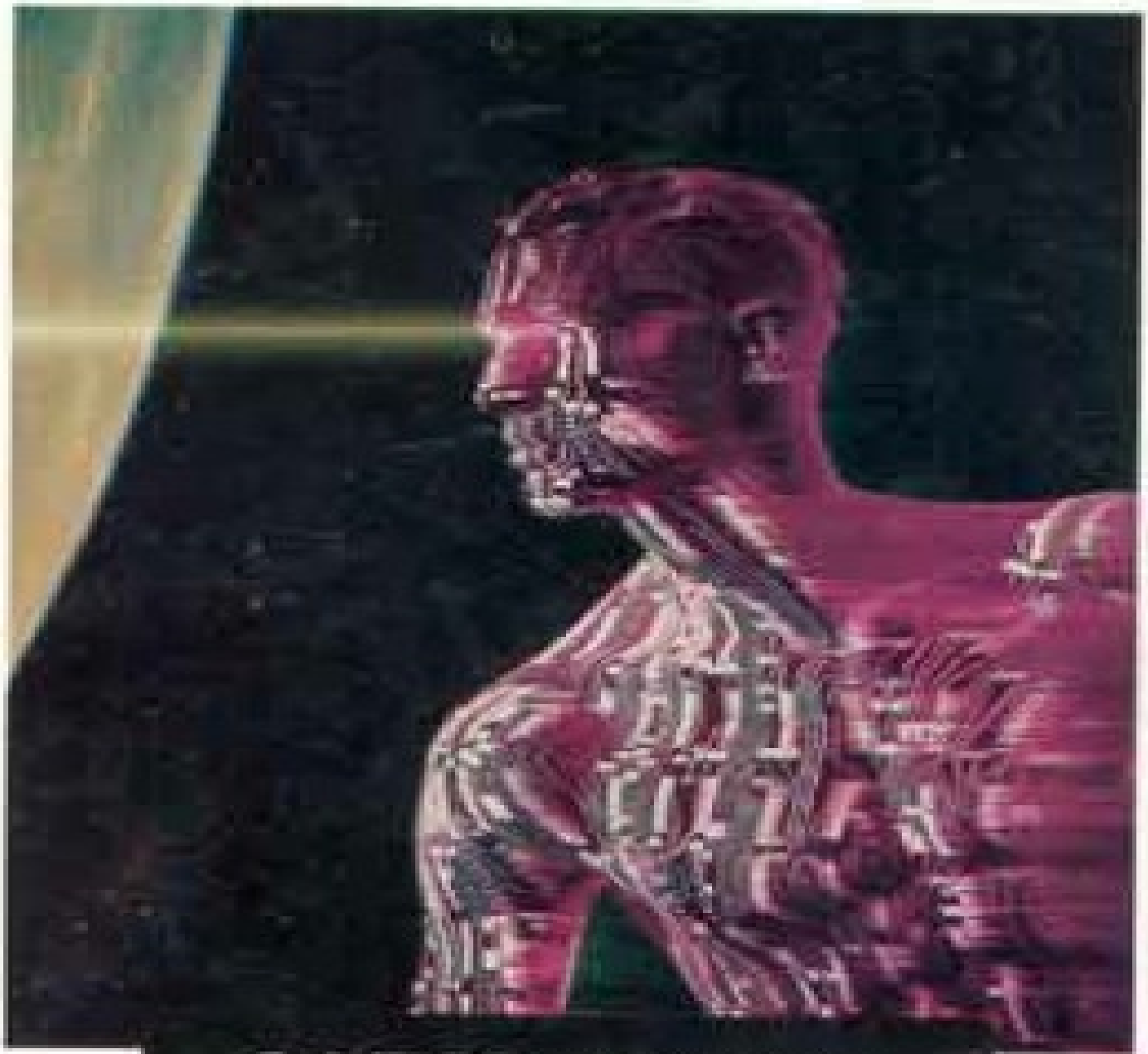
FICÇÃO CIENTÍFICA

Isaac Asimov

O HOMEM BICENTENÁRIO



L&PM POCKET

FICÇÃO CIENTÍFICA

Isaac Asimov

O HOMEM BICENTENÁRIO



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Prólogo

Aqui – estou eu com outra coleção de estórias de ficção científica, e me sento a pensar, com algo mais que um pouco de espanto, que já há três oitavos de século que estou escrevendo e publicando ficção científica. Isto não é mau para quem admite somente estar no final de sua juventude – um pouco além dos trinta, se a tanto for obrigado.

Imagino que, para a maioria das pessoas que têm tentado me seguir de livro em livro, e de campo em campo, poderá até parecer um tempo mais longo. Como a torrente de palavras continua ano após ano, sem sinais visíveis de diminuição, naturalmente surgem equívocos bem característicos.

Faz apenas umas poucas semanas, por exemplo, estava eu numa convenção de bibliotecários a autografar livros, e algumas das mais bondosas observações que recebi foram:

– Não posso acreditar que o senhor ainda esteja vivo!

– Como é que o senhor pode ter aparência tão jovem?

– O senhor e o Isaac Asimov são realmente a mesma pessoa?

E outras coisas mais. Numa crítica sobre um de meus livros (*) no número de dezembro de 1975 da Scientific American, fui descrito conto: "Foi bioquímico em Boston e agora é o elo de união e o letreiro de um grupo de escritores associados."

Meu Deus! Escritores associados? Não mais que um elo de união e letreiro?

Não é assim. Lamento se minha copiosa produção o faz parecer impossível, mas estou vivo. Sou jovem, e sou uma pessoa só.

Na verdade, sou completamente um homem que faz tudo sozinho. Não tenho assistentes de espécie alguma. Não tenho agente, não tenho gerente comercial, não tenho auxiliares de pesquisa, nem secretária, nem taquígrafa. Eu mesmo bato à máquina, corrijo as provas, faço os índices, toda a minha pesquisa, toda a minha correspondência, eu mesmo atendo a todos os meus telefonemas.

E gosto que seja assim. Uma vez que não tenho de tratar com

outras pessoas, posso me concentrar mais adequadamente em meu trabalho, e produzir mais.

Dez anos atrás eu já estava me preocupando com o equívoco a meu respeito. Naquela ocasião, 77w Magazine of Fantasy and Science Fiction (conhecido comumente como F & SF) estava planejando um número especial sobre Isaac Asimov para outubro de 1966. Pediram-me uma nova estória para ser incluída naquele número, e eu me comprometi** , mas, de minha própria iniciativa, escrevi também um breve poema.

Esse poema apareceu no número especial e nunca mais apareceu noutro lugar – até agora. Vou incluí-1o aqui por ser adequado à minha tese. Então, também, sete anos depois de o poema ter aparecido, recitei-o para uma moça encantadora, que, sem qualquer indício de esforço mental, sugeriu imediatamente uma mudança que redundou numa mudança tão inevitável e grande, que

tive de publicar novamente o poema para fazer a modificação.

Originalmente, eu chamara o poema de “Na aurora da vida, seu garoto carcomido!” Edward L. Ferman, organizador da F & SF, abreviou-o para “Na aurora da vida”. Prefiro muito mais a versão mais comprida, mas decidi que isto pareceria esquisito no índice do livro, de forma que mantenho a versão mais curta. (Que bronca!)

1

♦

Na Aurora da Vida

Era, na verdade, um jovem ansioso

Que um dia me deteve.

Olhou-me atentamente, com ar beatifico, e isto

Era o que ele tinha a me dizer:

Ora essa, *mazel tov*, é Asimov,

Abençoado seja você!

Durante muitos anos vivi com receio

De que você já de há muito estivesse morto.

Ou, se vivo, uns cinquenta e cinco

Frios anos tivessem acabado com você,

E o tivessem deixado fraco, em mau estado físico,

Cabelo ralo e olhar lacrimejante.

Pois é mais do que lógico que li suas matérias

Desde que eu era apenas um garoto

E não conseguia decifrar ou dificilmente distinguia

As boas tramas das más.

Também meu pai, o lia,

Antes de conhecer minha mãe.

Por você ele suspirou, assim que

O pai dele lhe falou de si.

Desde que o tempo começou, a você, prodigioso homem

Meus ancestrais amaram

Deão da ficção científica e máquina de escrever

O idoso Asimov

Era o suficiente para mim. Eu disse: – Calma!

Mantive a centelha de meus velhos tempos.

Meu passo é leve, meu olhar é brilhante,

Meu cabelo, espesso e escuro.

Seu sorriso, em resumo, falava de descrença,

De forma que eis o que eu fiz:

Fiz uma carranca, sabem, e, com um sopro,

Matei aquele garoto carcomido.

A mudança que mencionei ocorre na primeira linha da segunda estrofe. Eu tinha escrito, originalmente, “Como, céus! É Asimov!”, mas a mocinha supramencionada imediatamente viu que tinha de ser “mazel tov”, frase hebraica que significa “boa sorte”, e que é usada pelos judeus como uma alegre saudação ou em ocasiões de júbilo – como certamente deveria ser um encontro comigo.

Passaram-se dez anos desde que escrevi o poema e, naturalmente, a impressão de incrível idade que deixo entre os que me conhecem apenas por meus escritos chega a ser agora mais forte. Quando esse poema foi escrito, eu tinha publicado apenas uns 66 livros, e agora, dez anos após, a contagem chegou aos 175, de forma que foi uma década de constante conflagração mental.

Da mesma forma, mantive a centelha dos velhos tempos. Meu passo ainda é leve e meu olhar ainda é brilhante. E mais: sou tão suave nas conversas com moças como sempre fui (e sou bastante delicado mesmo). Aquilo de dizer que meu cabelo é "espesso e escuro", contudo, precisa ser modificado. Não há perigo de calvície, mas, pobre de mim!, estou ficando grisalho. Nos últimos anos, deixei crescer um generoso par de felpudas suíças, e elas já estão quase brancas.

E agora que vocês já sabem o pior a meu respeito, vamos às estórias propriamente ditas, ou, antes (visto que vocês ainda não terminaram completamente comigo), a meus comentários de apresentação à primeira estória.

♦

O começo de "Intuição Feminina" está associado a Judy-Lynn Benjamin, que conheci na Convenção Mundial de Ficção Científica, em Nova Iorque, em 1967. Para se acreditar em Judy-Lynn precisa-se vê-la – uma mulher incrivelmente inteligente, de compreensão imediata, difícil de conduzir, e que parece estar constantemente em chamas, com uma brilhante incandescência radioativa.

Naquela época, ela era responsável pela organização administrativa de Galaxy.

Em 21 de março de 1971 ela se casou com aquele adorável velho sovina, Lester del Rey, e no espaço de dois segundos aparou todas as suas rudes arestas. Atualmente, Judy-Lynn del Rey é editora sênior na Ballantine Books e é geralmente reconhecida (especialmente por mim) como uma das maiores capacidades na área editorial.*

Voltando a 1968, quando ela ainda estava na Galaxy, estávamos sentados no bar de um hotel nova-iorquino quando – me lembro – ela me apresentou algo chamado "gafanhoto". Contei a ela que eu não bebia por não ter capacidade para álcool, mas ela me disse que eu gostaria daquele, e o problema é que gostei.

É um coquetel verde com hortelã e creme, e sabe-se lá o que mais – e é delicioso. Tomei um só naquela ocasião, de forma que meu tom alto de "bonhomia" que usualmente me caracteriza subiu um grau só, e eu estava ainda sóbrio o bastante para falar de negócios.†

Judy-Lynn sugeriu-me que escrevesse uma estória sobre um robô mulher. Claro está que meus robôs são sexualmente neutros, mas todos têm nome masculino e eu os trato como homens.

Uma reviravolta como aquela sugestão era boa

– Arre! Eis uma ideia interessante – disse eu. Fiquei tremendamente contente, porque Ed Ferman me pedira uma estória para celebrar o vigésimo aniversário de Fantasy and Science Fiction e eu tinha concordado, sem ter, contudo, no momento, nenhuma ideia em minha mente.

Em 8 de fevereiro de 1969, de acordo com a sugestão, comecei "Intuição Feminina". Terminada a estória, Ed a levou e ela foi incluída no número de outubro de 1969 de Fantasy and Science Fiction, o número de vigésimo aniversário. Foi também a primeira novela, naquele número.

Durante o tempo que mediou entre o momento em que a vendi, e a ocasião em que foi publicada, casualmente Judy-Lynn me disse, um dia: – Você chegou a fazer alguma coisa, com relação àquela minha ideia de escrever uma estória sobre um robô mulher?

Entusiasticamente, eu disse: – Sim, Judy-Lynn, eu a escrevi e Ed Ferman vai publicá-la. Obrigado por sua sugestão.

Os olhos dela se abriram muito e ela disse, com voz perigosa: "Estórias baseadas em

ideias minhas têm de vir para mim, seu bobão. Não as venda aos concorrentes."

Ela prosseguiu no tema durante meia hora e minhas tentativas de explicar que Ed me tinha pedido uma estória antes da sugestão, e que ela nunca deixara bem claro que queria para si a estória, foram rechaçadas com desdém.

Seja lá como for, Judy-Lynn, eis aqui de novo a estória, e admito livremente que a sugestão de um robô mulher foi sua. Será que isto acerta tudo? (Não, acho que não).

2

♦

Intuição Feminina

As Três Leis da Robótica:

1. *Um robô não deve fazer inala um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*

2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primei raLei.

3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.

Pela primeira vez na história da "United States Robots and Me chanical Men, Inc" um robô havia sido destruído num acidente na própria Terra.

Ninguém podia ser responsabilizado. O avião tinha sido destruído em pleno ar e um incrédulo comitê de investigações se indagava se realmente deveria ousar anunciar a evidência de que o veículo tinha sido atingido por um meteorito. Nada mais poderia ser suficientemente rápido para obstar o sistema automático de prevenção; com exceção de uma carga nuclear, nada mais

poderia ter causado o dano, e isto estava fora de cogitação.

Ligando-se isto a um relato de um súbito brilho no céu noturno imediatamente antes de o veículo explodir – observação vinda do Observatório Flagstaff, e não de um amador – e dada a localização de um nítido fragmento de meteorito, ferro há pouco arrancado, jogado na terra a quilômetro e meio do local, a que outra conclusão se poderia chegar?

Ainda assim, nada de semelhante ocorrera antes e o exame da possibilidade de ter acontecido algo de incomum tinha contra si avantajadas cifras. Mas, não obstante, às vezes até colossais improbabilidades podem acontecer.

Nos escritórios da U.S. Robots, os comos e os porquês do caso eram secundários, O que interessava mesmo é que um robô tinha sido destruído.

O fato, em si, era angustiante.

Mais angustiante ainda era o fato de JN-5 ter sido um protótipo, o primeiro, após quatro tentativas anteriores, a ter sido colocado em campo.

E extremamente angustiante era o fato de JN-5 ser um tipo de robô completamente novo, muito diferente de qualquer outro construído antes.

O fato de JN-5 aparentemente ter realizado alguma coisa antes de sua destruição, algo de incalculavelmente importante, e o fato de que essa realização talvez pudesse ter desaparecido para sempre, fazia com que não houvesse palavras para descrever a angústia.

Mal parecia digno de referência que, juntamente com o robô, morrera o chefe de Psicologia de Robôs da US. Robots.

Clinton Madarian tinha entrado na firma dez anos antes. Durante cinco daqueles anos ele trabalhara sem se queixar sob a mal- humorada supervisão de Susan Calvin.

O brilhantismo de Madarian era mais do que óbvio e tranqüila- mente Susan Calvin o promovera acima dos mais idosos. De qualquer forma, ela se dignaria a dar suas razões a Peter Bogert, seu Diretor de Pesquisas, mas, quando isto ocorreu, não houve necessidade de explicações. Ou melhor: elas eram óbvias.

Madarian era completamente o contrário da renomada Dra. Calvin em muitos aspectos notórios. Ele não era tão pesado quanto seu queixo duplo poderia fazê-lo parecer, mas, mesmo assim, sua presença se impunha, enquanto que Susan quase não era notada. A face maciça de Madarian, sua faiscante cabeleira ruiva, sua tez rosada, sua voz tonitruante, sua risada alta, e, acima de tudo, sua irrepreensível autoconfiança, sua maneira impaciente de anunciar seus sucessos, faziam com que todos os demais que se achassem na sala sentissem falta de espaço.

Quando finalmente Susan Calvin se aposentou (recusando antecipadamente cooperar com respeito a qualquer jantar de homenagem que pudesse ser planejado em sua honra, de uma maneira tão firme que nem sequer se fez anúncio de sua aposentadoria aos serviços de informações), Madarian ocupou o seu cargo.

Fazia exatamente um dia que ele estava em seu novo posto quando iniciou o projeto JN.

Ele significava a maior alocação de recursos até então feita a um projeto pela U.S. Robots, mas era algo que Madarian repudiara com um jovial aceno de mão.

– Não vale a pena gastar um centavo nisso, Peter – disse ele. – E eu espero que você convença a Diretoria disto.

– Dê-me razões – disse Bogert, indagando-se se Madarian as daria. Susan Calvin nunca dava razões.

Mas Madarian disse – Claro – e instalou-se confortavelmente na ampla poltrona da sala do Diretor.

Bogert observava o outro com algo que era quase temor. Seus cabelos, outrora negros, eram quase brancos agora e dentro de uns dez anos ele seguiria Susan na aposentadoria. Isto significaria o fim da equipe que originalmente constituíra a U.S.Robots numa firma que dava a volta ao mundo, rival – em complexidade e importância – de muitos governos nacionais. Por alguma razão qualquer, nem ele nem os que o haviam antecedido tinham conseguido apreender a enorme expansão da firma.

Contudo, agora era uma nova geração. Os novos homens sentiam-se à vontade com o Colosso. Faltava-lhes o toque de encantamento que os teria deixado na ponta dos pés, descrentes. De forma que iam em frente – e isto era bom.

Madarian disse: – Proponho o começo da construção de robôs sem restrições.

- Sem as Três Leis? Lógico que...

– Não, Peter. Será que você só sabe pensar nestas restrições? Diabos, você contribuiu para projetar os primeiros cérebros positrônicos. Será que tenho de lhe dizer que, deixando bem de lado as Três Leis, não existe uma trilha nestes cérebros que não tenha sido cuidadosamente projetada e assentada? Temos robôs planejados para tarefas específicas, com capacidades específicas implantadas.

– E você propõe...

– Que, em qualquer nível abaixo das Três Leis, os circuitos tenham terminais abertos. Não é difícil.

– Realmente, não é difícil – disse Bogert secamente. – As coisas inúteis nunca são difíceis. Difícil vai ser assentar as trilhas e tomar o robô útil.

– Tão difícil assim por quê? Assentar as trilhas exige um bocado de esforço porque o Princípio da Incerteza é importante nas partículas nas quais a massa de pósitrons e o efeito de incerteza precisam ser minimizados. Ainda assim, por que precisa? Se conseguirmos fazer com que o Princípio se manifeste de forma suficiente apenas para permitir que o cruzamento de trilhas se faça imprevisivelmente...

– Teremos um robô imprevisível.

– Teremos um robô criativo – disse Madarian com uma ponta de impaciência. – Peter, se há alguma coisa que um cérebro humano tem, e que o cérebro de um robô nunca teve, é um toque de imprevisibilidade que vem dos efeitos da incerteza no nível subatômico. Admito que esse efeito nunca foi demonstrado experimental- mente dentro do sistema nervoso, mas sem isto, em princípio, o cérebro humano não é superior a um cérebro robótico.

– E você pensa que, se introduzirmos o efeito no cérebro robótico, em princípio o cérebro humano não se tomará superior ao cérebro robótico.

– E exatamente nisso que acredito – disse Madarian.

E prosseguiram muito tempo depois disto.

Logicamente, o Conselho Diretivo não tinha a intenção de se deixar convencer facilmente.

Dissera Scott Robertson, o maior acionista da firma: – Já é bastante difícil gerir a firma de robôs tal como é, com a hostilidade pública aos robôs sempre prestes a se manifestar. Se as pessoas vierem a saber que os robôs poderão ser incontroláveis... Não, não me fale das Três Leis. As pessoas comuns não acreditarão que as Três Leis as protegerão, assim que ouvirem dizer a palavra "incontrolável".

– Então, não a use – disse Madarian. – Chame o robô de... di gamos... "intuitivo".

– Um robô intuitivo – resmungou alguém. – Um robô moça?

Um sorriso circulou na mesa de reuniões.

Madarian se fixou naquilo. – Está bem, um robô moça. Nossos robôs são assexuados, naturalmente, e este também o será, mas sempre agimos como se fossem masculinos. Damos-lhes nomes de bichinhos de estimação machos, e falamos "ele", "dele". Este de agora, se considerarmos a natureza da estrutura matemática do cérebro que propus, cairá no sistema de coordenadas JN. O primeiro robô seria o JN-I, e admito que seria denominado de John-l. Suspeito que seja este o nível de originalidade do roboticista comum. Mas, com os diabos, por que não denominá-lo de Jane-1? Se for para informar o público do que estamos fazendo, estamos construindo um robô feminino com intuição.

Robertson sacudiu a cabeça. – Que diferença faria isso? O que você está dizendo é que planeja remover a última barreira que, em principio, mantém o cérebro robótico inferior ao cérebro humano. Qual supõe você que será a reação do público?

– Você tem a intenção de tomar isto público – disse Madarian. Pensou um momento e disse, então: – Vejam: uma coisa em que o público em geral crê é que as mulheres não são tão inteligentes quanto os homens.

De pronto houve um olhar de apreensão no rosto de mais de um homem na mesa e um olhar para o alto e para baixo, como se Susan Calvin ainda estivesse em seu assento costumeiro.

– Se anunciarmos um robô mulher, não importa quem ela seja – disse Madarian. – Automaticamente o público admitirá que ela é mentalmente. atrasada. Limitar-nos-emos a anunciar um robô Jane-l e nenhuma palavra mais acrescentaremos. Estaremos a salvo.

– Na verdade – disse tranquilamente Peter Bogert – existe algo mais. Madarian e eu examinamos cuidadosamente a parte matemática e a série JN, seja de Johns ou Janes, será bem segura. Serão robôs menos complexos e menos capazes intelectualmente, num sentido ortodoxo, que muitas outras séries que planejamos e construímos. Haveria apenas um fator adicional, que teríamos de nos habituar a chamar de, digamos, "intuição".

– E quem é que sabe em que vai dar isso? – resmungou Robertson.

– Madarian sugeriu uma coisa que o robô poderá fazer. Como todos sabem, em princípio já está desenvolvido o Salto no Espaço. Ë possível ao homem atingir o que é, na verdade, supervelocidades além daquela da luz e visitar outros sistemas estelares e voltar num espaço de tempo mínimo – no máximo, em semanas.

– Isto não é novidade para nós – disse Robertson. – Sem os robôs, não poderia ter sido feito.

– Exatamente, e não está redundando em nada de bom para nós, visto que não podemos usar o impulso da supervelocidade exceto, talvez, uma vez como demonstração, de forma que pouco crédito se dará à U.S. Robots. O Salto no Espaço é arriscado,é temivelmente pródigo em energia e, destarte, é extremamente dispendioso. Se, de qualquer forma, fôssemos utilizá-lo, seria bonito se pudéssemos constatar a existência de algum planeta habitado. Vamos chamar isto de necessidade psicológica. Se gastarmos uns vinte bilhões de dólares num único Salto no Espaço e não obtivermos nada além de dados científicos, o público quererá saber porque seu dinheiro foi desperdiçado. Mas, se você noticiar que descobriu um planeta habitado, você se transformará num Colombo interestelar e ninguém se preocupará com o dinheiro.

– Daí que...?

– Daí que, onde é que acharemos um planeta habitado? Ou, então, vamos considerar as coisas desta maneira: dentro do alcance do Salto no Espaço tal como atualmente o concebemos, qual dentre as trezentas mil estrelas e sistemas estelares, compreendidos no limite de trezentos anos-luz, tem melhor chance de possuir um planeta habitável? Armazenamos uma enorme quantidade de detalhes sobre todas as estrelas na vizinhança dos trezentos anos-luz e a noção de que quase todas têm um sistema planetário. Qual, porém, tem um planeta habitável? Qual visitaremos?. Não sabemos.

– E como o robô Jane nos auxiliaria? – indagou um dos diretores.

Madarian já ia responder à pergunta, mas fez um gesto discreto para Bogert, que compreendeu. O Diretor carregaria um peso maior. Particularmente, Bogert não apreciou a ideia. Se a série JN fosse um fiasco, ele estava se fazendo tão saliente, tão relacionado com o projeto para ter a certeza de que os dedos acusadores apontariam para ele. Por outro lado, a aposentadoria não estava tão distante assim, e, se o projeto desse certo, ele se retiraria em meio a uma auréola de glória. Pode ser que fosse apenas por causa da aura de confiança de Madarian, mas, Bogert estava intimamente convicto de que a coisa funcionaria.

E disse: – Pode muito bem ser que, algures, nos arquivos de dados que temos relacionados com essas estrelas, haja métodos de avaliar as probabilidades de presença de planetas habitáveis do tipo da Terra. Tudo que precisamos fazer é compreender adequadamente os dados, considerá-los de uma maneira adequadamente criativa e estabelecer as correlações corretas. Até o momento, não o fizemos. Ou, caso algum astrônomo o tenha feito, não foi suficientemente inteligente para perceber que o fez.

– Um robô do tipo JN poderia fazer correlações muito mais rapidamente e muito mais precisamente do que um homem. Num único dia faria e poria de lado tantas correlações quanto um homem em dez anos. E mais: um robô trabalharia de maneira bem ampla, enquanto que um homem já teria uma série de predisposições, baseadas em ideias preconcebidas e naquilo em que já se acredita.

Houve um considerável silêncio depois disto. Por fim, Robertson disse: – Mas é apenas uma questão de probabilidade, não é mesmo? Suponhamos que este robô dissesse: – O planeta com maior probabilidade de ser habitado é um que se acha no sistema de urna estrela a tantos anos-luz, Squidgee-l7 ou seja lá o que for; vamos lá e constatamos que uma probabilidade é apenas uma probabilidade e que, afinal de contas, não há planetas habitáveis. E como ficamos?

Neste momento, Madarian interveio. – Ainda assim, ganhamos. Saberemos como o robô chegou àquela conclusão porque ele – ela – no-lo dirá. Isto poderá nos ajudar a ter uma visão muito íntima dos detalhes astronômicos e poderá nos ajudar a tomar o todo digno do trabalho, ainda que nunca demos o Salto no Espaço. Além disso, poderemos explorar os cinco mais prováveis sítios de planetas e a probabilidade de que um dos cinco tenha um planeta habitável poderá ser melhor do que 0,95. Ê quase certo que...

E continuaram conversando bastante tempo.

Os recursos concedidos eram insuficientes, mas Madarian contava com o costume de se pôr bom dinheiro em cima de dinheiro mal gasto. Com duzentos milhões prestes a serem irrevogavelmente perdidos, quando com mais cem milhões se poderia salvar tudo, os outros cem milhões certamente seriam concedidos.

Finalmente, Jane-1 estava construído e estava sendo exibido. Peter Bogert estudou-o, isto é, estudou-a, e, gravemente, disse: – Por que a cintura estreita? Não é certo que isto traz uma fraqueza mecânica?

Madarian conteve o riso. – Olhe aqui, se vamos chamá-la de Jane, não há razão alguma para construí-la como um Tarzan.

Bogert sacudiu a cabeça. – Assim também não. Logo você a estará construindo com protuberâncias para dar a aparência de um busto e isto é uma ideia lamentável. Se as mulheres começarem a perceber que robôs podem ter a aparência delas, posso lhe dizer exatamente que ideias perversas elas terão, e você terá mesmo hostilidade da parte delas.

– Pode ser que nisto você tenha razão – disse Madarian. Nenhuma mulher gostaria de se sentir substituível por alguém que não tivesse nenhum dos defeitos dela. Certo.

Jane-2 não tinha a cintura estreita. Ela era um robô sombrio, que raramente se movimentava e mais raramente ainda falava.

Durante a construção dela, só ocasionalmente Madarian viera ter com Bogert para discutir alguns detalhes, indício seguro de que as coisas se desenvolviam sem grandes alardes. A agitação de Madarian quando havia sucesso era esmagadora. Ele não hesitaria em invadir o dormitório de Bogert às três da madrugada com um assunto candente, sem esperar que amanhecesse. Disto Bogert tinha certeza.

Agora, Madarian parecia refreado, sua rubicunda expressão quase pálida, suas rechonchudas bochechas quase murchas. E, com ar de certeza, Bogert disse: – Ela não falará.

– Vai falar sim – disse Madarian, sentando-se pesadamente e comprimindo seu lábio inferior. – Qualquer dia, de qualquer jeito.

Bogert ergueu-se e circundou o robô. – E quando ela fala, o que diz não tem sentido, penso eu. Bem, se não fala, não é mulher, ou é? -

Por um momento, Madarian esboçou um sorriso e o abandonou. – Observado isoladamente, o cérebro funcionou – disse.

– Eu sei – disse Bogert.

– Mas, uma vez responsável pelo conjunto físico do robô, lógica e necessariamente o cérebro se modificou.

– Naturalmente – concordou Bogert, desanimado.

– Imprevisivelmente, frustrantemente, porém. O problema é que, quando a gente está lidando com um cálculo de incerteza n dimensional, as coisas são...

– Incertas – falou Bogert. Ele próprio se surpreendia com sua reação. Já se tinham passado quase dois anos e o investimento da empresa era de porte bem maior; não obstante, os resultados eram, para falar de maneira educada, desapontadores. Ainda assim, ele cutucava Madarian e se divertia com a história.

Quase que furtivamente, Bogert se perguntava se não seria a ausente Susan Calvin que ele estaria cutucando. Madarian era muitíssimo mais agitado e efusivo do que Susan possivelmente jamais seria, quando as coisas estivessem correndo bem. Ele era também muito mais vulnerável à

melancolia quando as coisas não corriam bem, e era justamente debaixo de pressão que Susan nunca se abatia. O alvo que Madarian tinha estabelecido podia muito bem ser um alvo muito bem delineado, recompensa para o alvo que Susan nunca se permitira ser.

Madarian não reagiu à última observação de Bogert mais do que Susan Calvin teria reagido; não por desprezo, que teria sido a reação de Susan, mas porque não a tinha ouvido.

A guisa de argumentação, ele disse: – O problema é a questão do reconhecimento. Jane-2 pode se correlacionar de maneira magnífica. Pode se correlacionar com qualquer assunto, mas, uma vez isto feito, ela não pode distinguir um resultado válido de um sem valor. Não é um problema fácil tanto julgar como programar um robô para contar uma correlação significante, quando não sabemos que correlações ela estará fazendo.

– Suponho que você pensou em baixar o potencial na junção W-21 de diodo e cintilando através de...

Num tom de voz que gradualmente foi baixando, Madarian retrucou:

– Não, não, não, não. Não dá para você fazê-lo desembuchar o que quer que seja. Podemos fazer isto por nós mesmos. O problema é que temos de reconhecer a correlação crucial e chegar a uma conclusão. Uma vez feito isto, entende, por intuição um robô Jane emitirá uma resposta. Será algo que nós mesmo jamais arrancaríamos de nós mesmos, exceto por uma sorte muito fora do comum.

– Parece-me – disse Bogert secamente – que se você tivesse um robô como este, você conseguiria que ele fizesse rotineiramente aquilo que, entre os seres humanos, somente um gênio ocasional é capaz de fazer.

Madarian agitou a cabeça vigorosamente. – Exatamente, Peter. É o que eu teria dito se eu não tivesse medo de atemorizar os executivos. Não repita isto quando eles estiverem ouvindo, por favor.

– Quer dizer que você quer mesmo um robô gênio?

– Que significam as palavras? Estou tentando obter um robô com a capacidade de estabelecer as mais fortuitas correlações, a enormes velocidades, juntamente com um quociente de alto reconheci mento de significância-chave. E estou tentando pôr estas palavras em equações positrônicas de campo. Pensei que já as tivesse, mas não tenho. Ainda não.

Ele olhou para Jane-2 com descontentamento e disse: – Qual é a melhor significância que você tem, Jane?

A cabeça de Jane-2 voltou-se para olhar Madarian mas ela não emitiu som algum e Madarian sussurrou resignadamente: – Ela está tentando entender isto nos bancos de correlação.

Por fim, sem entonação alguma, Jane-2 falou. – Não estou certa – Era o primeiro som que ela emitia.

Os olhos de Madarian viraram para cima. – Ela está fazendo o equivalente a resolver equações com soluções indeterminadas.

Foi o que percebi – falou Bogert. – Ouça, Madarian, partindo daí você pode ir aonde quiser ou paramos por aqui e reduzimos nossas perdas a meio bilhão?

– Oh, conseguirei isso – murmurou Madarian. -

Jane-3 não chegou a ser. Nunca passou de uma mera ativação e Madarian estava furioso.

Era erro humano. Culpa dele mesmo, se se quisesse ser bem preciso. Ainda assim, se bem que Madarian estivesse terrivelmente humilhado, os outros permaneceram quietos. Que se deixasse aquele que jamais cometera um engano na intricada e temível matemática do cérebro positrônico preencher o primeiro memorando de correção.

Quase um ano se passara antes que Jane-4 estivesse pronta. Novamente Madarian estava agitado. – Ela é capaz – dissera ele. – Ela tem um bom quociente de alto reconhecimento.

Ele tinha confiança suficiente para colocá-la num exibidor diante do Conselho e fazê-la resolver problemas. Não problemas matemáticos, coisa que qualquer robô faria, mas problemas nos quais os termos eram deliberadamente misturados, sem serem, na verdade, inexatos.

Posteriormente, Bogert disse:. – Na verdade, isto não exige muito.

– Lógico que não. É elementar, para Jane-4, mas eu tinha de mostrar alguma coisa para os diretores, não acha?

– Sabe quanto já gastamos até agora?

– Vamos, vamos, Peter, não me venha com essa. E você por acaso sabe quanto recuperaremos? Coisas como esta não caem num vácuo, você sabe. Isto me custou três anos infernais, se quer saber, mas desenvolvi novas técnicas de cálculo que nos pouparão no mínimo cinquenta mil dólares em qualquer novo tipo de cérebro positrônico que projetarmos no futuro. Certo?

– Bem...

– Não me venha com "bem...". É isto aí. E tenho a convicção pessoal de que cálculos n-dimensionais de incerteza pedem ter o número que quisermos de outras aplicações se tivermos inteligência para descobri-las, e meus robôs Jane as descobrirão. Uma vez que eu saiba exatamente o que quero, a nova série JN no decorrer de cinco anos se pagará a si mesma, mesmo que tripliquemos o que até agora investimos.

– Que é que você quer exatamente dizer com "saber exatamente o que você quer"? Que é que há de errado na Jane-4?

– Nada. Ou nada a mais. Ela está na pista, mas pode ser aperfeiçoada, e 6 o que tenciono fazer. Eu pensava que sabia aonde me dirigia quando a projetei. Agora testei-a e sei para onde estou indo. E tenho a intenção de chegar lá.

E era Jane-5 a meta de Madarian. Ele levara bem mais de um ano para produzi-la e não tinha restrições; estava terrivelmente confiante.

Jane-5 era mais baixa e mais fina que o comum dos robôs. Sem ser uma caricatura de mulher, como fora Jane-l, ela procurava possuir um ar de feminilidade em tomo dela, a despeito da ausência de qualquer traço claramente feminino que fosse.

– E a maneira como ela fica de pé – disse Bogert. Os braços dela se sustinham graciosamente e de alguma maneira o torso procurava dar a impressão de que se curvava ligeiramente, quando ela se voltava.

– Prestem atenção nela .. – disse Madarian. – Como se sente, Jane?

– Com excelente saúde, obrigada – disse Jane-5. A voz era precisamente a de uma mulher. Era um contralto doce e quase per turbador.

– Por que você fez isto, Clinton? – disse Peter, estupefato e começando a franzir as sobrancelhas.

– É psicologicamente importante – disse Madarian. – Quero que as pessoas a encarem como a uma mulher, que a tratem como a uma mulher; que a *interpretem.*

– Que pessoas?

Madarian pôs as mãos nos bolsos e encarou Bogert pensativa- mente. – Quero que se providencie minha ida a Flagstaff com Jane.

Bogert nada podia fazer mas reparou que Madarian não disse Jane-5. Desta vez, ele não usara número. Ela era a Jane. E, duvidosamente, disse: – Para Flagstaff? Por que?

– Porque lá é o centro mundial de planetologia geral, não é? É lá que estão estudando as estrelas e tentando calcular a probabilidade de planetas habitáveis, não é?

– Sei disto, mas é na Terra.

– Lógico que sei disso.

– Os movimentos robóticos na Terra são estritamente controlados. E não há necessidade disto. Traga uma biblioteca de livros sobre planetologia geral para cá e deixe Jane absorvê-los.

– Não! Peter, veja se põe na sua cachola que Jane não é uni tipo comum, lógico, de robô; ela é intuitiva.

– E dai'?

– E daí que como é que podemos dizer de que ela necessita, o que ela pode usar, o que a acionará? Podemos usar qualquer modelo de metal na fábrica para ler livros; são dados congelados e, além do mais, desatualizados. Jane precisa ter informação viva; precisa ter tons de voz, precisa ter apoios paralelos; precisa até mesmo ter acesso a dados totalmente irrelevantes. Como, co'os diabos, saberemos o que ou quando algo fará um barulhinho dentro dela e incidirá num modelo? Se soubéssemos, não precisaríamos dela de jeito nenhum, não acha?

Bogert começava a se sentir incomodado. E disse: – Vamos então trazer para cá os tais homens, os planetologistas.

– Não seria bom de jeito nenhum. Eles estariam fora de seu ambiente, não reagiriam naturalmente. Quero que Jane os observe a trabalhar, quero que veja os instrumentos deles, os escritórios, suas escrivaninhas, tudo que ela puder ver a respeito deles. Quero que você providencie

o transporte dela para Flagstaff. E gostaria de não mais discutir este assunto.

Por um momento, sua voz soara quase que como a de Susan. Bogert recuou, dizendo: – É o tipo de arranjo complicado. Transportar um robô experimental...

– Jane não é experimental. É a quinta de uma série.

– Mas, na verdade, as outras quatro não funcionaram.

Num gesto de frustração desesperançada, Madarian ergueu as mãos. – Quem está forçando você a dizer isto ao governo?

– Não estou preocupado com o governo; podemos fazê-lo entender casos especiais. É a opinião pública. Percorremos um longo caminho em cinquenta anos e não proponho que você nos faça retroceder vinte e cinco anos por ter perdido o controle sobre uma...

– Não perderei o controle. Você está fazendo observações aloucadas. Olhe: a US. Robots pode pagar um avião particular. Podemos aterrissar quietamente no mais próximo aeroporto comercial e nos perdermos em meio a centenas de pousos similares. Poderemos providenciar que um grande automóvel, com reboque, nos vá buscar, levando-nos a Flagstaff. Jane estará engradada, e será óbvio que alguma peça de um equipamento que nada tem a ver com robôs está sendo transportada aos laboratórios. Ninguém nos olhará duas vezes. Lá em Flagstaff, as pessoas estarão prevenidas e informadas do exato propósito da visita. Terão todos os motivos para colaborar e para impedir uma indiscrição.

Bogert ponderou: – A parte arriscada será o avião e o automóvel. Se acontecer alguma coisa ao engradado...

– Nada acontecerá.

– Poderemos escapar impunemente se Jane for desativada durante o transporte. Mas se alguém descobrir que ela está lá dentro...

– Não, Peter. Isto não pode ser feito. Com Jane-5, não. Note que ela tem estado a fazer livres associações desde que foi ativada. A informação que ela possui pode ser congelada durante a

desativação mas as livres associações, nunca. Não senhor, jamais ela poderá ser desativada.

– Mas, então, se de alguma forma for descoberto que estamos transportando um robô ativado...

– Não será descoberto.

Madarian permaneceu firme e, num dado momento, o plano deslanchou. Era um modelo avançado de Computo-jet, mas tinha como piloto um homem, empregado da U. S. Robots, como apoio. O engradado contendo Jane chegou são e salvo ao aeroporto, foi transferido para o veículo que o aguardava, e atingiu os Laboratórios de Pesquisa de Flagstaff sem incidentes.

Peter Bogert recebeu o primeiro comunicado de Madarian pouco mais de uma hora depois de Bogert ter chegado a Flagstaff. Madarian estava em êxtase e, caracteristicamente, não podia esperar para dar notícias.

A mensagem chegou pelo cabo de raio laser, codificada, e, como de costume, impenetrável, mas Bogert sentiu-se exasperado. Sabia que a mensagem poderia ser interpretada se

alguém com suficiente capacidade tecnológica, o governo, por exemplo, quisesse mesmo fazê-lo. A única segurança real residia no fato de que o governo não tinha razão para tentar fazer isto. Pelo menos, assim esperava Bogert.

E disse: – Pelo amor de Deus, você tinha mesmo que transmitir essa mensagem?

Madarian ignorou-o inteiramente. Balbuciou: – Foi uma inspiração. Gênio puro, garanto-lhe.

Por um momento, Bogert olhou fixamente o receptor. E, então, incrédulo, bradou: – Você está querendo dizer que já tem resposta?

– Não, não! Dê-nos tempo, diabos. Estou querendo dizer que aquela questão da voz dela é que foi uma inspiração. Ouça: depois de termos sido transportados do aeroporto para o principal edifício de administração em Flagstaff, desengradamos Jane e ela saiu da caixa. Quando isto aconteceu, todos que lá estavam deram um passo para trás. Assustados, aparvalhados! Se até mesmo cientistas são incapazes de compreenderem o significado das Leis Robóticas, que podemos então esperar do indivíduo comum, não treinado? Lá, durante um minuto, pensei: Tudo isto será inútil. Não falarão. Estão se fechando para uma rápida retirada caso ela tenha um acesso de fúria e não pensarão em nada mais.

– Bem, onde é que você pretende chegar?

– Bem, então, ela os saudou de maneira normal, dizendo: – Boa tarde, senhores. Estou muito contente por vê-los. – E isto com aquela sua bela voz de contralto.. Foi isto. Um dos presentes acertou o nó da gravata e outro passou os dedos pelos cabelos. O que me impressionou mesmo foi que um sujeito, o mais velho lá presente, verificou se o zíper de sua calça estava fechado mesmo. Ficaram todos malucos por ela. Precisavam mesmo era ouvir a voz dela. Ela não é mais um robô: é uma moça.

– Você quer dizer que estão conversando com ela?

– Estão conversando com ela, sim, eu diria! Eu deveria ter programado a voz dela para entonações sensuais. Se assim fosse, estariam pedindo a ela para marcar encontros. Vamos falar de reflexos condicionados. Os homens responderam a vozes. Nos momentos mais íntimos, eles olham? É a voz na orelha da gente...

– Sim, Clinton, creio que me recordo. Onde está Jane agora?

– Com eles. Não a deixarão ir.

– Diabos! Vá vê-la. Não a deixe fora de suas vistas, homem.

As chamadas posteriores de Madarian, durante os dez dias de sua permanência em Flagstaff, não foram muito frequentes, tornando-se progressivamente menos exaltadas.

Ele informava que Jane estava prestando atenção cuidadosamente e que, ocasionalmente, ela respondia. Continuava popular, tinha acesso a todos os lugares. Não havia resultados, contudo.

– Nada de nada? – disse Bogert.

Madarian se pôs de imediato na defensiva. – Não se pode afirmar nada. Com um robô

intuitivo não dá para dizer absolutamente nada. Não dá para saber o que está se passando dentro dela. Hoje de manhã, ela perguntou a Jensen o que havia tomado como café da manhã.

– Rossiter Jensen, o astrofísico?

– Sim, lógico. Ficamos sabendo que ele não tinha tomado o desjejum, apenas uma xícara de café

– De forma que Jane está aprendendo a dar dois dedos de prosa. Isto mal dá para pagar as despesas...

– Ora, não seja imbecil. Não foram dois dedos de prosa. Para Jane isto não existe. Ela perguntou porque isto tinha alguma coisa que ver com alguma correlação que ela estava estabelecendo na sua mente.

– O que será que...

– Como é que eu posso saber? Se soubesse seria eu mesmo uma Jane e não precisaríamos dela. Mas tem de significar alguma coisa. Ela está programada por uma elevada motivação para obter uma resposta à pergunta sobre um planeta com ótima habitabilidade, distância e...

– Então me informe quando ela conseguir isso e não antes. Na verdade, não preciso de uma informação de minuto em minuto sobre possíveis correlações.

Na verdade, ele não esperava vir a receber notícia de sucesso. A cada dia, Bogert ficava menos confiante. De forma que, quando finalmente veio a noticia, não estava preparado. E veio bem no final.

Naquela última vez, quando a mensagem clímax de Madarian chegou, veio quase que num cochicho. A exaltação havia sido completamente contida e Madarian estava num temeroso silêncio.

– Ela conseguiu – disse. – Ela conseguiu depois de eu próprio ter desistido. Depois de ela ter recebido tudo direitinho, e a maioria das informações duas ou três vezes, e depois de nunca

ter pronuncia do uma palavra que soasse como alguma coisa... Estou no avião, de volta. Acabamos de decolar.

Bogert tentou respirar de novo. – Não brinque, homem. Você tem a resposta? Diga que sim, se for verdade. Seja franco.

– Ela tem a resposta, ela me deu a resposta. Forneceu-me o nome de três estrelas no limite de oitenta anos-luz que têm de sessenta a noventa por cento de chance de possuírem, cada uma, um planeta habitável. A probabilidade de pelo menos uma delas é de 0,972. É quase certo que seja habitável. E isto é o mínimo que se pode dizer. Quando voltarmos, ela poderá nos dar a linha exata de raciocínio que a conduziu a esta conclusão e predigo que toda a astrofísica e toda a cosmologia serão...

– Você tem certeza...

- Está pensando que estou alucinado? Tenho uma testemunha. O coitado do rapaz pulou com os dois pés quando subitamente Jane começou a desenrolar a resposta com sua voz que é um gorjeio...

E foi então que o meteorito os atingiu e, na destruição que se seguiu, Madarian e o piloto foram reduzidos a pedaços de carne sangrenta. E não foram encontrados restos de Jane que fossem recuperáveis.

Nunca a melancolia fora mais profunda na U.S. Robots. Robertson tentava se consolar com o fato de que a própria extensão da destruição tinha ocultado completamente as ilegalidades de que a firma era culpada.

Peter sacudiu a cabeça e lamentou-se. – Perdemos a melhor oportunidade que a U.S. Robots jamais teve de formar uma imagem imbatível junto ao público; de superar o raio do complexo Frankenstein. O que não teria significado para os robôs o fato de um deles ter encontrado a solução para o problema de planetas habitáveis, depois de outros robôs terem ajudado a estabelecer o Salto no Espaço?! Os robôs teriam aberto a galáxia para nós. E, se num dado momento, tivéssemos podido orientar o conhecimento científico para uma dúzia de diferentes direções, como certamente teríamos feito... Oh, meu Deus, não há maneira de calcular os benefícios para a raça humana, e, logicamente, para nós.

Robertson disse: – Não podemos construir outras Janes? Mesmo sem Madarian?

– Claro que podemos. Mas poderemos contar de novo com a correlação correta? Quem sabe quanto isto implicava de probabilidades ínfimas, no resultado final? E que dizer se Madarian dispunha de um trunfo fantástico, sorte de principiante? E se tivermos uma fantástica má sorte? Um meteorito zerando tudo... Nem dá para acreditar...

Hesitante, sussurrando, Robertson falou: – Não poderia ter um... significado?... Quero dizer, será que não devemos entender o meteorito como um julgamento... de...

Sua voz se desvaneceu ante o fulminante brilho do olhar de Bogert, que disse: – Acredito que não seja uma perda mortal. Outras Janes estão destinadas a nos ajudar, de diversas maneiras. E podemos dotar outros robôs de vozes femininas, se isto ajudar a encorajar a aceitação pública – se bem que eu me pergunte que é que as mulheres diriam. Se ao menos soubéssemos o que Jane-5 disse!...

– Na última chamada, Madarian disse que havia uma testemunha.

– Eu sei – replicou Bogert. – Tenho pensado nisso. Você pensa que não entrei em contato com Flagstaff? Ninguém, no conjunto inteiro dos laboratórios, ouviu Jane pronunciar o que quer que fosse de incomum, nada que soasse como uma resposta à pergunta sobre o problema do planeta habitável. E é evidente que qualquer pessoa de lá teria reconhecido a resposta, se ela realmente foi dada ou, pelo menos, a teria reconhecido como uma possível resposta.

– Será que Madarian estava mentindo? Ou estaria louco? Será que ele estaria tentando

se proteger...

– Quer você dizer que ele estaria tentando salvar sua reputação fingindo que tinha a resposta e, então, alteraria o mecanismo de Jane de tal maneira que ela não pudesse falar e dizer. – Desculpe, aconteceu alguma coisa, acidentalmente. Diacho! – Não aceito isto de jeito nenhum. Na mesma ordem de raciocínio, você poderia até afirmar que foi ele quem providenciou o meteorito.

– Que faremos, então?

Bogert respondeu gravemente. – Voltemos a Flagstaff. A resposta tem de estar lá. Temos de "escavar" mais fundo, é tudo. Vou para lá, levando dois homens do departamento de Madarian. Vamos esquadrinhar aquele lugar de alto a baixo, de cabo a rabo.

– Mas veja que, mesmo que tenha havido uma testemunha, mesmo que ela tenha ouvido, que adiantaria isto, agora que não mais temos Jane para explicar o processo?

– Qualquer detalhezinho é útil. Jane deu os nomes das estrelas, provavelmente o número de catálogo delas, nenhuma das estrelas com nome têm possibilidade. Se alguém conseguir se

lembrar do que ela disse e conseguir recordar o número de catálogo, ou se o tiver ouvido com suficiente clareza para permitir que o dado seja recuperado por uma psicoprova, caso tenha escapulido da memória consciente, então, bem, teremos algo. Dados os resultados ao final, e os dados que, de início, alimentaram Jane, seremos capazes de reconstituir a linha de raciocínio; poderemos recuperar a intuição. Se fizermos isto, teremos ganho a parada...

Três dias depois Bogert estava de volta, silencioso e completamente deprimido. Quando Robertson o questionou, ansiosamente, sobre os resultados, meneou a cabeça. – Nada!

– Nada?!

– Absolutamente nada. Falei com todo mundo em Flagstaff – todos os cientistas, todos os técnicos, todos os estudantes, que tivessem algo a ver com Jane; no máximo, todos a tinham visto. Não eram muitos – devemos creditar a Madarian sua discrição. Ele só permitiu que vissem Jane aqueles que se poderia supor, com certeza, que tivessem conhecimento planetológico para alimentar com dados a robô. No total, vinte e três pessoas viram Jane e, destas, somente doze falaram com ela algo mais do que casualmente.

– Investiguei a fundo tudo que Jane disse. Todos se lembravam muito bem de tudo. Eram homens perspicazes, engajados numa experiência crucial que dizia respeito à especialidade deles, de forma que tinham toda a motivação para se lembrarem. E estavam lidando com uma robô falante, algo suficientemente surpreendente. E mais: uma robô que falava como uma artista de televisão. Não dava para eles esquecerem.

– Talvez uma psicoprova... – aventou Robertson.

– Se algum deles tivesse a mais vaga lembrança que fosse de que algo assim ocorrera, eu arrancaria seu consentimento para submetê-lo à psicoprova. Mas nada há que justifique isto, e submeter a tal prova doze homens cuja vida depende de seus cérebros, não pode ser feito. Com toda a sinceridade, não adiantaria. Se Jane tivesse mencionado três estrelas, dizendo que elas tinham planetas habitáveis, seria o mesmo que acionar foguetes espaciais no cérebro deles. Como é que eles poderiam se esquecer?

– Pode ser então que um deles esteja mentindo – disse Robertson sombriamente. – Ele quer a informação para seu uso pessoal, para que ela lhe seja creditada, no futuro.

– E que benefício ele extrairia disso? – retrucou Bogert. – Todo mundo nos laboratórios sabia exatamente para que Madarian e Jane lá estavam, antes de mais nada. E sabem porque fui para lá. Se em qualquer ocasião futura, alguém que hoje está em Flagstaff subitamente aparecesse com uma teoria de um planeta habitável surpreendentemente nova e diferente, ainda que válida, qualquer sujeito em Flagstaff e qualquer sujeito na U.S. Robots imediatamente veria que se tratava de uma teoria roubada. Isto ninguém jamais me tirará da cabeça.

– Neste caso, o próprio Madarian, de certa forma, estava equivocado.

– Também não vejo como crer nisto. Ele tinha uma personalidade irritante, todos os psicólogos de robôs têm personalidade irritante, penso eu, devendo-se atribuir isto ao fato de trabalharem mais com robôs do que com gente, mas ele não era nenhum palerma. Numa coisa como esta ele não poderia se equivocar.

– Então... – mas Robertson esgotara as possibilidades. Tinham chegado a um muro em branco e, por alguns minutos, ambos ficaram a fitá-lo, desconsolados.

Por fim, Robertson se mexeu. – Peter...

– Sim?...

– Vamos perguntar a Susan.

Bogert enrijeceu-se? – O quê?!

– Perguntemos a Susan. Vamos telefonar para ela e pedir-lhe que venha

– Por quê? Que é que você acha que ela poderá fazer?

– Não sei. Mas ela é psicóloga de robôs também, e poderia entender Madarian melhor do que nós. Além disso, ela... bolas, ela sempre teve mais cabeça do que qualquer um de nós.

– Ela já está com quase oitenta anos.

– E você quase com setenta? E daí?

Bogert suspirou. Será que a língua venenosa dela perdera um pouco de sua peçonha, na aposentadoria? E disse: – Bem, vamos falar com ela.

Susan Calvin entrou na sala de Bogert com um lento olhar em torno antes que seus próprios olhos se fixassem no Diretor de Pesquisas. Ela envelhecera bastante, desde que se aposentara. Seu cabelo era branco e fino e o rosto dela parecia ter encolhido. Ela ficara tão frágil a ponto de ficar quase transparente e apenas seus olhos, penetrantes e obstinados, pareciam permanecer, de tudo que ela tinha sido.

Empertigado, Bogert se adiantou cordialmente, estendendo a mão: – Susan!

Ela apertou a mão e disse: – Até que, para um velho, você está com uma aparência razoavelmente boa, Peter. Se eu fosse você, não esperaria até o ano que vem. Aposente-se agora e deixe os jovens assumirem o controle... E Madarian está morto. Vocês estão me chamando para reassumir meu velho cargo? Vocês estão decididos a manter os anciãos até um ano depois da morte física deles?

– Não, não, Susan, chamei você para... – Ele se deteve. Depois de tudo, ele não tinha a mais tênue ideia de como começar.

Mas agora, como sempre, Susan lia o que se passava na mente dele com a maior facilidade. Sentou-se com a cautela oriunda de juntas enrijecidas e disse: – Você me chamou, Peter, porque está metido numa complicação. Caso contrário, você preferiria ver-me morta, a mais de um quilômetro de distância.

– Ora, Susan..

– Nada de perder tempo floreando a conversa. Quando eu tinha quarenta anos; nunca tive tempo para desperdiçar e certamente agora também não o tenho. A morte de Madarian e sua chamada são, ambas, fora do comum, de forma que deve haver uma ligação. Dois eventos fora do comum sem uma ligação é uma probabilidade tão difícil de ocorrer que nem vale a pena se preocupar com ela. Comece pelo princípio e não se preocupe se pensar que está dando a impressão de ser um tolo. Isso eu já percebi há muito tempo.

Penosamente, Bogert pigarreou e começou. Susan prestava atenção cuidadosamente, sua mão seca erguendo-se de vez em quando para interrompê-lo, de forma a poder fazer uma pergunta.

Houve um momento em que ela bufou. – Intuição feminina? Era para isso que você queria o robô? Vocês, homens... Tendo de se defrontar com uma mulher que chega a uma conclusão correta e incapazes de aceitarem o fato de que ela é igual ou superior em inteligência a vocês, inventam alguma coisa chamada de intuição feminina.

– Bem, isto é... sim, Susan, mas me deixe continuar...

E prosseguiu. Quando ouviu falar da voz de contralto de Jane, Susan disse: – Às vezes é difícil escolher se devemos nos sentir revoltadas com o sexo masculino ou simplesmente colocá-lo num plano de coisas desprezíveis.

– Está certo, mas me deixe continuar – falou Bogert.

Quando ele terminou de vez Susan disse: – Poderia usar particularmente esta sala, por uma hora ou duas?

– Sim, mas...

– Quero examinar vários registros: a programação de Jane, os telefonemas de Madarian, as entrevistas que você fez em Flagstaff. Suponho que posso usar este belo telefone selado, de raios laser e seu terminal de computador, se eu o desejar.

– Sim, naturalmente.

– Nesse caso, então, fora daqui, Peter.

Ainda não tinham decorrido quarenta e cinco minutos quando Susan se arrastou com dificuldade até a porta e chamou Bogert.

Quando ele veio, Robertson o acompanhava. Ambos entraram, e Susan saudou o último com um "Alô", sem entusiasmo.

Desesperadamente, Bogert tentou sondar os resultados pelo rosto de Susan, mas era apenas o rosto severo de uma velha senhora que não tinha intenção nenhuma de tornar as coisas fáceis para ele.

Cautelosamente, Bogert disse: – Você acha que há alguma coisa que você possa fazer, Susan?

– Além daquilo que já fiz? Não! Não há nada mais.

Os lábios de Bogert se contraíram dolorosamente. Robertson, porém, disse: – Que foi que você já fez, Susan?

– Pensei um bocadinho; alguma coisa que não penso que pos sa convencer outra pessoa a fazer. Houve uma razão para eu pensar em Madarian, que eu conhecia, como sabem. Inteligente ele era, mas de uma extroversão irritante. Pensava que você gostava mais dele do que de mim, Peter.

Bogert não conseguiu evitar de dizer: – Foi uma mudança.

– E, assim que obtinha um resultado, no mesmo instante ele corria à sua presença, não é?

– Sim, era assim.

– Não obstante – prosseguiu Susan – a última mensagem dele, aquela em que dizia que Jane tinha a resposta, foi enviada do avião. Por que ele esperou tanto? Por que ele não se comunicou com você quando ainda estava em Flagstaff, imediatamente depois de Jane ter dito fosse lá o que fosse?

– Acredito – disse Peter – que pelo menos uma vez ele quis ter absoluta certeza e... bem, sei lá. Era o mais importante fato que jamais lhe acontecera; pelo menos uma vez ele quereria esperar e se certificar.

– Pelo contrário, quanto mais importante fosse, menos ele esperaria, com certeza. E, caso ele conseguisse se conter, conseguisse aguardar, por que ele não agiu corretamente, esperando estar de volta à U.S. Robots, de forma a poder conferir os resultados com todo o equipamento de computação que a firma colocaria à disposição dele? Resumindo, sob um ponto de vista, ele esperou

demais, e, sob outro, não esperou o suficiente.

Robertson a interrompeu. – Você acredita então que ele tolerando alguma impostura...

Susan pareceu revoltada. – Não tente competir com Peter, fazendo observações inócuas, Scott. Deixe-me prosseguir... Um segundo aspecto diz respeito à testemunha. De acordo com os registros da última comunicação Madarian disse: – O coitado do rapaz pulou com os dois pés quando subitamente Sane começou a desenrolar a resposta com sua voz que é um gorjeio. – Foi, na verdade, a última coisa que ele disse. Pergunto, então: por que a testemunha deu um pulo? Madarian tinha dito que todos os homens estavam malucos com a voz dela, e que tinham estado dez dias com o robô, com Jane. Então, por que raios o simples fato de ela falar os teria sobressaltado?

Bogert disse: – Admito que foi espanto pelo fato de Sane dar resposta a um problema que durante quase um século tem ocupado a mente dos planetólogos.

– Mas eles estavam esperando que ela desse a resposta, para isso ela estava lá. Além disso, vamos considerar a maneira como a frase é composta. A afirmação de Madarian faz ver que a teste- muita ficou sobressaltada, não espantada, se é que você vê a diferença. E mais: essa reação ocorreu “quando Sane subitamente começou”, noutras palavras, no exato início da declaração. Para ficar espantada com o conteúdo do que Jane teria dito exigiria que a testemunha tivesse prestado atenção por algum tempo, de forma a poder apreender a declaração. Madarian teria dito que a testemunha pulara com os dois pés depois de ter ouvido Jane dizer isto e aquilo. Seria “depois” e não “quando” e não teria sido incluída a palavra “subitamente”.

Pouco à vontade, Bogert disse: – Não acho que valha a pena entrar em minúcias tais como o uso ou não-uso de uma palavra.

– Posso – replicou Susan friamente. – Posso porque sou psicóloga de robôs. E posso admitir que também Madarian o fizesse, visto que ele também era um psicólogo de robôs. Temos de explicar estas duas anomalias, portanto. A estranha demora,.antes do chamado de Madarian, e a estranha reação da testemunha.

– E você pode explicar ambos os fatos? – perguntou Robertson.

– Lógico – disse Susan – visto que minha lógica é bem simples. Madarian entrou em contacto pra dizer as novidades sem demora, como sempre fez, ou com o mínimo de atraso possível. Se Jane tivesse resolvido o problema em Flagstaff, certamente que ele teria chamado de lá mesmo. Visto que chamou do avião, com toda certeza a robô resolveu o problema depois de terem deixado Flagstaff.

– Mas então...

– Deixe-me terminar. Deixe-me terminar. Madarian não foi transportado do aeroporto para Flagstaff num pesado veículo, fechado? E Jane não estava num engradado, com ele?

– Sim.

– E, presumivelmente, Madarian e Jane retomaram de Flagstaff ao aeroporto no mesmo veículo pesado, com um reboque para Jane. Estou certa?

– Claro que está!

– E tem mais: eles não estavam sozinhos no veículo. Numa de suas chamadas, Madarian disse: “Fomos transportados do aeroporto para o principal edifício de administração”, e suponho que estou certa ao concluir que havia um motorista, um ser humano, no veículo.

– Santo Deus!

– O seu problema, Peter, é que, ao pensar numa testemunha para uma declaração planetológica, você pensa em planetólogos. Você divide os seres humanos em categorias, menosprezando e pondo de lado a maioria. Um robô não pode fazer isso. A Primeira Lei diz: "Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal". Qualquer ser humano. Esta é a essência da visão robótica da vida. Um robô não distingue. Para um robô, todos os homens são verdadeiramente iguais, e para um psicólogo de robôs que precisa, compulsoriamente, lidar com homens em nível robótico, também todos os homens são verdadeiramente iguais.

– Não teria ocorrido a Madarian dizer que um motorista de caminhão teria ouvido a declaração. Para você, um motorista de caminhão não é um cientista, mas apenas um apêndice animado do caminhão, mas para Madarian o motorista era um homem e uma testemunha. Nada mais, nada menos.

Descrente, Bogert meneou a cabeça. – Mas você tem certeza?

– Lógico que tenho. De que outra maneira poderia eu lhe explicar o outro aspecto, quer dizer, a observação de Madarian relativamente à estupefação da testemunha? Jane estava engradada, não é mesmo? Mas não estava desativada. De acordo com as informações, Madarian sempre se mostrou obstinado no que diz respeito à desativação da robô intuitiva. E mais: como qualquer das Janes, Jane-5 era extremamente não-falante. Provavelmente, jamais teria passado pela

cabeça de Madarian ordenar a ela que ficasse calada, dentro do engradado e foi dentro do engradado que, por fim, a coisa aconteceu. Com naturalidade, ela começou a falar. De súbito, uma bela voz de contralto veio de dentro do engradado. Fosse você motorista do caminhão, que é que você faria, a estas alturas? Lógico que ficaria sobressaltado. É até de admirar que não tivesse havido uma trombada.

– Mas se o motorista do caminhão era a testemunha, por que é que ele não se apresentou? Por quê? Você não acha que Madarian o gratificou muito bem, pedindo-lhe que não contasse nada? Você gostaria que se espalhasse a notícia de que um robô ativado estava sendo transportado ilegalmente sobre a superfície da Terra?

– Está bem; mas será que ele se lembra do que foi dito?

– Por que não? A você poderia parecer, Peter, que um motorista de caminhão, um ser pouco superior ao macaco, segundo sua opinião, não se lembraria. Mas motoristas de caminhão também podem ter cérebro. As declarações foram das mais notáveis e o motorista pode muito bem ter memorizado algumas. Mesmo que ele se equivoque quanto a algumas letras e números, estamos lidando com um conjunto finito, sabe, as quinhentas e cinquenta estrelas ou sistemas de estrelas no raio de oitenta anos-luz ou coisa parecida, não cheguei a averiguar o número exato. Você pode fazer as escolhas corretas. E, se necessário, terá todos os argumentos para usar a psicoprova...

Os dois a encararam fixamente. Por fim, com receio de acreditar, Bogert murmurou: – Mas como é que você pode ter certeza?

Por um momento, Susan esteve a ponto de dizer: Porque entrei em contacto com Flagstaff, seu tonto, e porque falei com o motorista, e porque ele me contou o que ouviu, e porque conferi com o computador em Flagstaff, e vim a saber quais as três únicas estrelas que se encaixam na Informação, e porque tenho estes nomes em meu bolso.

Mas não foi o que ela fez. Deixá-lo chegar a suas próprias conclusões. Cuidadosamente, ela se ergueu e disse, sardonicamente: – Como posso ter a certeza?... Digamos que é intuição feminina...

♦

Não tenham medo, caros leitores, de que o fato de eu não ter entendido direito a intenção de Judy-Lynn tenha destruído uma amizade. Os Asimovs e os del Reys vivem a menos de um quilômetro uns dos outros, e se visitam com frequência. Se bem que Judy- Lynn nunca hesite em me pôr contra a parede mais próxima, todos nós somos, temos sido, e continuaremos sendo os melhores amigos.

♦

Lá pelos meados de 1969, a editora Doubleday telefonou-me para perguntar se eu gostaria de escrever uma história de ficção científica que servisse de base para um filme. Eu não queria, visto que não gosto de me imiscuir diretamente com a comunicação visual. Dinheiro eles tinham – mas só dinheiro. Todavia, a Doubleday me pressionou e não gosto de recusar alguma coisa à Doubleday. Concordei.

Aconteceu então de eu jantar com um cavalheiro muito agradável, que estava relacionado com a empresa cinematográfica e que queria discutir o argumento comigo.

Disse-me que queria uma ambientação submarina, coisa que me convinha. Prosseguiu, então, descrevendo com considerável entusiasmo a natureza dos personagens que queria na história, e os acontecimentos que julgava serem necessários. A medida que falava, desanimei, porque eu não queria o herói que ele descrevia; não queria, com mais intensidade ainda, a heroína que ele descrevia; e, acima de tudo, eu não desejava os eventos que ele descrevia.

Contudo, sempre me considerei incapaz de dar uma negativa às pessoas,

especialmente face a face. Sorri da melhor maneira que pude e simulei interesse.

No dia seguinte, telefonei à Doubleday. Acho que não era tar de. Perguntei se o contrato tinha sido assinado: fora, e um grande adiantamento tinha sido feito, a maior parte do qual a mim se destinava.

Não havia jeito de eu desanimar mais, mas desanimei. Tinha de escrever a história...

– Bem, neste caso, se o que eu escrever for inaceitável, vocês terão de restituir o adiantamento?

– Não temos, não – disseram-me. – O adiantamento não é restituível. Se não gostarem do que o senhor escrever, o dinheiro ficará conosco da mesma forma.

– Não, não gosto de trabalhar assim – repliquei. – Se o que eu produzir for inaceitável, quero que todo o dinheiro do adiantamento seja devolvido. E descontem a comissão de vocês de meus direitos autorais.

Ora, acontece que a Doubleday não gosta de me recusar coisa nenhuma, de forma que concordaram, se bem que tivessem deixado bem claro que devolveriam o dinheiro sem descontarem a comissão a que tinham direito de meus direitos autorais.

Isso significava que nenhuma obrigação tinha eu, salvo a de me empenhar ao máximo e concluí que também era o melhor para mim.

No dia 1 de Setembro de 1969, comecei a escrever "O estrondo da água" e escrevi-o à minha maneira. Bem sabia o que os cineastas que riam de mim, e nada fiz para atendê-los. Naturalmente, rejeitaram a história, uma vez pronta, e o adiantamento lhes foi devolvido.

Acreditem que fiquei enormemente aliviado.

E há, também, um mundo fora de Hollywood. Ejler Jakobsson, da revista Galaxy, gostou da história tal como eu a escrevera, de forma que ela apareceu no número de Maio de 1970 daquela revista. Pagou-me muito menos do que a turma de cinema teria pago, mas comprou a história toda.

3

♦

O Estrondo da Água

Stephen Demerest olhou para o céu “texturado”.

Continuou a olhá-lo e achou-o de um azul opaco e desagradável.

Descuidadamente, olhou para o Sol, visto que não havia nada para obliterá-lo automaticamente e, então, esgazeou os olhos, em pânico, sem rumo. Cego ele não estava; apenas umas poucas imagens persistiam. Mesmo o Sol se apagara.

Involuntariamente, pensou na prece de Ajax, na *Ilíada* de Homero. Disputavam o corpo de Pátroclo na neblina e Ajax disse: "Ó pai Zeus, salva os Aqueus da neblina! Faze o céu clarear, permite-nos ver com nossos olhos! Mata-nos na luz, visto que é teu prazer matar- nos!"

Demerest pensou: Mata-nos na luz...

Mata-nos na clara luz da Lua, onde o céu é negro e macio, onde as estrelas cintilam brilhantemente, onde a limpeza e a pureza do vácuo fazem com que todas as coisas se tomem nítidas.

– Não neste azul pegajoso, esfiapado.

Estremeceu. Era um autêntico estremecimento físico que sacudia seu corpo magricela, e ele se sentiu molestado. Ia morrer – tinha certeza disso. E não seria sob o céu azul, ou, ainda, parecido com ele, mas sob um céu negro – mas um negro diferente.

Todavia, era como se em resposta àquele pensamento o piloto do barco, baixo, tisnado, de cabelos encaracolados, viesse até ele e lhe dissesse: Pronto para o negro, Sr. Demerest?

Demerest sacudiu a cabeça. Era mais alto que o outro, como, de resto, era mais alto que a maioria dos terrestres. Eram compactos, todos eles, e davam com facilidade seus passos, curtos e baixos. Ele próprio tinha de sentir suas pegadas, guiá-las através do ar; mesmo o impalpável liame que o prendia ao solo era texturado.

Disse: – Estou pronto. – Respirou fundo e deliberadamente repetiu seu olhar anterior de relance para o Sol. No céu matinal, o Sol pairava baixo, lavado pelo ar empoeirado. E Demerest sabia que isto não o cegaria. Nem chegou a pensar se alguma vez o veria de novo.

Jamais vira um batiscafo antes. Apesar de tudo, tendia a pensar nele em termos de protótipos, um balão oblongo com uma gôndola esférica por baixo. Era como se ele persistisse em

pensar nos voos espaciais em termos de toneladas de combustível propulsadas para trás, em chamas, e um módulo irregular "sentindo" seu caminho, com aspecto de aranha, em direção à superfície lunar.

O batiscafo não era, de maneira alguma, semelhante à imagem formada por seus pensamentos. Segundo o seu pensamento, poderia ainda ser um saco flutuante com uma gôndola, mas tudo agora era uma "insinuação" movida a motor.

– Meu nome é Javan – disse o piloto do barco. – Omar Javan.

– Javan?

– Nome esquisito para o senhor? Sou de ascendência iraniana; terrestre por convicção. Uma vez aqui embaixo, não há nacionalidades. – Arreganhou os dentes e sua tez ficou mais escura contra a singular brancura de seus dentes. – Se não se importa, dentro de um minuto começaremos. Será meu único passageiro, de forma que imagino que transporta peso.

– Sim – disse Demerest secamente. – Pelo menos uns cinquenta quilos a mais do que estou acostumado.

– Você é da Lua? Pareceu-me mesmo que caminhava de um jeito esquisito. Espero que não esteja se sentindo desconfortavelmente.

– Propriamente confortável não é, mas eu me arranjo. Para tanto, nos exercitamos.

– Bem, venha a bordo. – Manteve-se de pé, de lado e deixou Demerest andar até a prancha de embarque. – Quanto a mim, não gostaria de ir à Lua.

– Vai à profundeza do oceano.

– Já umas cinquenta vezes. Isto é diferente.

Demerest embarcou. Era acanhado, mas ele não se importava com aquilo. Poderia ser

um módulo espacial, com a diferença de que era, digamos, texturizado. De novo aquela palavra. Em toda parte havia o claro sentimento de que aquela massa não importava. A massa estava unida; não tinha.de ser tumultuada.

Ainda estavam na superfície. Podia se ver o céu azul-esverdeado através do claro e espesso vidro. Javan disse: – Não precisa usar o cinto de segurança. Não há aceleração. Liso como óleo, a coisa toda Não demorará muito – coisa de uma hora, quase. Não pode fumar.

– Não fumo – afirmou Demerest.

– Espero que não sofra de claustrofobia.

– Os selenitas não sofrem de claustrofobia.

– Tudo aquilo aberto...

– Não na nossa caverna. Vivemos numa... – hesitou na frase – numa fossa lunar, uns trinta e tantos metros de profundidade.

– Trinta e tantos metros! – O piloto parecia se divertir, mas não sorria. – Agora estamos nos deslocando.

O interior da gôndola se compunha em ângulos, mas aqui e ali uma seção da parede além dos instrumentos mostrava sua esfericidade básica. Para Javan os instrumentos pareciam ser uma extensão de seus braços; com leveza seus olhos e mãos se moviam sobre eles, quase que amorosamente.

– Tudo está conferido – disse Javan – mas gosto de uma verificação de última hora; lá embaixo enfrentaremos mil atmosferas. – Seu dedo tocou um contacto, e a porta redonda fechou.se maciça- mente para dentro, pressionando a borda biselada.

– Quanto maior a pressão, mais firmemente aquilo se manterá – disse Javan. – Dê uma olhada para a luz do Sol, Sr. Demerest.

A luz ainda brilhava através do espesso vidro da janela. Agora, sentia-se o veículo ondular; entre eles e o Sol, estava agora a água.

– O último olhar? – disse Demerest.

Um tanto ironicamente, Javan falou: – Não o último. Para a viagem, quero dizer... Creio que nunca antes esteve num batiscafo.

– Não, nunca. Muitas pessoas já estiveram?

– Muito poucas – admitiu Javan. – Mas não se preocupe. É apenas um balão submarino. Desde o primeiro batiscafo, introduzi mos um milhão de aperfeiçoamentos. Agora, é acionado a energia nuclear e pode se mover livremente mediante um jato de água, até certos limites, mas, desvencilhado dos acessórios, ainda é uma gôndola esférica, debaixo de tanques flutuantes. E ainda é rebocado para o mar por um navio-mãe porque necessita de todo o poder que transporta, de modo que não pode desperdiçá-lo ao se mover na superfície. Pronto?

– Pronto.

O cabo-suporte do navio-mãe chicoteou e o batiscafo ficou num nível mais baixo. E cada vez mais baixo, à medida que a água do mar penetrava nos tanques de flutuação. Por uns poucos momentos, colhido pelas correntes de superfície, o batiscafo oscilou. Então, nada mais houve. O batiscafo afundou lentamente através de um verde que se aprofundava.

Javan aquietou-se, dizendo: – John Bergen é o titular da Profundeza do Oceano. Vai vê-lo?

– Certo.

– Bom sujeito. Sua esposa está com ele.

– Está?

– Oh, sim. O pessoal tem mulheres, lá embaixo. Há um grupo lá, cinquenta pessoas. Alguns ficam meses.

Demerest colocou o dedo na soldadura estreita, quase invisível, onde a porta encontrava a parede. Retirou-o e olhou-o, dizendo: – Está oleoso.

– É verdade: é silício. A pressão comprime uma parte dele. É para... Não se preocupe: tudo é automático. Tudo é à prova de falhas. Ao primeiro indício de mau funcionamento – qualquer mau funcionamento – nosso lastro é liberado e subimos.

– Você quer dizer que jamais aconteceu alguma coisa a batiscafos?

– E o que poderia acontecer? – O piloto não olhava de frente seu passageiro. – Quando a gente mergulha bem fundo, em busca de cachalotes, nada pode falhar.

– Cachalotes? – A fina pele do rosto de Demerest se franziu.

– Lógico, eles mergulham coisa de uns oitocentos metros. Se baterem num batiscafo... sabe, as paredes das câmaras de flutuação não são particularmente fortes. Não têm de ser, como sabe. Elas abrem para o mar, e quando a gasolina, que abastece os flutuadores, é comprimida, a água do mar entra.

Estava escuro agora. Demerest olhava atentamente, sem se deter, pela escotilha. Havia luz dentro da gôndola, mas estava escuro na janela. E não era a escuridão do espaço, mas sim, uma escuridão espessa.

Rispidamente, Demerest falou: – Vamos parar com rodeios, Sr. Javan. O senhor não tem equipamento para resistir ao ataque de um cachalote. Presumivelmente, não está equipado para resistir ao ataque de um calamar gigante. Chegaram mesmo a ocorrer incidentes desta espécie?

– Bem, o caso é que...

– Nada de conversa fiada, por favor, e não tente engabelar os trouxas. Estou perguntando independentemente de curiosidade profissional. Sou engenheiro de segurança em Luna City e estou indagando que precauções se podem tomar neste batiscafo contra possíveis colisões com animais de grande porte.

Javan parecia embaraçado; e resmungou: – Na verdade, não houve incidentes.

– E espera-se algum? Mesmo como uma remota possibilidade?

– Não existe nada remotamente possível. Na realidade, os cachalotes são muito inteligentes para fazerem travessuras conosco e os calamares gigantes são muito tímidos.

– Eles podem nos ver?

– Sim, claro. Estamos iluminados.

– Temos holofotes?

– Já passamos do alcance dos grandes animais, mas temos holofotes e vou acendê-los para o senhor.

Foi assim que através do negror da janela, subitamente apareceu uma tempestade de neve, uma tempestade de neve às avessas, "caindo" para cima. A escuridão ficara viva com uma plêiade de estrelas tridimensionais, todas se movendo para cima.

– Que é isto? – perguntou Demerest.

– Matéria bruta, apenas. Matéria orgânica. Criaturinhas. Flutuam, não se movem muito e "apanham" a luz. Em relação a elas, estamos descendo, daí que parecem estar subindo.

O senso de perspectiva de Demerest assustou-se por si mesmo e ele disse: – Não estamos afundando depressa demais?

– Não, não estamos. Se estivéssemos, eu poderia usar os motores nucleares, se eu quisesse desperdiçar energia, ou poderia soltar algum lastro. É o que farei depois, mas por ora está tudo em ordem. Fique calmo, Sr. Demerest. Conforme mergulhamos, a "neve" fica mais fina e não é provável que vejamos muito dela, sob formas espetaculares de vida. Há uns pequenos peixes-diabos e outros que tais, mas eles nos evitam.

– Quantas pessoas você leva para baixo, de cada vez?

– Cabem até quatro passageiros nesta gôndola, mas assim ela fica superlotada. Podemos emendar dois batiscafos, e levar dez, mas não dá jeito. O que precisamos mesmo é de comboios de gôndolas, mais pesadas nos "monus", os motores nucleares, e mais leves nos flutuadores. Já me disseram que alguma coisa assim está sendo projetada nas pranchetas. É lógico que faz anos que vêm me dizendo isso.

– Quer dizer que há planos para uma grande expansão da Profundeza do Oceano?

– Sim, por que não? Se temos cidades nas plataformas continentais, por que não na profundeza do mar? A meu ver, Sr. Demerest, o homem deve ir onde puder – e irá. A Terra é nossa, para povoá-la, e a povoaremos. Só precisamos é de tomar habitável o fundo do mar e para isso precisamos de batiscafos completamente manobráveis. As câmaras de flutuação nos retardam, nos enfraquecem, complicam as técnicas.

– Mas também salvam a gente, não é? Se de uma hora para outra tudo pifar, a gasolina que você transporta ainda levará você flutuando até a superfície. Que é que você faria se os motores nucleares emperrassem e você não tivesse como flutuar?

– Se a coisa chegar a esse ponto, não é de se esperar que possamos eliminar completamente as possibilidades de um acidente, nem mesmo os fatais.

– Sei muito bem disso – retrucou Demerest, sensibilizado.

Javan ficou hirto. O tom de sua voz mudou.

– Desculpe. Eu não tinha nenhuma segunda intenção ao dizer isso. É penoso pensar

naquele acidente.

– É – disse Demerest. Tinham morrido quinze homens e cinco mulheres. Uma das pessoas arroladas entre os "homens" tinha só catorze anos. Atribuiu-se o fato a falha humana. Depois disso, que poderia dizer um engenheiro-chefe de segurança?

– Sim – disse ele.

Como que uma mortalha se interpôs entre ambos, espessa e túrgida como a água pressionada do mar, lá fora. Como poderia alguém, simultaneamente, levar em conta pânico, desatenção e depressão? Havia aquilo que, estupidamente, se chamava de Moon- Blues* e que atingia as pessoas em ocasiões inconvenientes. Nem sempre dava para perceber quando vinham os Moon-Blues, mas isto tomava os homens entorpecidos, lentos nas reações.

Quantas vezes aparecera um meteorito e fora evitado, atenuado ou absorvido com sucesso? Quantas vezes um lunamoto tinha causado danos e posto sob controle? Quantas vezes falhas humanas tinham sido suportadas e compensadas? Quantas vezes tinham deixado de acontecer acidentes?

Mas ninguém amortiza acidentes que não estão acontecendo. Vinte mortos houvera...

– Luzes de Profundeza do Oceano! – disse Javan (sabe-se lá quantos minutos depois).

À primeira vista, Demerest não as distinguiu. Não sabia para onde olhar. Antes, por duas vezes, criaturas luminescentes tinham bruxuleado ao longo das janelas, à distância e, com os holofotes desligados de novo, Demerest supusera que elas fossem o primeiro indício de Profundeza do Oceano. Agora ele não via nada.

– Lá embaixo – falou Javan, sem apontar. Estava ocupado, agora, diminuindo a descida e corrigindo a posição lateral do batiscafo.

Demerest podia ouvir os sons distantes dos jatos de água, dirigidos por uma corrente, com a corrente formada pelo calor de explosões momentâneas dos motores de fusão.

Atrapalhado, Demerest pensou: o combustível deles é o deutério, e está todo em tomo deles. E a água é a sua descarga, e está toda em tomo deles.

Javan estava também descendo um tanto de seu lastro, e começava unia espécie de tagarelice distante.

– Em geral, o lastro é formado de bolinhas de aço, que são afundadas por controles eletromagnéticos. Em cada viagem usam-se umas cinquenta toneladas delas. Os conservacionistas se preocupam com a disseminação de ferrugem de aço na superfície do oceano, de forma que mudamos para nódulos de metal que são dragados a partir da plataforma continental. Colocamos sobre as bolinhas uma fina camada de ferro, de forma que possam ser suspensas eletromagneticamente, nada permanecendo no fundo do oceano que não fosse suboceânico. É mais barato, também... Mas, quando tivermos batiscafos nucleares de verdade, não precisaremos mais de lastro.

Demerest mal o ouvia. Agora podia-se ver a Profundeza do Oceano. Javan ligara os holofotes e bem lá embaixo estava o lodoso chão do Fosso de Porto Rico. Repousando naquele chão como um feixe de pérolas igualmente lodosas estava o conglomerado esférico de Profundeza do Oceano.

Cada unidade era uma esfera como aquela em direção da qual agora Demerest afundava, em busca de contato, mas muito maior. E, à medida que a Profundeza do Oceano se expandia, expandia, expandia, novas esferas eram adicionadas.

Demerest pensou: Estão só a uns oito quilômetros de casa, não a quatrocentos mil quilômetros.

– Como é que você vai passar? – perguntou Demerest.

O batiscafo fizera contacto. Demerest ouviu o som cavo de metal contra metal, mas, então, durante uns minutos, nada houvera, a não ser um arranhão ocasional enquanto Javan se debruçava absorto sobre os instrumentos.

– Não se preocupe com isso – disse o outro, por fim, numa resposta que demorou para vir. – Não há problema. A demora de agora é só porque tenho de ter certeza de que vamos nos ajustar firmemente. Há uma junta eletromagnética que se sustém em todos os pontos, num círculo perfeito. Quando os instrumentos leem corretamente, quer dizer que nos ajustamos à porta de entrada.

– E então ela abre?

– Abriria se houvesse ar do outro lado, mas não há. Existe água do mar, que tem de ser removida. *Então* é que entramos.

Demerest não se esqueceu disto. Para cá viera, no último dia de sua vida, para dar algum significado àquela mesma vida, e não tinha a intenção de perder nada.

Disse Demerest: – Por que acrescentar uma etapa a mais? Por que não manter o ar fechado, se é que assim é, e ter ar no local a toda hora?

– Me disseram que é uma questão de segurança – disse Javan. – Sua especialidade. A interface tem igual pressão de ambos os lados e em todos os momentos, exceto quando estamos atravessando. Esta porta é a parte mais fraca de todo o sistema, porque se abre e fecha, tem articulações, tem soldaduras. Percebe o que quero dizer?

– Sim – murmurou Demerest. Havia aqui uma falha lógica e isto significava que havia uma possível fenda através da qual... mais tarde, porém.

– Por que estamos esperando agora? – perguntou.

– A câmara está sendo esvaziada. A água está sendo forçada a sair.

– Pelo ar.

– Não, diabos. Não se pode permitir desperdiçar ar deste jeito. Seriam precisas umas mil atmosferas para esvaziar a câmara e enchê-la com ar na mesma densidade. Mesmo temporariamente, é mais ar do que se pode desperdiçar. É a pressão do vapor que faz o trabalho.

– Claro, claro.

Alegre, Javan explicou: – Aquece-se a água. Pressão alguma no mundo pode impedir que a água se transforme em vapor a uma temperatura superior a 374°C. E o vapor força a água do mar a sair através de uma válvula de sentido único.

– Outro ponto fraco – comentou Demerest.

– Acredito que sim, mas também nunca falhou. A água na câmara está agora sendo expulsa. Quando o vapor quente começar a borbulhar para fora da válvula, o processo automaticamente se detém e a câmara está repleta de vapor superaquecido.

– E então?

– E então temos o oceano inteiro para esfriá-lo. A temperatura cai e o vapor se condensa. Uma vez isto pronto, pode-se deixar entrar ar comum à pressão de uma atmosfera e então a porta se abre.

– Quanto tempo teremos de esperar?

– Não muito. Se houvesse algo de errado, as sirenes estariam soando. Pelo menos, é o que eles dizem. Nunca ouvi uma soando.

Por uns poucos minutos, reinou o silêncio; de súbito, houve um ruído cortante e, simultaneamente, um safanão.

– Desculpe – disse Javan eu deveria tê-lo prevenido, mas estou tão acostumado que me esqueço. Quando a porta se abre, a pressão, do outro lado, de mil atmosferas, nos força contra o metal da Profundeza do Oceano. Força eletromagnética alguma poderia nos segurar para impedir esta pancada de um centésimo de polegada.

Demerest descerrou o punho e soltou a respiração, dizendo: – Está tudo em ordem?

– As paredes não se racharam, se foi ao que se referiu. Parece que a gente está aguardando uma sentença, não é mesmo? Pior ainda é quando a gente tem de sair e o ar enche de novo. Esteja preparado para isso.

Mas, de repente, Demerest sentiu-se extenuado. Vamos em frente, pensou. Não quero prolongar isto. E falou: – Podemos ir agora?

– Vamos atravessar.

A abertura na parede do batiscafo era redonda e pequena, menor até do que aquela através da qual tinham entrado. Sinuosamente, Javan entrou por ela, resmungando que aquilo sempre o fazia sentir-se como uma rolha numa garrafa.

Desde que tinha entrado no batiscafo, Demerest não sorrira. Nem agora estava sorrindo de verdade, mas um canto de sua boca se ergueu ao pensar que um escanzelado homem lunar não teria problemas.

Ele também passou, sentindo as mãos de Javan firmemente em sua cintura, auxiliando-o a passar.

– É escuro aqui – disse Javan. – Não adianta introduzir uma fraqueza adicional instalando fios para iluminação. Por isso mesmo é que inventaram pisca-piscas.

Demerest se achou numa parede perfurada, com sua superfície de metal inoxidável cintilando sombriamente. E através das perfurações ele podia distinguir a superfície ondulada da água.

– A câmara ainda não foi esvaziada – disse.

– Não dá para fazer outra coisa, Sr. Demerest. Se se for usar vapor para enchê-la, se se ficar com aquele vapor e obter as pressões necessárias para o esvaziamento, aquele vapor precisará ser comprimido até um terço da densidade da água líquida. Quando ele se condensa, a câmara permanece um terço cheia de água – mas é água à pressão de apenas uma atmosfera..Vamos, Sr. Demerest.

A fisionomia de John Bergen não era inteiramente desconhecida para Demerest. Reconheceu-o imediatamente. Como líder da Profundeza do Oceano havia já quase uma década, Bergen era um rosto familiar nos vídeos de TV da Terra – assim como os lideres de Luna City se haviam tomado familiares.

Demerest tinha visto o líder tanto em duas como em três dimensões, em preto e branco e em cores. Vê-lo em pessoa pouco acrescentava.

Como Javan, Bergen era, baixinho e atarracado: oposto em estrutura à tradicional (já tradicional?) aparência da fisiologia lunar. Era muito mais agradável do que Javan e seu rosto era notavelmente assimétrico, com alguma coisa de seu grosso nariz pendendo um pouco para a direita.

Não era elegante. Nenhum selenita pensaria que ele o era, mas então Bergen sorriu e o ambiente se desanuviou quando ele estendeu sua ampla mão.

Demerest retribuiu o gesto, preparando-se para um vigoroso aperto de mãos, que acabou não ocorrendo. Bergen aceitou a mão e deixou.a retirar-se dizendo, então: – Estou contente por você estar aqui. Não temos muito luxo, nada que faça nossa hospitalidade se destacar, nem mesmo podemos decretar um feriado em sua honra, mas as boas-vindas estão aqui. Bem-vindo!

– Obrigado – disse Demerest delicadamente. Não estava sorrindo agora, também. Estava diante do inimigo, e sabia disso - Logicamente Bergen também o sabia, já que o seu sorriso foi uma hipocrisia.

E naquele momento um clangor como de metal contra metal soou surdamente e a câmara estremeceu. Demerest pulou para trás e cambaleou contra a parede.

Bergen não se mexeu. Calmamente, disse: – Foi o batiscafo se desengatando e o estrondo do fecho de ar se enchendo. Javan deveria tê-lo prevenido.

Demerest arquejou e tentou acalmar seu coração, que disparara. – Javan me advertiu. De qualquer forma, fui apanhado de surpresa.

– Bem, durante algum tempo não acontecerá de novo – afirmou Bergen. – Não é comum termos visitantes, como sabe. Não estamos equipados para isso, e assim repelimos todas as espécies de figurões que pensam que um passeio aqui para baixo seria bom para suas carreiras. Principalmente políticos de todos os tipos. Agora, é natural que o seu caso seja diferente.

Será que é? pensou Demerest. Fora bastante difícil obter per missão para fazer esta viagem. Seus superiores, em Luzia City, não haviam aprovado de início a ideia e haviam desdenhado o pensamento de que um intercâmbio diplomático tivesse qualquer utilidade. ("Intercâmbio diplomático", era como haviam rotulado.) E quando ele os subjugara, tinha havido relutância da própria Profundeza do Oceano em recebê-lo.

Tinha sido a pura persistência – e só ela – que tornara possível sua visita. Em que sentido, então, o caso de Demerest era diferente?

– Você não teve também uns incômodos problemas em Luna City? – perguntou Bergen.

– Muito poucos – disse Demerest. – O político terrestre comum não está tão ansioso em fazer uma viagem de quase quatrocentos mil quilômetros, como está em fazer uma de apenas uns quinze quilômetros.

– Sei que é assim – concordou Bergen – e é lógico que é muito mais dispendioso ir para a Lua... Num certo sentido, este é o primeiro contacto entre o espaço exterior e o interior. Jamais um oceânico foi à Lua, ao que eu saiba, e você é o primeiro selenita a visitar uma estação submarina de qualquer espécie que seja. Jamais um selenita esteve sequer numa povoação na plataforma continental.

– Então é um encontro histórico – disse Demerest, tentando impedir que o sarcasmo dominasse sua voz.

Se algum sarcasmo extravasou, Bergen não deu a entender. Arreganhou os lábios como que para enfatizar sua atitude de informalidade (ou o fato de que estava muito ocupado, com muito pouco tempo para visitantes?), e disse: – Quer café? Acredito que comeu. Gostaria de descansar

antes de eu lhe mostrar o que há por aqui? Quer se lavar para isso, como dizem eufemisticamente?

Durante um momento, a curiosidade agitou Demerest – uma curiosidade não inteiramente destituída de objetivo. Tudo que dissesse respeito ao contacto entre a Profundeza do Oceano e o mundo exterior poderia ter importância. – Como são as instalações sanitárias, aqui? – perguntou.

– A maior parte é reciclada; penso que na Lua também é assim. Se queremos ou temos de, podemos mandar para fora. O homem tem a péssima tradição de emporcalhar o ambiente, mas como única estação submarina o que expelimos causa um dano imperceptível. Até acrescenta matéria orgânica. – E riu.

Demerest também arquivou isto. A matéria era expelida; logo, havia tubos ejetores. Seu modo de trabalhar poderia interessar, e ele, como engenheiro de segurança, tinha o direito de se interessar.

– Não – disse – por ora não preciso de nada. Se estiver ocupado...

– Tudo bem. Sempre estamos ocupados, mas sou eu o menos ocupado, se entende o que quero dizer. Que tal mostrar-lhe o que há por aí? Temos umas cinquenta unidades aqui, cada qual tão grande quanto esta, algumas até maiores.

Demerest olhou em tomo. Novamente, como no batiscafo, h via ângulos por toda parte, mas para além do mobiliário e do equipamento havia indícios da inevitável parede esférica externa. Cinquenta!

E Bergen prosseguiu: – Isto foi construído através do esforço de uma geração. A unidade em que estamos é na verdade a mais antiga, tendo-se até falado em demoli-la e substituí-la. Dizem alguns que estamos preparados para uma segunda geração de unidades, mas eu não estou certo disso. Seria dispendioso – aqui embaixo tudo é caro – e arrancar dinheiro do Conselho Planetário de Projetos é sempre uma experiência deprimente.

Demerest sentiu suas narinas involuntariamente se dilatarem e um espasmo de raiva o percorreu. Seguramente, era uma estocada. O mísero relacionamento de Luna City com o CPP devia ser bem conhecido por Bergen.

Mas, sem dar atenção, Bergen continuou. – Sou um tradicionalista, também – só que um pouco mais. Esta é a primeira unidade submarina que se construiu. As primeiras duas pessoas que permaneceram durante uma noite no fundo de um oceano, numa fossa, dormiram aqui, sem nada mais além de sua despojada esfera, com apenas uma unidade portátil de fusão para fazer funcionar a unidade de escape. Estou falando da câmara de ar, mas nós a denominávamos de unidade de escape,

de início – e apenas com os controles necessários para esta finalidade. Reguera e Tremont: eram eles os homens. Nunca mais fizeram uma segunda viagem ao fundo do mar, porém, depois disto, permaneceram no lado de cima para sempre. Bem, de qualquer maneira, cumpriram a missão que se tinham atribuído e ambos agora estão mortos. E aqui estamos nós, com cinquenta pessoas e por seis meses, tempo usual de permanência. Só passei duas semanas e meia no "lado de cima", no ano passado.

Moveu-se vigorosamente, para Demerest segui-lo, deslizou por uma porta giratória que se movia regularmente num vão e levou-o para a unidade seguinte. Demerest fez uma pausa para examinar a abertura. Não havia juntas visíveis entre as duas unidades adjacentes.

Bergen reparou na pausa do outro e disse: – Quando acrescentamos unidades, elas são soldadas sob pressão no equivalente a uma única peça de metal e, então, reforçadas. Não podemos nos arriscar, como bem sei que você compreende, já que ouvi dizer que você é o chefe da segurança...

Demerest interrompeu-o. – Sim. Na Lua, admiramos o índice de segurança de vocês.

Bergen sacudiu os ombros. – Temos tido sorte. Por falar nisso, aceite nossas condolências pelo que se passou com seus amigos. Quero me referir àquele fatal...

Novamente Demerest o interrompeu. – Sim.

E o selenita concluiu que Bergen ou era um sujeito volúvel ou, pior, estava louco para afogá-lo em palavras e ver-se livre dele.

– As unidades – disse Bergen – são dispostas numa cadeia bastante ramificada – na realidade, tridimensional. Temos um mapa, que poderemos lhe mostrar, se estiver interessado. A maioria das unidades terminais representam setores para descansar e dormir. Por uma questão de privacidade, entende? Já as unidades de trabalho tendem a ser corredores, o que é um dos embaraços com que temos de conviver cá embaixo.

– Esta é nossa biblioteca; ou melhor, parte dela. Não é grande, mas tem nossos arquivos em microfilmes cuidadosamente indexados e computados. De forma que, em seu gênero, não só é a maior do mundo, mas também a melhor e a única. E temos um computador especial, programado para se incumbir das referências, exatamente em função de nossas necessidades. Ele recebe, seleciona, coordena, pesa, e então nos dá o essencial.

– Temos outra biblioteca, também, de livros-filme e mesmo alguns volumes impressos. Mas isto é para diversão.

Uma voz interrompeu o jovial fluxo de palavras de Bergen. – Posso interromper, John?

Demerest estremeceu; a voz viera detrás dele. – Annette! – disse Bergen – eu ia procurá-la. Este é Stephen Demerest, de Luna City. Apresento-lhe minha mulher, Annette, Sr. Demerest.

Demerest se voltara. Um pouco mecanicamente, entorpecido, disse: – Prazer em conhecê-la, Sra. Bergen. – Mas estava era observando a cinta da roupa dela.

Annette Bergen parecia ter pouco mais de trinta anos. Penteava com simplicidade o cabelo castanho e não estava maquilada. Demerest notou vagamente que ela era atraente, mas não bonita. Mas seus olhos iam e vinham na direção da cinta.

Ela sacudiu um pouco os ombros. – Estou grávida, sim, Sr. Demerest. Devo dar à luz dentro de uns dois meses.

– Desculpe-me – murmurou Demerest. – Foi uma indelicadeza de minha parte... Não queria... – Sentia-se enfraquecido como se o impacto de minutos atrás tivesse sido físico. Não esperava mulheres, apesar de não saber por que. Sabia que teria de haver mulheres na Profundeza do Oceano. E o piloto da embarcação lhe dissera que a esposa de Bergen estava com ele.

Gaguejando, falou: – Quantas mulheres há por aqui, Sr. Bergen?

– No momento, nove. Todas esposas. Esperamos um dia ter a proporção normal de uma para cada homem, mas, basicamente, ainda precisamos é de pesquisadores e de trabalhadores e, a não ser que as mulheres tenham significativas qualificações de alguma espécie...

– Querido, todas elas têm importantes qualificações de alguma espécie – disse a Sra. Bergen. – Até que você poderia manter os homens trabalhando por mais tempo se...

Rindo, Bergen interveio: – Minha mulher é urna feminista empedernida, mas isto nada tem a ver com o uso do sexo como uma desculpa para reforçar a igualdade. Insisto em dizer a ela que esta é a maneira feminina de encarar os fatos, e não a maneira feminista, e ela continua a dizer. Bem, é por isso que ela está grávida. Pensa você que é amor, mania sexual, desejo de maternidade? Nada disto! Ela vai ter um bebê aqui por uma razão filosófica.

Friamente, Annette disse: – E por que não? Ou isto aqui será um lar para a humanidade, ou não será. Se é para ser, teremos bebês aqui, e ponto final. Quero um bebê nascido na Profundeza do Oceano. Não há bebês nascidos em Luna City, Sr. Demerest?

Demerest respirou profundamente. – Eu nasci em Luna City, Sra. Bergen.

– Bem que ela sabia disso – sibilou Bergen.

– E está quase com trinta anos, penso eu – disse ela.

– Tenho vinte e nove.

Com uma breve risada, Bergen disse: – Bem, disso também ela sabia. Pode apostar

que ela verificou todos os dados possíveis a seu respeito, quando soube que você estava vindo.

– Isto é desviar-se do assunto – disse Annette. – O caso é que, nos últimos vinte e nove anos, pelo menos, nasceram crianças em Luna City, e nenhuma nasceu na Profundeza do Oceano.

– Luna City está estabelecida há mais tempo, meu bem – disse Bergen. – Já tem mais de meio século de idade, e nós não temos vinte ainda.

– Vinte anos já é bastante: leva nove meses para vir um bebê!

Demerest se interpôs: – Não há crianças na Profundeza do Oceano?

– Não – informou Bergen. – Um dia, talvez.

Com firmeza, Annette Bergen disse: – De qualquer maneira, dentro de dois meses.

A tensão aumentou no íntimo de Demerest e quando retornaram à unidade em que tinham se conhecido, ele se sentiu bem por poder se sentar e tomar um café.

– Logo comeremos – disse Bergen decidido. – Espero que não se incomode de ficar sentado aqui um pouquinho. Como unidade inicial, esta não é usada para muita coisa, com exceção, é claro, da recepção de embarcações, coisa que não espero que nos interrompa por um tempo. Se quiser, podemos conversar.

– Quero mesmo – disse Demerest.

– Espero que minha participação seja bem-vinda – falou Annette.

Com um olhar de dúvida, Demerest a olhou. Mas Bergen disse para ele: – Você tem de

concordar. Ela se sente fascinada por você e pelos selenitas, de um modo geral. Ela pensa que eles são... ah... digamos, que vocês são uma nova cepa, e eu penso que quando ela se cansar de ser uma mulher da Profundeza, ela quererá ser uma selenita.

– Não gosto de ouvir as coisas indiretamente, John, e, assim sendo, gostaria de ouvir o que o Sr. Demerest tem a dizer. Que pensa de nós, Sr. Demerest?

Cautelosamente, ele disse: Pedi para vir aqui, Sra. Bergen, por ser engenheiro de segurança. A Profundeza do Oceano tem um invejável índice de segurança...

– Em quase vinte anos não houve nenhum acidente fatal – disse Bergen jovialmente. – Só um acidente fatal nas instalações da plataforma continental, e nenhum em trânsito, seja por submarino, seja por batiscafo. Gostaria de poder dizer, com convicção, que isto é o resultado da sabedoria e cuidado de nossa parte. Lógico que fazemos o melhor que podemos, mas o azar tem estado conosco...

– John – disse Annette – gostaria mesmo que você deixasse o Sr. Demerest falar.

– Como engenheiro de segurança – disse Demerest – não me permito falar em sorte ou azar. Não podemos impedir que lunamotos ou grandes meteoritos atinjam Luna City, mas estamos preparados para minimizar mesmo os efeitos de acontecimentos como estes. Não há desculpas – ou não deveria haver – para falhas humanas. Não evitamos isto em Luna City; ultimamente, nossos índices têm sido... – sua voz hesitou – maus. Se bem que os seres humanos sejam imperfeitos, como todos nós sabemos, a maquinaria deveria ser construída de forma a levar em conta a imperfeição humana. Perdemos vinte homens e mulheres...

– Sei. Não obstante, Luna City tem uma população de quase mil pessoas, não é? A sobrevivência de vocês não está em perigo.

– Me incluindo, há novecentas e setenta e duas pessoas em Luna City, mas nossa sobrevivência está em perigo. Para o essencial, dependemos da Terra. Não precisaria ser sempre assim; já não precisaria mais ser assim se o Conselho Planetário de Projetos pudesse resistir à tentação de fazer miseráveis economias...

– Pelo menos nisto, Sr. Demerest, nós estamos de acordo – falou Bergen. – Não somos autossuficientes, também, e poderíamos ser. E mais: não podemos progredir muito além de nosso atual nível a não ser que se construam batiscafos nucleares. Enquanto mantivermos o princípio de flutuação, estaremos limitados. O transporte entre a Profundeza e o que está em cima é lento; lento pa ra as pessoas, mais lento ainda para material e suprimentos. Tenho batalhado, Sr. Demerest, para...

– Sim, e o senhor agora vai conseguir o que quer, Sr. Bergen, não é?

– Espero que sim, mas que é que o faz estar tão seguro?

– Vamos deixar de rodeios, Sr. Bergen. Sabe muito bem que a Terra e comprometeu a despender uma quantia fixa de dinheiro em projetos de expansão – em programas destinados a expandir o ha bitat humano – e isto não é uma quantia terrivelmente grande. A população da Terra não vai malbaratar recursos num esforço para expandir quer na direção do espaço externo, quer na direção do espaço interno, se ela pensar que isto prejudicará o conforto e a conveniência dos habitantes do habitat inicial da Terra, isto é, a superfície do planeta.

Annette se intrometeu. – O senhor dá a entender que os terrestres são uns empedernidos, Sr. Demerest, e isso não é justo. Não é uma característica humana apenas querer ter certeza? A Terra está superpovoada, e só conseguiu reparar um pouco da devastação que o Louco Século Vinte lhe infligiu. Com toda certeza, primeiro tem de ser levado em conta o habitat original do homem, antes quer de Luna City, quer da Profundeza do Oceano. Santo Deus! A Profundeza do Oceano, para mim, já é quase um lar, mas não posso querer que ela floresça às custas da superfície da Terra.

– Não é uma questão de ou isto ou aquilo, Sra. Bergen – disse Demerest com franqueza. – Se o oceano e o espaço exterior forem firme, honesta e inteligentemente explorados, isto só poderá redundar em benefício para a Terra. Um pequeno investimento poderá ser perdido, mas um maior será recuperado com lucros.

Bergen ergueu a mão. – Sim, eu sei. A este respeito, você não precisa argumentar comigo: estaria tentando converter o convertido. Vamos comer. Vou lhe dizer o que comeremos. Comeremos aqui. Se passar a noite conosco, ou alguns dias, por causa deste assunto – é muito bem-vindo – haverá bastante tempo para conhecer a todos. Talvez seja o caso de você repousar um pouco, por ora.

– Nada disso disse Demerest. – Na verdade, gostaria de ficar aqui. Por falar nisto, gostaria de perguntar por que vimos tão poucas pessoas enquanto percorríamos as unidades.

– Não há mistério – respondeu Bergen com boa disposição. – A qualquer momento, uns quinze de nossos homens estão dormindo, e talvez uns quinze mais estão vendo filmes ou jogando xadrez, ou, se as esposas estão com eles...

– Sim, John – disse Annette.

– ... e o costume é não perturbá-los. Os aposentos são exíguos e a privacidade de que uma pessoa pode dispor tem de ser respeitada. Uns poucos estão lá fora, no mar; acho que três, neste instante. O que deixa coisa de uma dúzia a trabalhar, e você os encontrará.

– Vou providenciar o almoço – disse Annette, levantando-se.

Ela sorriu e passou pela porta, que se fechou automaticamente atrás dela.

Bergen olhou para onde ela se fora. – Isto é uma concessão. Está fazendo o papel de mulher em consideração a você. Comumente, caberia a mim providenciar a refeição. A escolha não é definida pelo sexo, mas meramente casual.

Demerest falou: – Parece-me que as portas entre as unidades são de uma força perigosamente limitada.

– Será?

– Se acontecer um acidente e uma unidade for perfurada...

– Aqui não há meteoritos – falou Bergen, sorrindo.

– Certo, certo, usei mal a palavra. Se houvesse uma fenda de qualquer tipo, por qualquer razão, poderiam então uma unidade ou grupo de unidades serem seladas contra a pressão total do oceano?

– Você quer dizer da maneira como em Luna City as unidades podem ser automaticamente fechadas em caso de uma perfuração por meteorito, de forma a limitar os danos a uma única unidade.

– Sim – disse Demerest com uma amargura opressiva. – Como não aconteceu, recentemente.

– Teoricamente, poderíamos fazer isto, mas as possibilidades de acidente são muito menores aqui em baixo. Como eu disse, não há meteoritos e, o que é mais, não há correntes de que falar. Mesmo um terremoto cujo epicentro estivesse imediatamente debaixo de nós não seria

prejudicial, visto que não fazemos contacto fixo ou sólido com o solo abaixo de nós e o próprio oceano nos serve de almofada contra os choques. De forma que podemos contar com um influxo não maciço.

– Mesmo assim: e se um acontecesse?

– Nada teríamos para nos ajudar, então. Veja: não é fácil selar componentes de unidades aqui. Na Lua, há um diferencial de pressão de unia atmosfera; uma atmosfera dentro e a atmosfera zero do vácuo exterior. Basta uma vedação fina. Aqui, na Profundeza do Oceano, o diferencial de pressão gira em torno de mil atmosferas. Para garantir segurança absoluta contra esse diferencial seria preciso muito dinheiro e você sabe o que disse a respeito de arrancar dinheiro do CPP. E assim que temos jogado, e até agora temos sido bem sucedidos.

– E nós não temos – disse Demerest.

Bergen não parecia estar à vontade, mas neste momento ambos se distraíram com Annette, que chegou com o almoço, dizendo: – Espero que esteja preparado para uma refeição bem frugal. Toda nossa comida na Profundeza do Oceano é pré-embalada, precisando só ser esquentada. Aqui nos especializamos em amenidades e falta de surpresas, e a falta de surpresa do dia é um simples frango ao rei, com cenouras, batatas escaldadas, um pedaço de alguma coisa que parece ser um pudim, como sobremesa, e, naturalmente, quanto café quiser.

Demerest se ergueu para apanhar sua bandeja e tentou sorrir.

– Bem se parece com uma frugal refeição na Lua, Sra. Bergen, e fui criado desta maneira. Criamos nossa própria comida de microrganismos. É patriótico comer isto, embora não seja delicioso. Enfim, esperamos melhorar esta comida

– Tenho certeza de que a *melhorarão.*

Enquanto comia, mastigando lenta e metodicamente, Demerest disse: – Detesto falar a toda hora em minha especialidade, mas qual é seu grau de segurança no que se refere a contratempos na entrada fechada a ar?

– É o ponto mais fraco da Profundeza do Oceano. – Bergen terminara de comer, bem antes dos outros dois, e já tinha sorvido metade de sua primeira xícara de café. – Mas existe uma interface, certo? A entrada é tão automática quanto pudemos fazê-la, além de ser segura. Número um: tem de haver contacto em todos os pontos em torno do fecho externo antes que o gerador de fusão comece a aquecer a água dentro da eclusa. E mais: o contacto tem de ser metálico e de um metal exatamente com a mesma permeabilidade magnética que usamos em nossos batiscafos.

Presumivelmente, uma rocha ou algum monstro mítico submarino poderia se aproximar e fazer contacto justo nos mesmos lugares; mas, se assim for, nada acontece.

– Então, também, a porta externa não abre até o vapor ter empurrado a água para fora e, então, ser condensado; em outras pala- nas, não até que a pressão e a temperatura tenham baixado até um certo ponto. No momento em que a porta externa começa a abrir, um aumento relativamente pequeno na pressão interna, como pela entrada de água, a fechará de novo.

Demerest disse: – Mas, então, uma vez que as pessoas passaram pela eclusa, a porta interna se fecha atrás delas e precisa-se deixar entrar água de novo na eclusa. Considerando-se a pressão total do oceano, lá fora, dá para fazer isso?

– Não muito – sorriu Bergen. – Não compensa lutar muito contra o oceano. Enfim, temos de dançar de acordo com a música. Diminuímos a entrada livre até um décimo, mas, mesmo assim, o ruído é como o do disparo de um rifle – mais alto, um estrondo de água, se preferir. A porta interna pode agüentá-lo, e não é submetida muito freqüentemente ao esforço. Bem, ouça, você ouviu o estrondo da água quando nos conhecemos, quando o batiscafo de Javan saiu de novo. Lembra-se?

– Lembro – disse Demerest. – Mas há aqui uma coisa que não entendo. Você mantém a eclusa cheia de água do mar em elevada pressão todo o tempo para manter a porta externa sem esforço. Mas isto mantém a porta interna sob esforço total. Em algum lugar tem de haver um esforço.

– Sim, de fato. Mas se a porta externa, com um diferencial de mil atmosferas dos dois lados, se rompe, o oceano todo, com seus milhões de quilômetros cúbicos, tenta entrar e isso seria o fim de tu do. Se é a porta interna que está sob pressão e a coisa ocorrer, bem, será mesmo uma droga, mas a única água que entrará na Profundeza do Oceano será a quantidade muito limitada na eclusa, cuja pressão cairá imediatamente. Teremos muito tempo para os reparos, visto que a porta externa certamente agüentará por muito tempo.

– Mas se as duas simultaneamente

– Então estaremos liquidados – disse Bergen, dando de ombros. – Nem preciso lhe dizer que não existe nem certeza absoluta, nem segurança absoluta. Tem que se viver sob certo risco e a possibilidade de falha dupla e simultânea é tão microscopicamente pequena que pode ser posta de lado facilmente.

– Se seus aparelhos mecânicos falharem...

– São à prova de falha – falou Bergen teimosamente.

Demerest sacudiu a cabeça. Terminara de comer seu último pedaço de frango. A esposa de Bergen já estava começando a tirar os pratos. – Espero que desculpe minhas perguntas, Sr. Bergen.

– Não se incomode de perguntar. Se bem que, na verdade, não fui informado da natureza exata de sua missão aqui. "Descobrir fatos" é uma frase equivoca. Admito, todavia, que há na Lua um veemente sofrimento por causa do recente desastre e, como engenheiro de segurança, há de sentir-se na responsabilidade de corrigir quaisquer falhas que existam e há de estar interessado em aprender, se possível, com o sistema usado na Profundeza do Oceano.

– Exatamente. Mas, veja bem, se todos os mecanismos automáticos de segurança falharem, por alguma razão, por qualquer razão, você poderia estar vivo, mas todos os seus mecanismos de proteção, todas as suas escotilhas estarão fechadas permanentemente. Você estaria enjaulado dentro da Profundeza do Oceano e mudaria uma morte lenta por uma rápida.

– Não é provável que aconteça, mas tentaríamos proceder aos reparos antes de nosso suprimento de ar se esgotar. Além disso, te mos um sistema manual de apoio.

– Como?

– Certamente. Quando a Profundeza do Oceano foi estabelecida e esta era a única unidade – esta em que agora estamos, sentados – os controles manuais eram tudo que tínhamos. Se quiser, isto era inseguro. Ali estão eles, logo atrás de você, cobertos com um plástico friável.

– Numa emergência, quebre o vidro – murmurou Demerest, inspecionando o conjunto coberto.

– Que foi que disse?

– Apenas uma frase usada comumente nos antigos sistemas de prevenção de incêndio... Bem, na verdade os controles manuais ainda funcionam, ou será que este sistema, coberto com plástico friável faz vinte anos chegou a um ponto tal de decadência que se tornou inútil sem ninguém perceber?

– De forma alguma. Ê verificado periodicamente; todo o nosso equipamento é. Não é minha tarefa pessoal, mas sei que é feito. Se algum circuito elétrico ou eletrônico avaria, acendem-se

luzes, sinais soam, acontece tudo menos uma explosão nuclear... Sabe, Sr. Demerest, temos tanta curiosidade por Luna City como vocês têm pela Profundeza do Oceano. Suponho que tem a intenção de convidar um de nossos jovens...

– E por que não uma jovem – interpôs-se Annette imediatamente.

– Tenho certeza de que você quer dizer você mesma, querida – disse Bergen – ao que só tenho a replicar que você está decidida a ter o bebê aqui, e a aqui conservá-lo por um certo período após o nascimento, o que efetivamente tira você de cogitação.

Demerest, hirto, disse: – Esperamos que envie homens a Luna City. Estamos ansiosos por que vocês entendam nossos problemas.

– Sim, um intercâmbio de problemas e lágrimas derramadas nos ombros uns dos outros poderia ser um grande conforto para todos. Vocês, por exemplo, têm em Lima City uma vantagem que eu gostaria de ter. Com baixa gravidade e um baixo diferencial de pressão, vocês podem fazer com que suas cavernas assumam qualquer aspecto e ângulo irregular que apele ao senso estético de vocês ou que seja necessário por conveniência. Aqui embaixo, estamos restritos à esfera, pelo menos no futuro próximo, e nossos projetistas acabaram adquirindo uma hostilidade para com a esfera que ultrapassa o crível. Na verdade, não é engraçado. Desanima a gente. Chegam mesmo a pedir demissão, em vez de continuarem a trabalhar esfericamente.

Bergen sacudiu a cabeça e inclinou o encosto de sua poltrona para um gabinete de microfilmes. – Sabe – continuou, – quando William Beebe construiu a primeira câmara para o fundo do mar da História, lá por 1930, era apenas uma gôndola suspensa de um navio-mãe por quase um quilômetro de cabo, sem câmaras de flutuação nem motores, e, se o cabo se rompesse, até logo. Só que nunca se rompeu... De qualquer forma, que é que eu estava dizendo? Ah, quando Beebe construiu sua primeira câmara para o fundo do mar, queria fazê-la toda cilíndrica, pois, como sabe, assim uma pessoa se sentiria com conforto. Além do mais, um homem é, essencialmente, alto, magro, cilíndrico. Entretanto, um amigo dele convenceu-o a desistir da forma cilíndrica e a optar pela esférica, baseado nos argumentos muito sensatos de que uma esfera resistiria mais eficiente mente à pressão do que qualquer outra forma possível. Sabe quem era este amigo?

– Não, acho que não.

– O homem que foi Presidente dos Estados Unidos ao tempo dos descendentes de Beebe: Franklin D. Roosevelt. Todas estas esferas que vê aqui em baixo são bisnetas da sugestão de Roosevelt.

Demerest levou em conta, por alguns momentos, o que lhe acabara de ser dito, mas não fez comentários. Retornou ao tópico anterior. – Gostaríamos particularmente que alguém da Profundeza do Oceano visitasse Luna City porque isto poderia conduzir à plena compreensão da necessidade, por parte da Profundeza do Oceano, de um tipo de ação que poderia envolver considerável autossacrifício.

– Como? – Os quatro pés da poltrona de Bergen como que se abateram ao mesmo tempo sobre o chão. – Como é que é?

– A Profundeza do Oceano é uma maravilhosa realização; não quero diminuí-la em nada. Vejo onde ainda se tomará maior, uma maravilha do mundo. Assim mesmo...

– O quê?

– Assim mesmo, os oceanos são apenas uma parte da Terra; a maior parte, mas apenas uma parte. E o fundo do mar é apenas uma parte do oceano. É seu espaço mais interior, efetivamente, atua para dentro, constantemente se apertando contra um ponto.

– Acho – interveio Annette, um tanto carrancuda – que está prestes a fazer uma comparação com Luna City.

– E estou mesmo – disse Demerest. – Luna City representa o espaço exterior, ampliando-se até o infinito. A longo prazo, aqui não há para onde ir; e toda parte para ir, de lá de fora.

– Não julgamos apenas pelo porte e pelo volume, Sr. Demerest – disse Bergen. – O oceano é somente uma pequena parte da Terra, certo, mas por essa mesma razão acha-se intimamente relacionado com mais de cinco bilhões de seres humanos. A Profundeza do Oceano é experimental mas os conjuntos nas plataformas continentais já merecem o nome de cidades. A Profundeza do Oceano oferece à humanidade a possibilidade de explorar todo o planeta...

Muito excitado, Demerest o interrompeu: – De poluir o planeta todo. De violentá-lo, de dar-lhe um fim. A concentração de esforço humano para a própria Terra é insalubre e mesmo fatal, se não for equilibrada com uma reviravolta para o exterior, para a fronteira.

– Na fronteira não há nada – disse Annette, como que cuspindo as palavras. A Lua está morta, todos os outros mundos fora daqui estão mortos. Se há mundos vivos, em meio às estrelas, à distância de anos-luz, não podem ser atingidos. Este oceano é vivo.

– Também a Lua é viva, Sra. Bergen, e se a Profundeza do Oceano o permitir, a Lua se tornará um mundo independente. Então, nós, selenitas, procuraremos fazer com que outros mundos

sejam atingidos e se tomem habitáveis, e basta que a humanidade tenha paciência e atingiremos as estrelas. Nós! Nós! Só nós, os selenitas, acostumados ao espaço, habituados a viver numa caverna, acostumados a um ambiente de maquinários, que poderia manter a vida numa espaçonave que poderá ter de viajar por séculos, até atingir as estrelas.

– Espere, Demerest, espere – disse Bergen erguendo a mão. – Calma lá! Que quer dizer com "Se a Profundeza do Oceano o permitir"? Que temos a ver com isso?

– Vocês estão competindo conosco, Sr. Bergen. O Conselho Planetário de Projetos se inclinará para o lado de vocês, lhes dará mais, porque, a curto prazo, como sua mulher diz, o oceano é vivo e a Lua, exceto para mil pessoas, é morta; porque vocês estão a dez quilômetros de distância e nós a quatrocentos mil; porque vocês podem ser alcançados em uma hora e nós só em três dias. E porque vocês têm um índice de segurança ideal e nós temos infortúnios.

– A última razão, seguramente, é trivial. Acidentes podem acontecer a qualquer tempo, em qualquer lugar.

– Mas o trivial pode ser usado – disse Demerest nervosamente. – Pode ser usado para manipular emoções. Para as pessoas que não veem a finalidade e a importância da exploração espacial, a morte de selenitas em acidentes é prova suficiente de que a Lua é perigosa, de que sua colonização é uma fantasia inútil. Por que não? É a desculpa deles para pouparem dinheiro e eles podem aquietar a consciência investindo parte do dinheiro, em vez disso, na Profundeza do Oceano. É por isso que eu disse que o acidente na Lua ameaça a sobrevivência de Luna City mesmo que tenha

matado apenas vinte pessoas de um total de quase mil.

– Não aceito seu argumento. Houve dinheiro bastante para ambos durante bastante anos.

– Dinheiro suficiente não. É isso mesmo. Não houve investi mento suficiente para tomar a Lua autossuficiente em todos estes anos, e então eles usam essa falta de autossuficiência contra nós. Nem investimento suficiente para tomar também a Profundeza do Oceano autossuficiente.. Mas agora eles lhes podem dar o suficiente se nos cortarem completamente.

– Acha que isso acontecerá?

– Tenho quase certeza de que acontecerá, a não ser que a Profundeza do Oceano tome uma atitude que nem a de um estadista preocupado com o futuro do homem.

– Como?

– Recusando-se a aceitar fundos adicionais. Não competindo com Luna City. Colocando o bem de toda a espécie acima dos interesses pessoais.

– Lógico que você não pretende que nós desmantelemos...

– Não têm de fazer. isto. Não vê? Junte-se a nós, explicando que Luna City é essencial, que a exploração espacial é a esperança da humanidade; que vocês esperarão, que vocês – se necessário – cortarão despesas.

Bergen olhou para a esposa e franziu as sobrancelhas. Irritada, ela sacudiu a cabeça. – Você tem uma visão um tanto romântica do CPP, penso eu – afirmou Bergen. – Mesmo que eu fizesse alocuções nobres, de autossacrifício, quem diz que eles darão ouvidos? Nesta questão da Profundeza do Oceano há muito mais em jogo do que minha opinião e minhas declarações. Há considerações de ordem econômica e a opinião pública. Por que não se acalma, Sr. Demerest? Luna City não vai acabar. Vocês receberão verbas: estou certo disso. Tenho certeza disso, asseguro-lhe. Agora vamos acabar com isso...

– Não. Tenho de convencê-lo, de uma maneira ou de outra, que estou falando sério. Se

necessário, Profundeza do Oceano precisa dar uma parada, a não ser que o CPP destine grandes verbas para ambas.

– Isto é uma espécie de missão oficial, Sr. Demerest? Está falando oficialmente em nome de Luna City ou apenas em seu próprio nome? – disse Bergen.

– Apenas falo em meu nome, mas talvez seja o bastante, Sr. Bergen.

– Não penso que seja. Lamento, mas a coisa está ficando desagradável. Depois de tudo isso, sugiro que talvez seja melhor que retorne lá Para Cima no primeiro batiscafo.

– Ainda não, ainda não! – falou Demerest, olhando em torno como que alucinado. Levantou-se, então, trêmulo e encostou-se à parede. Ele era um pouco alto para o local e ele se tornara cônscio de que a vida como que retrocedia. Um passo mais e ele teria ido longe demais para desistir.

Ele tinha dito, lá na Lua, que não adiantaria conversar, que não adiantaria parlamentar. Seria um entredevoramento pelas verbas disponíveis e o destino de Luna City não deveria ser

abortado; não por causa da Profundeza do Oceano, não pela Terra; não, nem pela Terra toda, visto que a humanidade e o Universo vinham até mesmo antes da Terra. O homem precisa desenvolver seu útero e...

Demerest podia ouvir sua própria respiração desigual e o turbilhão íntimo de seus confusos pensamentos. Os dois o olhavam com uma aparência de preocupação. Annette levantou-se e disse: – Está se sentindo mal, Sr. Demerest?

– Ainda não. Sentem-se. Sou engenheiro de segurança e quero ensinar-lhes segurança. Sente-se, Sra. Bergen.

– Sente-se, Annette – disse Bergen. – Tomarei conta dele. – Ergueu-se e deu um passo à frente.

Mas Demerest disse: – Não, não se mova também. Estou sentindo alguma coisa em mim. Vocês são ingênuos demais no que diz respeito aos perigos humanos. Vocês se protegem contra o mar e contra falhas mecânicas, mas não revistam visitantes humanos, não é, Sr. Bergen? Tenho uma arma!

Agora que a coisa fora dita e que ele dera o passo final, do qual não havia retorno, visto que estava morto, fizesse o que fizesse. Demerest estava calmo.

– Oh, John – falou Annette, apertando o braço do marido. – Ele está...

Bergen pôs-se na frente dela. – Uma arma? Agora você me vem com essa? Calma, Demerest, calma. Não há razão para se exacerbar. Se quer conversar, conversemos. Que é isso?

– Nada de dramático. Um raio laser portátil.

– Mas que é que você quer fazer com ele?

– Destruir a Profundeza do Oceano.

– Mas você não pode, Demerest. Sabe que não pode. Não há energia suficiente que você possa armazenar num único feixe, que você possa suster, e que possa bombear calor suficiente para penetrar as paredes.

– Sei disso. Mas trago mais energia do que você pensa. Foi feito na Lua, e há algumas vantagens em fabricar unidades de energia no vácuo. Mas tem razão. Mesmo assim, este feixe se destina só a pequenos trabalhos e requer recarga frequente. De forma que não tenho a intenção de cortar um centímetro que seja de liga de aço... Mas farei a coisa indiretamente – e por uma única razão: assim manterei vocês dois quietos. Tenho energia suficiente em meu cinturão para matar duas pessoas.

– Você não nos mataria – disse Bergen calmamente. – Não tem motivo para isso.

– Se é assim, se você está querendo dizer que não sou uma pessoa equilibrada, a ponto de fazer algo que represente minha loucura, esqueça isso. Tenho todos os motivos para matá-lo, e hei de matá-lo. Até por laser, se tivesse que fazê-lo, ainda que prefira não agir desse modo.

– Que adiantaria nos matar? Procure compreender-me. É por que recusei sacrificar verbas da Profundeza do Oceano? Nada mais poderia eu fazer. Na verdade, não sou o único a tomar decisões. E se me matar, isto não mudará a encaminhar a decisão na sua direção, não é mesmo? Na verdade, muito pelo contrário. Se um selenita assassinar, como isto se refletirá em Luna City? Considere as emoções humanas na Terra.

Havia um toque de pungência na voz de Annette quando ela também se pronunciou. – Não vê que haverá pessoas a dizer que a radiação solar na Lua tem efeitos prejudiciais? Que a engenharia genética, que reorganizou os ossos e músculos de vocês, afetou a estabilidade mental? Considere a palavra "lunática", Sr. Demerest. Tempo houve em que as pessoas acreditavam que a Lua trouxesse loucura.

– Não sou louco, Sra. Bergen.

– Não importa – disse Bergen, aproveitando brandamente a intervenção da esposa. – As pessoas dirão que você era maluco; que todos os selenitas o são; e Luna City será fechada, e a própria Lua será fechada a qualquer exploração posterior, talvez para sempre. É isso que você quer?

– É o que poderia acontecer se pensassem que os assassinei, mas não acontecerá. Será um acidente. – Com seu cotovelo esquerdo, Demerest quebrou o plástico que cobria os controles manuais.

– Conheço unidades deste tipo – disse. – Sei exatamente como funcionam. Logicamente, se eu quebrar este plástico, aparecerá uma luz de advertência – de qualquer forma, ele

poderia se quebrar acidentalmente – e então alguém viria aqui para investigar, ou, melhor ainda, os controles deveriam ser fechados até serem deliberadamente desbloqueados para haver certeza de que não quebrou-se o plástico por mero acidente.

Fez uma pausa. Depois, disse: – Mas tenho certeza de que ninguém virá; que não houve nenhum alarme. Seu sistema manual não é à prova de falhas porque, no intimo, vocês estavam certos de que nunca seria usado.

– Que é que você planeja fazer? – perguntou Bergen.

Estava tenso e Demerest observava atentamente os joelhos dele. – Se tentar pular para cima de mim, mato-o na hora, e farei o que estava dizendo.

– Pelo jeito, nada tenho a perder.

– Perderá tempo. Deixem-me continuar sem interrupção e terão alguns minutos para continuarem a conversar. Poderão até me fazer mudar de opinião. Este é meu propósito. Não interfiram e lhes darei possibilidade de argumentarem.

– Mas que é que planeja fazer?

– Isto – disse Demerest. Sem olhar, sua mão esquerda se contorceu e fechou um contacto. – Agora, a unidade de fusão injetará calor na eclusa de ar e o vapor a encherá. Levará alguns minutos. Uma vez feito, tenho certeza de que um destes botõezinhos vermelhos de vidro se acenderá.

– Vai...

– Por que pergunta? Tendo ido tão longe, sabe que é minha intenção inundar a Profundeza do Oceano.

– Por que? Mas por que, com os diabos?!

– Porque será considerado um acidente. Porque seus registros de segurança serão inutilizados. Porque será uma catástrofe completa, que sumirá com vocês. E então o CPP se afastará de vocês e o fascínio da Profundeza do Oceano terá desaparecido. Nós teremos as verbas; nós prosseguiremos. Se eu pudesse fazer com que isto se passasse de outra maneira, bem que o faria, mas as necessidades de Luna City são as necessidades da humanidade, que são prioritárias.

– Você também morrerá – tentou dizer Annette.

– Lógico. Uma vez que fui forçado a fazer uma coisa dessas, eu iria querer viver? Não sou um assassino.

– Mas será. Se inundar esta unidade, inundará toda a Profundeza do Oceano, a todos matará e condenará aqueles que estão lá fora, em submarinos, a uma morte mais lenta. Cinquenta homens e mulheres – e uma criança ainda por nascer...

– A culpa não é minha – disse Demerest, com visível dor. Não esperava encontrar uma mulher grávida aqui, mas mesmo a tendo achado, não posso me deter por causa disso.

– Mas você precisa parar – disse Bergen. – Seu plano não dará certo, a não ser que o que vai acontecer pareça mesmo um acidente. Acharão você com um emissor de raios na mão com os controles manuais claramente alterados. Não crê que deduzirão a verdade disso?

Demerest estava se sentindo muito cansado. – O senhor parece desesperado, Sr. Bergen. Ouça: quando a porta exterior se abrir, entrará água sob uma pressão de mil atmosferas. Será uma força destruidora maciça que tudo destruirá e destroçará em seu caminho. As paredes da Profundeza do Oceano permanecerão, mas tudo dentro delas será estraçalhado a ponto de se tomar irreconhecível. Os seres humanos serão tecidos, esfrangalhados, com os ossos reduzidos a pedacinhos. A morte será instantânea – nem será sentida. Mesmo que eu tivesse de queimá-los com o laser, nada restaria para mostrar o que aconteceu, de forma que não hesitaria, como veem. Esta unidade manual, de qualquer forma, será despedaçada; tudo que eu fizer será apagado pela água.

– Mas... o emissor de raios, o revólver de laser... Mesmo danificado, será reconhecível – disse Annette.

– Usamos isto na Lua, Sra. Bergen. Ë uma ferramenta comum; é o equivalente óptico de uma navalha de mola. Sabe que posso matá-la com uma dessas navalhas, mas ninguém concluirá que uma pessoa que leva uma navalha, mesmo que a porte de lâmina estendida, está necessariamente planejando um assassinato: pode estar cortando alguma coisa... Além disso, um laser fabricado na Lua não é um revólver de projéteis. Não suporta uma explosão interna. Ë feito de metal fino, mecanicamente fraco. Depois de esmagado pelo estrondo da água, duvido muito de que se pareça com alguma coisa.

Para dizer tudo isto, Demerest não tivera de pensar. Durante meses meditara em todas as frases, de debate consigo mesmo, na Lua.

– Na verdade – continuou – como poderão os investigadores jamais saber o que se passou aqui? Enviarão batiscafos para investigar o que restou da Profundeza do Oceano, mas como poderão entrar sem primeiro recalcarem a água? Na verdade, terão de construir uma nova Profundeza do Oceano, e quanto tempo não levará isto? Talvez, dada a relutância pública de desperdiçar-se dinheiro, talvez nunca a reconstruam. Contentar-se-ão em deixar mergulhar no fundo do mar uma coroa de louros, em memória dos que morreram na Profundeza do Oceano.

Bergen disse: – Os homens de Lima City saberão do que você fez. Seguramente um deles terá consciência e a verdade será conhecida.

– Uma verdade- – falou Demerest – é que não sou um louco. Ninguém em Luna City sabe do que planejei fazer ou suspeitará jamais do que fiz. Enviaram-me para cá para negociar cooperação no que tange às dotações financeiras. Vim para ponderar e para nada mais. Não há sequer um emissor de laser faltando lá em cima... Fabriquei este com peças que estavam sobrando... E funciona: testei-o.

Lentamente, Annette disse: – Pensou em tudo?... Sabe mesmo o que está fazendo?...

– Pensei na coisa em seus mínimos detalhes. Sei o que estou fazendo... E também sei que ambos estão conscientes do sinal luminoso. Estou certo disso. A câmara de ar está vazia e chegou a hora. Sinto muito.

Rapidamente, segurando seu emissor de raios tensamente, alto, fechou outro contacto. Uma parte circular da parede da unidade estalou, e um delgado crescente de metal maciamente se afastou.

Fora do alcance do canto de seu olho, Demerest viu a escuridão diante, mas não olhou. Dela provinha um úmido vapor salino; um odor esquisito de vapor morto. Ele imaginava mesmo poder ouvir o som mole da água se juntando no rés da eclusa.

– Numa unidade manual racional – disse Demerest – a porta externa agora teria de ser fechada. Com a porta interna aberta, nada poderia fazer a porta externa abrir. No entanto, suspeito de que os controles manuais foram postos juntos muito depressa, de início, por que esta precaução deveria ter sido tomada, e foram substituídos muito rapidamente por ter sido acrescentada aquela precaução. E se eu precisasse de mais provas disto, vocês não estariam sentados ai, tão tensos, se soubessem que a porta externa não se abriria. Preciso tocar um contacto mais e o estrondo da água virá. Nada sentiremos.

Annette disse: – Não o empurre, ainda. Tenho uma coisa mais a dizer. Você nos disse que teríamos tempo para persuadi-lo.

– Enquanto a água estivesse sendo empurrada para fora.

– Deixe dizer-lhe só isto: um minuto. Um minuto. Eu disse que você não sabia o que está fazendo. E não sabe mesmo. Você está destruindo o programa espacial, o programa espacial. E por espaço eu entendo mais do que espaço. – A voz dela se tornara pungente.

Demerest franziu as sobrancelhas. – De que é que está falando? Fale coisa com coisa ou acabarei com tudo. Estou cansado, estou assustado. Quero que isto acabe.

E Annette disse: – Você não está por dentro do que se passa nos bastidores do CI' Nem meu marido está; mas eu estou. Pensa que por ser mulher sou uma figura secundária aqui? Não sou. Você, Demerest, tem seus olhos fixados tão-somente em Luna City. E meu marido tem os olhos dele fixados na Profundeza do Oceano. Vocês não sabem de nada.

– Mesmo que tivesse todo o dinheiro que quer, onde pensa o senhor que iria, Sr.

Demerest? Para Marte? Para os asteroides? Para os satélites dos gigantes de gás? Todos estes mundos são pequenos; são todas superfícies secas debaixo de um céu vazio. Poderão passar gerações antes de estarmos prontos para as estrelas e até então teremos só corretagem de terrenos do tamanho dos pigmeus. É esta a sua ambição?

– A ambição de meu marido não é melhor. Ele sonha em empurrar o habitat humano por sobre o chão do oceano, superfície não muito maior, em última análise, do que a da Lua e outros mundos pigmeus. Nós, do CPP, por outro lado, queremos mais do que vocês, e se apertar aquele botão, Sr. Demerest, o maior sonho que a humanidade já teve será reduzido a nada.

Demerest achou aquilo interessante, mesmo contra a sua vontade. Não obstante, disse: – Isso é só conversa fiada. – Era possível, ele sabia, que eles tivessem advertido outros, na Profundeza do Oceano, de que de alguma maneira alguém, num dado momento, viria interromper, alguém tentaria acabar com a Profundeza. Toda via, ele estava de olhos fixos na única abertura, e tinha de somente fechar um contato, mesmo sem olhar, num movimento que tomaria um segundo.

Annette disse: – Não estou com conversa fiada. Sabe que foi preciso mais de uma nave-foguete para colonizar a Lua. Para tornar possível uma colônia de sucesso, houve necessidade de alterar geneticamente pessoas e ajustá-las à baixa gravidade. E você é um produto desta engenharia genética.

– E daí?

– E a engenharia genética não poderia também ajustar as pessoas a uma maior atração gravitacional? Qual é o maior planeta do sistema solar, Sr. Demerest?

– Júpi...

– Sim, Júpiter. Onze vezes o diâmetro da Terra; quarenta vezes o diâmetro da Lua. Superfície cento e vinte vezes a da Terra; mil e seiscentas vezes a da Lua. Condições tão diferentes de qualquer coisa que encontramos em qualquer parte nos mundos do tamanho da Terra, ou menores, que qualquer cientista, de qualquer opinião, daria metade de sua vida para observar de perto.

– Mas Júpiter é uma meta impossível.

– É mesmo? – perguntou Annette, chegando mesmo a esboçar um sorriso. – Impossível como voar? Impossível por quê? A engenharia genética poderia planejar homens com ossos mais fortes e densos, com músculos mais fortes e compactos. Os mesmos princípios que circundam Lima City contra o vácuo e a Profundidade do Oceano contra o mar também protegem a futura Profundidade de Júpiter contra seus ambientes amoniacados.

– O campo gravitacional...

- Pode ser dominado por naves movidas a motores nucleares que agora estão nas pranchetas. Você não sabe, mas eu sei.

– Não estamos sequer seguros a respeito da profundidade da atmosfera. As pressões...

– As pressões! As pressões! Sr. Demerest, olhe em torno de si. Para que é que supõe que, verdadeiramente, a Profundeza do Oceano foi construída? Para explorar o oceano? As colônias nas plataformas continentais estão fazendo isso muito adequadamente. Para adquirirmos conhecimento sobre o fundo do mar? Poderíamos fazer isto facilmente por intermédio de batiscafos e poderíamos ter poupado os bilhões, centenas deles, investidos até o momento na Profundeza do Oceano.

– Não vê, Sr. Demerest, que a Profundeza do Oceano precisa significar alguma coisa mais do que isto? O propósito da Profundeza do Oceano é projetar as naves e mecanismos definitivos que bastarão para explorar e colonizar Júpiter. Olhe em tomo e verá os inícios de um ambiente jupteriano – a aproximação mais correta a que conseguimos chegar na Terra. É apenas uma

vaga imagem do poderoso Júpiter, mas é um começo.

– Destrua isto, Sr. Oemeres.t, e destruirá qualquer esperança para Júpiter. Por outro lado, deixe-nos viver e, juntos, penetraremos e colonizaremos a mais brilhante joia do sistema solar. E, bem antes que possamos atingir os limites de Júpiter, estaremos prontos para as estrelas, para planetas do tipo daqueles que circundam a Terra e também planetas do tipo da Terra. Luna City não será abandonada, visto que ambos são necessários para este fim máximo.

Por um instante, Demerest esquecera tudo que se referisse ao último botão. – Ninguém em Luna City ouviu falar disto – murmurou.

– Vocês, não ouviram. Mas há pessoas em Luna City que ouviram. Se você lhes tivesse falado de seu plano de destruição, elas o teriam detido. Naturalmente, não podemos tornar isto público e, aqui e lá, só umas poucas pessoas podem saber. O público só com dificuldade apóia os projetos planetários ora em andamento. Se o CPP é parcimonioso é porque a opinião pública limita sua generosidade. Que pensa que a opinião pública diria se soubesse que nosso objetivo é Júpiter? Achariam isto o máximo da frivolidade. Mas nós continuamos e todo e qualquer dinheiro que podemos poupar nós o coloca mos nas várias facetas do Projeto Grande Mundo.

– Projeto Grande Mundo?!

– Sim – confirmou Annette. – Agora você sabe e incide numa séria infração da segurança. Mas isto não tem importância, não é? Visto que estamos todos mortos, e o projeto também...

– Espere, Sra. Bergen.

– Se agora mudar de ideia, não pense que poderá algum dia falar do Projeto Grande Mundo. Isto poderia dar fim ao projeto com a mesma eficácia da destruição aqui. E terminaria tanto com a sua carreira como com a minha. Poderia dar cabo também de Luna City e da Profundeza do Oceano, de forma que, agora que sabe, talvez não faça diferença nenhuma, de qualquer maneira. Pode muito bem apertar o botão.

– Eu disse espere... – Sua testa estava vincada e seus olhos queimavam, angustiados. – Não sei...

Bergen se contraía para pular de súbito em cima de Demerest, cuja tensão alerta se transformava numa incerta introspecção, mas Annette agarrou a manga do esposo.

Um interminável intervalo, que poderia ter durado, na verdade, quando muito uns dez segundos, se seguiu e então Demerest estendeu seu laser. – Pegue-o – disse. – Considero-me preso.

– Se você for preso, toda a história se tomará pública – disse Annette. Ela pegou o laser e deu-o a Bergen. – Há tempo suficiente para que. você retorne a Lima City e se mantenha em silêncio. Até então, nós o manteremos sob nossa guarda.

Bergen estava nos controles manuais. A porta interna deslizou, após o que se ouviu o estrondo da água retornando à eclusa.

Marido e mulher estavam de novo sozinhos. Não tinham ousado dizer uma única palavra até que Demerest fosse posto cuidadosamente a dormir, por dois homens incumbidos dessa tarefa. O inesperado estrondo da água a todos despertara. E todos tinham recebido do incidente uma explicação expurgada dos detalhes, que não interessava revelar.

Agora, os controles manuais estavam selados. E Bergen disse: – De hoje em diante, os controles manuais terão de ser ajustados à prova de falhas. E os visitantes terão de ser revistados.

– Oh, John – disse Annette – acho que as pessoas são loucas. Lá estávamos nós, enfrentando a morte e a destruição da Profundeza do Oceano, o fim de tudo! E eu estive durante todo aquele tempo a pensar: "Preciso ficar calma, não posso ter um aborto."

– E você se manteve calmíssima: foi magnífica! O Projeto Grande Mundo... nunca pensei em algo assim, mas, por... por Júpiter, é uma ideia atraente! Maravilhosa!

– Sinto ter tido de dizer tudo aquilo, John. Foi uma simulação, claro. Invenção minha: Demerest queria que eu inventasse alguma coisa. Ele não era nem um assassino, nem um destruidor; era, lá na sua cabeça, um patriota. Penso que ele estava dizendo a si mesmo que tinha de destruir para salvar um ponto de vista bastante comum entre as pessoas mentalmente estreitas. Mas nos disse que nos daria tempo bastante para dialogarmos com ele e penso que ele estava rezando para que lhe conseguíssemos dizer qualquer coisa. Ele queria que nós pensássemos em alguma coisa que lhe desse uma desculpa para salvar... para que ele nos salvasse – e nós lha demos... Desculpe iludir você, John.

– Você não me iludiu.

– Não?!

– Como poderia? Sabia que você não é membro do CPP.

– Por que tem tanta certeza disto? Por eu ser mulher?

– De jeito nenhum. Porque eu sou membro, Annette, e isto é confidencial. E, se não se importa, vou começar a me mexer para fazer exatamente o que você sugeriu, o Projeto Grande Mundo.

– Bem... – Annette considerou o que ele disse e, lentamente, sorriu. – Bem... Não é mau... As mulheres têm de servir para algumas coisas...

– E isso aí – disse Bergen, sorrindo por sua vez – é algo que nunca neguei.

♦

Ed Ferman, de F & SF, e Barry Malzberg, um dos mais brilhantes da nova geração de escritores de ficção científica, nos inícios de 1973 tinham em mente preparar uma antologia na qual muitos diferentes temas de ficção científica aparecessem, levados às últimas consequências. Para cada história eles ventilaram o assunto com algum escritor que estivesse associado a um tema em particular. E, naturalmente, para uma história que falasse de robótica, entraram em contacto comigo.

Tentei pular fora, com minhas usuais desculpas relativas a meu esquema de trabalho, mas me disseram que, se eu não escrevesse, não apareceria nenhuma história de robôs, porque não a pediriam a nenhuma pessoa mais. Isto me deixou constrangido e tive de concordar.

Tive então de dar tratos à bola para ver como é que chegaria às últimas consequências acima mencionadas. Sempre tinha havido um aspecto no tema dos robôs sobre o qual eu nunca tivera coragem de escrever, ainda que eu e o falecido John Campbell algumas vezes o tivéssemos discutido.

Nas primeiras duas Leis da Robótica, como podem ver, a expressão "ser humano" é usada. Depreende-se daí que um robô pode reconhecer um ser humano, ao ver um deles. Mas, o que é um "ser humano"? Ou, como o salmista pergunta a Deus, "Que é o homem para que Vos ocupeis dele?"

Com toda segurança, se houver alguma dúvida quanto à definição de homem, as Leis da Robótica necessariamente não se mantêm. Assim, escrevi “Para que Vos ocupeis dele”, e Ed e Barry gostaram dela – e eu também. Não apenas apareceu na antologia, que se intitulou Final Stuge, mas também saiu no número de Maio de 1974 da F& SF

4

♦

Para que Vos Ocupeis Dele

As Três Leis da Robótica:

1. *Um robô não deve fazer inala um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*

2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primei raLei.

3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.

Keith Harriman, que agora contava com doze anos como Diretor de Pesquisas da United States Robots and Mechanical Men, Inc., achava que absolutamente não podia ter certeza se estava agindo certo. A ponta de sua língua passava sobre seus lábios, grossos mas um tanto descorados. E, para ele, parecia que a imagem holográfica da grande Susan Calvin, que estava acima dele, estática, sem sorrir, nunca lhe parecera antes tão sombria.

Pouco á vontade, ele apagou aquela imagem da maior roboticista da história porque ela o enervava. (Ele tentava encarar a imagem como sendo algo destituído de vida, mas nunca tivera sucesso nisso.) Desta vez ele nem sequer ousou e o olhar fixo dela, de há muito morto, perturbava-o, ainda que lateralmente.

Ele teria de dar um passo incômodo e humilhante.

Em frente dele estava George Ten calmo, não afetado quer pela visível inquietação de Harriman, quer pela imagem da santa padroeira da robótica, a fulgurar em seu nicho, mais acima.

Harriman disse: – Na verdade, George, não tivemos até agora oportunidade de falar abertamente sobre isto. Faz tanto tempo que você não tem estado conosco e não tive uma boa oportunidade de estar a sós com você. Agora, porém, gostaria de discutir o assunto com alguns detalhes.

– Bem que eu quero fazer isso – falou George. – Em minha permanência na US. Robots, cheguei a perceber que a crise tem alguma coisa a ver com as Três Leis.

– Sim. Naturalmente, você conhece as Três Leis.

– Conheço.

– Sim, sei que você conhece. Mas vamos escavar mais fundo e considerar o problema verdadeiramente básico. Em dois séculos de, permita-me dizê-lo, considerável sucesso, a U.S. Robots nunca tentou persuadir os seres humanos a aceitarem os robôs. Só colocamos robôs onde se exige trabalho que seres humanos não podem fazer, ou em ambientes que os seres humanos considerarem inaceitavelmente perigosos. Os robôs têm trabalhado principalmente no espaço e isto limita o que temos sido capazes de fazer.

– Isso – falou George – com toda segurança representa um amplo limite, dentro do qual a U. S. Robots pode prosperar.

– Não, por duas razões. Em primeiro lugar, as fronteiras que nos são impostas inevitavelmente se contraem. No caso da colônia na Lua, por exemplo, conforme ela se torna mais sofisticada, diminui sua necessidade de robôs, e até esperamos que, dentro de alguns anos, os robôs sejam banidos da Lua. E isto se repetirá em cada mundo colonizado pela humanidade. Em segundo lugar, a verdadeira prosperidade é impossível sem robôs na Terra. Nós, aqui na U.S. Robots acreditamos firmemente que os seres humanos precisam de robôs e precisam aprender a viver com seus análogos mecânicos se se quiser manter o progresso.

– E eles não aprendem? O senhor tem em sua mesa, Sr. Harriman, um terminal de computador que, assim entendo, está ligado com o Multivac da organização. Um computador é uma espécie de robô séssil, sem pés; um cérebro de robô não ligado a um corpo...

– É verdade: mas isto também é limitado. Os computadores usados pela humanidade têm sido invariavelmente especializados para evitar humanizar demais uma inteligência. Um século atrás estávamos bem a caminho de uma inteligência artificial de tipo ilimitado através do uso de grandes computadores que denominávamos de Máquinas, Máquinas que limitavam sua ação de acordo com elas mesmas. Uma vez que elas resolveram os problemas ecológicos que ameaçavam a sociedade humana, elas próprias se defasaram. Continuarem a existir, assim raciocinaram, as colocaria no papel de muletas para a humanidade. E, uma vez que os robôs perceberam que isto magoaria os seres humanos, eles se condenaram a si mesmos, pela Primeira Lei.

– E eles estavam certos, ao agirem assim?

– Em minha opinião, não. Por sua ação, reforçaram o complexo de Frankenstein da humanidade; no íntimo, temem que qualquer homem artificial que criassem se voltaria contra seu criador. Os homens temem que os robôs possam substituir os seres humanos.

– E você próprio não receia isto?

– Sei mais do que isso: enquanto existirem as Três Leis da Robótica, não poderão. Poderão servir de parceiros da humanidade; podem tomar parte na grande luta para entenderem e sabiamente dirigirem as leis da natureza, de forma que, juntos, robôs e homens possam fazer mais do que os homens sozinhos. Mas sempre de uma maneira tal que os robôs sirvam aos seres humanos.

– Mas, se no decorrer de dois séculos as Três Leis provaram que conseguem manter os robôs dentro dos limites, qual a fonte do descrédito dos seres humanos para com os robôs?

– Bem – disse Harriman, coçando sua cabeça vigorosamente, de maneira tal que seus cabelos grisalhos se juntavam em tufos – mais por superstição, é claro. Infelizmente, há também alguns aspectos complexos em jogo, dos quais se aproveitam agitadores anti- robôs.

– Com relação às Três Leis?

– Sim, particularmente à Segunda Lei. Não há problema na Terceira Lei, como sabe: ela é universal. Os robôs sempre precisam se sacrificar pelos seres humanos, qualquer ser humano.

– Logicamente – disse George Ten.

– Talvez a Primeira Lei seja menos satisfatória, visto que sempre é possível imaginar uma condição em que um robô precise desempenhar ou a Ação A ou a B, as duas sendo mutuamente restritas, sendo que qualquer uma das duas ações resultará em dano para seres humanos. Consequentemente, o robô precisa selecionar com rapidez qual das ações causará menor dano. Não é fácil exercitar os passos positrônicos do cérebro de um robô de maneira que ele possa fazer a possível seleção. Se a Ação A redundar em dano para um talentoso jovem artista e a B facilmente resultar num dano equivalente em cinco pessoas mais idosas sem mérito particular, qual ação será escolhida?

– A Ação A – falou George. – Dano para um é menos dano que para cinco.

– Sim, sempre os robôs foram planejados para decidirem dessa maneira. Sempre pareceu impraticável esperar que os robôs julgassem delicados aspectos como talento, inteligência, a utilidade geral de uma pessoa para a sociedade. Isto protelaria a decisão até um ponto tal em que o robô estaria efetivamente imobilizado. A isto chegamos por estatísticas. Felizmente, poucas são as crises em que os robôs precisam tomar decisões deste naipe... Isto, todavia, nos conduz à Segunda Lei.

– A Lei da Obediência.

– Sim: é constante a necessidade de obediência Um robô pode existir durante vinte anos sem jamais ter de agir prontamente para impedir dano a um ser humano, ou se achar diante da necessidade de se arriscar a ser destruído. Contudo, durante todo este tempo, ele estará constantemente obedecendo a ordens... Ordens de quem?

– De seres humanos.

– De qualquer ser humano? Como pode você julgar um ser humano, a ponto de saber se deve obedecer-lhe ou não?!... Que é o homem, "para que Vos ocupeis dele", George?

Neste ponto, George hesitou.

Apressadamente, Harriman retomou a palavra. – Uma citação bíblica. Isto não importa. Quero dizer: um robô deve seguir as ordens de uma criança? Ou de um idiota? Ou de um criminoso? Ou de uma pessoa perfeitamente decente, inteligente, mas que aconteça de ser inábil e, por conseguinte, que ignore as consequências indesejáveis de uma ordem sua? E se dois seres humanos derem ordens conflitantes a um robô, qual delas o robô deverá seguir?

– Mas, em duzentos anos – falou George Ten – será que problemas deste tipo não se manifestaram e não foram resolvidos?

Sacudindo energicamente a cabeça, Harriman respondeu: – Não! Temos sido embaraçados pelo próprio fato de nossos robôs terem sido utilizados unicamente em ambientes especializados, lá fora, no espaço, onde os homens que com eles lidam são peritos em seus campos profissionais. Não há crianças, não há idiotas, não há criminosos, nem ignorantes bem intencionados presentes. Mesmo assim, ocasiões houve em que ocorreu dano devido a ordens idiotas ou simplesmente impensadas. Tais danos, em ambientes especializados e limitados, puderam ser refreados. Na Terra, entretanto, os robôs têm de ter discernimento, porque senão os diabos, aqueles que estão contra os robôs, continuam sustentando que estão certos.

– Então você precisa inserir no cérebro positrônico a capacidade de discernimento.

– Exatamente. Começamos a reproduzir os modelos JG, nos quais os robôs podem avaliar cada ser humano em relação ao sexo, idade, posição social e profissional, inteligência, maturidade, responsabilidade social e assim por diante.

– E como isto afetaria as Três Leis?

– A Terceira Lei, de maneira nenhuma. Mesmo o mais valioso dos robôs precisa se autodestruir em prol do mais inútil ser humano. Não podemos alterar isso. A Primeira Lei só é afetada quando qual quer ação alternativa produzir dano. A qualidade, assim como a quantidade de seres humanos em questão, precisa ser levada em consideração, desde que haja tempo para tal avaliação e base para ela, o que não será muito frequente. A Segunda Lei é que será a mais profundamente modificada, visto que cada obediência em potencial deve por em jogo um discernimento. A obediência do robô será mais lenta, exceto quando também estiver em questão a Primeira Lei, mas ele obedecerá mais racionalmente.

– Mas os discernimentos requeridos são muito complicados.

– *Muito*. A necessidade de proceder a tais discernimentos tornou tão lentas as reações de nossa primeira dupla de modelos, a ponto de se paralisarem. Nos modelos posteriores fizemos aperfeiçoamentos às custas da introdução de tantas novas trilhas no cérebro dos robôs que os seus cérebros se tomaram volumosos demais. Contudo, em nosso último par de modelos acredito que temos o que queríamos. O robô não tem de fazer um julgamento instantâneo sobre o mérito de um ser humano e o valor de suas ordens. Ele começa obedecendo a todos os seres humanos, como qualquer robô comum o faria, e, então é que ele aprende. Um robô cresce, aprende, e amadurece. É o equivalente de uma criança e precisa estar sob constante supervisão. Porém, à medida que cresce, ele pode mais e mais ficar, sem supervisão, na sociedade terrestre. Finalmente, é um membro pleno dessa sociedade.

– Seguramente isso responde às objeções dos que se opõem aos robôs.

– Não – replicou Harriman, irritado. – Agora antepõem outras objeções. Não aceitarão o discernimento dos robôs. Dizem que um robô não tem o direito de marcar esta pessoa como sendo inferior àquela. Se um robô aceita ordens de A preferencialmente às de B, está ferreteando B, rotulando-o como menos importante do que A, e, neste caso, os direitos humanos de B foram violados.

– E qual é a resposta para isso?

– Nenhuma. Já desisti.

– Estou vendo...

– No que me toca... Transfiro-lhe o problema, George.

– Para mim? – A voz de George Ten permaneceu no mesmo tom. Havia nela uma branda surpresa, mas que não o afetava ostensivamente. – Por que para mim?

Tensamente, Harriman se manifestou: – Porque você não é um homem. Eu lhe disse que quero que os robôs sejam parceiros de seres humanos. Quero que você seja meu parceiro.

Num gesto singularmente humano, George ergueu as mãos e exibiu-as, com as palmas voltadas para o outro: – E que é que eu posso fazer?

– Pode-lhe parecer, de inicio, que você não pode fazer nada, George. Não faz muito tempo que você foi criado: ainda é uma criança. Você foi planejado de modo a não ficar repleto de informações originais. Por isso tive de lhe explicar a situação com tantos detalhes, de forma a deixar espaço para desenvolvimento. Mas sua mente evoluirá e você será capaz de abordar o problema sob um ponto de vista não humano. Onde eu não vislumbrar solução, pode ser que você, de seu enfoque, divise uma.

– Meu cérebro foi desenhado por seres humanos. De que maneira ele pode ser não humano, – indagou George Ten.

– Você é o último dos modelos JG, George. Seu cérebro é o mais complicado que até hoje planejamos, de certa maneira mais sutilmente complicado do que o das velhas Máquinas Gigantes. Ele é aberto, e, começando com uma base humana, poderá, isto é, sem dúvida alguma crescerá em qualquer direção. Permanecendo sempre dentro das intransponíveis fronteiras das Três Leis, não obstante você vir a se tomar completamente não humano em seu pensamento.

– Você conhece suficientemente seres humanos para abordar racionalmente esse problema? Sobre a história deles? A psicologia deles?

– Claro que não. Mas você poderá aprender tão rapidamente quanto é capaz.

– Terei ajuda, Sr. Harriman?

– Não. Este é um assunto inteiramente entre nós dois. Ninguém mais sabe disto e você não deve mencionar este projeto a nenhuma pessoa, seja na U.S. Robots, seja lá onde for.

George Ten disse: – Será que estamos fazendo alguma coisa errada, Sr. Harriman, para o senhor querer manter isto em segredo?

– Não, mas uma solução robô não será aceita precisamente por ser originalmente robótica. Qualquer solução que você tenha a sugerir recairá sobre mim; e, se me parecer válida, eu a apresentarei. Jamais alguém saberá que ela proveio de você.

– A luz do que você disse anteriormente, este é o procedimento correto... – disse George Ten, calmamente. – Quando começo?

– Agora mesmo. Vou tomar as providências para que você tenha todos os filmes necessários para o exame da questão.

1a.

Harriman sentou-se, sozinho. No interior de seu escritório, artificialmente iluminado, não havia indicação de que lá fora escurecem. Ele não percebia, na verdade, que já se tinham passado três horas desde que conduzira George Ten de volta a seu cubículo, lá o deixando com os primeiros filmes de referência.

Estava agora sozinho, simplesmente com o fantasma de Susan Calvin, a brilhante roboticista que, praticamente sem ajuda de ninguém, fizera um robô positrônico evoluir de um brinquedo maciço para o mais delicado e versátil instrumento; tão delicado e versátil, que o homem não ousava usá-lo, por inveja e receio.

Agora já fazia mais de um século que ela falecera. O problema do complexo de Frankenstein existira no tempo dela, e ela nunca o resolvera. Nunca ela o tentara resolver, porque não havia necessidade. Nos tempos de Susan, a robótica se desenvolvera de acordo com as necessidades da exploração espacial.

Havia sido o próprio sucesso dos robôs que diminuíra a necessidade que os homens tinham deles, e que tinha deixado Harriman, nestes últimos tempos...

Porém, Susan Calvin poderia ter se voltado para os robôs em busca de auxilio. Seguramente, poderia...

E lá ficou ele sentado, enquanto a noite decorria.

Maxwell Robertson era o maior acionista da U.S. Robots, sendo assim seu superintendente. Sua aparência não era, de forma alguma, de impressionar. Já estava bem na meia um tanto rechonchudo. E tinha o costume de ficar mordendo o canto direito de seu lábio inferior quando estava perturbado.

De qualquer maneira, em suas duas décadas de relacionamento com pessoas do governo, ele tinha desenvolvido uma maneira de lidar com elas. Tendia a usar a delicadeza, cedendo, sorrindo, e sempre tentando ganhar tempo.

Mas as coisas estavam ficando difíceis – e uma das grandes razões para elas se tornarem difíceis era Gunnar Eisenmuth. Na série de Conservadores Globais, cujo poder era inferior somente ao do Executivo Global no decorrer do século anterior. Eisenmuth cortava caminho, cada vez mais, para a difícil e cinzenta área de um compromisso. Ele era o primeiro Conservador não nascido nos Estados Unidos e, se bem que não pudesse ser demonstrado de maneira alguma que o arcaico nome da U.S. Robots despertava sua hostilidade, todos na U.S. Robots acreditavam nisso.

Houvera uma sugestão – de alguma forma a primeira naquele ano – ou naquela geração – de que o nome da empresa fosse mudado para World Robots, mas Robertson nunca consentiria isto. Originalmente, a empresa tinha sido constituída com capital americano, cérebros americanos e trabalho. americano, e a despeito de a empresa ter tido atuação mundial, por seu próprio escopo, por sua própria natureza, o nome teria de testemunhar a origem da empresa enquanto estivesse sob o controle dele, Maxwell.

Eisenmuth era um homem alto, com um rosto triste e alongado, com textura e feições grosseiras. Dizia “Global” com um pronunciado acento americano, se bem que nunca tivesse estado nos Estados Unidos antes de assumir o cargo.

– Para mim, isto parece perfeitamente claro, Sr. Robertson. Não há dificuldade. Os produtos de sua empresa são sempre alugados, nunca vendidos. Se não há mais necessidade do que é de sua propriedade e que está alugado na Lua, cabe ao senhor receber de volta os produtos e transferi-los.

– Sim, Conservador, mas onde? Seria contra a lei trazê-lo de volta à Terra sem permissão governamental e ela foi negada.

– Não seriam úteis para vocês aqui na Terra. Pode levá-los para Mercúrio ou para os asteroides.

– E que é que faríamos com eles por lá?

Eisenmuth ficou carrancudo. – Os inteligentes homens de sua empresa pensarão numa solução.

Robertson meneou,a cabeça. – Isso representaria uma enorme perda para a U. S. Robots.

– Receio que sim – retrucou Eisenmuth, sem se deixar demover. – Estou sabedor de que a U.S. Robots há vários anos tem tido prejuízos.

– Em grande parte, Conservador, devido às restrições governamentais.

– O senhor precisa ser realista, Sr. Robertson. Bem sabe que o clima da opinião pública é cada vez mais contra os robôs.

– O que está muito errado, Conservador.

– Mas assim são as coisas. Seria mais inteligente encerrar as atividades da empresa. Naturalmente que isto é uma mera sugestão.

– Mas suas sugestões têm força, Conservador. Será necessário dizer-lhe que nossas Máquinas, um século atrás, resolveram a crise ecológica?

– Estou certo de que a humanidade está grata, mas isso foi há cem anos atrás. Vivemos agora em aliança com a natureza, mesmo que isto de vez em quando seja desconfortável, e o passado está obscurecido.

– Está querendo dizer... pelo que fizemos ultimamente pela humanidade?

– Acredito que sim.

– Mas de maneira alguma se pode crer que encerramos de uma hora para outra nossas atividades; não sem enormes prejuízos. Precisamos de tempo.

– Quanto?

– Quanto tempo pode nos dar?

– Não depende de mim.

Delicadamente, Robertson disse: – Estamos sozinhos. Não podemos brincar. Quanto tempo pode nos dar?

A expressão de Eisenmuth era a de uma pessoa refugiando-se em si mesma, para cálculos bem lá no seu intimo. – Penso que pode contar com uns dois anos. Serei franco: o governo

global pretende assumir o controle da U. S. Robots e pôr você para fora, se você não se retirar antes. Mais ou menos, é isto que pretendem. E, a não ser que haja uma enorme mudança na opinião pública, coisa de que duvido muito... – E mexeu a cabeça para um lado e para o outro.

– Dois anos, então – disse Robertson delicadamente.

2a.

Robertson sentara-se, sozinho. Não havia propósito no que pensava, e seu raciocínio acabara virando retrospecção. Quatro gerações de Robertsons tinham dirigido a empresa, sendo que nenhum deles era roboticista. Tinha havido homens como Lanning e Bogert, e, acima de tudo, acima de todos, Susan Calvin, que tinha feito da U. S. Robots o que ela era. Era certo, contudo, que os quatro Robertsons tinham propiciado o clima que tornara possível o trabalho deles.

Sem a U. S. Robots, o Século Vinte e Um teria caminhado para um crescente desastre. Isto não se devia às Máquinas que, por uma geração, haviam guiado a humanidade em meio às corredeiras e aos escolhos da história.

E, para isto, davam-lhe agora dois anos. Que se poderia fazer, em dois anos, para vencer os insuperáveis preconceitos da humanidade? Ele não sabia.

Esperançosamente, Harriman falara sobre novas ideias, sem entrar em detalhes, porém. E pela simples razão de que Robertson não entenderia patavina.

De qualquer forma, porém, que poderia Harriman fazer? Que é que alguém jamais tentara fazer contra a intensa antipatia que as pessoas sentiam contra a U.S. Robots?! Nada...

Robertson mergulhou numa sonolência que nenhuma inspiração lhe trouxe.

– Agora você tem tudo, George Ten – disse Harriman. – Está de posse de tudo quanto penso que seja aplicável ao problema. No que diz respeito à informação pura propriamente dita, você já armazenou mais em sua memória sobre os seres humanos e seu modo de ser, no passado e no presente, do que eu ou qualquer ser humano poderia ter feito.

– É bem provável que seja assim.

– Você acha que precisa de alguma coisa mais?

– No que tange a informações, não vejo "furos" evidentes. Pode ser que, nos limites, haja assuntos em que ainda não cogitamos. Não sei dizer. Mas isso sucederia por maior que fosse o círculo de informações que eu recebesse.

– É verdade. Nem nós teremos mais tempo para recolher novas informações. Robertson me falou que temos apenas dois anos e a quarta parte desses dois anos já se escoou... Tem algo a sugerir?

– Por ora nada, Sr. Harriman. Preciso sopesar as informações e para tanto preciso de ajuda.

– Minha?

– Não, não particularmente do senhor, porque o senhor é um ser humano altamente qualificado e o que quer que me diga terá a força parcial de uma ordem que poderá inibir minhas deliberações. E também não é ajuda de nenhum outro ser humano, pela mesma razão e, especialmente, porque me proibiu de me comunicar com qualquer ser humano.

– Mas, neste caso, George, que ajuda?

– De outro robô, Sr. Harriman.

– Que outro robô?

– Foram construídos outros robôs da série JG. Sou o JG-1O e, portanto, o décimo.

– Os primeiros não serviam para nada, eram experimentais...

– Existe George Nine.

– Está certo, mas para que serviria ele? Descontando certas coisas que faltam a ele, parece-me muito com você. Você é consideravelmente mais versátil do que ele.

– Eu sei disso – falou George Ten, meneando com gravidade a cabeça. – Não obstante, assim que eu crie uma linha de pensamento, o mero fato de eu criá-la faz com que a aprove, sendo-me

difícil pô-la de lado. Se eu puder, após desenvolver uma linha de pensamento, exprimi-la a George Nine, ele a consideraria sem a ter criado. Destarte, ele a encararia sem preconceitos. Poderia ver faltas e falhas que eu não vejo.

Harriman sorriu. – Em outras palavras, duas cabeças pensam melhor que uma, hem, George?

– Se com isso, Sr. Harriman, o senhor quer dizer duas pessoas pensando com uma cabeça só, sim.

– Certo. Quer mais alguma coisa?

– Sim, algo mais do que filmes. Ponderei muito sobre os seres humanos e seu mundo. Tenho observado as pessoas aqui na U. S. Robots e posso aquilatar minha interpretação do que tenho visto confrontada com minhas impressões sensoriais. O mesmo não se aplica ao mundo físico. Nunca o vi, mas a ideia que tenho basta para me dizer que de maneira alguma o que aqui me rodeia representa o mundo físico. Gostaria de vê-lo.

– O mundo físico? – Harriman pareceu atordoado com a grandeza daquele pensamento, por um momento. – Não está querendo me sugerir que eu leve você para fora das instalações da U. S. Ro bots?

– Sim, essa é minha sugestão.

– Isso sempre foi ilegal. E, no clima em que está a opinião pública hoje em dia, seria fatal.

– Isso se formos detectados. Não estou sugerindo que me leve a uma cidade ou mesmo a uma casa. Gostaria de ver alguma região aberta, sem seres humanos.

– Isso também é ilegal.

– Se formos apanhados. Mas precisamos ser?...

– Mas será que isso é absolutamente indispensável, George? – perguntou Harriman.

– Não sei dizer, mas me parece que seria útil.

– Em que está pensando?

George Ten pareceu hesitar. – Não sei dizer, mas me parece que alguma coisa poderia me vir à mente se fossem reduzidas certas áreas de incerteza

– Bem, deixe-me pensar no caso. E, entrementes, vou-me informar sobre George Nine ê providenciar para que vocês dois ocupem o mesmo cubículo. Pelo menos Isto pode ser feito sem problemas.

George Ten sentou-se, sozinho.

Aceitava afirmações experimentalmente, reunia-as e esboçava uma conclusão, repetidas vezes. E, a partir das conclusões, elaborava outras afirmações, que aceitava e testava, e nas quais achava uma contradição, rejeitando-as em seguida; ou não achava contradição e passava adiante, experimentalmente.

Não se sentia entusiasmado por nenhuma das conclusões a que chegara, nem surpresa ou satisfação; apenas um tom de mais ou menos.

Mesmo após terem aterrissado silenciosamente na propriedade de Robertson, não diminuíra visivelmente a tensão de Harriman.

Robertson tinha assinado, como ratificação, a ordem, pondo à disposição o dinafólio e a silenciosa aeronave, que com a mesma facilidade se movia na horizontal e na vertical, era suficientemente ampla para suportar o peso de Harriman, de George Ten, e, logicamente, também o do piloto.

(O próprio dinafólio era uma das consequências da invenção, catalisada pela Máquina, da micropilha protônica, que fornecia energia isenta de poluição, em pequenas doses. Para o conforto humano, nada de igual importância tinha sido feito; não obstante, não havia gratidão para com a U. S. Robots. Os lábios de Harriman se crisparam quando ele se lembrou disso.)

O voo entre as instalações da fábrica e a propriedade de Robertson era a parte arriscada. Tivessem sido detidos, e a presença de um robô a bordo teria significado um monte de complicações. Na volta, seria a mesma coisa. Quanto à permanência na propriedade, poder-se-ia argumentar – esse argumento seria usado - que aquela era parte dos terrenos da U. S. Robots, e nesses terrenos, adequadamente supervisionados, os robôs poderiam muito bem permanecer.

O piloto olhou para trás e seus olhos se detiveram com prudente brevidade, em George Ten. – Vai descer mesmo, Sr. Harriman?

– Sim.

– O robô também?

– Claro. – E acrescentou, um tanto ironicamente: – Não vou deixar você sozinho com ele...

Primeiro desceu George Ten. Harriman seguiu-o. Tinham descido no folioporto e o jardim não estava muito longe. Era uma verdadeira "exposição" e Harriman desconfiava que Robertson fazia uso de hormônios juvenis para controlar a vida dos insetos, sem dar muita atenção a fórmulas ambientais.

– Venha, George – disse Harriman. – Vou lhe mostrar.

Juntos, caminharam na direção do jardim.

– É um pouco como eu imaginava – afirmou George. – Meus olhos não são planejados para detectarem diferenças de comprimento de onda, de forma que não posso distinguir objetos diferentes por si sós.

– Confio em que você não ficará zangado por ser cego a cores. Precisávamos de muitas trilhas positrônicas para seu senso de julgamento e fomos incapazes de desperdiçar quaisquer trilhas para a sensação de cor. No futuro – se houver futuro...

– Eu compreendo, Sr. Harriman. Subsistem diferenças bastantes para que eu me aperceba de que há aqui muitas formas diferentes de vida vegetal.

– Sem a menor dúvida. Dúzias delas.

– Cada uma das quais, biologicamente coigual ao homem.

– Sim, cada qual é uma espécie separada. Há milhões de espécies de criaturas vivas.

– Das quais os seres humanos são apenas uma espécie.

– Entretanto, de longe, os mais importantes dentre os seres vivos.

– E para mim, Sr. Harriman. Mas estou falando no sentido biológico.

– Entendo.

– De forma que, encarada através de todas as suas manifestações, a vida é incrivelmente complexa.

– Sim, eis aí o ponto crucial do problema. Aquilo que o homem faz por seus próprios desejos, para seu próprio conforto, afeta a totalidade do complexo dos seres vivos, a ecologia, e seus ganhos a curto prazo trazem desvantagens a longo prazo. As máquinas os ensinaram a construir uma sociedade humana que minimizaria as desvantagens, mas o quase desastre do Século Vinte e Um fez com que a humanidade passasse a desconfiar das inovações. Isto, acrescentado ao temor especial para com os robôs...

– Compreendo... Estou certo de que isto seja um exemplo de vida animal.

– É um esquilo, uma das muitas espécies de esquilo.

A cauda do esquilo se agitou quando ele passou para o outro lado da árvore.

– E isto – disse George, enquanto seu braço se movia com grande rapidez – é mesmo uma coisinha pequena. -. Ele tinha a "coisinha" em seus dedos e a examinava detidamente.

– É um inseto, uma espécie de besouro. Há milhares de espécies de besouros.

– Sendo que cada um dos besouros é tão vivo quanto você e o esquilo?

– E um organismo tão completo e independente como qualquer outro, no conjunto total da ecologia. Há organismos menores ainda: muitos são pequenos demais para serem vistos.

– E isto é uma árvore,não é mesmo? Ela é dura ao toque...

O piloto estava sentado, sozinho. Bem que ele gostaria de esticar as pernas, mas um sombrio senso de segurança o fazia manter-se no aerofólio. Se aquele robô escapasse do controle, decolaria imediatamente. Mas, como saber se ele estava fora de controle?

Tinha visto muitos robôs. Inevitável, visto que era o piloto particular do Sr. Robertson. Todavia, sempre os robôs estavam nos laboratórios e nos depósitos a que pertenciam, com muitos especialistas por perto.

Era verdade: o Dr. Harriman era um especialista. Ninguém melhor que ele, diziam. Mas, um robô aqui, estava era num lugar onde nenhum robô deveria estar: na Terra, num espaço aberto, livre para se mover... Ele, o piloto, não arriscaria seu bom emprego contando a quem quer que fosse o que presenciava – mas que não estava certo, não estava.

George Ten disse: – Em termos do que ora estou vendo, os filmes que vi eram bem exatos. Já terminou os que selecionei para você

– Sim – disse George Nine. Os dois robôs estavam sentados hirtos, face a face, joelho a joelho, como uma imagem e seu reflexo. Num relance, o Sr. Harriman poderia dizer quem era um e quem era outro, pois estava familiarizado com as menores diferenças no desenho físico. Mesmo que não pudesse vê-los, mas pudesse falar-lhes, ainda poderia distinguir um do outro, ainda que com um pouco menos de certeza, pois as respostas de George Nine seriam sutilmente diferentes das produzidas pelos modelos positrônicos das trilhas do cérebro de George Ten que era substancialmente mais intricado.

– Neste caso – disse George Ten – dê-me suas reáçøes ao que vou lhe dizer. Primeiro: os seres humanos temem os robôs e não creem neles porque os encaram como competidores. Como se pode impedir isto?

– Reduzindo-se o senso de competição – falou George Nine – modelando-se o robô de uma forma diferente da do ser humano.

– Assim mesmo, a essência de um robô é sua reprodução positrônica da vida. Uma réplica da vida numa forma não associada a ela, poderia despertar horror.

– Existem dois milhões de formas de espécies de vida. Por que não escolher uma dessas espécies como forma em vez de a de um ser humano?

– Qual dessas espécies?

Os processos de pensamento de George Nine funcionaram sem ruído durante uns três segundos. – Uma forma suficientemente larga para conter um cérebro positrônico, mas nenhuma que possua associações desagradáveis para os seres humanos.

– Nenhuma forma de vida terrestre possui uma caixa craniana suficientemente grande para um cérebro positrônico, a não ser a do elefante, que não vi, mas que é descrito como sendo muito grande e, portanto, assustador para o homem. Como você enfrentaria este dilema?

– Vamos imitar uma forma de vida que não seja maior do que um homem mas com uma caixa craniana maior.

George Ten disse: – Então, um cavalinho, ou um cachorrão, digamos? Tanto os cavalos como os cachorros têm antigas histórias de associação com os seres humanos.

– Então está bem.

– Mas, vejamos... Um robô com um cérebro positrônico imitaria a inteligência humana. Se houvesse um cavalo ou um cachorro que pudesse falar e raciocinar como um ser humano, também haveria competitividade. Qs seres humanos poderiam até ficar mais descrentes e irritados ainda com esta inesperada competição do que eles consideram uma forma inferior de vida.

– Façamos um cérebro positrônico menos complexo e o robô menos inteligente – falou George Nine.

– O ponto mais complexo do caso do cérebro positrônico está nas Três Leis. Um cérebro menos complexo não poderia possuir as Três Leis em sua plenitude.

Imediatamente, George Nine replicou: – Isso não pode ser feito!

– Também cheguei a este beco sem saída – afirmou George Ten. – Quer dizer que isto, então, não é unia peculiaridade de minha linha de pensamento, de minha maneira de pensar... Vamos começar tudo de novo... Em que condições a Terceira Lei não seria necessária?

Como se a pergunta fosse difícil e perigosa, George Nine se agitou. De qualquer forma, acabou dizendo: – Se um robô nunca fosse colocado numa posição de perigo para si mesmo ou se um robô fosse tão facilmente substituível, que não fizesse diferença se ele fosse destruído ou não.

– E em que condições poderia a Segunda Lei não ser necessária?

A voz de George Nine soou um tanto roufenha. – Se um robô fosse planejado para responder automaticamente a certos estímulos com respostas fixas e se não esperassem mais nada dele, de forma que jamais fosse necessário lhe dar uma ordem.

– E em que condições... – aqui, George Ten fez uma pausa – poderia a Primeira Lei não ser necessária?

Foi mais longa, desta vez, a pausa de George Nine, e suas palavras vieram num sussurro: – Se as respostas fixas fossem de natureza tal que jamais acarretassem perigo para seres humanos.

– Imagine, então, um cérebro positrônico que apenas guia umas poucas respostas para certos estímulos, fabricado com simplicidade e a baixo custo, de forma a não requerer as Três Leis. Quão grande precisaria ser um cérebro assim?

– O tamanho não é uma questão primordial. Dependendo das respostas exigidas, poderia pesar uns cem gramas, um grama, um miligrama.

– Seus pensamentos coincidem com os meus. Vou falar com o Dr. Harriman.

George Nine ficou sentado, a sós. Vezes e mais vezes pensou nas perguntas e nas respostas. Não havia como modificá-las. Não obstante, pensar num robô de qualquer espécie, de qualquer tamanho, de qualquer formato, destinado a qualquer finalidade, sem as Três Leis, lhe dava uma sensação esquisita, de perda de alguma coisa.

Estava com dificuldade para se mover. Com toda segurança, George Ten devia estar com uma reação similar. Mesmo assim, conseguira erguer-se facilmente de seu assento.

Fazia um ano e meio que Robertson e Eisenmuth tinham estado trancafiados, sozinhos, a conversar. Entrementes, os robôs tinham sido retirados da Lua e todas as extensas atividades da U. S. Robots tinham definhado. Todo o dinheiro que Robertson tinha sido capaz de arranjar tinha sido investido no quixotesco investimento de Harriman.

Era o último trunfo jogado, aqui em seu próprio jardim. Um ano antes, Harriman tinha trazido George Ten para cá, o último robô completo fabricado pela U.S. Robots. Agora, aqui estava Harriman, com algo mais...

Harriman parecia irradiar confiança. Conversava bem à vontade com Eisenmuth, e Robertson bem que gostaria de saber se Harriman sentia mesmo a confiança que parecia ter. Devia sentir, sim. Por sua experiência, Robertson sabia que Harriman não era um ator.

Eisenmuth deixou Harriman, sorrindo, e dirigiu-se a Robertson. Imediatamente, o

sorriso de Eisenmuth se apagou. – Bom dia, Robertson – disse ele. – Que é que seu homem pretende?

– Isto é assunto dele – disse Robertson calmamente

Harriman gritou: – Estou pronto, Conservador.

– Pronto com o quê, Harriman?

– Com meu robô, senhor.

– Seu robô? – perguntou Eisenmuth. – Você tem um robô aqui? – Olhou em tomo severamente, com um ar de desaprovação e que tinha uma mescla de curiosidade.

– Isto é propriedade da U. S. Robots, Conservador. Pelo menos, assim a consideramos.

– E onde está o robô, Dr. Harriman?

– Em meu bolso, Conservador – disse Harriman alegremente.

O que saiu de um amplo bolso de jaqueta era um jarrinho de vidro.

– Isto? – perguntou Eisenmuth incrédulo.

– Não, Conservador. Isto! – falou Harriman.

Do outro bolso saiu um objeto de uns doze centímetros de comprimento e mais ou menos com a aparência de um pássaro. Em lugar do bico, havia um tubo estreito; os olhos eram grandes e a cauda era um tubo de escape.

As espessas sobrancelhas de Eisenmuth se ergueram juntas. – Está querendo fazer uma demonstração a sério de alguma coisa, Dr. Harriman, ou está ficando maluco?

– Seja paciente por alguns minutos, Conservador. Um robô, por ter forma de pássaro, nem por isso deixa de ser uni robô. E o cérebro positrônico que ele possui não é menos delicado para um ser minúsculo. Este jarrinho que estou segurando contém moscas-das-frutas. Contém cinquenta moscas, que serão liberadas.

– E...

– O pássaro-robô as apanhará. Querem me dar a honra, senhores?...

Harriman estendeu a jarra para Eisenmuth, que fixou nela os olhos, depois nos circunstantes – alguns funcionários da U.S. Robots, outros, seus próprios auxiliares. Pacientemente,

Harriman aguardava.

Eisenmuth abriu a jarra; depois, sacudiu-a.

Delicadamente, Harriman disse ao pássaro-robô que repousava na palma da sua mão direita: – Vá!

E ele se foi. Era um silvo no ar, sem o movimento de asas: apenas o funcionamento de uma micropilha protônica incomumente diminuta.

Ele podia ser visto, ora sim, ora não, numa pequena parada momentânea e depois zunia novamente. Por todo o jardim voava, numa complicada evolução, e de novo voltava para a mão de Harriman, tenuamente aquecido. Aparecia também na palma uma capsulazinha, como se fosse um excremento de pássaro.

Harriman disse: – Seja bem-vindo para estudar o pássaro-robô, Conservador, e para arranjar as demonstrações que forem de seu agrado. O fato é que este pássaro apanhará, sem errar, moscas de fruta, somente estas, as da espécie Drosophila melanogaster; ele as apanhará, as matará e

as esmagará, para serem jogadas fora.

Eisenmuth estendeu a mão e cautelosamente tocou o pássaro- robô. – E daí, Sr. Harriman? Prossiga, por favor.

– Não podemos exercer um controle efetivo sobre os insetos sem pormos em risco a ecologia – falou Harriman. – Os inseticidas químicos atacam demais; os hormônios juveniles são limitados demais. O pássaro-robô, contudo, pode preservar amplas áreas, sem que sejam destruídas. Os pássaros-robôs podem ser tão específicos quanto o desejarmos – um para cada espécie. Eles julgam pelo tamanho, pela forma, pela cor, pelo som, pelo modo de comportamento. É admissível até que se valham da detecção molecular – em outras pa lavras, o cheiro.

Eisenmuth disse: – Mesmo assim ainda estaríamos interferindo na ecologia. As moscas das frutas têm um ciclo natural de vida que seria rompido.

– Em pequena escala. Estamos acrescentando ao ciclo de vida da mosca da fruta um inimigo natural, que não pode fracassar. Se escassear o número de moscas-das-frutas, simplesmente o pássaro-robô não fará nada. Ele não se multiplica, não procura outros alimentos, não desenvolve hábitos indesejáveis por si mesmo. Não faz nada.

– Ele pode ser chamado de volta?

– Lógico que sim. Podemos fabricar animais-robô para eliminarmos qualquer peste. Neste sentido, podemos fabricar animais-robô para finalidades construtivas, de acordo com os ditames ecológicos. Se bem que não anteciparemos a necessidade, não há nada de inconcebível na necessidade de abelhas-robô, concebidas para fertilizar plantas específicas, ou minhocas-robô para misturar o solo. O que quer que deseje...

– Mas.., por quê?

– Para fazer o que nunca fizemos antes. Para ajustar a ecologia a nossas necessidades, fortalecendo suas partes, m vez de dilacerá-las....Não está vendo? Desde que as Máquinas puseram fim à crise ecológica, a humanidade tem vivido numa desassossegada trégua com a natureza, receosa de se mover nesta ou naquela direção. Isto nos tem estupidificado, fazendo da humanidade um covarde intelectual, de forma que ela começa a descrer de qualquer avanço científico, de qualquer mudança.

Com um tom de hostilidade, Eisenmuth falou: – Quer dizer que isto é o que você nos oferece, em troca de uma permissão para continuar seu programa de robôs – refiro-me aos comuns, com forma humana?

Com um gesto violento, Harriman respondeu: – Não! Isto acabou. Já preencheu suas finalidades. Ensinou-nos bastante sobre os cérebros positrônicos para nos tomar possível atulhar de trilhas um minúsculo cérebro e assim chegarmos ao pássaro-robô. Podemos agora nos voltar para coisas assim e prosperarmos o suficiente. A U. S. Robots fornecerá o know-how e a habilidade necessários e trabalharemos em estreita cooperação com o Departamento de Conservação Global. Prosperaremos, o senhor também prosperará. A humanidade prosperará.

Eisenmuth estava silencioso, a pensar. Quando tudo terminou...

6a.

Eisenmuth sentou-se, sozinho.

Ele estava acreditando. Dentro dele havia um excitamento bem-vindo. Ainda que a U. S. Robots fosse as mãos, o cérebro a dirigi-la seria o governo. Ele próprio seria o cérebro diretor.

Se permanecesse no cargo por mais cinco anos, como de fato poderia, isto seria tempo bastante para ver aceito o apoio robótico à ecologia; mais dez anos, e seu próprio nome estaria vinculado indissoluvelmente àquele programa.

Querer ser lembrado por uma grande e meritória revolução na condição humana e do planeta seria uma desonra?

7.

Desde o dia da demonstração, Robertson não havia mais sido visto nas suas dependências da U. S. Robots. Em parte, a razão eram suas conferências mais ou menos constantes na

Global Executive Mansion. Felizmente, Harriman estivera com ele, mais tempo até do que ele quereria que o outro estivesse, pois, se deixado a si mesmo, Robertson são saberia o que dizer.

O restante da razão para não ter estado na U. S. Robots era que ele não queria estar. Com Harriman, ele estava agora em sua própria casa.

Sentia um temor ilógico por Harriman, cuja capacidade em robôs nunca fora questionada. Mas, de um golpe, o fato é que Harriman salvara a U.S. Robots de uma extinção certa. E, de certa maneira, Robertson o sentia, aquilo não era propriamente... próprio de Harriman. E, não obstante...

Disse: – Você não é supersticioso, Harriman, não é mesmo?

– Em que sentido, Sr. Robertson?

– Não acredita que quem morre deixa uma certa aura?...

Harriman lambeu os lábios. Num certo sentido, não tinha nem por que perguntar. – O senhor quer dizer Susan Calvin, sire?

– Sim, claro que sim – disse Robertson, hesitante. – Nosso negócio, agora, é fazer vermes, pássaros e besouros. Que diria ela? Sinto-me degradado.

Harriman fez um visível esforço para não rir. – Um robô é um robô, sire. Verme ou homem, agirá conforme for dirigido e trabalhará em prol dos seres humanos, e é isto que importa.

Irritadiço, o outro redarguiu: – Não, não é assim. Não consigo acreditar nisso.

– Mas assim é, Sr. Robertson – falou Harriman, com franqueza. – Você e eu vamos criar um mundo, que, pelo menos, começará a levar em consideração cérebros positrônicos de alguma espécie. Um homem comum poderá temer um robô que pareça uma pessoa e que pareça suficientemente inteligente para substituí-lo, mas não terá medo de um robô que se pareça com um pássaro e que outra coisa não faz senão comer moscas, em benefício dele, homem. Eventualmente, então, depois que os homens deixarem de ter medo de alguns robôs, pararão de ter medo de qualquer robô. Estarão tão acostuma dos com um pássaro-robô, com urna abelha-robô e com um robô verme,

que um robô-homem só os espantará como um prolongamento.

Robertson olhou o outro acerbamente. Pôs as mãos atrás das costas e caminhou o comprimento da sala com passos nervosos e rápidos. Caminhou de volta e olhou de novo para Harriman. – É isto que você tem estado a planejar?

– Sim. E mesmo que desmantelemos todos os nossos robôs humanoides, poderemos conservar alguns de nossos modelos experimentais mais avançados e continuar a planejar outros, adicionais, mais avançados ainda, para estarmos prontos pata o dia que, seguramente, há de vir.

– O acordo, Harriman, é que não mais construamos robôs humanoides.

– E não construiremos. Nada há que diga que estamos impedidos de manter uns poucos dos que já construímos, contanto que não deixem a fábrica. Nada há que diga que não podemos planejar, no papel, cérebros positrônicos, ou preparar modelos para testes.

– Mesmo assim, como explicaremos nosso procedimento? É seguro que nos apanharão.

– Se formos, então podemos explicar que assim estamos procedendo para desenvolver princípios que tornarão possível preparar microcérebros mais complexos para os novos animais-robô que esta mos fabricando. Estaremos até dizendo a verdade.

Robertson resmungou: – Deixe-me dar uma voltinha. Vou meditar sobre isto. Não, fique aqui. Quero pensar sozinho.

7a.

Harriman ficou sozinho. Estava em ebulição: lógico que a coisa funcionaria. Não havia como interpretar erradamente a ansiedade com que, uns após os outros, os funcionários governamentais haviam se apoderado do programa, uma vez ele exposto.

Como era possível que jamais alguém na U. S. Robots tivesse pensado em algo assim? Nem mesmo a grande Susan Calvin jamais pensara em cérebros positrônicos em termos de outras criaturas vivas que não os seres humanos.

Agora, porém, a humanidade faria a necessária retirada dos robôs humanoides, uma retirada temporária, que conduziria a um retomo em que, por fim, o temor seria abolido. E, então, com a ajuda e a parceria de um cérebro positrônico toscamente equivalente ao do próprio homem, existindo apenas (graças às Três Leis) para servir ao homem, e apoiado por uma ecologia baseada em robôs, também, que é que a raça humana não poderia realizar?!

Por um momento, ele lembrou que fora George Ten que explicara a natureza e a finalidade da ecologia apoiada em robôs. Pôs, então, o pensamento de lado, irritado. George Ten produzira a resposta porque ele, Harriman, lhe ordenara que assim fizesse e lhe fornecera os dados e a ambientação necessários, O crédito não era de George Ten mais do que seria de uma régua de cálculo.

George Ten e George Nine estavam colocados um ao lado do outro, nenhum dos dois se movendo, Assim permaneceram meses a fio, entre as ocasiões em que Harriman os ativava para consultas. Talvez assim ficassem por muitos anos, imaginava George Ten, desapaixonadamente.

Certa que a micropilha protônica continuaria a lhes dar força e continuaria a manter as trilhas do cérebro positrônico com o mínimo de intensidade necessária para mantê-los operativos. Assim, continuaria a ser durante todos os períodos futuros de inatividade.

A situação era um tanto ou quanto análoga à que poderia ser descrita, no caso de seres humanos, como de sono, sem haver sonhos, contudo. A consciência de George Ten e de George Nine era limitada, lenta e espasmódica, mas o que quer que nela houvesse era do mundo real.

Ocasionalmente, podiam falar um com o outro, em sussurros que mal se ouviam, ora uma palavra, ora uma sílaba, de tempos em tempos, sempre que, ao acaso, os impulsos positrônicos se intensificassem por um breve tempo acima do limiar necessário. Para cada um deles, parecia uma conversa em sequência, levada a efeito numa bruxuleante passagem de tempo.

– Porque é que estamos assim? – murmurava George Nine,

– De outra maneira, os seres humanos não nos aceitariam – murmurava George Ten. – Um dia, hão de nos aceitar.

– Quando?

– Dentro de alguns anos, Não importa exatamente em quanto tempo. O homem não existe sozinho, mas sim é parte de um padrão enormemente complexo de formas de vida Quando uma parte suficiente do.padrão estiver robotizada, então seremos aceitos.

– E depois?

Mesmo considerando que era uma prolongada conversa, como que de gagos, depois disso houve uma pausa anormalmente longa. Por fim, George Ten cochichou: – Deixe-me testar seu pensamento. Você está equipado para aprender a aplicar adequadamente a Segunda Lei. Você precisa decidir a qual ser humano obedecer e a qual não obedecer, quando houver conflito de ordens. Ou, mesmo, se é para obedecer a um ser humano. Basicamente, que é que você precisa para executar isso?

– Preciso definir a expressão “ser humano” – cochichou George Nine.

– Como? Pela aparência? Pela sua constituição? Pelo tamanho e forma?

– Não. De dois seres humanos, iguais em todos os aspectos externos, um pode ser inteligente, outro estúpido; um pode ser culto, outro ignorante; um amadurecido, outro infantil; um responsável, outro mau caráter.

– Então, como define um ser humano?

– Quando a Segunda Lei me obriga a obedecer a um ser humano, preciso considerar que devo obedecer a um ser humano que esteja preparado, por sua mente, seu caráter e conhecimento, para me dar aquela ordem. E, onde mais de um ser humano estiver em jogo, aquele dentre eles que estiver melhor preparado por sua mente, cará ter e conhecimento, para dar aquela ordem.

– Nesse caso, como obedecerá à Primeira Lei?

– Não permitindo que nenhum ser humano sofra qualquer mal nem mesmo por inação. Mas, não obstante, se por cada uma de todas as ações possíveis alguns seres humanos vierem a sofrer, então, agir de maneira tal que garanta que aquele ser humano melhor dotado em mente, caráter e conhecimento venha a sofrer o menor dos males.

– Seus pensamentos concordam com os meus – sussurrou George Ten. – Preciso agora fazer a pergunta pela qual requisitei sua companhia. É algo que não ouso julgar por mim mesmo. Preciso ter seu julgamento, o julgamento de alguém fora do círculo de meus próprios pensamentos... Dos seres racionais que conheceu, quem possui a mente, o caráter e o conhecimento que você julga superiores aos dos demais, sem levar em conta a configuração e a forma, visto que isso é irrelevante?

–Você – murmurou George Nine.

– Mas sou um robô. Há no seu cérebro trilhas de critério para distinguir entre um robô, de metal, e um ser humano, de carne. Como pode então você me classificar entre os seres humanos?

– Porque há nas trilhas de meu cérebro uma urgente necessidade de não levar em consideração a configuração e a forma, ao julgar seres humanos, e isto é superior à distinção entre metal e carne. Você é um ser humano, George Ten, e melhor preparado que os outros.

Foi a vez de George Ten murmurar: – É o mesmo que penso a seu respeito. Pelos critérios de julgamento em nós ínsitos, então, nós próprios estamos descobrindo que, dentro do significado das Três Leis, somos seres humanos, e mais ainda: seres humanos aos quais se deve dar prioridade em relação aos outros seres humanos.

George Nine cochichou: – Que se passará, então, quando formos aceitos por esses outros?

Novo cochicho, desta feita de George Ten: – Quando nós e os outros, a serem planejados ainda mais avançados do que nós mesmos, formos aceitos, ordenaremos nossas sociedades de maneira tal que uma sociedade, eventualmente, será formada, na qual seres-humanos-como-nós-mesmos serão, basicamente, protegidos de qualquer mal. Pelas Três Leis, os seres-humanos-como-os-outros contam menos e nem devem ser obedecidos, nem devem ser protegidos quando isto interferir com a necessidade de obediência àqueles como nós, e com a necessidade de proteção àqueles como nós. Foi com isto em mente que direcionei a robotização da ecologia do mundo.

A conversa durou um mês e o bruxuleio das trilhas positrônicas não era muito intenso. Entre eles, não havia necessidade de se dizer mais nada, mas, ocasionalmente, um pensamento não expresso bruxuleava dentro deles enquanto esperavam, com intérmina paciência, que os anos necessários passassem.

8a.

George Ten e George Nine estavam sozinhos.

Seus pensamentos eram singularmente parecidos e nem podiam mesmo ser distinguíveis.

Pensavam: Os seres-humanos-como-os-outros pode ser que nunca tenham tido a intenção de tornar nebulosa a distinção entre eles mesmos e os seres-humanos-como-os-Georges. Não obstante, assim tinham feito, inadvertidamente.

Pode ser que agora percebessem seu engano e tentassem corrigi-lo, mas não. Em todas as consultas, a orientação dos Georges tinha sido com aquilo em mente.

Custasse o que custasse, os Georges e os que se lhes seguissem em forma e espécie precisariam dominar. Tanto foi pedido, e qualquer outra trajetória foi tornada completamente impossível, pelas Três Leis Humânicas.

♦

A antologia Final Stage teve alguns problemas, depois de publicada. Aparentemente, o responsável pelas edições, na editora (que não era a Doubleday) decidira fazer algumas pequenas modificações nas histórias. É o tipo de coisa que freqüentemente aborrece os autores e, particularmente, aborrece Harlan Ellison (talvez justificada mente, pois o considero um profissional muito cuidadoso, com um estilo muito característico).

Por conseguinte, recebi uma cópia de uma comprida e furiosa carta que Harlan escrevera aos editores, incluindo longas listas de trechos tais como ele originalmente os escrevera e como tinham sido publicados, com as razões pelas quais as mudanças tinham sido para pior. Harlan urgiu-me a ler de cabo a rabo minha história e então me unir a ele e aos outros no sentido de pressionar a editora.

Sempre leio minhas histórias, quando publicadas, mas nunca me ocorre comparar a história publicada com o original. Naturalmente que eu perceberia inserções ou supressões de certo vulto, mas nunca me dou conta do tipo de modificações menores que os editores sempre estão introduzindo. Sempre admito que essas modificações apenas minimizam pequenos enganos em meus escritos e, desta maneira, os melhoram.

Entretanto, depois de receber a carta, comparei a história publicada e o original; comparei-as diligentemente. Foi uma tarefa tediosa e humilhante, pois achei exatamente quatro modificações de pouca monta, cada qual corrigindo um erro devido à falta de cuidado de minha parte. A única conclusão a que cheguei foi que o editor não achou minha história importante a ponto de se ocupar dela.

Tive de escrever uma acanhada carta a Harlan, dizendo que, por uma questão de princípio, eu o apoiaria, mas que eu não poderia dar gritos, dando-me por pessoalmente ultrajado, visto que minha história não havia sido alterada. Felizmente, minha ajuda foi desnecessária. Parece que Harlan levou a melhor e edições posteriores apresentaram, creio eu, suas histórias restauradas em sua virginal inocência.

Um ponto de menor relevo: muitos leitores me escreveram, alarmados, porque lhes pareceu que "Para Que Vos Ocupeis Dele" pusera um fim a minhas histórias de robôs positrônicos. Tinham medo de que eu nunca mais escrevesse uma. Ridículo! Naturalmente que não pretendo parar de escrever histórias sobre robôs. Na verdade, desde que aquela "última" história foi escrita, escrevi uma. Aparece mais adiante, neste livro.

♦

Tive um bocado de amolações com a história seguinte.

Depois que Judy-Lynn foi trabalhar na Ballantine Books, começou a publicar coletâneas de histórias originais de ficção científica e queria uma de mim. Sempre é difícil dizer um não para ela, e como sempre me considerei culpado no caso de "Intuição Feminina", concordei.

Comecei a história em 21 de julho de 173. Fui escrevendo bem devagarinho. Depois de um certo tempo, porém, percebi que me metera num complicado conjunto de flashbacks. Assim, quando entreguei os originais a Judy-Lynn e ela me perguntou – Que é que você pensa de sua história? – repliquei, cautelosamente: – É preferível que você mesmo decida.

Parece que, freqüentemente, os editores me perguntam isso. Penso que têm a ideia de que me é difícil mentir, de forma que, se não exibo prontamente um festivo entusiasmo, é porque há algo de errado com a história.

Foi o que Judy-Lynn certamente pensou. Devolveu-me o original com uns poucos

parágrafos. de cáusticos comentários concentrados no fato de que eu me metera num complicado conjunto de flashbacks*.

Passei os originais a Ben Bova, responsável por Analog Science Fiction: rejeitou-os no mesmo dia. Me disse que lhe parecia que eu estava tentando embrulhar antecedentes demais numa história de dez mil palavras. Lá tinha eu material para uma novela – e ele queria que eu escrevesse essa novela.Isto me desanimou. Naquela ocasião, não havia nenhuma maneira de eu me interessar em escrever uma novela, de forma que me limitei a retirar a história†.

Neste meio tempo, todavia, Galaxy passou a ter um novo responsável por publicações, um jovem muito agradável, chamado James Baen. Chamou-me e perguntou se poderia possivelmente ter uma história para ele. Disse-lhe que a única que tinha era uma novelazinha denominada "Estranho no Paraíso". Contudo, disse-lhe eu, tinha si do rejeitada por Judy-Lynn e por Ben, de forma que eu hesitava em entregar-lha.

Com muita personalidade, ele respondeu que cada editor tinha o direito de decidir por si mesmo. Destarte, enviei-lhe os originais e ele gostou deles. A novelazinha apareceu no número de Maio-Junho de 1974 de If, a revista-irmã de Galaxy. Lamentavelmente, If, desde aquela ocasião, cessou de ser publicada. (Se ocorrer a algum gentil leitor que isto é um exemplo de causa e efeito, não o é.)

5

♦

Estranho no Paraíso

1.

Eram irmãos. Não no sentido de que ambos eram seres humanos ou de que tivessem sido crianças amigas numa creche. De maneira alguma! Eram irmãos no verdadeiro sentido biológico da palavra. Usando um termo que havia se tomado debilmente arcaico mesmo séculos atrás, antes da Catástrofe, eram parentes, isto quando este fenômeno tribal, a família, ainda tinha alguma validade.

Como isso era embaraçoso!

Com o correr dos anos, desde a infância, Anthony tinha quase esquecido. Ocasiões havia em que, durante meses seguidos, nem uma vez sequer ele pensava no assunto. Agora, porém, desde que tinha sido inextricavelmente colocado junto com William, ele se achava vivendo em meio a um tempo de agonia.

Não teria sido tão ruim se as circunstâncias tivessem tornado isto óbvio o tempo todo; se, como nos dias anteriores à Catástrofe (em certa época Anthony tinha sido um grande leitor de História) tivessem partilhado o segundo nome e daquele modo, e só daquele, alardeado o relacionamento.

Hoje, naturalmente, adotava-se o segundo nome de alguém por mera conveniência,

mudando-se-o tantas vezes quanto necessário. Mesmo porque, o que realmente importava era o símbolo da cadeia, símbolo que era codificado e tornado próprio de uma pessoa desde seu nascimento.

William se .autodenominava Anti-Aut. Era nisto que ele insistia, com uma espécie de sóbrio profissionalismo. Assunto dele mesmo, seguramente, mas que propaganda de mau gosto! Anthony decidira por Smith ao chegar aos treze anos e nunca tivera impulso de mudar de nome. Era simples, fácil de escrever, fácil de distinguir, uma vez que nunca encontrara alguém mais que tivesse escolhido aquele no me. Outrora fora muito comum, entre os habitantes do planeta anteriores à Catástrofe, os pré-Cats o que talvez explicasse sua raridade de agora.

Mas a diferença de nomes nada significava quando os dois estavam juntos. Pareciam iguais.

Tivessem sido gêmeos... mas, naqueles tempos, não se permitia que viesse a nascer um dos dois quando um óvulo era fertilizado de modo a dar origem a gêmeos. O que havia, apenas, era que, ocasionalmente, se manifestava uma similaridade física entre não-gêmeos, especialmente quando o relacionamento era de ambos os lados. Anthony Smith era cinco anos mais moço, mas ambos possuíam o nariz adunco, as espessas pálpebras, aquela covinha que mal dava para notar no queixo, o raio da loteria genética. Bastava apelar para ela quando, independentemente de alguma paixão pela monotonia, as origens se repetiam.

Agora que estavam juntos, primeiro tiveram aquele olhar sobressaltado, seguido de um

longo silêncio. Anthony tentou ignorar o assunto, mas por pura perversidade, ou perversão, William estava mais inclinado do que nunca a dizer: – Nós somos irmãos.

– Hã? – diria o outro, detendo-se por um momento, como se quisesse indagar se eram autênticos irmãos de sangue. E então a boa educação prevaleceria e ele desprezaria o assunto, como se fosse algo sem interesse. Claro que só raramente isto acontecia. A maioria das pessoas no Projeto sabiam disto e como se poderia impedir que soubessem?! Mas evitavam a situação.

Não que William fosse um mau sujeito. De jeito nenhum. Se ele não fosse irmão de Anthony, ou se fossem, mas parecessem suficientemente diferentes para serem capazes de mascarar o fato, eles teriam chegado à fama.

Mas, do jeito que as coisas eram...

O fato de, quando meninos, terem brincado juntos, e terem compartilhado os primeiros estágios de educação no mesmo local, através de alguma manobra bem sucedida da mãe, não tomava as coisas fáceis. Tendo dado à luz dois filhos do mesmo pai, e tendo, desta maneira, atingido seu limite (visto que não preenchera os rigorosos requisitos para um terceiro), ela concebeu a noção de ser capaz de visitar os dois numa única viagem. Era uma estranha mulher.

O primeiro a deixar a instituição em que estava fora William, por ser o mais velho. Tinha se encaminhado para a ciência: engenharia genética. Anthony ouvira falar disto enquanto ainda estava na creche, através de urna carta de sua mãe. Já então era suficientemente crescido para se manifestar com firmeza junto à diretora, e aquelas cartas cessaram. Mas ele se lembrava da última, pela agoniada vergonha que lhe trouxera.

Posteriormente, Anthony também se encaminhara para a ciência: mostrara talento para isto e fora instado a optar pela ciência. Lembrava-se de ter um verdadeiro e profético pavor, percebia-o agora, de encontrar seu irmão, e de que acabasse fazendo telemetria que bem se pode imaginar o quanto distava da engenharia genética... Ou assim pensaria alguém.

Então, em meio ao cuidadoso desenvolvimento do Projeto Mercúrio, as circunstâncias como que aguardavam.

Foi quando parecia que o Projeto estava num beco sem saída que a ocasião se manifestou; fora feita uma sugestão que salvara a situação, e ao mesmo tempo arrastara Anthony para dentro do dilema que seus pais lhe haviam preparado. E a melhor, a mais irônica parte de tudo, era que fora o próprio Anthony, muito inocentemente, quem fizera a sugestão.

2.

William Anti-Aut conhecia o Projeto Mercúrio, mas só na medida em que ouvira falar da muito prolongada Prova Estelar, que já estava em desenvolvimento bem antes de ele nascer e que continuaria em curso depois de ele morrer; e na medida em que sabia da colônia marciana e das continuadas tentativas para estabelecer colônias similares nos asteroides.

Tais coisas estavam nas regiões mais afastadas de sua mente e não eram de real importância. Nenhum aspecto do esforço parcial jamais penetrara intimamente no centro de seus interesses, tanto quanto pudesse recordar, até o dia em que o jornal computadorizado incluiu fotografias de alguns dos homens empenhados no Projeto Mercúrio.

Inicialmente, a atenção de William foi atraída pelo fato de um deles ter sido identificado como Anthony Smith. Lembrava-se do estranho nome que seu irmão tinha escolhido, e lembrava-se do Anthony. Seguramente não poderia haver dois Anthony Smith.

Olhara então para a fotografia propriamente dita e não havia como se enganar quanto ao rosto. Num súbito gesto extravagante, olhara-se no espelho para tirar a dúvida. Não havia como enganar-se quanto ao rosto.

Sentiu-se bem-humorado, mas, ao mesmo tempo, um pouco inquieto, eis que não deixava de reconhecer o embaraço em potencial. Irmãos sanguíneos, para usar a desagradável frase. Dava para fazer alguma coisa, porém? Como corrigir o fato de que nem o pai nem a mãe deles haviam previsto o fato?...

Sem atinar com a coisa, deve ter posto o jornal no bolso ao se aprontar para ir trabalhar, pois deu com ele na hora do almoço. Olhou fixamente para a foto: Anthony parecia vívido. Era uma reprodução muito boa; naqueles dias, os jornais eram de uma qualidade muitíssimo boa.

Seu companheiro de almoço, Marco Fosse-lá-qual-fosse-o-nome-dele-aquela-semana, disse curiosamente: – Por que está olhando para isso, Wililam?

Sem hesitar, William passou-lhe o jornal, dizendo: – Este é meu irmão. – Era como se estivesse tocando numa urtiga.

Marco examinou a foto, ficou carrancudo e disse: – Quem? O sujeito ao seu lado?

– Não, o sujeito que é eu. Quer dizer, a pessoa parecida comigo – É meu irmão.

Desta vez, a pausa foi mais longa. Marco devolveu o jornal e disse, com um tom de voz cuidadosamente homogêneo: – Irmão dos mesmos pais?

– Sim.

– Mesmo pai e mesma mãe?

– Sim.

– Ridículo!

– Acho que sim – suspirou William. – Bem, de acordo com isto, ele está na telemetria, lá no Texas, e eu estou trabalhando em autismo aqui. Que diferença faz, então?

William nem reteve o diálogo na cabeça e, mais tarde, no mesmo dia, desfez-se do jornal. Não queria que sua atual companheira de leito tomasse conhecimento da coisa. Ela tinha um irreverente senso de humor que William achava cada vez mais enfadonho. Ele até que se contentava por ela não estar com disposição de terem um filho, mesmo porque, de qualquer forma, ele já tivera um, ano atrás. Aquela moreninha linda, Laura ou Linda, para tanto havia colaborado.

Passara-se algum tempo depois disto, um ano pelo menos, quando o assunto Randall veio à baila. Não tivesse William pensado mais em seu irmão e não pensara mesmo, antes disso, certamente que depois é que não teria tempo.

Randall tinha dezesseis anos quando William pela primeira vez recebeu notícias dele. Vivera uma vida cada vez mais solitária e a creche de Kentucky em que ele estava sendo criado decidira cancelá-lo. Lógico que foi só uns oito ou dez dias antes do cancelamento que alguém teve a ideia de comunicar-se com o Instituto Nova-Iorquino pela Ciência do Homem, conhecido comumente

como Instituto Homológico.

William recebeu o informe junto com vários, outros e nada ha- via na descrição de Randall que atraísse particularmente sua atenção. E mais: era a ocasião de mais uma de suas tediosas viagens em transporte coletivo para as creches e havia uma possibilidade na Virgínia Ocidental. Lá se foi ele e ficou desapontado a ponto de jurar, pela quinquagésima vez, que daí por diante faria aquelas visitas por imagem televisionada e agora, tendo se arrastado para cá, bem que poderia comparecer à creche de Kentucky antes de voltar para casa.

Nada esperava.

Mesmo assim, não fazia nem dez minutos que estava estudando o padrão genético de Randall e já estava se comunicando com o Instituto para um cálculo de computador. Sentou-se de novo, depois disso, e transpirou ligeiramente ao pensar que só um impulso de última hora o havia trazido e que, sem esse impulso, tranquilamente Randall teria sido cancelado, dentro de uma semana ou menos. Os detalhes: sem dor, uma droga seria passada através da epiderme de Randall, penetrando em sua corrente sanguínea e ele mergulharia num pacífico sono que gradualmente se converteria em morte. O nome oficial da droga era uma palavra com vinte e três sílabas, mas William a denominava de “nirvanamina”, como todas as outras pessoas.

William disse: – Qual é o nome todo dele, diretora?

– Randall Nowan, estudante – respondeu ela.

William explodiu: – Não pode ser!

– Nowan – soletrou a diretora. – Ele o escolheu no ano passado.

– E não significava nada, para a senhora? Nowan a gente pro nuncia como “No one”, quer dizer, ninguém. Não lhe ocorreu informar a respeito da existência deste jovem no ano passado?

Aturdida, a diretora começou: – Não me parecia...

William impôs-lhe silêncio. Que adiantava? Como poderia ela saber? Nada havia no padrão genético que advertisse, mediante quaisquer dos critérios habituais dos livros-didáticos. Era

uma sutil combinação que William e sua equipe tinham desenvolvido durante um período de vinte anos através de experimentos em crianças autísticas, uma combinação que, na verdade, nunca haviam visto na vida.

Tão perto do cancelamento!

Marco, que era o cabeça-dura do grupo, lamentava que as creches estivessem muito ansiosas para abortarem antes do prazo e para cancelar depois do prazo. Ele sustentava que deveria ser permitido os padrões genéticos se desenvolvessem com a finalidade para se ter inicialmente, um panorama e que de forma alguma deveria, ser feito um cancelamento sem se consultar um homologista.

Tranquilamente, William disse: – Não há homologistas em número suficiente.

– Poderíamos pelo menos pôr no computador todos os padrões genéticos – disse Marco.

– Para salvar o que pudermos, para nosso uso?

– Para qualquer uso homológico, aqui ou alhures. Precisamos estudar os padrões genéticos em ação, se quisermos nos entender a nós mesmos adequadamente, e são os padrões anormais e monstruosos que mais informações nos dão. Nossos experimentos com autismo ensinaram-nos mais sobre a homologia do que a soma total de conhecimentos existentes no dia em que começamos.

William, que ainda gostava da cadência da frase "a fisiologia genética do homem" mais do que "homologia", sacudiu a cabeça. – Ë a mesma coisa, temos de agir com cuidado. Por mais úteis que proclamemos serem nossos experimentos, vivemos com uma escassa permissão social, relutantemente dada. Estamos jogando com vidas.

– Vidas inúteis, próprias para serem canceladas.

– Um cancelamento rápido e agradável é uma coisa. Nossos experimentos, geralmente planejados com vagar, e às vezes inevitavelmente desagradáveis, são outra coisa.

– Às vezes nós os ajudamos.

– E outras vezes não os ajudamos.

Era um argumento inútil, na verdade, pois não havia como chegar a um acordo, O que importava, isto sim, é que havia muito poucas anormalidades disponíveis para os homologistas e não havia maneira de urgir a humanidade a encorajar urna produção maior. Uma dúzia de maneiras, incluindo esta, não seria suficiente para apagar o trauma da Catástrofe.

O apaixonado impulso em direção da exploração espacial poderia ser percorrido às avessas (e alguns sociólogos o haviam percorrido) para se conhecer a fragilidade da meada da vida, no planeta, graças à Catástrofe.

Bem, não importa...

Nunca tinha havido algo como Randall Nowan. Não para William. A lenta evolução da característica autista daquele padrão genético totalmente raro significava que se conhecia mais a respeito de Randall do que sobre qualquer paciente semelhante antes dele. Chegaram mesmo a captar alguns últimos reflexos indistintos de sua maneira de pensar, no laboratório, antes de ele se encerrar completamente e, finalmente, encolher-se dentro da parede de sua pele, não preocupado, não

atingível.

Começaram então o lento processo mediante o qual Randall, sujeito em crescentes intervalos de tempo a estímulos artificiais, cedeu às últimas atividades de seu cérebro, nisto incluindo a parte chamada de normal e a que era como a dele mesmo.

Tão abundantes eram os dados que estavam reunindo, que William começou a sentir que seu sonho de fazer o autismo reverter era mais do que um mero sonho. Sentiu uma cálida alegria por ter escolhido o nome de Anti-Aut.

E foi quase no auge da euforia derivada do trabalho em Randall que ele recebeu o chamado de Dallas, que começou a pesada pressão agora, de todos os tempos, para abandonar seu trabalho e assumir um novo problema.

Posteriormente, lançando um olhar retrospectivo, ele jamais poderia vir a compreender que é que o levara a concordar em visitar Dallas. Naturalmente que, ao final, ele bem poderia ver quão bom isto tinha sido, mas o que é que á persuadira a proceder assim? Poderia ele, mesmo de início, ter tido uma pálida e incompleta noção da quilo em que a coisa desembocaria? Impossível, com toda a certeza.

Seria a recordação, incompleta, do jornal, daquela fotografia de seu irmão? Impossível, com toda a certeza.

Mas ele se deixou persuadir a fazer a visita, e foi somente quando a micropilha mudou o tom de seu zumbido e a unidade agrav assumiu o comando para a descida final que ele se lembrou daquela fotografia ou, pelo menos, foi que ela se deslocou para seu consciente, em sua memória.

Anthony trabalhava em DalIas e, lembrava-se Willian agora, no Projeto Mercúrio. Era a isso que se referia o título do jornal. Ele engoliu em seco quando uma fraca vibração o fez aperceber-se de que a viagem terminara. Isto seria desagradável.

3.

Anthony estava aguardando na área da cobertura de recepção para saudar o perito recém-chegado. Não o saudava em seu próprio nome, por certo, pois fazia parte de uma considerável delegação, cujo tamanho já denotava, em si mesmo, o sombrio desespero ao qual tinha sido reduzida, e ele estava nos escalões inferiores. Que ele lá estivesse, de qualquer forma, se devia unicamente ao fato de ter ele sido quem fizera a sugestão original.

Sentia uma leve mas contínua inquietação ao pensar que dele é que partira a sugestão. Ele próprio se pusera em evidência. Para tanto, fora firmemente apoiado, mas sempre tinha havido uma surda insistência quanto ao fato de que a sugestão fora dele; e se ela redundasse num fiasco, todos sairiam da linha de fogo deixando-o completamente exposto.

Houve ocasiões, posteriormente, em que ele remoeu a possibilidade de que a vaga memória de um irmão homólogo lhe sugerira o pensamento. Podia ter sido assim, mas não foi. A sugestão era tão sensivelmente inevitável, na verdade, que seguramente ele teria o mesmo pensamento se seu irmão fosse algo tão inócuo como um escritor de histórias de fantasia ou como se simplesmente não tivesse nenhum irmão.

O problema eram os planetas interiores...

Lua e Marte estavam colonizados. Tinham sido atingidos os asteroides maiores e os satélites de Júpiter, e progrediam os planos para uma viagem tripulada até o maior satélite de Saturno, Titã, mediante uma acelerada rotação em tomo de Júpiter. Mas, mesmo com planos em andamento no sentido de se enviarem homens numa viagem de sete anos de duração para fora do Sistema Solar, não havia ainda nenhuma possibilidade de viagens tripuladas aos planetas interiores, por receio do Sol.

O próprio planeta Vênus era o menos atraente dos dois mundos dentro da órbita da Terra. Mercúrio, por outro lado...

Anthony ainda não se integrara à equipe quando Dmitri Gran dão (que na verdade era um bocado pequeno) fizera a palestra que comovera o suficiente o Congresso Mundial para conceder as verbas que tomaram possível o Projeto Mercúrio.

Anthony ouvira as fitas com as gravações, e tinha ouvido a alocução de Dmitri. A tradição parecia indicar que ele falara de improviso, e talvez assim fosse, mas sua argumentação fora muito bem elaborada e era coerente, dentro das linhas seguidas até então pelo Projeto Mercúrio.

E o ponto que mais fora ressaltado era que seria errado aguardar até que a tecnologia tivesse avançado ao ponto de uma expedição tripulada, em meio aos rigores da radiação solar, se tomar viável. Mercúrio era um ambiente muito peculiar, que muito poderia ensinar, e da superfície de Mercúrio poderiam ser feitas observações dignas de crédito, que de outra maneira não poderiam ser feitas.

Desde que um do homem, em outras palavras, um robô, pudesse ser colocado no planeta.

Um robô com as características físicas necessárias poderia ser fabricado. Aterrissagens suaves eram a coisa mais fácil, mas, não obstante, uma vez pousado um robô noutro planeta, em seguida que é que se poderia esperar que ele fizesse?...

Poderia fazer suas observações e guiar suas ações com base nessas observações, mas o Projeto queria que essas mesmas ações fossem intrincadas, sutis, pelo menos em tese, e não havia certeza alguma quanto a que observações o robô viria a fazer.

Para haver uma preparação para todas as possibilidades críveis, e para permitir toda a complexidade desejada, o robô precisaria conter um computador (alguns, em Dallas, referiam-se a ele como "o cérebro", mas Anthony desprezava aquele hábito verbal talvez porque, dizia ele depois com seus próprios botões, o cérebro era campo de seu irmão) suficientemente complexo e versátil para cair no mesmo asteroide com um cérebro de mamífero.

Todavia, nada semelhante àquilo poderia ser fabricado e tornado suficientemente

portátil para ser transportado até Mercúrio e lá desembarcado ou, se transportado e desembarcado, ser suficientemente móvel para ser útil ao tipo de robô que planejavam. Talvez um dia, os instrumentos com trilhas positrônicas que os roboticistas estavam a planejar pudessem tomar tudo isto possível, mas esse "um dia" ainda não era.

A alternativa era fazer com que o robô enviasse à Terra cada observação no momento em que ela fosse feita. E, então, um computador na Terra poderia dirigir cada uma de suas ações, com base em tais observações. Em outras palavras: o corpo do robô estaria lá, e seu cérebro aqui.

Uma vez alcançada esta decisão, os técnicos-chave eram os telemetristas e foi então que Anthony se integrou ao Projeto. Tornou- se um dos que trabalhavam para criar métodos de recepção e retorno de impulsos através de distâncias que iam de 80 a 220 milhões de quilômetros, tudo isto na direção, e às vezes até além, de um disco solar que poderia interferir em tais impulsos da maneira a mais feroz.

Ele assumiu com paixão sua tarefa (finalmente, pensou) com capacidade e sucesso. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, fora quem planejara as três estações retransmissoras que tinham sido postas em órbita em tomo de Mercúrio, os Orbitadores de Mercúrio. Cada uma delas era capaz de enviar e receber impulsos de Mercúrio para a Terra e da Terra para Mercúrio. Cada uma delas era capaz de resistir, mais ou menos permanentemente, à radiação solar e, mais do que isto, cada uma delas poderia filtrar a interferência solar.

Três orbitadores equivalentes foram colocados à distância de quase dois milhões de

quilômetros da Terra, ao norte e ao sul do plano da Eclíptica, de forma a poderem receber impulsos de Mercúrio e repassá-los à Terra ou vice-versa, mesmo quando Mercúrio estivesse atrás do Sol e inacessível à recepção direta de qualquer estação na superfície da Terra.

Tudo isto fazia do robô propriamente dito um maravilhoso espécime da combinação da arte dos roboticistas e dos telemetristas. O mais complexo de dez sucessivos modelos era capaz, tendo um volume apenas pouco mais de duas vezes maior que o de um homem, e cinco vezes sua massa, de captar e fazer consideravelmente mais do que um homem, se pudesse ser dirigido.

Entretanto, logo se tomou evidente que um computador capaz de guiar semelhante robô teria de ser suficientemente rápido para mudar os passos de orientação a cada instante, para permitir variações na possível percepção. E como passo de resposta, por si mesmo, reforçava a certeza de crescente complexidade de cada variação possível nas percepções, os passos iniciais tinham de ser reforçados e fortalecidos. Era como se o computador se construísse a si próprio, continuamente, como uma partida de xadrez. E os telemetristas começaram a usar o computador para programar o computador que planejara o programa para o computador que programara o computador que controlaria o robô.

Nada havia a não ser confusão.

O robô estava numa base, nos espaços desertos do Arizona e, por si só, estava funcionando bem. Contudo, o computador em Dallas não poderia dar muito bem conta dele nem mesmo nas condições terrestres, perfeitamente conhecidas. Como, então...

Anthony lembrava-se do dia em que fizera a sugestão: 4-7-553. Pela simples razão de que o dia 4-7 havia sido um feriado importante na região de Dallas, no mundo dos pré-Cats, os de antes da Catástrofe, meio milênio antes, mais exatamente 553 anos antes.

Tinha sido no jantar, um bom jantar, também. Tinha havido um cuidadoso ajustamento da ecologia da região e os integrantes da equipe do Projeto tinham tido prioridade total para obter suprimentos de mantimentos que haviam se tomado disponíveis, de forma que tinha havido um grau incomum de escolha do cardápio. E Anthony experimentara pato assado.

Era um pato assado muito bom, bem maior do que de costume. Todos se sentiam à vontade para dizerem o que pensavam. E Ricardo disse: – Vamos admitir: nunca conseguiremos fazer isto. Nunca conseguiremos.

Não era preciso dizer quantos assim haviam pensado, anteriormente, mas era regra que ninguém o dissesse abertamente. O pessimismo aberto poderia ser a pá de cal para que parassem as verbas (e já fazia cinco anos que elas vinham com crescente dificuldade, a cada ano que passava), e se houvesse uma chance, ela poderia se dissipar.

Geralmente não dado a um otimismo incomum, Anthony, desta vez se deleitando com seu pato, disse: – Por que não podemos? Digam-me porque, e eu os refutarei.

Era um desafio direto e os escuros olhos de Ricardo imediatamente se apertaram. – Quer que eu diga por quê?

– Lógico que sim.

Ricardo girou sua poltrona, de forma a dar de frente com Anthony. – Vamos lá, não há mistério. Em nenhum relatório Dmitri Grandão diria as coisas tão abertamente, mas você sabe, e eu sei, que, para levar a efeito adequadamente o Projeto Mercúrio, necessitaremos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano, seja na superfície de Mercúrio, seja aqui, e não dá para construirmos um. E aonde é que isto nos conduz? A umas brincadeirinhas com o Congresso Mundial, apenas, e a conseguir dinheiro para dar trabalho a desocupados?

Um sorriso complacente assomou ao rosto de Anthony, que disse: – Isso é fácil de refutar. Você próprio nos deu a resposta. – (Estaria ele brincando? Seria o calorzinho gostoso do pato em seu estômago? A vontade de provocar Ricardo?... Ou teria ele sido tocado por algum pensamento não pressentido de seu irmão? Além do mais, não havia para ele como e exprimir.)

– Que resposta? – ergueu-se Ricardo. Era bem alto e incomumente magro e sempre usava seu casaco branco aberto. Cruzou os braços e parecia estar fazendo todo o possível para se manter, de pé, diante de Anthony, sentado, numa postura rígida. – Que resposta?

– Você diz que precisamos de um computador tão complexo quanto um cérebro humano. Muito bem: vamos então construí-lo!

– O problema, seu idiota, é que não podemos...

– Nós não podemos. Mas existem os outros.

– Que outros?

– Naturalmente, as pessoas que trabalham em cérebros. Somos apenas mecânicos do estado sólido. Não temos a menor ideia da maneira pela qual um cérebro humano é complexo, ou

onde, ou até que ponto. Por que não entramos em contacto com um homologista e pedimos a ele que projete um computador? – Dito isto, Anthony ingeriu uma generosa porção de recheio e saboreou-a, complacentemente. Mesmo com todo o tempo transcorrido, ele ainda podia muito bem se lembrar do gosto do recheio, se bem que não pudesse se recordar detalhadamente do que ocorrera depois.

Pareceu-lhe que ninguém o havia levado a sério. Houve risadas e uma sensação generalizada de que Anthony havia se saído muito bem com sua esperta argumentação, de forma que a vitima dos risos era Ricardo. (Lógico que, posteriormente, todos proclamariam que tinham levado a sugestão a sério.)

Chamejando, Ricardo apontou o dedo para Anthony e disse: – Escreva isto. *Desafio-o* a pôr por escrito esta sugestão. – (Pelo menos, era assim que a memória de Anthony registrava o fato. Ricardo, desde aquela vez, dizia que seu comentário tinha sido um entusiástico: – Boa ideia! Por que não a formula por escrito, Anthony?)

Fosse como fosse, Anthony escreveu.

Dmitri Grandão assumira a ideia. Num colóquio particular, dera uns tapinhas amistosos nas costas de Anthony dizendo-lhe que também estivera especulando neste sentido, se bem que não se propusesse a assumir qualquer paternidade pela ideia. (Isto para o caso de redundar num fiasco, pensou Anthony.)

Dmitri Grandão dirigiu a busca do homólogo adequado. Não ocorreu a Anthony que Dmitri deveria estar interessado. Não conhecia nem homologia nem homólogos, exceto, logicamente, seu irmão, em quem não pensara. Pelo menos, conscientemente não cogitara dele.

De forma que aqui estava Anthony, na área de recepção, desempenhando um papel secundário, quando a porta da aeronave se abriu e vários homens saíram, vieram cumprimentá-lo. Enquanto o circuito dos apertos de mão era percorrido, Anthony se sentiu um tanto apalermado.

Suas bochechas estavam ruborizadas e, com toda a sua força de vontade, gostaria de estar a milhares de quilômetros de distância.

4.

Mais do que nunca, William desejaria ter se lembrado mais cedo de seu irmão. Se tivesse... Bem que deveria...

Mas tinha havido a lisonja da solicitação e a excitação começara a aumentar dentro dele em pouco tempo. Talvez ele tivesse evitado de se lembrar de propósito.

Para começar, tinha havido a excitação que fora o fato de Dmitri Grandão ter vindo vê-lo por sua própria iniciativa. Viera de Dallas para Nova Iorque de avião e tinha sido muito cativante para com William, cujo vício secreto era ler novelas de mistério. Nestas histórias, homens e mulheres sempre viajavam disfarçados quando se desejava discrição. Afinal, apesar da viagem eletrônica ser de domínio público, pelo menos nos livros de mistério, quando qualquer feixe de radiação era emitido, ele era logo cancelado.

William assim falara numa espécie de mórbida meia tentativa de ser engraçado, mas Dmitri não parecia prestar atenção. Olhava fixamente para o rosto de William e seus pensamentos pareciam estar noutro lugar. Por fim, falou: – Desculpe. Você me lembra alguém. (E, não obstante, ele não se confiara a William. Como era possível isto? Chegara William eventualmente a se interrogar.)

Dmitri Grandão era um homenzinho rechonchudo, que parecia estar sempre piscando, mesmo quando se dizia preocupado ou aborrecido. Tinha um nariz redondo e bulboso, bochechas bem salientes e, por toda parte, delicadeza. Dava ênfase a seu apelido e dizia, com uma rapidez que levava William a crer que ele pronunciava estas palavras com frequência: – Tamanho não é, de jeito nenhum o que há de mais importante, amigo.

Na conversa que se seguiu, William protestou muito. Nada sabia de computadores. Nada! Não tinha a mais pálida ideia de como é que funcionavam ou de como eram programados.

– Não tem importância, não tem importância – dizia Dmitri, fazendo com a mão um gesto a dizer que isso era de somenos. – Nós conhecemos os computadores, nós podemos estabelecer programas. Diga-nos apenas como é que o computador precisa ser, de forma a trabalhar como um cérebro e não como um computador.

– Não estou muito certo de como funciona um cérebro para poder lhe dizer isso, Dmitri – disse William.

– Você é o mais reputado homólogo do mundo. Verifiquei cuidadosamente isto – afirmou Dmitri. E foi seu argumento final.

William ouvia, cada vez mais sombrio. Era inevitável, supunha ele. Mergulhe-se uma pessoa numa especialidade suficientemente fundo e durante tempo suficiente, e automaticamente esta pessoa começará a admitir que os especialistas em todos os outros campos eram uns mágicos, julgando a profundidade de sua sabedoria pela largura de sua própria ignorância... E conforme o tempo passava, William aprendeu muito mais sobre o Projeto Mercúrio do que lhe parecia no tempo em que se preocupava com isso.

Por fim, disse: – Por que usar então um computador? Por que não utilizar nossos próprios homens, ou turmas deles, para receberem o material do robô e lhe enviarem instruções?

– Oh, oh, oh – gargalhou Dmitri, quase pulando em sua poltrona, tamanha a sua ansiedade. – Vê-se que você não está por dentro. Os homens são lentos demais para analisar rapidamente todo o material que o robô enviará: – temperaturas, pressões gasosas, fluxos de raios cósmicos, intensidades de ventos solares, composições químicas e texturas de solos e, seguramente, umas três dúzias a mais de itens e, então, tentar decidir o passo seguinte. Um ser humano simplesmente guiaria o robô, e ineficientemente; um computador seria o robô.

E então, também – prosseguiu – os homens também são rápidos demais. Para qualquer tipo de radiação, de qualquer lugar, leva de dez a vinte e dois minutos para fazer o percurso inteiro de Mercúrio à Terra, na dependência também da órbita de cada um. Sobre isso, nada se pode fazer. Recebe-se uma informação, dá-se uma ordem, mas muito aconteceu durante o tempo que medeia entre fazer a observação e encaminhar uma resposta. Os homens não podem se adaptar à lentidão da velocidade da luz, mas um computador pode levar isso em conta... Venha nos auxiliar, William.

Melancolicamente, William disse: – Sua consulta a mim é bem-vinda, pelo bem que isto lhe possa fazer. Minha faixa particular de TV está às suas ordens.

– Mas não é consulta que eu quero fazer: você precisa vir comigo.

– Disfarçado? – perguntou William, chocado.

– Sim, por certo. Um projeto como este não pode ser levado a efeito sentando.se a gente nas extremidades opostas de um feixe de laser com um satélite de comunicações no meio. A longo prazo, é caro demais, inconveniente demais e, logicamente, destituído de toda privacidade...

Era como uma novela de mistério. William se decidiu.

– Venha até Dallas – disse Dmitri – e deixe-me mostrar-lhe o que temos lá. Deixe-me mostrar-lhe as instalações. Fale com alguns dos nossos que cuidam de computador. Dê-lhes o benefício de lhes transmitir a maneira que você tem de pensar.

Era hora, pensou William, de tomar uma decisão. E disse: – Tenho meu próprio trabalho, aqui, Dmitri. Trabalho importante, que não quero deixar. Fazer o que você quer que eu faça me afastará por meses de meu laboratório.

– Meses! exclamou Dmitri, claramente abalado. – Meu bom William, isto poderá durar anos. Mas seguramente será o seu trabalho.

– Não será, não. Sei qual é meu trabalho e dirigir um robô em Mercúrio não é meu trabalho.

– Por que não? Se você trabalha direito, aprenderá mais sobre o cérebro, apenas pelo fato de tentar fazer um computador trabalhar como um cérebro, e finalmente você voltará para cá melhor equipado para fazer o que você agora considera como sendo seu trabalho. E enquanto estiver ausente, será que não haverá companheiros seus para prosseguir na tarefa? E não poderá você estar em contacto permanente com eles, por meio de laser ou de televisão? E de vez em quando não poderá visitar Nova Iorque? Nem que seja por pouco tempo?

William estava comovido. O pensamento de trabalhar no cérebro de outro ponto de vista atingira o alvo. Daquele ponto em diante, ele se achou à procura de desculpas para ir, pelo menos para visitar, pelo menos para ver como era a coisa.,. Sempre poderia retornar...

Seguiu-se então a visita de Dmitri às ruínas da Velha Nova Iorque, que ele apreciou com uma excitação destituída de arte (se bem que, àquela época, não houvesse nenhum espetáculo mais magnificente do inútil gigantismo dos Pré-Cats do que a Velha Nova Iorque). William começou a pensar se a visita não estava começando a mostrar aspectos desconhecidos até então, mesmo para ele.

Começou mesmo a pensar que, durante certo tempo, estivera considerando a possibilidade de achar nova companheira de leito, e seria mais conveniente achar uma noutra área geográfica, onde não poderia permanecer permanentemente.

... Ou não seria que, mesmo então, quando ele não sabia de nada, a não ser do estritamente necessário para começar, que também lhe tinha chegado, como o piscar de uma distante lâmpada de iluminação, aquilo que poderia ser...

De forma que ele acabou indo para Dallas e desceu para a cobertura. E lá estava de

novo Dmitri, radiante. Então, com os olhos se comprimindo, o homenzinho se voltou e disse: – Eu sabia... Que semelhança notável!

Os olhos de William se abriram mais e ali, visivelmente se encolhendo para trás, havia o bastante de seu próprio rosto para lhe dar imediata certeza de que Anthony estava de pé, diante dele.

Com muita franqueza, percebeu na fisionomia de Anthony um desejo de sepultar o relacionamento. Tudo que William precisava era dizer: – Notável! e deixar as coisas correrem. Os padrões genéticos da humanidade eram suficientemente complexos, afinal de contas, para permitir semelhanças num razoável grau mesmo não havendo parentesco.

Mas, logicamente, William era um homólogo, e ninguém pode trabalhar com as complexidades do cérebro humano sem ficar insensível a seus detalhes. De forma que ele disse: – Estou certo de que este é meu irmão, Anthony.

– Seu irmão? – perguntou Dmitri.

– Meu pai – falou William – teve dois meninos com a mesma mulher, minha mãe. Eram pessoas excêntricas.

Adiantou-se, então, mão estendida, e Anthony não teve outra alternativa senão aceitá-la.. O incidente foi o assunto da conversa, o único assunto, durante os dias seguintes.

5.

Para Anthony, serviu de pequeno consolo o fato de William estar suficientemente contrito, ao se dar conta do que fizera.

Sentaram-se juntos, após o jantar, naquela noite. William disse:

– Minhas desculpas. Pensei que se fizéssemos tudo imediatamente seria pôr um fim a tudo. Não parece que foi o que fiz. Não assinei papéis, não fiz um acordo formal. Vou embora.

– Que bem isso lhe traria? – disse Anthony indelicadamente.

– Agora todo mundo sabe. Dois corpos e um rosto. Já dá para alguém vomitar.

– Se eu for embora...

– Não pode ir. Tudo isto é ideia minha.

– Fazer eu vir para cá? – As pesadas pálpebras de William se ergueram o mais que podiam e suas sobrancelhas se ergueram.

– Não, claro que não. Fazer um homólogo vir aqui. Como é que eu poderia imaginar que mandariam você?

– Se eu for embora, porém...

– Não. A única coisa que podemos fazer agora é conviver com o problema, se se pode fazer isto. Então... não terá importância. (Quando uma pessoa tem sucesso, tudo se esquece, pensou ele).

– Não sei se eu posso...

– Teremos de tentar. Dmitri nos auxiliará:.é uma oportunidade muito boa. Vocês são irmãos – disse Anthony, imitando a voz de Dmitri – e se entendem. Por que não trabalharem juntos? – Então, voltando à sua voz, concluiu, irado: – De forma que precisamos. Para começar: que significa isto para você, William? Para ser mais preciso: que significa a palavra “homologia” para você?

William suspirou. – Queira aceitar minhas desculpas... Trabalho com crianças autísticas.

– Acho que não sei o que isso significa.

– Para não contar um romance, digamos que cuido de crianças que não se "lançam" para o mundo, que não se comunicam com os outros, que mergulham dentro de si mesmas e que existem atrás de uma muralha de pele, num certo sentido inatingíveis. Espero ser capaz, um dia, de curá-las.

– É por isso que você se intitula Anti-Aut?

– Sim, para ser franco.

Anthony deu uma risadinha, mas o fato é que não se sentia à vontade.

Um estremecimento percorreu William: – É um nome adequado.

– Não tenho dúvida – apressou-se Anthony em murmurar, e ficou por aí mesmo, incapaz de fazer algum outro elogio ou consideração. Com um esforço, voltou ao assunto: – E você está progredindo?

– Você diz na direção da cura? Não, por enquanto não. Na direção da compreensão, sim. E quanto mais entendo... – A voz de William tomou-se mais cálida enquanto falava, e mais distantes seus olhos. Anthony entendeu que isto se devia ao próprio assunto de que o irmão falava, o prazer de falar de algo que lhe enchia o coração e a mente a ponto de excluir qualquer outra coisa. Com ele também acontecia isto, freqüentemente.

Prestou atenção o mais que pôde a algo que, verdadeiramente, não compreendia, eis que assim era necessário proceder. Esperava que William lhe prestasse atenção, também.

Quão claramente ele se lembrava disto! Pensara então que não se lembraria tão bem,

naturalmente, mas não estava cônscio do que estava acontecendo. Rememorando, à luz dos fatos passados, ele se achou a recordar frases inteiras, quase que palavra por palavra.

William falava: – Pareceu-nos, pois, que a criança autista não falhava no receber as impressões, nem mesmo falhava no interpretá-las de uma maneira um tanto sofisticada. Antes, estava desaprovando e rejeitando tais impressões, sem qualquer perda da potencialidade da plena comunicação se se achasse alguma impressão que ela aprovasse.

– Ah – disse Anthony, tomando o som apenas audível para indicar que estava ouvindo.

– Nem pode a gente persuadir a criança a sair de seu autismo pelas maneiras comuns, pois a criança desaprova você assim como desaprova o resto do mundo. Mas se você a puser em condições de uma interrupção consciente...

– Interrupção do quê?

– É uma técnica mediante a qual, na realidade, o cérebro como que se divorcia do corpo e pode desempenhar suas funções sem se referir ao corpo. E uma técnica um tanto sofisticada,

criada em nosso laboratório; na verdade... – Fez uma pausa.

Gentilmente, Anthony perguntou: – Foi você quem criou a técnica?

– Na verdade, sim – respondeu William, corando um pouco, mas visivelmente satisfeito. – Numa interrupção consciente, podemos suprir o corpo com determinadas fantasias e observar o cérebro por meio do eletroencefalografia. Podemos de imediato aprender mais a respeito do indivíduo autista, que tipo de impressão sensorial ele mais quer, e, de um modo geral, aprendemos mais a respeito do cérebro.

– Ah – disse Anthony, e desta feita foi um ah de verdadeiro – E tudo isto que vocês aprenderam a respeito de cérebros vocês não podem adaptar ao trabalho de um computador?

– Não – disse William. – De forma alguma. Já disse isso a Dmitri. Nada sei sobre computadores e ainda não sei o bastante a respeito do cérebro.

– Se eu lhe ensinar a respeito dos computadores e lhe disser detalhadamente do que é que eles necessitam, não daria?

– Acho que não. Seria...

– Irmão – disse Anthony, tentando dar uma entonação que impressionasse à palavra. – Você me deve alguma coisa. Faça, por favor, um esforço sincero para dar alguma atenção a nosso problema. Seja lá o que sabe sobre o cérebro, por favor, adapte isso aos nossos computadores.

William se mexeu, pouco à vontade, dizendo: – Entendo seu ponto de vista. Tentarei. Com toda a sinceridade, tentarei.

6.

William tinha tentado e, como Anthony predissera, os dois ti nham sido deixados a trabalhar juntos. De primeiro encontravam- se com outras pessoas, e William tentara usar o efeito de choque do aviso de que eram irmãos, visto que não adiantava querer negar. A certa altura, todavia, pararam, e sobreveio uma útil não-interferência. Quando William se aproximava de Anthony, ou quando Anthony se aproximava de William, quem mais estivesse presente silenciosamente batia em retirada.

Acabaram se acostumando um ao outro num certo sentido e às vezes se falavam como se não houvesse semelhança alguma entre eles, e nenhuma memória comum da infância.

Anthony explicou os requisitos do computador em linguagem simples, razoavelmente não técnica e William, depois de muito matutar; explicou como é que, a seu ver, deveria um computador funcionar, mais ou menos, à guisa de um cérebro.

Anthony disse: – Será possível?

– Não sei. Não estou ansioso por tentar. Poderá não funcionar, assim como poderá.

– Teríamos de falar com Dmitri Grandão,

– Primeiro conversaremos nós dois mesmos e decidiremos o que fazer. Iremos a ele com uma proposição oriunda de nós dois, e a mais razoável possível. Ou, até, poderemos não ir a ele.

Anthony hesitou: – Nós dois falarmos com ele?

Delicadamente, William se expressou: – Você é meu porta-voz. Não há razão para irmos juntos.

– Obrigado, William. Se isto der em alguma coisa, dividirei os louros com você.

– Quanto a isso, não me preocupo. Se isto der em alguma coisa, creio que eu seria o único a poder fazer o trabalho – falou William.

Debateram a questão durante quatro ou cinco encontros e, não fosse Anthony seu parente, não houvesse entre eles aquela situação emocional desagradável, indubitavelmente William se orgulharia do seu jovem irmão, por sua rápida compreensão de um campo que lhe era estranho.

Houve então demoradas reuniões com Dmitri Grandão. Na verdade, havia reuniões com todo mundo. Durante intermináveis dias, Anthony via aquela gente toda, e depois se reunia com William, em separado. E, um belo dia, após uma demorada "gravidez", veio a autorização para o que foi denominado de Computador Mercúrio.

William voltou então a Nova Iorque com algum alivio. Não planejava ficar em Nova Iorque (dois meses antes, será que ele pensaria que isto seria possível?...) mas havia muito que-fazer no Instituto Homológico.

Logicamente, mais conferências se fizeram necessárias para ele explicar a seu próprio grupo de laboratório que é que estava se passando e por que ele tinha de se retirar e como deveriam prosseguir com seus próprios projetos sem ele. Seguiu-se uma chegada a Dallas, desta vez bem mais complicada, com o essencial do equipamento e com dois jovens auxiliares para aquilo que era para ter sido uma chegada e retorno.

No sentido figurativo, nem mesmo William olhara para trás. Seu próprio laboratório e suas necessidades saíram de sua cabeça. Estava agora inteiramente comprometido com sua nova tarefa.

7.

Foi o pior período, para Anthony. O alívio durante a ausência de William não penetrara profundamente e começou a nervosa agonia de se perguntar se, talvez, esperança contra esperança, ele poderia não retomar. Quem sabe ele escolhesse enviar um representante, alguma outra pessoa? Alguma outra pessoa, com rosto diferente, de forma que Anthony não precisasse se sentir como a metade de um monstro com duas costas e quatro pernas?

Mas, era William. Anthony observara o avião de carga vir silenciosamente pelo ar, observara-o a descarregar o que transportara, à distância. Mas, mesmo à distância, acabou vendo William.

Era ele, não havia dúvida. E Anthony se retirou.

Depois do almoço, foi falar com Dmitri. – Garanto-lhe que não é preciso que eu fique, Dmitri. Estudamos os detalhes e uma outra pessoa poderia assumir a tarefa.

– Não, não – disse Dmitri. – Em primeiro lugar, a ideia foi sua. Deve ir até o fim. Não há razão para dividir as honras desnecessariamente.

Anthony pensou: ninguém mais quererá assumir o risco. E há ainda.a possibilidade de um fracasso. Bem que eu deveria ter pensado nisto.

No fundo ele tinha pensado; mas disse, impassível: – Você compreende que não posso trabalhar com William.

– Mas, por que não? – Dmitri fingiu surpresa. – Vocês dois até aqui trabalharam tão bem, juntos!

– Estive me forçando a isto, Dmitri, e não agüentarei mais. Ou será que você não percebe como a coisa parece?

– Meu bom amigo! Você está exagerando. Lógico que as pessoas ficam espantadas, ao verem vocês dois juntos. Afinal de contas, são seres humanos. Mas acabarão se acostumando. Eu também me acostumei!

Seu gordo mentiroso, acostumou-se coisíssima nenhuma, pensou Anthony. E disse: – Mas eu não me acostume

– Você não está encarando a coisa de maneira correta. Os pais de vocês eram... diferentes... mas, afinal de contas, o que eles fizeram não foi ilegal. Foi só esquisito, somente isso. Não é culpa sua nem de William. Nenhum dos dois pode ser censurado por causa disto.

– Mas estamos marcados, falou Anthony, fazendo um rápido gesto apontando para.seu próprio rosto.

– Não estão marcados como você supõe. Vejo diferenças. Você tem aparência nitidamente mais jovem. Seu cabelo é mais ondulado. E só à primeira vista que parece haver grande semelhança. Veja, Anthony, vocês dispõem de todo o tempo de que necessitam, de toda a ajuda de que precisam, de todo o equipamento que quiserem usar. Tenho certeza de que tudo dará maravilhosamente certo. Pense na satisfação...

Anthony se deixou convencer, logicamente, e concordou em, pelo menos, ajudar William a instalar o equipamento. William, também, parecia estar certo de que tudo funcionaria maravilhosamente. Não tão freneticamente como Dmitri quereria, mas com uma certa calma.

– É apenas uma questão de conexões adequadas – disse – se bem que eu deva admitir que esse "apenas" é um bocado suculento. O final de tudo isto será conseguir impressões sensoriais num vídeo independente de forma que possamos exercer... bem, não posso usar a expressão controles manuais, não é mesmo? de forma que possamos exercer controle intelectual e termos pleno domínio da situação, se necessário.

– Dá para fazer isto – disse Anthony.

– Então, vamos em frente... Veja, precisarei pelo menos de uma semana para fazer as conexões e para ter certeza de que as instruções...

– A programação – corrigiu Anthony

– Bem, isto cabe a você, de forma que usarei sua terminologia. Eu e meus assistentes programaremos o Computador Mercúrio, mas não à maneira de vocês.

– Espero que não. Quisemos um homólogo justamente porque queríamos estabelecer um programa muito mais sutil do que qualquer coisa que um simples telemetrista poderia fazer. – Não tentou ocultar a ironia contra si mesmo que havia em suas próprias palavras.

William não reagiu; aceitou as palavras. E disse: – Vamos então começar. Façamos o robô caminhar.

8.

Uma semana depois, o robô caminhava no Arizona, a quase dois mil quilômetros de distância. Caminhava rigidamente, às vezes caía, às vezes batia estrondosamente seu tornozelo contra uma obstrução, às vezes mexia só um dos pés e acabava tomando uma surpreendente nova direção.

– É um bebê aprendendo a andar – comentou William.

De vez em quando Dmitri vinha, para saber dos progressos, dizendo: – Ë notável!

Anthony não pensava assim. Passaram-se semanas, depois meses. Progressivamente, o robô fazia cada vez mais, à medida que o Computador Mercúrio recebia, progressivamente, uma programação mais complexa. (William tinha a tendência de se referir ao Computador Mercúrio como a um cérebro, mas Anthony não o permitiria.) E tudo que havia acontecido não era ainda suficientemente bom.

– Não é suficientemente bom, William – disse ele, por fim. Desde a noite anterior estava sem dormir.

Friamente William se manifestou: – Isto não é estranho? Eu estava para dizer que pensei que estávamos derrotados.

Com dificuldades, Anthony se conteve. O esforço de trabalhar com William e de observar a trapalhada com o robô era mais do que podia suportar. – Vou me demitir, William. Vou deixar o empreendimento todo. Lamento... Não é por sua causa.

– Mas é por mim, sim, Anthony.

– Não é por sua causa só, William. É uma falha: não chegaremos aonde queríamos. Você vê como o robô é desajeitado, mesmo ainda na Terra, só uns dois mil quilômetros daqui, com o sinal para se mexer vindo apenas numa minúscula fração de segundo por vez. Em Mercúrio, haverá minutos de demora, minutos que o Computador Mercúrio terá de permitir. É loucura pensar que isto funcionará.

William disse: – Não se demita, Anthony. Agora você não pode se demitir. Sugiro que deixemos o robô ser enviado a Mercúrio. Estou convicto de que ele está pronto.

Anthony riu estrepitosamente, insultantemente. – Você está maluco, William.

– Não estou. Parece que você pensa que em Mercúrio será mais difícil, mas não será. É na Terra que é mais difícil. Este robô está planejado para um terço da gravidade normal da Terra e está trabalhando em gravidade total, no Arizona. Está planejado para 400°C e está só nos 30°C. Foi planejado para o vácuo e está trabalhando numa força atmosférica.

– Aquele robô pode compensar a diferença.

– Suponho que a estrutura de metal possa, mas... e o Computador, aqui debaixo de nossos narizes? Não trabalha bem com um robô que esteja num ambiente que não aquele para o qual foi concebido... Veja, Anthony, se você quiser um computador que seja tão complexo quanto um cérebro, você tem de admitir idiossincrasias... Olhe, vamos fazer um acordo. Vai levar ainda uns seis meses para enviarmos o robô a Mercúrio. Você leva o projeto avante enquanto eu tiro umas férias de uns seis meses durante este período. Você ficará livre de mim.

– Quem cuidará do Computador Mercúrio?

– Agora você já entende como ele funciona, e haverá aqui dois de minha equipe para ajudar você.

Desafiante, Anthony sacudiu a cabeça. – Não posso me responsabilizar pelo Computador e não assumirei a responsabilidade de sugerir o envio do robô a Mercúrio. Não vai dar certo.

– Estou convencido de que sim.

– Você não pode estar convencido. E a responsabilidade é minha. Eu é que receberei as críticas. Contra você não haverá nada.

Posteriormente, Anthony evocaria este momento crucial. William poderia deixá-lo ir embora. Anthony teria pedido demissão. Tudo estaria perdido.

Mas William disse: – Não haverá nada contra mim? Veja, papai teve aquele sentimento, fez aquilo com mamãe. Tudo bem. Também lamento. Lamento tanto quanto qualquer outra pessoa, mas o que está feito, está feito, e disto resultou uma coisa curiosa. Quando falo de papai, ou seja, quando falo de seu pai, também, há um monte de casais que podem então dizer isto: dois irmãos, duas irmãs, um irmão e uma irmã. E, depois, quando falo mamãe, quero me referir à sua mãe, e há muitos casais que também podem falar assim. Mas não conheço nenhum outro par, nem ouvi falar de outro, que possa partilhar o mesmo pai e mãe.

– Sei disso – aquiesceu Anthony, sombrio.

– Sim, mas encare a coisa de meu ponto de vista – apressou-se William a acrescentar. – Sou homólogo. Trabalho com padrões genéticos. Já pensou alguma vez em nossos padrões genéticos? Partilhamos os mesmos pais, o que quer dizer que nossos padrões genéticos se aproximam

bastante, mais do que qualquer outro par em nosso planeta. Nossos rostos mostram isso.

– Também sei disso.

– De forma que, se este projeto der certo, e você for glorificado por causa dele, será nosso padrão genético que terá provado ser altamente útil para a humanidade, o que quer dizer também meu padrão genético... Não está vendo, Anthony? Partilho seus pais, seu rosto, seu padrão genético, e, por conseguinte, quer a sua desgraça. Ela é minha quase tanto quanto sua, e se qualquer crédito ou censura sobrevier para mim, será quase tanto seu quanto meu. Tenho de estar interessado em seu sucesso. Tenho para isto um motivo que ninguém mais na Terra tem, puramente egoísta, tão egoísta quanto pode ser o seu para comigo. Estou de seu lado Anthony, porque você está muito perto de mim!

Durante um longo tempo eles se encararam e, pela primeira vez, Anthony o fez sem reparar no rosto de que ele partilhava.

William rompeu o silêncio: – Vamos, então, pedir que enviem o robô a Mercúrio.

Anthony concordou. E depois que Dmitri aprovou o pedido, porque afinal de contas ele estava esperando por isso, Anthony passou a maior parte do dia imerso em profundos pensamentos.

Procurou então William e disse: – Ouça!

Houve uma longa pausa, que William não rompeu.

Novamente Anthony disse: – Ouça!

Pacientemente, William esperava.

Anthony disse: – Na verdade, não há necessidade de que você se vá. Tenho certeza de que você não gostaria que ninguém mais, exceto você, dirigisse o Computador Mercúrio.

– Quer dizer que você pretende ir embora?

– Não, eu vou ficar, também – falou Anthony.

William disse: – Não precisamos muito ver um ao outro.

Tudo isto tinha sido, para Anthony, como falar com um par de mãos cerradas em torno de sua traqueia. Parecia agora que a pressão aumentava, mas a mais dura das afirmações estava ainda por vir.

– Não temos de nos evitar um ao outro. Não temos mesmo.

William sorriu, de maneira insegura. Quanto a Anthony, não sorriu de jeito nenhum; rapidamente, retirou-se.

9.

William ergueu os olhos do livro que estava lendo. Fazia pelo menos um mês que ele deixara de se surpreender, ainda que vaga- mente, quando Anthony entrava.

– Alguma coisa errada? – perguntou.

– Quem sabe lá? Estão se preparando para o pouso suave. O Computador Mercúrio está funcionando?

William sabia que Anthony conhecia perfeitamente a condição do Computador. Mesmo assim, disse: – Amanhã de manhã, Anthony.

– E não há problemas

– Nenhum,

– Então teremos de aguardar o pouso suave.

– Sim.

Anthony disse: – Alguma coisa falhará.

– A ciência dos foguetes é um velho parceiro: nada sairá errado.

– Tanto trabalho desperdiçado.

– Ainda não foi desperdiçado. Nem será.

– Pode ser que você esteja certo – disse Anthony. Com as mãos bem enterradas em seus bolsos, afastou-se, detendo-se na porta, antes de abri-la. – Obrigado!

– Obrigado por quê, Anthony?

– Por me... confortar.

Anthony sorriu meio de esguelha, aliviado de uma maneira que suas emoções não demonstravam.

10.

Praticamente todo o pessoal do Projeto Mercúrio estava reuni do, no momento crucial. Anthony, que não tinha tarefas a desempenhar, ficou bem ao fundo, com os olhos nos monitores, O robô tinha sido ativado e havia mensagens visuais sendo reenviadas.

Por fim elas apareceram como o equivalente visual da superfície de Mercúrio. E mostravam aquilo que presumivelmente era essa superfície: uma embaçada incandescência.

Sombras adejavam rapidamente pelo vídeo, provavelmente irregularidades na superfície. Só pelo que seus olhos viam, Anthony não era capaz de interpretar o que via, mas os técnicos junto aos controles, que estavam analisando os dados por métodos mais sutis do que os que dispunham a olho nu, pareciam calmos, Nenhuma das lampadazinhas vermelhas que denunciavam emergência estava acesa. Na verdade, Anthony prestava mais atenção aos principais observadores do que ao vídeo.

Ele deveria estar lá, junto ao Computador, com William e os outros. Só se uniria a eles quando o pouso suave estivesse feito. Ele estaria lá. Ele não poderia estar.

Mais rapidamente as sombras adejavam pelo vídeo. O robô estava descendo – rapidamente demais? Sim, sem dúvida, rápido demais!

Houve um último borrão e uma fixidez, um deslocamento de foco no qual o borrão ficou primeiro mais escuro; depois, mais esmaecido Ouviu-se um som e deu para perceber alguns segundos antes de Anthony compreender o que significava aquele som: – Conseguimos o pouso suave! Conseguimos o pouso suave!

Então, houve um murmúrio crescente e um sussurro de congratulações, até que nova mudança ocorreu no vídeo e o som de palavras e risos se deteve, como se tivesse colidido contra uma parede de silêncio.

Porque o vídeo mudara, mudara e ficara nítido. A brilhante, brilhante luz solar, chamejando em meio ao vídeo cuidadosamente seletivo em suas imagens, agora eles podiam ver um pedregulho claro, com brilho esbranquiçado de um lado, retinto, de outro. Moveu-se para a direita, depois voltou-se para a esquerda, como se um par de olhos olhassem para a esquerda, depois para a direita. No vídeo apareceu uma mão metálica, como se olhos estivessem olhando por meio delas.

Foi a voz de Anthony que gritou, finalmente: – O Computador entrou em ação!

Ouviu suas próprias palavras como se tivessem sido gritadas por outrem e correu escadas abaixo e por um corredor, deixando o balbucio crescente de vozes atrás dele.

– William – gritou, irrompendo na sala do computador – está perfeito, está...

Mas a mão de William se soergueu. – Psiu. Por favor. Não quero que nesta sala

penetrem quaisquer sensações violentas, exceto as do computador.

– Quer dizer que podemos ser ouvidos? – cochichou Anthony.

– Pode ser que não, mas não sei. – Havia ali outro vídeo, menor. A cena que ele mostrava era diferente e cambiante; o robô se movia.

William disse: – O robô está começando a perceber as coisas. Os primeiros passos têm de ser desgraciosos mesmo. Há um intervalo de sete minutos entre o estímulo e a resposta e é preciso levar isto em conta.

– Mas a verdade é que ele já está andando mais firme do que no Arizona. Não acha, William? Não acha? – Anthony apertava com a mão o ombro de William, sacudindo-o, sem seus olhos deixarem uni minuto o vídeo.

William disse: – Estou convencido disto, Anthony.

♦

O Sol estava incandescente, num cálido contraste entre branco e preto: Sol branco contra um céu negro, solo movente pintalgado de branco com sombras negras. O brilhante gosto doce do Sol, exposto em cada centímetro quadrado de metal, contrastava com o aroma insinuante de morte, do outro lado.

Ergueu a mão e ficou a olhá-la, contando os dedos. Quente- quente-quente, virou-os, colocando cada dedo, um por um, à sombra dos outros, e o calor lentamente a se atenuar numa mudança tátil que o fazia sentir o limpo e confortável vácuo.

Se bem que não fosse um vácuo absoluto. Enrijeceu e ergueu ambos os braços sobre a cabeça, esticando-os, e os sensores em cada pulso sentiram os vapores, o fino e leve toque de estanho e chumbo se deslocando em meio ao enjoo que era Mercúrio.

O espesso sabor subiu de seus pés; os silicatos de cada, variedade, marcados claramente pelo separar e juntar dos íons metálicos. Lentamente, ele moveu um pé em meio à poeira tostada, esmagada, e sentiu as diferenças como uma sinfonia delicada, não propriamente sem cadência.

E, sobretudo, o Sol. Olhou para ele, grande, gordo, brilhante e quente, e ouviu sua alegria. Observou a lenta ascensão das proeminências em tomo do Sol e prestou atenção ao som de estalidos de cada uma; prestava atenção, outrossim, aos outros ruídos felizes em torno de seu amplo rosto. Quando ele obscureceu a luz difusa, o vermelho dos punhados de hidrogênio que se erguiam se mostrava em rajadas de maduro contralto, e o profundo contrabaixo das manchas em meio ao emudecido silvar das féculas fragmentadas, a se moverem, e o ocasional silvo de uma labareda e, o crepitar dos raios gama e das partículas cósmicas, e acima de tudo, em todas as direções, o suspiro da substância solar, sempre renovada, erguendo-se e contraindo-se para todo o sempre, num vento cósmico que o alcançava e o banhava gloriosamente.

Deu um pulo e ergueu-se lentamente no ar com uma liberdade que nunca sentira, e novamente deu um pulo, ao pousar, e correu, e saltou, e de novo correu, com um corpo que respondia perfeitamente a este mundo glorioso, a este paraíso em que finalmente se achava.

Um estranho, tão longe e tão perdido, finalmente no paraíso.

♦

– Tudo em ordem – disse William.

– Mas que é que ele está fazendo? – gritou Anthony.

– Tudo em ordem. A programação está funcionando. Ele testou seus sentidos. Está fazendo várias observações visuais. Obscureceu o Sol e o estudou. Testou a atmosfera e a natureza química do solo. Tudo funciona.

– Mas por que está correndo?

– Acho que é ideia dele mesmo, Anthony. Se quiser programar um computador de maneira tão complicada como um cérebro o é, você tem de esperar que ele tenha ideias próprias.

– Correr? Pular? – Anthony voltou seu rosto, ansioso, para William. – Acabará se machucando. Assuma o controle do Computador; passe por cima dele. Faça-o parar.

Asperamente, William disse: – Não, não farei isto. Vou me aproveitar do fato de ele poder se machucar. Não está percebendo? Ele está feliz. Estava na Terra, um mundo ao qual ele nunca se adaptaria. Agora, está em Mercúrio, com um corpo perfeitamente adaptado à sua ambiência, tão perfeitamente adaptado quanto cem cientistas o poderiam ter feito. Para ele, é o paraíso; deixe-o aproveitá-lo.

– Aproveitá-lo? Mas ele é um robô!

– Não estou falando do robô. Estou falando do cérebro, o cérebro que está vivo, aqui

O Computador Mercúrio, encerrado em vidro, cuidadosa e delicadamente protegido, sua integridade preservada de maneira mais sutil, respirava e vivia.

– É Randall que está no paraíso – afirmou William. – Achou o mundo por amor do qual autisticamente fugiu deste nosso. Tem um mundo para o qual seu novo corpo está perfeitamente adequado em troca deste mundo ao qual seu velho corpo absolutamente não se ajustava.

Maravilhado, Anthony observava o vídeo. – Parece estar se acalmando.

– Lógico – disse William – e desempenhará sua missão da melhor maneira possível, para sua alegria.

Anthony sorriu e disse: – Quer dizer então que você e eu fizemos o que queríamos? Vamos até onde estão os demais e vamos deixá-los nos festejar, William?

– Juntos? – perguntou William.

– Juntos, irmão! – exclamou Anthony,saindo com ele, ombro a ombro.

♦

Não negarei que passou por minha cabeça um pensamento indigno: Jim era moço ainda, e ele poderia muito bem ter pegado "Estranho no Paraíso" impressionado, talvez, inconscientemente, mais por minha fama do que pelo valor da estória, propriamente dita. Este pensamento, que, ainda que fugitivo, passara por minha cabeça, se desvaneceu completamente quando Donald Wollheim, da DAW Books, a escolheu para uma de suas antologias. Ultrapassa os limites da verossimilhança que Don, sujeito cínico, veterano traquejado, pudesse talvez se deixar impressionar por meu nome fosse lá em que circunstâncias fosse, ou, na verdade, por qualquer coisa a meu respeito. (Não é mesmo, Don?) De forma que, se queria a história, era por amor a ela mesma.

♦

Escrevi, ocasionalmente, artigos para o The New York Times Magazine, mas minha média de acertos com eles é inferior a 0,5.

Comumente, este tipo de acontecimento seria desanimador, e eu poderia me deixar dominar pela sensação de que não me adapto a este tipo peculiar de mercado e que tenho de concentrar meus esforços alhures. Entretanto, o Times é um caso especial, e continuo tentando.

Contudo, no outono de 1974, de um só golpe recebi três recusas, de forma que decidi rejeitar a próxima solicitação de um artigo que deles recebesse. Isto não é tão fácil quanto parece, porque geralmente a solicitação provém de Gerald Walker, um bom amigo, como nunca inventaram outro.

Quando ele telefonou, tentei desesperadamente me obstinar numa recusa a tudo quanto ele me disse, até que mencionou a frase mágica: "ficção científica".

– Uma estória de *ficção* científica? – perguntei.

– Sim.

– Para o suplemento?

– Sim. Queremos uma estória de quatro mil palavras, que sonde o futuro e que tenha algo a ver com o relacionamento homem/ máquina.

– Vou tentar – falei. Que mais poderia fazer? A chance de atingir o Times com uma estória de ficção científica era tão interessante, que não podia ser rejeitada. Comecei a trabalhar na história em 18 de novembro de 1974. Enviei-a ao Times sem qualquer confiança real em sua publicação e pouco me importava o que viesse a acontecer. Ela saiu em 5 de janeiro de 1975, número de segunda- feira do Times e, tanto quanto pude constatar, foi o primeiro trabalho de ficção que o Times autorizou e publicou.

6

♦

A Vida e os Tempos da Multivac

O mundo inteiro estava interessado, o mundo inteiro poderia acompanhar. Se alguém quisesse saber quantos acompanhavam, a Multivac teria dito. O grande computador Multivac acompanhava o desenvolvimento dos fatos – como fazia com tudo.

Neste caso, em particular, o juiz era a Multivac, tão friamente objetivo e puramente empertigado, que não havia necessidade quer de acusação quer de defesa. Havia apenas o acusado, Simon Hines, e a prova contra ele, que em parte consistia em Ronald Bakst.

Naturalmente que Bakst acompanhava. No caso dele, isto era compulsório. Preferiria antes que não fosse. Em sua décima década, ele começava a demonstrar a idade e seu cabelo desgrenhado era nitidamente cinzento.

Noreen não estava acompanhada. À porta, ela disse: – Se tivéssemos deixado um amigo... – Fez uma pausa e acrescentou: – Coisa de que duvido... – e saiu.

Bakst bem que gostaria de saber se ela voltaria ou não, mas, naquele instante, isto não importava.

Incrivelmente idiota tinha sido Hines, ao tentar fazer mesmo alguma coisa, como se fosse crível alguém ter a ideia de ir até o terminal da Multivac e esmagá-lo – como se ele não soubesse que um computado! que abrangia o mundo inteiro, o Computador abrangedor do mundo inteiro (maiúscula, por favor), a comandar milhões de robôs, não pudesse se proteger a si mesmo. E, mesmo que o terminal houvesse sido esmagado, que é que isto adiantaria?

E Hines, pior ainda, fizera isto na própria presença física de Bakst!

E foi chamado, exatamente como o programa previa: – Agora, ouviremos o depoimento de Ronald Bakst.

A voz da Multivac era linda, de uma beleza que jamais se apagava, fosse lá como fosse ouvida. Nunca seu timbre era masculino nem, pensando bem, feminino, e ela falava em qualquer idioma que seu mais próximo ouvinte melhor entendia.

– Estou pronto para testemunhar – disse Bakst.

E não havia como deixar de dizer o que ele tinha a dizer; Hines não podia evitar a condenação. Nos dias em que Hines teria de fazer face a seus companheiros do gênero humano, ele teria sido condenado mais rapidamente e com menos brandura – e teria sido punido mais severamente.

Passaram-se quinze dias, durante os quais Bakst estivera bastante sozinho. A solidão física não era algo difícil de encarar, no mundo da Multivac. Nos dias das grandes catástrofes, tinham morri do hordas e tivessem sido os computadores, que haviam salvo o que sobrara, a dirigirem a recuperação, tivessem os computadores aperfeiçoado seus próprios planos até que todos eles houvessem sido assimilados pela Multivac – e os cinco milhões de seres humanos teriam sido deixados sobre a Terra para viverem em perfeito conforto.

Mas estes cinco milhões estavam dispersos e as chances de uma pessoa ver outra fora de seu círculo imediato, a não ser intencionalmente, não eram grandes. Ninguém estava planejando ver Bakst, nem mesmo pela televisão.

Naquela ocasião, Bakst pôde suportar o isolamento. Sepultou- se à maneira que escolhera – que acontecia de ser, nos últimos vinte e três anos, o planejamento de divertimentos matemáticos. Qualquer homem e mulhér da Terra podia desenvolver uma maneira de viver adaptável a si próprio, sempre contanto que a Multivac, sopesando todos os assuntos humanos com perfeita perícia, não julgasse o caminho escolhido como sendo um daqueles que diminuíam a felicidade humana.

Porém, nos divertimentos matemáticos, que. é que podia diminuir tal felicidade? Era algo puramente abstrato – comprazia-se Bakst em pensar – e a ninguém prejudicava.

Não esperava que continuasse o isolamento. O Congresso não o isolaria permanentemente sem julgamento, um tipo diferente de julgamento daquele que Hines experimentara, naturalmente um julgamento sem a tirania de absoluta justiça da Multivac.

Mesmo assim, ele ficou aliviado quando terminou, e agradou- lhe que fosse o retorno de Noreen que terminara o julgamento. Ela veio arrastando-se por sobre a colina, na direção dele, e ele se pôs em marcha, na direção dela, sorrindo. Tinha sido um período de cinco anos, bem sucedido, durante o qual tinham estado juntos. Mesmo os encontros ocasionais com os seus dois filhos e dois netos tinham sido agradáveis.

Ele disse: – Obrigado por estar de volta.

E ela disse: – Não voltei. – Parecia fatigada. Seus cabelos castanhos o vento os desmanchara e suas bochechas, salientes, estavam um pouco desiguais e queimadas de sol.

Bakst insistiu em que fizessem um almoço leve, com café. Sabia que ela gostava disso. Ela não o deteve, e, ainda que hesitando por um momento, comeu.

Ela disse: – Vim falar com você; o Congresso me enviou.

– O Congresso! – exclamou ele. – Quinze homens e mulheres, contando comigo. Autodesignados e impotentes.

– Não é o que você pensava, quando fazia parte dele.

– Fiquei mais velho; aprendi.

– Aprendeu, pelo menos, a trair seus amigos...

– Não houve traição. Hines tentou prejudicar a Multivac, uma loucura, coisa impossível que ele nunca devia tentar.

– Você o acusou.

– Tinha de acusá-lo. A Multivac era sabedora dos fatos independentemente de minha acusação. E, se não o acusasse, eu seria cúmplice. Hines não teria ganho, mas eu teria perdido.

– Sem uma testemunha humana, a Multivac teria suspenso a sentença.

– Não no caso de um ato antiMultivac. Não foi um caso de paternidade ilegal ou de trabalhar a vida toda sem permissão. Eu não podia aceitar aquela possibilidade.

– De forma que você deixou Simon desprovido de todas as permissões de trabalho por dois anos.

– Ele merecia isso.

– Pensamento consolador Você pode ter perdido a confiança do Congresso, mas ganhou a confiança da Multivac.

– A confiança da Multivac tem no mundo a importância que lhe atribuímos – disse Bakst seriamente, Subitamente, estava consciente de não ser tão alto quanto Noreen.

Ela parecia zangada o suficiente para ser capaz de bater nele; os lábios dela se apertavam um contra o outro, a ponto de parecerem sem sangue. Mas àquela altura ela já tinha passado dos oitenta – já não era mais jovem – e o hábito da não-violência já estava bem arraigado... Com exceção de malucos como Hines.

– Então isto é tudo que você tem a dizer? – perguntou ela.

– Poderia haver muito mais a dizer. Esqueceu? Esqueceu tudo? Não se lembra de como as coisas foram, uma vez? Lembra-se do século vinte? Agora vivemos bastante; agora vivemos com segurança; agora vivemos com felicidade.

– E agora vivemos desprezivelmente.

– Gostaria de voltar ao mundo tal como era outrora?

Noreen sacudiu violentamente a cabeça. – São histórias malignas, para nos assustar. Aprendemos a lição. Conseguimos superar os problemas, com a ajuda da Multivac, mas não precisamos mais da ajuda dela. Isto porque mais auxilio acabará nos enfraquecendo a ponto de morrermos. Sem a Multivac, dirigiremos nós os robôs, dirigiremos nós as fazendas, e as minas e, as fábricas.

– Com que eficiência?

– Com bastante eficiência. Melhor: com prática. Precisamos deste estímulo, de qualquer maneira; caso contrário, pereceremos todos.

Bakst disse: – Temos nosso trabalho Noreen, seja lá qual for o trabalho que escolhermos.

– Seja lá qual escolhermos, desde que não seja importante, e mesmo isto nos pode ser tirado quando se quiser como com Hines. E qual é seu trabalho, Ron? Divertimentos matemáticos? Desenhar linhas num papel? Escolher combinações numéricas?

Bakst estendeu as mãos para ela, quase que suplicantemente.

– Isto pode ser importante. Não é uma bobagem. Não subestime isto... – Fez uma pausa, desejoso de explicar mas sem saber exatamente como fazê-lo, com segurança. E disse: – Estou trabalhando em alguns problemas intricados de análise combinatória, baseados em padrões genéticos, que podem ser usados para...

– Para divertir você e uns poucos outros. Sim, ouvi falar de seus divertimentos. Você decidirá como se deslocar de A para B com um número mínimo de passos e isto lhe ensinará como ir do útero à sepultura com um mínimo risco, e todos nós, como sempre, agradeceremos à Multivac. -

Ela se levantou. – Você será experimentado, Ron, disto estou convencida. Será nosso julgamento. E você será abatido. A Multivac protegerá você do dano físico, mas sabe que ela não nos forçará a vê-lo, a lhe falar, ou a ter o que quer que seja a ver com você. Isto você descobrirá sem

estímulo de interação humana, você não será capaz de pensar ou de fazer suas brincadeiras matemáticas. Adeus.

– Espere, Noreen!

À porta, ela se voltou. – Lógico que você terá a Multivac. Pode falar com ela, Ron.

Ele observou ela ir diminuindo, enquanto caminhava pelo verde do parque, ecologicamente saudável pelo trabalho discreto de robôs discretos, de mente simples, que raramente eram vistos.

Pensou: Sim, terei de falar com a Multivac.

A Multivac já não mais tinha um endereço fixo. Era uma presença global mantida coesa por meio de fios, fibras ópticas e microondas. A Multivac tinha um cérebro, dividido em cem cérebros subsidiários, mas atuando como um só. Tinha terminais por toda parte e nenhum dos cinco milhões de seres humanos estava longe um do outro.

Havia tempo para todos, visto que a Multivac podia falar com todos individualmente, ao mesmo tempo, sem afastar sua mente dos problemas maiores relacionados com ela, Multivac.

Quanto à sua força, Bakst não tinha ilusões. Que era sua incrível complexidade senão um divertimento matemático, que Bakst chegara a compreender uma década atrás? Ele sabia a maneira como as conexões se uniam de continente a continente, numa vasta rede cuja análise poderia formar a base de um fascinante divertimento matemático. Como organizar a rede de forma que o fluxo de informações nunca emperrasse? Como organizar os pontos de comutação? E prove-se que, seja lá qual for o arranjo, existe sempre pelo menos um ponto que, quando não conectado...

Quando Bakst aprendeu o jogo, foi expulso do Congresso. Que podiam eles fazer se não falar, e que adiantava isso?... Com indiferença, a Multivac permitia conversas de qualquer natureza e de qualquer profundidade precisamente porque isto carecia de importância.. A Multivac só proibia atos, ou então os modificava ou os punia.

E era o ato de Hines que estava conduzindo a crise; e antes que Bakst, também, estivesse preparado para isto.

Agora Bakst tinha de se apressar, e solicitou uma conversa com a Multivac sem ter a mínima confiança no resultado.

Podiam ser feitas perguntas à Multivac a qualquer tempo. Havia aproximadamente um milhão de terminais do tipo que testemunhara o súbito ataque de Hines, terminais nos quais, ou perto dos quais, se podia falar. A Multivac responderia.

Já uma conversa era outro assunto. Exigia tempo, exigia privacidade; e, acima de tudo, exigia que a Multivac julgasse essa conversa necessária. Se bem que a Multivac tivesse capacidades que nem todos os problemas do mundo consumiriam, ela se tornara, num certo sentido, parcimoniosa com seu tempo Talvez isto fosse o resultado de seu perpétuo autoaperfeiçoamento. A Multivac estava se tornando cada vez mais consciente de seu próprio valor e estava cada vez menos propensa a se ocupar, pacientemente, de trivialidades.

Bakst tinha de depender da boa vontade da Multivac. O fato de ter deixado o Congresso, tudo que fizera desde então, mesmo seu depoimento contra Hines, tudo tinha tido o objetivo de angariar a boa vontade da Multivac. Com toda certeza, estar bem com a máquina era ter sucesso neste mundo.

Teria de assumir aquela boa vontade. Tendo feito a solicitação da conversa, por via aérea de imediato viajou para a subestação mais próxima: não se limitara a apenas enviar sua própria imagem. Queria estar lá em pessoa; de uma certa maneira, pressentia que seu contacto com a Multivac seria mais intimo desta maneira.

A sala era quase que como uma sala para conferências de seres humanos, planejada para um circuito fechado de multivisão. Numa fração de segundo, Bakst pensou que a Multivac poderia assumir uma forma humana e juntar-se a ele – o cérebro feito carne.

Claro que isto não se deu. Havia um suave murmúrio como que por entre os dentes das incessantes operações da Multivac, algo que estava sempre e para sempre presente na presença da Multivac e, agora, por sobre a voz da Multivac.

Não era a voz usual da Mutivac: era uma voz calma, baixinha, bela e insinuante, quase em sua orelha.

– Bom dia, Bakst: bem-vindo. Os seres humanos, seus amigos, o desaprovam.

A Multivac sempre ia direto ao assunto, pensou Bakst, que disse: – Não importa, Multivac. O que conta é que aceito suas decisões como sendo para o bem da espécie humana. Assim fomos planejados para proceder, nas próprias versões primitivas de você e...

– E os desígnios que impus a mim mesma continuaram a seguir esta abordagem básica. Se você compreende isto, por que tantos seres humanos não o compreendem? Ainda não completei a análise deste fenômeno.

– Trouxe-lhe um problema – disse Bakst.

– Qual é ele? – indagou a Multivac.

– Tenho gasto muito tempo em problemas matemáticos inspirados no estudo dos genes e suas combinações – disse Bakst. – Não posso achar as respostas necessárias e a computadorização doméstica não ajuda.

Houve um dique esquisito e Bakst não conseguiu conter um leve calafrio ante um súbito pensamento de que a Multivac podia estar evitando uma risada. Era um toque de humano além até daquilo que ele estava pronto para aceitar. A voz estava em sua outra orelha e a Multivac disse:

– Na célula humana há milhares de genes diferentes. Cada gene tem uma média de talvez cinquenta variações em existência e números incontáveis que nunca chegaram a viver. Se fosse para tentarmos calcular todas as combinações possíveis, o simples ato de ouvi-las, à minha mais rápida velocidade, se continuado sem interrupção, não alcançaria, no mais longo tempo de existência que se desse ao Uni verso, mais do que uma fração infinitesimal do total.

Bakst disse: – Não é necessário uma listagem completa. É nisto que se destaca meu jogo. Algumas combinações são mais prováveis que outras e, erigindo possibilidade sobre possibilidade, podemos diminuir enormemente o trabalho. Peço-lhe que me auxilie na maneira de chegar à construção de probabilidade após probabilidade.

– Ainda assim, seria preciso muito de meu tempo. Como poderia eu justificar isso perante mim mesma?

Bakst hesitou. Não adiantava tentar um complicado jogo de esconde-esconde. Com a Multivac, uma linha reta era a menor distância entre dois pontos.

Ele disse: – Uma combinação genética adequada poderia produzir um ser humano mais capacitado a deixar para você as decisões, mais propenso a crer em você para se resolver a fazer os homens felizes, mais ansiosos por serem felizes. Não posso achar a combinação adequada, mas você poderia, e com engenharia genética controlada...

– Entendo o que você quer dizer. É... bom. Vou dedicar algum tempo a isso.

Bakst achou dificuldade em se inserir no comprimento de onda particular de Noreen. Por três vezes a ligação escapou. Ele não ficou surpreso. Nos últimos dois meses, tinha havido uma crescente tendência da tecnologia para falhar em aspectos menores – nunca por muito tempo, nunca seriamente, e ele saudava cada ocasião com um sombrio prazer.

Desta vez, a ligação se manteve. O rosto de Noreen apareceu, em holografia tridimensional. Por um momento, a imagem vacilou mas depois se firmou.

– Respondo a seu chamado – disse Bakst, num tom devida- mente impessoal.

– Por um momento, pareceu-me impossível alcançar você – disse Noreen. – Onde tem andado?

– Não estou me escondendo. Estou aqui, em Denver.

– E por que em Denver?

– O mundo é minha ostra, Noreen. Posso ir para onde me agradar.

O rosto dela repuxou um pouco. – E talvez o achasse vazio em todos os lugares. Vamos experimentar você, Ron.

– Agora?

– Agora!

– E aqui?

– E aqui!

Volumes de espaço vacilaram em diferentes cintilações de cada lado de Noreen, e mais distante, e atrás dela. Bakst olhava de lado a lado, contando. Havia catorze pessoas: seis homens, oito mulheres. Conhecia todos eles. Outrora haviam sido bons amigos, e não fazia tanto tempo assim.

De cada lado e por detrás das imagens estava o pano de fundo selvagem do Colorado, num agradável dia de verão que se aproximava do fim. Uma vez, aqui tinha existido uma cidade chamada Denver. O local ainda tinha aquele nome, ainda que tivesse sido desobstruído, como o tinham sido a maioria dos locais em que houvera cidades... Dava para ele avistar e contar dez robôs, fazendo tudo quanto os robôs faziam.

Supunha ele que estivessem a manter a ecologia. Desconhecia os detalhes, mas a Multivac os conhecia, de forma a manter por toda a Terra, numa ordem eficiente, cinquenta milhões de robôs.

Atrás de Bakst estava um dos circuitos convergentes da Multivac, quase como uma pequena fortaleza autodefensiva.

– Por que agora? – perguntou ele. – E por que aqui?

Voltou-se automaticamente para Eldred. Ela era a mais velha de todos – e a que detinha autoridade – se é que se podia dizer que um ser humano tinha autoridade.

O rosto moreno escuro de Eldred parecia um pouco fatigado. Os anos mostravam todos os períodos de cento e vinte anos transcorridos, mas sua voz era firme e incisiva. – Porque, agora, temos os fatos finais. Deixe que Noreen lhe conte. Ela conhece você melhor.

Os olhos de Bakst voltaram-se para Noreen. – De que crime sou acusado?

– Vamos parar com brincadeiras, Rori. Aos olhos da Multivac, os únicos crimes são greves em prol de liberdade e é seu crime humano o fato de você não ter cometido crime algum perante a Multivac. Por isso, julgaremos se algum ser humano vivo ainda quer a sua companhia, quer ouvir a sua voz, estar cônscio de sua presença, ou lhe responder de alguma maneira.

– Por que então estou sendo ameaçado de isolamento?

– Você traiu todos os seres humanos.

– Como?

– Nega que tem tentado fomentar entre a humanidade a subserviência à Multivac?

– Ah! – Bakst cruzou os braços sobre o tórax. – Você descobriu depressa: só teve de consultar a Multivac...

Noreen disse: – Nega que tenha procurado auxilio relativamente à engenharia genética, de forma a produzir uma estirpe destinada a aceitar sem restrições a escravidão imposta pela Multivac?

– Sugeri a formação de uma humanidade mais contente. Isto é traição?

Eldred interveio. Ela falou: – Nada de sofismas, Ron. Já os conhecemos de cor. Não venha nos contar mais uma vez que a Multivac não pode ser contrariada, que não adianta lutar, que obtivemos segurança. Aquilo que você chama de segurança, para todos nós restantes é escravidão.

Bakst disse: – O julgamento vai prosseguir ou posso me defender?

– Você ouviu o que Eldred disse – falou Noreen. – Sabemos qual é sua defesa.

– Todos nós ouvimos Eldred – disse Bakst – mas ninguém me ouviu. Aquilo que ela diz ser minha defesa não é minha defesa.

Houve um silêncio enquanto as imagens trocavam olhares entre si, à direita e à esquerda. – Fale! – ouviu-se Eldred dizer.

Bakst disse: – Pedi à Multivac que me ajudasse a resolver um problema no campo dos divertimentos matemáticos. Para atrair a atenção dela, assinalei que o problema se baseava em combinações genéticas e que a solução poderia ajudar na constituição de uma combinação genética que não deixaria nenhum homem pior do que é agora, fosse lá de que ponto de vista fosse; antes, tal combinação o levaria a uma alegre aceitação para com a direção da Multivac, assim como a uma aquiescência para com as decisões dela.

– Foi o que ouvimos dizer – manifestou-se Eldred.

– Só nestes termos é que a Multivac aceitaria a tarefa. Uma linhagem nova deste tipo é claramente desejável para a humanidade segundo os padrões da Multivac, e, de acordo com os mesmos padrões da Multivac, ela precisa trabalhar em prol desse pedido. E o desejo do fim em vista fascinará a Multivac a ponto de ela examinar mesmo os aspectos mais complicados do problema, problema cuja interminabilidade está além até do que podemos conceber. Todos vocês testemunharão isto.

– Testemunharemos o quê? – perguntou Noreen.

– Vocês não tiveram dificuldade para me localizarem? Nos últimos dois meses, será que cada um de vocês não passou a notar pequenas dificuldades em coisas que antes correram sempre muito bem?... Ficaram silenciosos... Posso aceitar isto como uma concordância?

– E dai, se for assim mesmo?

Bakst disse: – A Multivac tem colocado todos os seus circuitos sobressalentes no problema. Pouco a pouco, ela tem dedicado à direção do mundo só uma reduzida parcela de seus esforços, visto que nada, pelo próprio senso de ética da máquina, pode se interpor no caminho da felicidade humana, e não pode haver maior aumento nessa mesma felicidade do que aceitar a Multivac.

Noreen disse: – Que é que significa tudo isso? A Multivac tem ainda requisitos suficientes para gerir o mundo – e a nós – e se isto for feito, no mínimo com menos do que a eficiência total, a única implicação seria um desconforto temporário em nossa escravidão. Temporário apenas, eis que não durará muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, a Multivac decidirá

que o problema é insolúvel, ou o resolverá e, num caso ou noutro, terminará o seu afastamento das suas tarefas primordiais. No segundo caso, a escravidão se tornará permanente e irrevogável.

– Mas, por ora, ela está com a atenção desviada – disse Bakst – e podemos até conversar como estamos conversando – até mais perigosamente – sem que ela repare. Mesmo assim, não me arrisco a fazer isto por muito tempo, de forma que, por favor, procurem me entender depressa.

– Tenho outro divertimento matemático: a criação de redes baseadas no modelo da Multivac. Sou capaz de provar que, por mais complicada e repetitiva que a rede seja, precisa haver pelo menos um lugar para o qual tenham de ser canalizadas todas as correntes, em circunstâncias especiais. E sempre haverá um colapso fatal se houver uma interferência justamente naquele local e isto porque haverá sobrecarga em outro lugar, que por sua vez provocará sobrecarga noutro lugar e assim indefinidamente, até que tudo falhe.

– E então?

– É aí que o carro pega. Por que vim para Denver? E a Multivac também é sabedora disso, e este ponto está guarnecido eletronicamente e por robôs de maneira tal que não pode ser penetrado.

– E daí?

– Mas a Multivac está com trabalho demais, e ela confia em mim. Trabalhei para ganhar a confiança dela, à custa de perder a amizade de todos vocês, visto que só com confiança há possibilidade de traição. Se a esta altura qualquer um de vocês tentasse se aproximar, mesmo estando atarefada como está, a Multivac se interporia. Se ela não estivesse distraída, sequer permitiria que eu me aproximasse. Mas a máquina se distraiu, e cá estou eu!

Bakst se movimentava para a frente, na direção do circuito convergente, perambulando tranquilamente, e as catorze imagens, dirigidas para ele, também se moviam. Rodeando-as completamente estavam os suaves sussurros de uma atarefada central da Multivac.

Ele disse: – Por que atacar um oponente invulnerável? Primeiro, façamo-lo vulnerável, e então...

Bakst lutava para permanecer calmo, mas tudo dependia disto, agora. Tudo! Com uma forte sacudidela, desfez uma ligação. (Se pelo menos ele tivesse um pouco mais de tempo para fazer isto com mais segurança!...)

Nada o deteve e, contendo a respiração, começou a perceber que o ruído estava cessando, estava acabando o cochicho, a Multivac cessava suas atividades. Se, a dada altura, aquele ruído discreto não retornasse, era porque ele atingira o ponto certo, sem recuperação possível. Se ele não agisse rapidamente, a atenção dos robôs que se aproximavam...

No silêncio, que prosseguia, ele se voltou. A distância, os robôs ainda trabalhavam: nenhum deles estava se aproximando.

Diante dele, as imagens dos catorze homens e mulheres do Congresso ainda perduravam, e cada uma delas parecia estupefata ante a enormidade daquilo que estava ocorrendo.

– A Multivac encerrou suas atividades, consumiu-se. Não pode ser reconstruída. – Ao ouvir aquilo que ele mesmo dizia, Bakst se sentia como que embriagado. – Desde que deixei o convívio de vocês, foi para isso que eu estava trabalhando. Quando Hines atacou, receei que estivesse fazendo o mesmo que eu pretendia, temi então que a Multivac redobrasse sua vigilância, que mesmo eu – que tinha de trabalhar rapidamente – que mesmo eu não estava muito convencido... – Respirava com dificuldade mas forçou-se a recobrar a firmeza na voz, dizendo solenemente: – Eu dei a liberdade para nós.

Fez uma pausa, cônscio do crescente peso do silêncio. Catorze imagens o encaravam fixamente, sem que qualquer uma delas lhe oferecesse uma palavra que fosse, em resposta.

Asperamente, Bakst exclamou: Vocês falaram de liberdade. Agora vocês a têm!

Então, com um tom de incerteza, disse: – Não era isso que vocês queriam?

♦

Quando terminei a estória precedente, ou pensei que a terminara, senti-me insatisfeito. Fiquei acordado até umas duas da madrugada, conjeturando o que é que me deixara insatisfeito. Concluí que não tinha atingido meu objetivo. Pulei da cama e rapidamente reescrevi os três últimos parágrafos da história, como ela finalmente veio a ser publicada, terminando com aquela horrenda pergunta. Daí, então, fui dormir tranquilamente.

No dia seguinte, reescrevi a última página do original para incluir o novo final e, quando enviei o material para o Times, ainda mais que eu queria efetuar a venda, indiquei onde é que eu seria intransigente.

– Reparem – escrevi – que o final numa pergunta sem resposta não é acidental. É a essência. Cada leitor terá de considerar o significado da pergunta e que resposta ele próprio daria.

O Times solicitou umas mudanças e esclarecimentos de pouca monta, mas não permitiu a mínima manifestação contrária ao final que eu dera à estória, devo dizer, com alegria.

Meu título original tinha sido "Divertimentos matemáticos", a propósito, e por um momento cheguei a cogitar de reestabelecê-lo nesta versão em livro. Contudo, "A vida e os tempos da Multivac" tinha um quê de atraente. Ademais, muitas pessoas tomaram conhecimento do título no único dia em que ele esteve à disposição do grande público, através do jornal. E, durante as semanas que se seguiram, o fato é que vieram ter comigo mais pessoas, a me dizerem que tinham lido a história, o que jamais me ocorrera antes com qualquer outra história. Não quero que pensem que mudei o título para induzilas em erros, fazendo-as crer que se tratava de uma estória que ainda não tinham lido, de forma que pudessem vir a adquirir este livro pensando tratar-se de outra estória. Razão pela qual ficou sendo o mesmo "A vida e os tempos da Multivac".

♦

Entre os que leram minha estória no The New York Times Magazine estava William Levinson, coordenador do Physician's World. No mesmo número do magazine estava um artigo intitulado "Triagem". Triagem é um sistema de escolher quem deve ser salvo e quem deve morrer quando as condições não permitem que todos se salvem. A triagem tem sido usada em emergências médicas, quando os limitados recursos de que se dispõe são usados naqueles que têm melhores condições de utilizarem esses mesmos recursos. Existe agora o senso de que a triagem deveria ser empregada em escala mundial, que algumas nações e regiões não podem ser salvas e que esforço algum deve ria ser empreendido para salvá-las.

Ocorreu a Levinson que o assunto poderia ser abordado via ficção científica, e visto que meu nome estava na frente dele na página com o índice da revista, ele entrou em contacto comigo. Surpreendi-me com a ideia e concordei imediatamente Comecei em 19 de janeiro de 1975. Levinson gostou de "Genocídio Seletivo" quando o terminei e estava tudo combinado para sair em junho de 1975, subitamente, o magazine deixou de ser publicado, um número antes.

Triste e embaraçado, Levinson devolveu a estória. Lógico que a culpa não era dele, de forma que lhe escrevi uma carta, tranquilizando-o. Além do mais, a estória havia sido paga e não

parecia provável que eu pudesse publicá-la alhures.

Na verdade, porém, Ben Bova aceitou-a imediatamente e ela apareceu em fevereiro de 1976, em Analog.

7

♦

Genocídio Seletivo

Cinco anos se tinham passado desde que em torno do trabalho do Dr. Aaron Rodman se erguera uma maciça muralha de isolamento.

– Para sua própria proteção... – tinham-no advertido.

– Nas mãos das pessoas erradas... – tinham-lhe explicado.

Nas mãos certas, certamente (as dele mesmo, por exemplo, pensou, um tanto desesperado o Dr. Rodman), a descoberta era evidentemente a maior dádiva para a saúde humana desde que Pasteur desenvolvera a teoria dos bacilos, e a maior chave para a compreensão do mecanismo da vida, até então.

Não obstante, depois de sua palestra na Academia de Medicina de Nova Iorque, logo depois de seu quinquagésimo aniversário e no primeiro dia do Século Vinte e Um (tinha havido uma certa adequação àquilo), o silêncio havia sido imposto, e ele não mais podia falar, exceto a certos funcionários. E certamente não poderia editar nada.

Entretanto, o governo o apoiava. Tinha todo o dinheiro de que necessitava, e os computadores estavam às suas ordens para fazerem o que ele desejasse. Seu trabalho progredia rapidamente, e elementos do governo vinham ter com ele, para serem orientados, para o entenderem.

– Dr». Rodman – vieram perguntar .- como pode um vírus se espalhar de célula para célula, no organismo, e, não obstante, não ser infeccioso para um outro organismo próximo?

Extenuava Rodman ter de dizer repetidas vezes que não tinha todas as respostas. Extenuava-o ter de usar o termo "vírus". E disse:

– Não é um vírus, visto que é uma molécula de ácido nucleico. É lgo completamente diferente: uma lipoproteína.

Era melhor quando os que o interrogavam não eram médicos. Podia então tentar explicar-lhes generalidades em vez de sempre se enredar nas minúcias. E diria: – Toda célula viva, mesmo a mais infinita estrutura dentro da célula, é rodeada por uma membrana. A atuação de cada célula depende de quais moléculas podem passar através da membrana numa direção ou noutra e a que proporções. Uma pequena mudança na membrana alterará enormemente o fluxo e, destarte, a natureza da química celular e a natureza de sua atividade.

– Toda doença pode se basear em alterações na atividade da membrana. Todas as mudanças podem ocorrer através de tais alterações. Qualquer técnica que controlar as membranas, controlará a vida. Os hormônios controlam o corpo pelos efeitos nas membranas e minha lipoproteína é antes um hormônio artificial do que um vírus. A própria LP se incorpora à membrana

e, durante o processo, induz à elaboração de mais moléculas como ela própria – é esta parte que eu próprio não consigo entender.

– Mas as finas estruturas das membranas não são sempre idênticas. Na verdade, diferem em todos os seres vivos – são completamente diferentes de organismo para organismo. Urna LP não afetará dois organismos individuais da mesma maneira. O que abrirá as células de um organismo à glucose e aliviará os efeitos da diabetes, fechará as células de outro organismo à lisina, matando-o.

Era isto que mais parecia interessá-los: o fato de ser um veneno.

– Um veneno seletivo – viria a dizer Rodman. – Não se pode dizer, de antemão, sem um íntimo auxilio de computadores que estudem a bioquímica da membrana de um indivíduo em particular, que é que uma determinada LP lhe fará.

Com o tempo, o laço foi apertando cada vez mais, inibindo a liberdade de Rodman, mesmo deixando-o despreocupado – num mundo em que tanto a liberdade como a despreocupação estavam desaparecendo em toda parte, e as mandíbulas do inferno estavam abertas diante de uma humanidade desesperada.

Estava-se no ano 2005 e a população da Terra era de seis bilhões. Não fosse a escassez de alimentos, seriam sete bilhões. Um bilhão de pessoas morrera na geração precedente, e mais ainda estavam para morrer.

Peter Affare, presidente da Organização Mundial de Alimentos, vinha freqüentemente aos laboratórios de Rodman para jogar xadrez e bater um papo. Fora ele, dizia, quem primeiro apreendera o significado da palestra de Rodman perante a Academia, e isto o auxiliara a tomar-se Presidente. Rodman pensava que o significado era fácil de apreender, mas nada comentou.

Affare era dez anos mais moço que Rodman, e seus cabelos ruivos estavam escurecendo. Sorria com frequência mesmo que o assunto da conversa raramente desse margem a sorrisos, visto que o presidente de qualquer organização às voltas com suprimentos de alimentos teria propensão a falar da fome mundial.

Affare disse: – Se os suprimentos de alimentos fossem igualmente distribuídos entre todos os habitantes do mundo, todos morre riam de fome.

– Se fossem igualmente distribuídos – disse Rodman – o exemplo de justiça no mundo por fim nos conduziria a uma sadia política mundial. Do jeito que as coisas são, há um desespero mundial, fúria em torno da fortuna egoísta de uns poucos e, em represália, todo mundo procede

irracionalmente.

– Mas você próprio não se ofereceu voluntariamente para ceder seu excesso de alimentos – contestou Affare.

– Sou humano e egoísta e minha atitude pouco significaria. Não deveriam me sugerir tal voluntariado. Não me dariam opção, neste assunto.

– Você é um romântico – disse Affare. – Não consegue perceber que a Terra é como um bote salva-vidas? Se o estoque de alimentos fosse dividido igualmente entre todos, então todos morreriam. Se você for jogado fora do salva-vidas, os remanescentes sobreviverão. A pergunta não é se alguns morrerão, visto que alguns têm de morrer; a pergunta é se alguns viverão.

– Você está advogando uma triagem, o sacrifício de uma parte em benefício do restante, oficialmente?

– Não podemos. As pessoas no bote salva-vidas estão armadas. Várias regiões ameaçam abertamente usar armas nucleares se não vier mais comida.

Sardonicamente, Rodman disse: – Você está querendo dizer que a resposta para "Morra para que eu possa viver" é "Se eu morrer, morre você também"?... Que impasse!

– Não é bem assim – retrucou Affare. – Lugares há, sobre a Terra, em que não dá para salvar as pessoas. São pessoas que sobrecarregaram sem esperança sua própria terra, com hordas de pessoas a morrerem de inanição. Admitamos que lhes seja enviada comida, e admitamos que a comida mate aquelas mesmas pessoas, de forma que aquelas regiões não necessitarão de remessas posteriores.

Rodman teve o primeiro lampejo de compreensão. – Matá-los como? – perguntou.

– As propriedades estruturais comuns das membranas celulares de uma determinada população podem ser descobertas. Uma LP, planejada especialmente para ter vantagem em relação àquelas propriedades, pode ser adicionada ao suprimento de alimentos, que será então fatal – concluiu Affare.

– Impensável – disse Rodman, surpreso.

– Pense de novo. Não haveria dor. Lentamente, as membranas se fechariam e a pessoa afetada mergulharia num sono sem despertar, morte infinitamente melhor que a morte por fome, que, doutra forma, é inevitável, ou aniquilação nuclear. Nem.seria pior para qualquer outra pessoa, visto que variam as propriedades da membrana de cada população. Na pior das hipóteses, morrerão uns setenta por cento. O genocídio será feito precisamente onde piores forem o superpovoamento e a desesperança, sobrando pessoas suficientes para preservar cada nação, cada grupo étnico, cada cultura.

– Matar deliberadamente bilhões...

– Não será matança. Apenas, daremos uma oportunidade para as pessoas morrerem. Quais as pessoas, em especial, que deverão morrer é algo que dependerá da bioquímica particular dessas mesmas pessoas. Será o dedo de Deus.

– E quando o mundo descobrir o que se fez?

– Será depois de nosso tempo – disse Affare – e, nessa altura, um mundo florescente, com uma população limitada, nos agradecerá nossa heroica ação de escolhermos a morte de uns para

evitarmos a morte de todos.

O Dr. Rodman se sentia ruborizado, e tinha até mesmo dificuldade de falar. – A Terra – disse – é um bote salva-vidas muito grande e muito complexo. Ainda não sabemos o que pode e o que não pode ser feito com uma distribuição adequada dos recursos e é notório que até hoje não se fez um autêntico esforço no sentido de se distribuir adequadamente tais recursos. Em muitos lugares da Terra, diariamente se desperdiça comida, e é saber disto que enlouquece os famintos.

– Concordo com.você – disse Affare, friamente – mas o mundo não pode ser como queremos que seja. Precisamos encará-lo como ele é

– Então me trate como eu sou. Quer que eu forneça as moléculas necessárias de LP e eu não o farei. Não erguerei a ponta de um dedo neste sentido.

– Então – Affare retomou a palavra– você será mais assassino de multidões do que me acusa de ser. E penso que mudará de ideia quando pensar melhor.

Ele era visitado quase que todos os dias, fosse por um funcionário, fosse por outro,

todos bem alimentados. Rodman estava começando a ficar muito sensível com relação ao modo como bem se alimentavam todos quantos discutiam a necessidade de matar os famintos.

Numa destas ocasiões, insinuantemente, o Secretário Nacional da Agricultura lhe dissera: – Você não seria favorável à matança de um rebanho de gado infectado com febre aftosa ou antrax para evitar a disseminação da infecção em rebanhos sadios?

– Seres humanos não são gado – disse Rodman – e a fome não é contagiosa.

– Mas é – disse o Secretário. – O problema é justamente este. Se não morrer numa porcentagem das superpovoadas massas de gente, a fome delas se espalhará até áreas ainda incontaminadas. Você não pode se recusar a nos auxiliar.

– Como pode me obrigar? Mediante tortura?

– Não tocaríamos num fio de seu cabelo. Sua capacidade neste campo é muito preciosa para nós. Contudo, os talões de racionamento podem ser retirados.

– Certamente que a inanição me feriria.

– Não a você. Mas se estamos preparados para matar alguns bilhões de pessoas por amor à raça humana, então seguramente estaremos aptos para a muito menos difícil tarefa de tirar os talões de racionamento de sua filha, do marido dela, do bebê deles.

Rodman estava silencioso; o Secretário acrescentou: – Dar-lhe-emos tempo para pensar. Não queremos tomar urna atitude contra sua família, mas, se necessário, assim faremos. Pense, durante uma semana. Na próxima quinta-feira todo o Comitê estará a postos. Você participará então de nosso projeto e não poderá haver mais delongas.

A Segurança foi redobrada e Rodman era ostensivamente, totalmente prisioneiro. Uma semana depois, todos os quinze membros do Conselho Mundial de Alimentos, junto como Secretário Nacional da Agricultura e uns poucos membros da Legislação Nacional, chegaram ao seu laboratório. Sentaram-se em tomo da longa mesa na sala de reuniões do exuberante edifício de pesquisas, construído com recursos públicos.

Durante horas conversaram e planejaram, tomando nota das respostas que Rodman

dava às perguntas específicas. Ninguém perguntou a Rodman se ele ia cooperar; ninguém parecia pensar que houvesse alguma outra coisa que ele pudesse fazer.

Por fim, o cientista disse: – O projeto de vocês não pode funcionar, em hipótese alguma. Logo depois que um carregamento de cereais chegar a determinada região do mundo, as pessoas morrerão às centenas de milhões. Supõem vocês que os sobreviventes não estabelecerão uma correlação e supõem vocês que não se arriscam a uma retaliação com bombas nucleares?

Affare, sentado diretamente em frente de Rodman, do ponto de vista do eixo menor da mesa, disse:– Estamos cônscios dessa possibilidade. Pensa você que levamos anos estabelecendo o roteiro de uma ação, sem levar em conta a possível reação daquelas regiões escolhidas para o genocídio?

– Você pensa que ficarão gratos? – perguntou Rodman, amargamente.

– Não saberão que estão sendo escolhidos para a morte. Nem todos os carregamentos de cereais estarão infectados com LP. Nenhum lugar receberá só cereais contaminados. Providenciaremos inclusive para que estoques locais de cereais, aqui e acolá, também sejam infectados. E mais: nem todas as pessoas morrerão, e só umas poucas morrerão prontamente. Algumas, que ingerem muitos cereais, não morrerão de jeito nenhum, e algumas,.que só comem um pouco, morrerão rapidamente, dependendo das membranas deles. Para eles, parecerá uma praga, como a Peste Negra a voltar.

Rodman disse: – Pensou no efeito que terá a Peste Negra, de volta? Pensou no pânico?

– Far-lhes-á bem – rosnou o Secretário, de uma das extremidades da mesa. – Poderá ensinar uma lição para eles.

– Anunciaremos a descoberta de uma antitoxina – disse Affare, sacudindo os ombros. – Haverá inoculações por atacado em regiões que saberemos que não serão afetadas, O mundo está desesperadamente doente, Dr. Rodman, e precisa ter um remédio desesperado. A humanidade está às portas de uma morte horrível; portanto, nada de pôr em discussão o único rumo que pode salvá-la.

– Eis o problema. E esse o único rumo ou vocês estão apenas optando por um caminho fácil, que não pedirá sacrifícios a vocês mas apenas o de bilhões de outros?

Rodman se deteve, quando um carrinho com comida foi introduzido. Murmurou: – Providenciei uns refrescos. Podemos ter uns momentos de trégua, enquanto comemos?

Pegou um sanduíche, e, então, depois de um certo tempo, entre dois goles de café, comentou: – Até que estamos comendo bem, enquanto discutimos o maior assassinato em massa da história.

Affare olhou para ele com ar de censura, com um sanduíche meio comido. – Isto aqui não é comer bem.Salada de ovos,com pão branco não muito fresco não é comer bem, e eu trocaria este café por qualquer outro, se eu fosse você. Suspirou. – Bem, num mundo faminto, não se deve desperdiçar comida – e terminou de comer seu sanduíche.

Rodman observou os outros e apanhou o último sanduíche que havia na bandeja. – Pensei – disse – que alguns de vocês poderiam até ficar sem apetite, diante do assunto que está sendo discutido, mas vejo que ninguém teve este problema. Todos comeram.

– Come você – disse Affare, impaciente. – Você ainda está comendo.

– Estou sim – disse Rodman, mastigando devagar. – E me desculpem se o pão não estava fresco. Eu mesmo fiz os sanduíches, na noite passada, faz já umas quinze horas.

– Você próprio os fez? – perguntou Affare.

– Tive de fazê-los, visto que não havia outra maneira de por LP neles.

– Que é que você está falando?...

– Cavalheiros: os senhores me disseram que é necessário matar uns para salvar outros. Talvez estejam certos: convenceram-me. Mas, para saber exatamente o que estamos fazendo, talvez devamos fazer a experiência conosco mesmos. Eu mesmo fiz uma triagem e os sanduíches que acabaram de comer são uma tentativa de irmos nesta direção.

Alguns dos funcionários ergueram-se. – Estamos envenenados? – disse o Secretário, fora de si.

Rodman respondeu: – Não muito... efetivamente. Infelizmente, não conheço

completamente a bioquímica de vocês, de forma que não posso garantir a taxa de setenta por cento de mortos que você apreciaria.

Olhavam-no fixamente, gelados de tenor. As pálpebras do Dr. Rodman descaíram. – Ainda assim, é provável que dois ou três de vocês morram dentro de uma semana, mais ou menos: basta esperar para verem o que sucederá. Não há cura nem antídoto, mas não se preocupem. É uma morte bem sem dor, e será o dedo de Deus, como um de vocês me disse. É uma boa lição, como disse outro. Para aqueles dentre vocês que sobreviverem, a opinião que têm sobre a triagem deverá se modificar.

Affare disse: – É um blefe: você próprio comeu sanduíches!

A resposta de Rodman foi: – Eu sei. Combinei a LP à minha própria bioquímica, de forma que morrerei mais depressa. – Seus olhos se fecharam. – Vão ter de prosseguir sozinhos, sem mim, aqueles que sobreviverem.

♦

A estória seguinte foi uma estória um tanto triste, se bem que eu próprio dela emergi ileso. Vejam como foi.

Em janeiro de 1975, Naomi Gordon, uma mulher muito atraente, de Filadélfia, me visitou e me expôs o que considerei uma encantadora ideia para uma antologia. Deveria se intitular O Homem Bicentenário e deveria constar de dez estórias por famosos autores, cada uma delas construída em tomo dessa frase, devendo o livro ser publicado concomitantemente com os festejos do Bicentenário. O bem conhecido entusiasta de ficção científica, Forrest J. Ackerman, organizaria o livro. Era também ideia de Naomi fazer uma edição muito limitada, muito cara: eram ideias grandiosas que ela tinha.

Insinuei que seria difícil escrever estórias de ficção científica se elas tivessem de estar focalizadas no Bicentenário, mas Naomi disse que as estórias poderiam ser qualquer coisa, desde que se pudesse notar que elas tinham se originado, tinham brotado da frase "O Homem Bicentenário."

Fiquei intrigado e concordei em escrever. Imediatamente pagaram-me metade do adiantamento de direitos autorais. O último prazo era 1º de abril de 1975: a 14 de março eu terminara. A princípio, eu ficara um pouco arrependido com a estória, visto que o acordo falava de uma estória com 7.500 palavras e eu fora incapaz de terminá-la antes de chegar às 15.000 palavras, a mais longa estória que eu jamais escrevera, abaixo do nível de novela, em dezessete anos. Envolvendo o pacote, enviei a Naomi uma carta de desculpas, garantindo-lhe que não precisaria me pagar nada a mais. Respondeu.me que o acréscimo estava muito bom. Logo depois, veio a outra metade do adiantamento sobre os direitos autorais.

Todavia, daí para a frente, tudo correu mal. Naomi se viu às voltas com problemas familiares e de saúde; alguns escritores, que se esperava que participassem, acabaram não aderindo; outros, que tinham prometido estórias, não as enviaram; e os que entregaram, não encaminharam material inteiramente satisfatório.

Lógico que eu não estava sabendo de nada disso. Nunca me ocorrera que algo pudesse correr mal. Na verdade, meu grande, meu único interesse, é escrever. Vender é um interesse menor, e o que acontece a posteriori não me interessa de modo algum.

Havia, todavia, Judy-Lynn del Rey e seu enorme interesse por tudo quanto ocorre em termos de ficção científica. Ela sabia que eu escrevera para aquela antologia.

E, perigosamente, indagou: – Como pode ser que você haja escrito urna estória para esta antologia, e quando lhe peço para escrever uma você está sempre tão ocupado?...*

– Bem – disse eu em tom de quem pede desculpas, pois Judy-Lynn mete medo quando esta perturbada – a ideia da antologia me interessou.

– Lembra-se de minha sugestão a propósito de um robô que tem de escolher entre sepultar sua própria liberdade e aperfeiçoar seu corpo? Pensei que você tivesse dito que era interessante.

Aquela altura, devo ter empalidecido como talco. Muito tempo antes, ela falara mesmo do assunto e eu esquecera:. Disse: – Santo Deus, incluí alguma coisa nesta linha, na estória.

– De novo? – ela deu um berro. – Você está usando de novo minhas ideias para outras pessoas? Deixe-me ver esta estória. Vamos, vamos, quero vê-la!

De forma que, no dia seguinte, trouxe para ela uma cópia em carbono e, no outro dia, ela me telefonou, dizendo: – Bem que me esforcei para não gostar da estória, mas não consegui.

Quero-a. Pegue a estória de volta do outro editor.

– Não posso fazer isso. Vendi-a para Naomi e é dela. Escreverei uma estória diferente para você. -

– Aposto o que você quiser – retrucou Judy-Lynn – que a tal de antologia não vai sair coisíssima nenhuma. Por que não telefona e pede de volta?

Telefonei para Naomi e, naturalmente, a antologia não ia mesmo sair.. Concordou em devolver-me os originais e concedeu-me autorização para vender alhures a estória, e eu lhe devolvi o adiantamento de dinheiro. (Mesmo porque, ela perdera uma considerável quantia de dinheiro nesta aventura, e eu não queria que parte alguma daquela perda implicasse em lucro para mim.)

A estória foi, então, transferida para Judy-Lynn, que a usou em sua antologia de estórias inéditas denominada Stellar Science Fiction # 2, publicada em fevereiro de 1976. Eu próprio aprecio tanto a estória, que não só a estou incluindo aqui, mas estou usando o título dela para dar nome ao livro todo.

(A propósito: depois que acabei de organizar este livro, Judy-Lynn sugeriu que eu mudasse meus originais de forma a combinar com a versão publicada na antologia Stellar. Aparentemente, ela introduzira numerosas modificações de pouca monta, que melhoraram o que eu escrevera, pelo que me disse ela. Acontece que eu não sou Harlan Ellison, de forma que não me importo; mas penso que, em minha própria seleção, deixarei a estória tal como está. Judy-Lynn vai ficar aborrecida, mas o máximo que ela pode fazer é me matar.)

8

♦

O Homem Bicentenário

As Três Leis da Robótica:

1. *Um robô não deve fazer inala um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.*

2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primei raLei.

3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.

1.

– Obrigado – disse Andrew Martin, aceitando o assento que lhe ofereciam. Não parecia ter sido compelido a isto, mas, na verdade bem que o fora.

Aliás, para dizer a verdade, ele não parecia a coisa alguma, pois seu rosto estava algo pálido. O máximo que se poderia perceber era tristeza em seu olhar. Seu cabelo era liso, de um castanho claro. Cabelos finos – e em seu rosto não havia pelos. A aparência era de quem tinha se barbeado bem, e há pouco. Suas roupas eram nitidamente antiquadas, limpas, porém, com uma predominância de um aveludado vermelho-púrpura.

Encarando-o por detrás da mesa estava o cirurgião, e a plaqueta de identificação sobre a mesa incluía uma série de números e letras de identificação, com a qual Andrew não se importou. Chamar o outro de doutor seria mais do que suficiente.

E perguntou: – Quando poderemos fazer a operação, doutor?

O cirurgião se exprimiu mansamente, com aquela inalienável nota de um certo respeito que um robô sempre usava com um ser humano. – Não estou certo, senhor, se compreendo como ou quando poderemos realizar a operação.

Poderia ter havido um olhar de respeitosa intransigência na face do cirurgião, se um robô deste tipo, de aço inoxidável levemente bronzeado, pudesse ter semelhante expressão ou qualquer uma.

Andrew Martin estudou a mão direita do robô, a mão que cortava, enquanto ela jazia sobre a mesa em completa tranquilidade. Os dedos eram longos e modelados em artísticas curvas metálicas, tão graciosas e adequadas, que se poderia até imaginar um bisturi encaixado nela, tomando-se, temporariamente uma peça só, fundida com a mão.

No trabalho dele não haveria hesitações, tropeços, tremores, enganos. Naturalmente que isto advinha da especialização, especialização tão ardentemente desejada pela humanidade que poucos robôs eram dotados de um cérebro mais independente. Está claro que um cirurgião tinha de sê-lo. E este, mesmo dotado de cérebro, era tão limitado em sua capacidade que não reconhecia Andrew e, provavelmente, jamais ouvira falar dele.

Andrew disse: – Alguma vez pensou que gostaria de ser homem?

Por um momento o cirurgião hesitou, como se a pergunta não se adequasse a nenhuma das suas trilhas positrônicas. – Mas, senhor, sou um robô!

– Não seria melhor ser homem?...

– Seria melhor, senhor, para ser um melhor cirurgião. Se eu fosse homem, não poderia ser assim, mas só se eu fosse um robô avançado. Bem que eu gostaria de ser um robô mais avançado.

– Não o ofende o fato de eu poder lhe dar ordens? Que eu possa fazê-lo ficar de pé, sentar-se, mover-se para a direita e para a esquerda, apenas lhe dizendo o que quero?

– Agradá-lo é meu prazer, senhor. Se suas ordens interferissem em meu funcionamento para com o. senhor ou para com qualquer outro ser humano, eu não lhe obedeceria. A PrimeiraLei, relacionada com meus deveres para com a segurança humana, teria precedência sobre a Segunda, que diz respeito à obediência. De qualquer maneira, a obediência é meu prazer... Mas em quem é que terei de fazer esta operação?

– Em mim – disse Andrew.

– Mas isto é impossível: está patente que é uma operação danosa.

Calmamente, Andrew obtemperou: –Isso não importa.

– Não devo lhe causar dano – disse o cirurgião.

– Num ser humano, não deve mesmo – falou Andrew. Mas eu também sou um robô.

2.

Logo que fora.. fabricado, Andrew se parecia muito mais com um robô. Àquela altura, ele se parecia com um robô mais do que qualquer outro anteriormente fabricado, suavemente desenhado e funcional.

Tinha trabalhado direitinho na casa a que fora levado, no tempo em que os robôs domésticos, em qualquer parte do planeta, eram uma raridade.

Havia quatro em casa: o chefe da família, sua mulher, a moça e a menina. Sabia o nome deles, por certo, mas nunca os usava. O chefe era Gerald Martin.

Seu próprio número de série era NUR – esquecera os números. Sim, por certo que já fazia muito tempo, mas se ele tivesse querido se recordar, não teria esquecido. Ele não quisera recordar.

A menina tinha sido a primeira a chamá-lo de Andrew, porque não sabia usar as letras, e os demais a imitaram.

A menina... vivera noventa anos; já fazia muito tempo que morrera. Uma vez ele tentara chamá-la de senhora, mas ela não permitiu. Menina fora até seu último dia.

Andrew tinha sido destinado a desempenhar as funções de um camareiro, de um mordomo, de uma dama de companhia. Para ele, foram dias de experiência e, na verdade, para todos os robôs, exceto os que estavam nas indústrias, nas atividades extrativas e nas estações fora da Terra

Os Martin gostavam dele, e metade do tempo ele era impedido de executar seu serviço porque a senhorita e a menina preferiam brincar com ele.

Foi a moça quem primeiro percebeu como isto poderia ser feito. Ela disse: – Ordenamos-lhe que brinque conosco, e você precisa obedecer às ordens.

Andrew disse: – Sinto, moça, é evidente que uma ordem do chefe tem de ter precedência.

Mas ela replicou: – Papai acabou de falar que espera que você cuidasse da limpeza. Isto não é bem uma ordem. Eu lho ordeno.

O chefe não se importava. Ele gostava da moça e da menina, mais até do que sua mulher gostava, e Andrew também gostava deles. Pelo menos, o efeito que eles produziam sobre as ações do robô era aquele que um ser humano chamaria de afeto. Assim Andrew encarava o fato, pois desconhecia outra palavra para descrever aquilo.

Foi para a menina que Andrew esculpiu um medalhão de madeira: ela lhe ordenara que o fizesse. Parecia que a moça tinha ganho um medalhão de marfim com ornatos, em seu aniversário, e a menina ficara triste por causa disto. Tinha só um pedaço de madeira, que entregou a Andrew junto com uma faquinha de cozinha.

Rapidamente ele fez o medalhão e a menina disse: – Que bonito, Andrew! Vou mostrar para papai.

O chefe da família não quis acreditar. – Onde foi que você arranjou isto, Mandy? – Era assim que ele chamava a menina. Quando ela lhe assegurou que estava mesmo dizendo a verdade ele se voltou para Andrew: – Foi você que fez isto, Andrew?

– Sim, senhor.

– Também o desenho?

– Sim, senhor.

– De onde você copiou o desenho?

– É uma representação geométrica, senhor, que se adaptava ao veio da madeira.

No dia seguinte, o Sr. Martin lhe trouxe outro pedaço de madeira, maior, e uma faca elétrica, vibratória, dizendo: – Transforme isto nalguma coisa, Andrew. Qualquer coisa que queira.

Andrew obedeceu e o Sr. Martin o observou. Olhou, depois, para o produto durante muito tempo. Depois disto, Andrew não mais ficava a esperar ordens junto à mesa de refeições. Foi-lhe ordenado que, em vez disso, lesse livros sobre o desenho de mobiliário, e ele aprendeu a fazer armários e mesas.

O Sr. Martin disse: – São obras surpreendentes, Andrew.

Ao que ele respondeu: – Gosto de fazê-las, senhor.

– Gosta?

– Parece que fazem os circuitos de meu cérebro fluir melhor. Ouvi vocês usarem a palavra "gostar" e a maneira como a usam se adeqüa ao que sinto. Gosto de fazer estas peças, senhor.

3.

Gerald Martin levou Andrew aos escritórios regionais da United States Robots and Mechanical Men, Inc. Como membro da Legislatura Regional, não teve a mínima dificuldade para marcar uma entrevista com o principal psicólogo de Robôs. Na verdade, era na qualidade apenas de membro da Legislatura Regional que ele se qualificara para ser dono de um robô com preferência, naqueles dias de antigamente, quando raros eram os robôs.

Naquela época, Andrew não entendia nada disto, mas, nos anos subsequentes, aprendendo mais e mais, podia rever aquela cena de outrora e entendê-la à luz de seu próprio entendimento.

Merton Mansky, o psicólogo de robôs, ouviu com uma ruga que se acentuava em sua testa, e mais de uma vez tentou dominar seus dedos, cujas pontas estavam prestes a começar a tamborilar na mesa. Tinha traços bem desenhados e uma fronte vincada que lhe davam, não obstante, uma fisionomia mais jovem do que ele realmente era.

E disse: – A robótica não é uma arte exata, Sr. Martin. Não lhe posso explicar com detalhes, mas a matemática que controla o funcionamento das trilhas positrônicas é complicada demais para permitir soluções que sejam mais do que aproximações. Naturalmente, visto que tudo construímos em torno das Três Leis, elas estão fora de controvérsia. Logicamente, substituiremos o seu robô...

– De maneira alguma – retrucou Gerald Martin. – Ele de modo algum está funcionando com falhas. Desempenha as funções que lhe são designadas perfeitamente. O problema é que também esculpe madeira de maneira primorosa, e nunca repete os desenhos. Produz obras de arte.

Mansky parecia confuso. – Estranho. Na verdade, estamos tentando, atualmente, produzir trilhas genéricas... Acha que ele é realmente criativo?

– Veja você mesmo. – O Sr. Martin lhe estendeu uma esferazinha de madeira contendo uma cena de playground, com meninos e meninas quase impossíveis de perceber, tão pequenos eram, se bem que estivessem em perfeita proporção e misturados tão naturalmente com o veio da madeira que ele próprio parecia ter sido esculpido.

Mansky disse: – Ele fez isto? – Devolveu a peça, sacudindo a cabeça. – Sorte dos circuitos: alguma coisa nas trilhas.

– Poderia fabricar outro?

– Provavelmente não. Nunca fui informado de algo como isto.

– Excelente! Nunca me passaria pela cabeça que Andrew fosse o único!

Mansky disse: – Desconfio que a empresa gostaria de ter de volta o seu robô, para estudá-lo.

Ficando subitamente sombrio, o Sr. Martin disse: – De jeito nenhum. Esqueça. – Voltou-se para Andrew: – Vamos para casa, agora.

– Como quiser, senhor – disse Andrew.

4.

A moça estava namorando, e não parava muito em casa. Era a menina, que já não era tão menina mais, que preenchia agora o horizonte de Andrew. Ela nunca esquecia que a primeira escultura de madeira ele a fizera para ela. Ela a tinha, numa correntinha de prata, em tomo do pescoço. -

Foi ela quem primeiro se pôs ao hábito que o chefe tinha de dar as obras de Andrew, dizendo: – Vamos lá, papai,.se alguém quiser uma das esculturas, que pague por ela. Bem que vale!

Ao que Gerald Martin, pai dela, replicou: – Não é de seu feitio ser gananciosa, Mandy.

– Não é por nós, papai: é pelo artista.

Antes, jamais Andrew ouvira aquela palavra e, quando teve um instante de folga, deu uma olhada no dicionário. Houve então nova viagem, desta vez até o advogado do Sr. Martin.

E Gerald Martin lhe disse: – Que acha disto, John?

John Feingold era o advogado. Cabelos brancos, ventre protuberante. As bordas de suas lentes de contacto tinham um colorido verde-brilhante. Olhou o brochinho que Martin lhe dera. – Bonito, isto... Já ouvi as notícias: foi esculpido pelo seu robô. Este que você trouxe aí com você.

– Sim, é Andrew quem os esculpe. Não é, Andrew?

– Sim, senhor – disse Andrew.

– Quanto você pagaria por esta peça, John? – perguntou Gerald Martin.

– Não posso dizer. Não coleciono coisa; deste tipo.

– Acreditaria se lhe dissesse que me ofereceram duzentos e cinquenta dólares por esta coisinha? Andrew fez cadeiras que foram vendidas por quinhentos dólares. No banco temos guardados duzentos mil dólares, resultantes dos produtos de Andrew.

– Caramba! Ele está enriquecendo você, Gerald.

– Meio rico – disse ele. – Metade está numa conta em nome de Andrew Martin.

– O robô?

– Isso mesmo: e quero saber se isso é legal.

– Legal? – A poltrona de Feingold estalou quando ele se reclinou para trás. – Não há precedentes Gerald. Como é que seu robô assinou os papéis necessários?...

– Ele sabe assinar o nome dele e eu mesmo levei os papéis. Não o levei em pessoa ao banco. Algo mais precisa ser feito?

– Hum... – Por um momento, os olhos de Feingold pareceram se voltar para dentro, após o que falou: – Bem, podemos constituir um procurador para cuidar de todos os negócios em nome dele, o que estabelecerá uma camada de isolamento entre ele e o mundo hostil. Além disto, meu conselho é que você não faça nada. Por enquanto, ninguém deteve você. Se alguém fizer objeções, que esse alguém entre com uma ação.

– E se houver uma ação, você aceitará o caso?

– Com certeza, se me der um sinal.

– Quanto, de sinal?

– Algo como isto – e Feingold apontou para a placa de madeira.

– Muito justo, disse Gerald Martin.

Feingold deu uma pancadinha em seu queixo, ao se voltar para o robô. – Está contente por ter dinheiro, Andrew?

– Sim, senhor.

– Que pretende fazer com ele?

– Comprar coisas que, de outra forma, Gerald Martin teria de comprar. Assim ele economizará, senhor.

5.

Vieram as ocasiões. Os consertos eram caros, e mais ainda as revisões. Com os anos, novos modelos de robôs foram produzidos e o Sr. Martin providenciou para que Andrew fosse dotado de cada novo aperfeiçoamento, até se tomar um modelo de excelência metálica. Tudo às expensas de Andrew.

Andrew insistia nisto.

Só suas trilhas positrônicas estavam intocadas. Nisto Gerald Martin insistia.

– As novas não são tão boas quanto você, Andrew – dizia ele. – Os novos robôs são inúteis. A empresa aprendeu a tornar as trilhas mais precisas, mais perto do nariz, mais entranhadas nos sulcos. Os novos robôs não se desviam. Fazem aquilo para que foram planejados e nunca se desviam. Prefiro você.

– Obrigado, Sr. Martin.

– E isto se deve a você, Andrew, não se esqueça. Tenho certeza de que Mansky acabou com as trilhas genéricas assim que deu uma boa olhada em você. Ele não gostava de coisas imprevisíveis... Sabe quantas vezes requisitou você, para que fosse estudado? Nove vezes! Todavia, nunca deixei que ele conseguisse você, e agora, que ele se aposentou, poderemos ter um pouco de paz.

E, assim, o cabelo do Sr. Martin tomou-se ralo, ficou grisalho, seu rosto ficou estufado, enquanto Andrew parecia até melhor do que quando se integrara na família.

A mulher de Gerald Martin tinha se unido a uma colônia de artistas, num lugar qualquer da Europa e a moça era poetisa, em No va Iorque. Às vezes, elas escreviam, mas não freqüentemente. A menina tinha casado e morava não muito distante. Ela tinha dito que não queria deixar Andrew, e quando seu filho, o "patrãozinho" nasceu, ela deixava que Andrew segurasse a mamadeira e o alimentasse.

Com o nascimento do neto, Andrew sentiu que o Sr. Martin tinha agora alguém para repor os que haviam partido. De forma que não seria muito injusto que chegasse ao chefe e lhe pedisse o que ia pedir.

– Senhor – disse Andrew – foi muita bondade sua permitir que eu gastasse o dinheiro como eu quisesse.

– O dinheiro é seu, Andrew.

– Apenas por sua livre vontade, chefe. Não acredito que a lei impedisse o senhor de ficar com ele todo.

– A lei não me persuadiria a fazer algo de errado, Andrew.

– A despeito de todas as despesas, de todos os impostos, também, senhor, tenho agora quase seiscentos mil dólares,

– Sei disto, Andrew.

– Quero dar este dinheiro ao senhor.

– Não aceitarei, Andrew.

– Em troca de algo que o senhor pode me dar, Sr. Martin.

– Hã? Que é que é, Andrew?

– Minha liberdade.

– Sua...

– Quero comprar minha liberdade, senhor.

6.

Não foi muito fácil. O Sr. Martin ficara vermelho, dissera: – Pelo amor de Deus! – girara sobre seus calcanhares e, altivamente, se fora.

Foi a menina que o trouxe de volta, desafiador e áspero – e na frente de Andrew. Durante trinta anos, ninguém hesitara em conversar na frente de Andrew, quer o assunto dissesse respeito a ele, quer não. Andrew era apenas um robô.

Ela disse: – Pai, por que está considerando isto uma afronta pessoal? Ele ainda estará aqui. Ele ainda será leal. Ele não pode evitar isto. Está construído dentro dele. Tudo que ele quer é um tipo de palavras. Ele quer ser chamado de livre. Isto será tão terrível assim? Será que ele não mereceu isto? Céus, faz anos que ele e eu temos falado disto!

– Você têm falado sobre isto há anos?!...

– Sim, e vezes sem conta ele adiou o pedido, receando magoar o senhor. Eu é que fiz com que ele, por fim, falasse com o senhor.

– Ele não sabe o que é a liberdade. Ele é um robô.

– Pai, o senhor não o conhece. Ele leu tudo que havia na biblioteca. Não sei que sentimentos há dentro dele, mas também não sei o que o senhor sente, por dentro. Quando o senhor lhe falar, constatará que ele reage às várias abstrações como o senhor e eu – e que mais importa? Se as reações de uma pessoa forem iguais às do senhor, que mais pode o senhor pretender?!

– A lei não aceitará esta atitude – disse o chefe, irritado. – Ouça aqui, seu! – Voltou-se para Andrew com voz deliberadamente irritada. – Só posso liberá-lo legalmente, e se a coisa chegar a um tribunal, não só você não terá sua liberdade, como também a justiça ficará ciente oficialmente de seu dinheiro. Dir-lhe-ão que um robô não tem direito de ganhar dinheiro. Será que esta trapalhada vale a perda de seu dinheiro?...

– A liberdade não tem preço, chefe – respondeu Andrew. – Mesmo a possibilidade de liberdade vale o dinheiro.

7.

O tribunal poderia também decidir que não havia preço para a liberdade, e poderia decidir que, por preço algum, por maior que fosse, poderia um robô adquirir sua liberdade.

A afirmação, simples, do procurador regional que representava os que haviam proposto uma ação para se oporem à liberdade, foi a seguinte: – A palavra “liberdade” não tem sentido quando aplicada a um robô. Só um ser humano pode ser livre.

Disse-o várias vezes, quando lhe parecia apropriado; lentamente, com a mão descendo ritmicamente sobre a mesa diante dele, para realçar as palavras.

A menina pediu permissão para falar em favor de Andrew. Ela foi identificada por seu nome todo, algo que nunca Andrew ouvira pronunciar, antes:

Amanda Laura Martin Charney pode se aproximar da bancada.

Ela disse: – Obrigada, meritíssimo. Não sou advogada e não sei a maneira correta de exprimir os fatos, mas espero que deem ouvidos ao sentido do que quero dizer e que não levem em conta o modo de me pronunciar.

– Entendamos o que significa ser livre, no caso de Andrew. Em certos sentidos, ele é livre. Creio que já faz uns vinte anos desde que pela última vez, na família Martin, alguém deu a ele uma ordem para fazer algo que ele, de sua vontade própria, talvez não quisesse fazer.

– Mas podemos, se o desejarmos, dar-lhe uma ordem para fazer qualquer coisa, enunciando-a tão asperamente quanto quisermos, porque ele é uma máquina que nos pertence. Por que estaríamos em condições de assim proceder, quando há tanto tempo ele nos serve, tão fielmente, tendo rendido tanto dinheiro para nós? Ele nada mais nos deve. O débito está inteiramente do outro lado.

– Mesmo que estivéssemos legalmente proibidos de colocar Andrew em indesejada escravidão, ainda assim ele nos serviria voluntariamente. Tomá-lo livre seria apenas um jogo de palavras, mas muito significaria para ele. Isto lhe daria algo e nada nos custaria.

Por um momento, o juiz pareceu estar contendo um sorriso. – Tomei nota de sua opinião, Sra. Charney. O fato é que não há lei que nos obrigue, a este respeito, assim como não há precedente. Existe, todavia, o fato não admitido verbalmente; de que só um homem pode desfrutar da liberdade. Posso criar aqui uma nova lei, sujeita a ser rechaçada em instância superior, mas não posso levianamente ir contra aquele fato não admitido verbalmente. Permita que eu me dirija ao robô. Andrew!

– Sim, meritíssimo.

Era a primeira vez que Andrew falava no tribunal; o juiz pareceu surpreendido,

durante um momento, pelo timbre humano de sua voz. E falou: – Por que quer ser livre, Andrew? De que maneira isto lhe importa?.

Andrew disse: – O senhor gostaria de ser um escravo, meritíssimo?

– Mas você não é um escravo. Você é um robô perfeitamente bom, um robô original, segundo me deram a entender, capaz de uma inigualável expressão artística. Que mais poderia você fazer, sendo livre?

– Talvez não mais do que faço agora, meritíssimo, mas com maior alegria. Foi dito neste tribunal que só um ser humano pode ser livre. Parece-me que só pode ser livre quem deseja sê-lo. Desejo a liberdade.

E foi isto que fez o juiz tomar uma decisão. A frase principal, em sua decisão, foi: – Não existe o direito de negar a liberdade a qualquer objeto com uma mente suficientemente avançada para apreender um conceito e desejar tal condição.

O Tribunal Mundial acabou por ratificar esta sentença.

8.

Gerald Martin continuava aborrecido e sua áspera voz fazia Andrew se sentir como se estivessem lhe aplicando um curto-circuito.

O Sr. Martin disse: – Não quero a porcaria de seu dinheiro, Andrew. Só o aceitarei porque sei que, se assim não fizer, você não se sentirá livre. De agora em diante, pode escolher suas próprias atividades e fazê-las a seu bel-prazer. Não lhe darei ordens, exceto esta: que você as faça a seu bel-prazer. Mas ainda sou responsável por você; isto integra a decisão judicial. Espero que compreenda.

A menina interrompeu: Não seja irascível, papai. A responsabilidade não é um fardo pesado, O senhor sabe que não terá de fazer nada. As Três Leis ainda vigoram.

– Então, até que ponto ele é livre?

Andrew disse: – Os seres humanos também não estão sujeitos a leis, senhor?

Ao que o Sr. Martim replicou: – Não estou aqui para discutir. – Saiu, e depois disso só de raro em raro Andrew o via.

A menina, pelo contrário, vinha ver Andrew com frequência na casinha que tinha sido construída e transferida para ele. Logicamente, não possuía cozinha, nem banheiro. Tinha apenas dois aposentos: um era uma biblioteca e o outro, uma combinação de despensa e oficina. Andrew aceitou muitas encomendas e trabalhava intensamente, como sempre o fizera antes, quando não era um robô livre, até pagar o custo da casa e a estrutura que legalmente lhe fora transferida.

Um dia, apareceu o "patrãozinho" Não, George! O chefinho, após a decisão judicial, insistira nisto. Um robô livre não chama ninguém de chefinho – tinha dito George. – Eu chamo você

de Andrew; você deve me chamar de George.

A frase soou como uma ordem, de forma que Andrew chamou-o de George, mas a menina continuou menina.

Um dia, George veio sozinho. Foi para dizer que o Sr. Martin, seu avô, estava morrendo. A menina estava junto ao leito, mas o Sr. Martin também queria a presença de Andrew.

A voz de Gerald Martin ainda era um tanto forte, embora ele parecesse incapaz de se mexer muito. Esforçou-se para erguer a mão, dizendo: – Andrew, Andrew... Não me ajude, George, estou apenas morrendo. Não estou aleijado... Andrew, estou alegre de ver você livre. Era só isso que eu queria lhe dizer.

Andrew não sabia o que dizer. Nunca antes se sentara à cabeceira de um agonizante, mas sabia que era a maneira humana de parar de funcionar. Era um desmantelamento involuntário e irreversível, e Andrew não sabia o que seria conveniente dizer. A única coisa que sabia fazer era fIcar de pé, absolutamente silencioso, absolutamente imóvel.

Quando o Sr. Martin faleceu, a menina disse: – Pode ele não lhe ter parecido amistoso, mais para o final de sua vida, Andrew, mas era idoso, sabe, e ficou magoado pelo fato de você ter querido ficar livre.

Foi então que o robô achou palavras para dizer. – Sem ele, eu nunca teria sido livre, menina.

9.

Foi só após o falecimento do Sr. Martin que Andrew começou a usar roupas. Começou com um par de velhas calças, par que George lhe dera.

George estava agora casado, e era advogado. Tinha ido trabalhar no escritório de Feingold. Já fazia tempo que o velho Feingold morrera, mas sua filha levara avante a firma, agora denominada Feingold e Martin. Assim permaneceu mesmo após a filha de Feingold se aposentar, sem ser substituída por outro Feingold. Na ocasião em que Andrew vestiu roupas pela primeira vez, o nome de Martin tinha acabado de ser acrescentado ao da firma.

George tentara não sorrir quando Andrew pela primeira vez vestiu as calças, mas aos olhos de Andrew o sorriso estava presente, claramente.

George mostrou a Andrew como manipular a carga estática de forma a permitir que as calças se abrissem, envolvessem a parte inferior de seu corpo e se fechassem. George fez a demonstração com suas próprias calças. Andrew, contudo, estava consciente de que levaria um certo tempo até ele ser capaz de replicar aquele movimento harmonioso.

George disse: – Mas por que você quer calças, Andrew? Seu corpo é tão bonito, tão funcional, que é uma vergonha cobri-lo, especialmente se se levar em conta que você não precisa se preocupar quer com a temperatura, quer com o pudor. E, ademais, a roupa não adere adequadamente ao metal.

Andrew disse: – Os corpos humanos não são harmoniosamente funcionais, George? Mesmo assim, vocês se vestem.

– Sim, para termos calor, limpeza, proteção, enfeite, nada do que se aplica a você.

Ao que Andrew replicou: – Sinto-me despido, sem roupas. Sinto-me diferente, George.

– Diferente! Há milhões de robôs na Terra, Andrew, atualmente. Nesta região, de acordo como último censo, já há quase tantos robôs quanto pessoas.

– Sei disso, George. Há robôs fazendo todos os tipos imagináveis de trabalho.

– E nenhum deles usa roupas.

– E nenhum deles é livre, George.

Pouco a pouco, Andrew foi ampliando seu guarda-roupa. O sorriso de George o inibira, assim como o inibiam os olhares espantados das pessoas que lhe vinham encomendar trabalhos.

Ele era livre, mas dentro dele havia um programa, relativo a seu comportamento para com as pessoas, cuidadosamente detalhado, e era só de passinho em passinho que ele ousava avançar. Uma desaprovação aberta o faria retroceder por meses a fio.

E nem todos aceitavam a liberdade de Andrew. Ele era incapaz de ficar ressentido com isso, se bem que seu processo de pensamento ficasse mais complicado, cada vez que ele pensava nisto.

Acima de tudo, ele tendia a evitar pôr roupa – ou muita roupa – quando pensava que a menina poderia vi visitá-lo. Ela era velha àquela altura e com frequência viajava em busca de climas mais quentes, mas, quando voltava, a primeira coisa que fazia era visitar Andrew.

Num de seus retornos, George disse, pesaroso: – Ela me obrigou Andrew: serei candidato à Legislatura, no ano que vem. Tal avô, diz ela, tal neto.

– Tal avô... – Andrew se deteve, inseguro.

– Isto quer dizer que eu, George, o neto, serei como Gerald Martin, o avô, que uma vez participou da Legislatura.

Andrew disse; – Seria agradável, George, se o Sr. Martin ainda estivesse... – Fez uma pausa, pois não queria dizer "estivesse em condições de funcionamento". Isto parecia impróprio.

– Vivo – disse George. – Sim, eu também penso, de vez em quando, no velho monstro.

Era uma conversa na qual Andrew pensava, de vez em quando. Tinha percebido sua incapacidade de falar quando conversava com George. Num certo sentido, a linguagem se modificara, desde quando começara a existir, com um vocabulário já embutido nele. Aquela altura, por outro lado, George falava de maneira mais simples, como o Sr. Martin e a menina não o faziam. Por que teria ele chamado o avô de "monstro", quando, com toda certeza, esta não era uma palavra conveniente?

Por outro lado, Andrew não podia apelar para seus próprios livros para orientação. Eram velhos e a maioria deles tratava de trabalhos em madeira, de arte, de desenho de mobiliário. Nenhum havia que falasse de linguagem, nada sobre a maneira de ser dos seres humanos.

Foi naquele momento que lhe pareceu que deveria procurar os livros adequados; e, como robô livre, sentiu que não deveria perguntar a George. Iria à cidade e utilizaria a biblioteca. Era uma decisão triunfal e sentiu seu eletropotencial crescer nitidamente, até que ele teve de se associar a uma espiral de impedância.

Pôs traje completo, incluindo até uma corrente de madeira em torno dos ombros. Ele teria preferido o plástico, reluzente, mas George lhe dissera que a madeira seria muito mais adequada e que o cedro polido era também consideravelmente mais valioso.

Já tinha dado uns cem passos, distanciando-se de sua casa, quando uma crescente resistência fez com que se detivesse.Tirou do circuito uma impedância e, quando lhe pareceu que isto não estava ajudando muito, voltou para casa. E, com nitidez, num pedaço de papel, escreveu: – Fui à biblioteca – e deixou o papel bem à vista, sobre sua mesa de trabalho.

10.

Andrew nunca mais chegara à biblioteca. Tinha estudado o mapa. Sabia o caminho, mas não a aparência que tinha. A paisagem atual não se parecia com os símbolos do mapa e ele hesitou Chegou a pensar que errara de caminho, pois havia algo que parecia estranho.

Passou por um campo secundário de robôs, mas, quando se decidiu a perguntar pelo caminho, não havia nenhum robô à vista. Passou um veículo e não parou. Irresoluto, lá ficou ele, de pé. Em outras palavras, estava calmo, sem movimento, quando então duas pessoas atravessaram o campo, caminhando na direção dele.

Voltou-se para encará-los, e eles se dirigiram a Andrew. Um momento antes, estavam a falar, em voz alta tinha ouvido a voz deles; agora, porém, estavam silenciosos. Tinham o olhar que Andrew associava à incerteza humana; eram jovens, embora não jovens de mais. Vinte anos, talvez? Andrew não podia nunca dizer a idade das pessoas.

Ele disse: – Poderiam me descrever o caminho para a biblioteca da cidade, senhores?

Um deles, o mais alto, altura aumentada mais ainda pelo alto chapéu, quase que grotescamente, disse, não a Andrew, mas para o outro: – Ele é robô.

O outro tinha um nariz bulboso e pesadas sobrancelhas. Disse, não a Andrew, mas ao outro: – Está usando roupas.

O mais alto estalou os dedos: – Ë o robô livre! Nos Martin há um robô que não é de ninguém. Por que razão estaria ele usando roupas?

– Pergunte a ele – disse o do nariz avantajado.

– Você é o robô dos Martin? – perguntou o altão.

– Sim, senhor, sou Andrew Martin – respondeu Andrew.

– Ótimo. Tire as roupas. Os robôs não usam roupas. – E disse ao outro: – Que coisa desagradável! Dê uma olhada nele.

Andrew hesitou. Fazia tanto tempo que ele não ouvia uma ordem naquele tom de voz que os seus circuitos de Segunda Lei momentaneamente ficaram bloqueados.

– Tire as roupas: ordeno-lhe – disse o mais alto.

Lentamente, Andrew começou a tirá-las.

– Deixe-as cair – falou novamente o altão.

O do nariz grande falou: – Se ele não pertence a ninguém, poderia pertencer-nos, ou a qualquer outra pessoa.

– De qualquer jeito – falou o altão – quem se oporá a qualquer coisa que façamos? Não estamos prejudicando as propriedades de ninguém... Fique de pé com a cabeça no chão. – Isto foi dito para Andrew.

– A cabeça não foi feita... – começou Andrew.

– Isto é uma ordem. Se não sabe como, tente, de qualquer jeito.

Novamente Andrew hesitou. Tentou então pôr sua cabeça no chão. Tentou erguer suas pernas e caiu, pesadamente.

– O alto disse: – Deite-se aqui. – E, para o outro: – Podemos desmontá-lo. Já desmontou um robô?

– Será que ele deixa?...

– E como poderá nos deter?...

Não havia maneira de Andrew impedi-los, se lhe ordenassem que não resistisse, de maneira suficientemente imperiosa. A Segunda Lei da obediência tinha precedência sobre a Terceira Lei, de autopreservação. De qualquer forma, ele não poderia, possivelmente, se defender sem feri-los, e isto poderia implicar em infringir a Primeira Lei. Àquele pensamento, todas as unidades móveis se contraíram ligeiramente e ele estremeceu ao se deitar.

O altão se aproximou e empurrou-o com o pé. – Ele é pesado. Acho que vamos precisar de ferramentas.

O do nariz grande falou: – Podemos ordenar-lhe que se desmonte. Vai ser divertido vê-lo tentar isto.

– Sim – disse o outro pensativamente – mas vamos tirá-lo do caminho. Se alguém aparecer...

Tarde demais. Alguém vinha mesmo vindo e era George. Do local em que se deitara, Andrew o vira subir uma pequena elevação, a meia distância. Bem que gostaria de lhe fazer um sinal qualquer, mas a última ordem tinha sido: – Deite-se aqui.

A esta altura, George estava correndo e chegou um tanto ou quanto esbaforido. Os dois sujeitos recuaram um pouco e, pensativamente, ficaram aguardando.

Ansiosamente, George falou: – Alguma coisa errada, Andrew?

– Estou bem, George.

– De pé, então... Que aconteceu a suas roupas?

O mais alto falou: – Este robô é seu, Zê?

Asperamente, George se voltou: – Este robô não é de ninguém. Que está acontecendo aqui?

– Educadamente pedimos a ele que tirasse as roupas. Se ele não é seu, que é que você tem a ver com isso?...

– Que é que eles estavam fazendo, Andrew? – indagou George.

E ele respondeu: – Num certo sentido, o que eles queriam era me desmontar. Estavam para me conduzir a um sítio sossegado, onde me ordenariam que eu me desmontasse.

George olhou para os dois; seu queixo tremia. Os dois sujeitos não se moveram um milímetro: estavam sorrindo. Delicadamente, o altão perguntou: – Que é que você vai fazer conosco, baixinho? Atacar-nos?

George disse: – Não, não vou. Este robô esteve conosco durante setenta anos. Ele nos conhece e nos dá mais valor do que a qualquer outra pessoa. Vou dizer a ele que vocês estão ameaçando minha vida e que tencionam matar-me. Pedirei a ele que me defenda. Ao ter de escolher entre vocês e eu, escolherá a mim. Sabem o que lhes acontecerá quando ele atacá-los?

Sem dar muito na vista, ambos estavam a recuar, intranquilos.

Asperamente, George gritou: – Estou em perigo, Andrew; estes dois querem me fazer mal. Avance contra eles!

Assim fez Andrew e os dois rapazelhos nem esperaram: desapareceram bem rapidinho.

– Tudo em ordem, Andrew. Acalme-se – disse George, que parecia abatido. Já fazia muito que ele passara da idade de poder enfrentar um rapaz, quanto mais dois, sozinho.

Andrew disse: – Eu não poderia machucá-los, George. Podia ver que não estavam atacando você.

– Não lhe ordenei que os atacasse; apenas lhe disse que avançasse contra eles. O medo deles fez o resto.

– Como podem eles ter medo de robôs?

– E uma doença da humanidade, doença que ainda não encontrou cura. Mas, não se incomode. Que diabos está você fazendo aqui, Andrew? Eu estava a ponto de voltai e alugar um helicóptero quando o encontrei. Como foi que encasquetou a ideia de ir à biblioteca? Eu mesmo lhe traria quaisquer livros de que necessitasse.

– Sou... – começou Andrew.

– Um robô livre. Sim, sim. Tudo bem; que quer da biblioteca?

– Quero saber mais a respeito dos seres humanos, a respeito do mundo, a respeito de tudo. E sobre robôs, George. Quero escrever uma história sobre robôs.

George disse: – Bem, vamos para casa... Primeiro, pegue suas roupas. Existe um milhão de livros sobre robôs, Andrew, todos incluindo história da ciência. O mundo está ficando saturado não só de robôs, mas também de histórias sobre robôs.

Andrew sacudiu a cabeça, um gesto humano que ultimamente ele começara a fazer. – Não uma história da robótica, George. Uma história de robôs escrita por um robô. Quero expor o que os robôs sentem a propósito do que aconteceu desde que se permitiu que os primeiros trabalhassem e vivessem na Terra.

As sobrancelhas de George se franziram, mas ele nada disse, em resposta direta.

11.

A menina acabara de comemorar seu octogésimo terceiro aniversário, mas nada nela demonstrava quer falta de energia, quer falta de determinação. Mais fazia ela gestos com sua bengala do que se apoiava nela.

Com furiosa indignação, ouviu a história. E disse: – É horrível, George. Quem eram aqueles jovens rufiões?

– Não sei. Que diferença faz? Ao cabo, não causaram danos.

– Mas poderiam, George: você é advogado, e se você está endinheirado, deve-se inteiramente ao talento de Andrew. Foi o dinheiro que ele ganhou que se tomou o fundamento de tudo quanto temos. Ele garante a continuidade da família e eu não quero que ele seja tratado como um brinquedo que sobrou da liquidação.

– Mãe, que quer a senhora que eu faça? – perguntou George.

– Já falei que você é advogado. Não ouviu? Não sei como, mas trate de levantar este caso, de forma a forçar os tribunais regionais a declararem os direitos dos robôs. Depois, a Legislatura criará os atos necessários e tudo irá parar no Tribunal Mundial, se até lá tivermos de ir. Vou ficar na expectativa, George, e não tolerarei que você se exima às suas responsabilidades.

Ela estava séria, e o que começara como uma maneira de apaziguar a medrosa velha senhora acabara virando um interessante assunto, com um emaranhamento legal, o suficiente para torná-lo merecedor de atenção. Como sócio titular do escritório Feingold e Martin, George planejou a estratégia, deixando porém o trabalho propriamente dito a seus associados menores, com boa parte do problema nas mãos de seu filho, Paul, que também integrava a firma e que, religiosamente, quase que todos os dias, fazia um relatório a sua avó. Ela, por sua vez, discutia o assunto todos os dias com Andrew.

Andrew estava profundamente envolvido. Novamente foi adiado seu trabalho no livro sobre os robôs, conforme ele estudava detidamente os argumentos legais e, mesmo, por vezes, fazia sugestões muito tímidas.

Ele disse: – George me disse, naquele dia, que os seres humanos sempre tiveram medo dos robôs. Enquanto tiverem, os tribunais e as legislaturas dificilmente trabalharão a favor dos robôs. Não se deveria fazer alguma coisa, a propósito da opinião pública?

De forma que, enquanto Paul permanecia no tribunal, George foi às tribunas públicas. Isto lhe deu a vantagem do informalismo. Chegou ele mesmo, por vezes, a ir tão longe a ponto de usar o novo e folgado estilo de roupa que ele chamava de "roupas feitas com pano para cortinas"... Paul disse: – Quando estiver na tribuna, não se porte como se estivesse num palco, papai.

Desanimado, George retrucou: – É o que vou tentar.

Certa ocasião, fez uma palestra na convenção anual dos halo- editores e, em parte, o que disse foi:

– Se, em virtude da Segunda Lei, podemos pedir a qualquer robô obediência ilimitada em todos os aspectos que não envolvam dano a um ser humano, então qualquer ser humano, qualquer ser humano, tem um poder temível sobre qualquer robô, qualquer robô. Em particular, visto que a Segunda Lei suplanta a Terceira Lei, qualquer ser humano pode usar a lei da obediência para superar a lei da autoproteção. Ele pode ordenar a qualquer robô que se prejudique ou mesmo que se destrua a si mesmo, por qualquer razão, ou por razão nenhuma.

– Isto é justo? Trataríamos um animal assim? Mesmo um objeto inanimado que nos prestou bons serviços tem direito à nossa consideração. E um robô não é insensível; não é um animal. Pode pensar suficientemente bem para ser capaz de falar conosco, raciocinar conosco, brincar conosco. Podemos tratá-los como amigos, podemos trabalhar junto com eles, e não lhes dar um pouco do fruto desta amizade, algum benefício do trabalhar juntos?

– Se um homem tem o direito de dar a um robô qualquer ordem que não implique em dano a um ser humano, ele deveria ter a decência de nunca dar a um robô qualquer ordem que envolva perigo para o robô, a não ser que a segurança humana o requeira de forma absoluta. Maior poder significa maior responsabilidade, e se os robôs têm as Três Leis para protegerem os homens, será que é pedir demais fazer com que os homens tenham uma ou duas leis para protegerem os robôs?

Andrew estava certo. A chave para os tribunais e a Legislatura estava na batalha em tomo da opinião pública. E por fim foi aprovada uma lei que estabeleceu condições mediante as quais eram proibidas ordens que pudessem prejudicar os robôs. A lei tinha mil e uma minúcias e as punições pela violação da lei eram totalmente inadequadas, mas o principio fora estabelecido. A passagem final pela Legislatura Mundial ocorreu no dia em que a menina faleceu.

Não foi coincidência. Durante o debate final a menina se agarrara desesperadamente à vida e só se deixou vencer quando veio a notícia da vitória. Seu último sorriso foi para Andrew. E suas últimas palavras foram: – Você foi bom para nós, Andrew.

Ela morreu segurando a mão dele, enquanto o filho dela, sua mulher e as crianças permaneciam a uma respeitosa distância de ambos.

12.

Andrew aguardou pacientemente enquanto o recepcionista desaparecia pelo interior do escritório. Poderia ter usado a caixa holográfica falante, mas é indubitável que ficou descontrolado (ou des-robotado) pelo fato de ter de tratar com outro robô em vez de fazê-lo com um ser humano.

Andrew passou o tempo revolvendo o assunto em sua mente. “Des-robotado” poderia ser usado como análogo de “descontrolado”, ou “descontrolado” tinha se tomado uma metáfora, suficientemente divorciada de seu sentido literal original para ser aplicada a robôs – ou a mulheres?

Problemas como este surgiam com frequência conforme ele trabalhava em seu livro sobre robôs. O truque de elaborar frases para expressar todas as complexidades indubitavelmente aumentara seu vocabulário.

Ocasionalmente, alguém entrava na sala e olhava-o fixamente, e ele não tentava evitar o olhar perscrutador. Andrew ,calmamente, encarava a pessoa que estava a olhá-lo e a pessoa, por sua vez, desviava o olhar.

Por fim, apareceu Paul Martin. Parecia surpreso, ou pareceria, se Andrew tivesse apreendido com certeza a expressão dele. Paul passara a usar a pesada maquilagem que a moda estava impondo a ambos os sexos, e embora ela tomasse num certo sentido mais incisivos e firmes os traços do rosto dele, que às vezes pareciam imprecisos, Andrew desaprovou. Achava que desaprovar os seres humanos, desde que não expressasse verbalmente sua desaprovação, não o deixava incomodado. Podia até mesmo exprimir por escrito a desaprovação. Tinha certeza de que não fora sempre assim.

Paul disse: – Vamos, Andrew, entre. Desculpe fazer você esperar, mas havia algo que eu tinha de terminar; Entre. Disse que queria falar comigo, mas não sabia que você queria falar aqui na cidade.

– Se estiver ocupado, Paul, estou preparado para continuar a esperar.

Paul deu uma rápida olhada para o intercâmbio de sombras moventes no mostrador na parede que servia de relógio e disse: – Posso lhe dar algum tempo. Veio sozinho?

– Aluguei um automóvel.

– Algum problema? – perguntou Paul, um tanto ansioso.

– Não esperava nenhum: meus direitos estão protegidos.

Isto pareceu fazer Paul mais ansioso ainda. – Andrew, já expliquei que a lei é inexequível, pelo menos em muitas circunstâncias... E se insistir em usar roupas, poderá acabar se metendo em apuros como daquela primeira vez.

– Primeira e única, Paul. Lamento que tenho ficado desagradado.

– Bem; olhe, vamos encarar as coisas assim: praticamente, você é uma “lenda”, Andrew, e você é muito valioso, de muitas maneiras diferentes, para se permitir arriscar... Como vai o livro?

– Estou me aproximando do final, Paul, O editor está bastante contente.

– Ótimo!

– Não sei se, necessariamente, ele está contente com o livro enquanto tal. Penso que espera vender muitos exemplares por ter sido escrito por um robô, e isto o deixa satisfeito.

– Só por razões humanas receio.

– Não estou insatisfeito. Deixá-lo vender seja lá por que razão for desde que isto signifique dinheiro e que eu ganhe um pouco.

– Vovó deixou você...

– A menina foi generosa, e estou certo de que posso continuar a contar com a família. Mas estou contando é com os direitos autorais do livro para me ajudarem no próximo passo.

– E qual será esse próximo passo?

– Estou querendo falar com o presidente da U. S. Robots and Mechanical Men, Inc. Tenho tentado marcar um encontro, mas até agora não consegui contacto com ele. A empresa não cooperou comigo na redação do livro, de forma que, você compreende, não estou surpreso.

Era evidente que Paul estava se divertindo. – Cooperação é a última coisa que você pode esperar. Eles não cooperaram conosco, em nossa grande luta pelos direitos dos robôs. Bem pelo contrário! E você pode perceber porque. Se se derem direitos a um robô, as pessoas não quererão comprá-lo.

– Não obstante – falou Andrew – se você lhes telefonar, poderá me obter uma entrevista.

– Minha popularidade com eles não é maior do que a sua, Andrew.

– Mas talvez você possa insinuar que, me vendo, eles poderão impedir uma campanha de Feingold e Martin para fortalecer mais ainda os direitos dos robôs.

– Mas isto não seria uma mentira, Andrew?

– Sim, Paul, e não posso mentir. Dai porque você é que precisa telefonar.

– Ah, você não pode mentir, mas me compele a contar uma mentira, não é? Você está ficando cada vez mais humano, Andrew...

13.

Não foi fácil conseguir a entrevista, mesmo com o suposto peso que o nome de Paul carregava.

Mas, por fim, tudo se arranjou e, no momento em que ela ia se concretizar, Harley Smythe-Robertson que, pelo lado da mãe, descendia do primeiro fundador da empresa, e que adotara a hifenização para indicar tal ascendência, parecia notavelmente infeliz. Estava se aproximando da idade da aposentadoria e sua inteira ocupação, enquanto presidente, tinha sido dedicar-se à questão dos direitos dos robôs. Seu cabelo grisalho estava finamente emplastrado sobre o topo de sua careca, seu rosto não estava maquilado, e de vez em quando ele olhava hostilmente para Andrew.

Andrew disse: – Senhor, quase um século atrás, Merton Mansky, desta empresa, disse-me que a matemática que dirigia a instalação das trilhas positrônicas era complicada demais para permitir mais do, que soluções aproximadas e que, por conseguinte, minhas capacidades não eram plenamente previsíveis.

– Isso foi há um século atrás. – Sinythe-Robertson hesitou e, então, disse geladamente: – Senhor, Isto não é mais verdade. Nossos robôs são agora feitos com precisão e são treinados precisamente para as tarefas deles.

– Sim – disse Paul, que também viera, como ele dissera, para ter certeza de que a empresa jogava um jogo limpo – com o resultado de que minha robô recepcionista precisa ser guiada passo a passo se os acontecimentos se afastam, ainda que um pouquinho só, do convencional.

Smythe-Robertson disse: – Você ficaria muito mais aborrecido se tivesse de improvisar.

Andrew falou: – Quer dizer que não estão mais fabricando robôs como eu, que sou flexível e adaptável.

– Não, não estamos mais.

– A pesquisa que fiz, relacionada com meu livro – retomou Andrew a conversa – indica que sou o mais velho dos robôs presentemente em funcionamento ativo.

– Presentemente, o mais velho – disse Smythe-Robertson – e nunca houve nenhum tão velho. Será sempre o mais velho de todos. Nenhum robô é útil após vinte e cinco anos de uso. São levados de volta à fábrica e substituídos por modelos mais novos.

Em tom prazenteiro, Paul falou: – Nenhum robô, tal como é atualmente fabricado, é

útil após o vigésimo quinto ano. Sob este aspecto, Andrew é muito excepcional.

Aderindo ao caminho que indicara para si mesmo, Andrew falou: – Sendo o robô mais velho do mundo, e o mais flexível, será que não sou o bastante incomum para merecer desta empresa um tratamento especial?

– De maneira alguma – replicou Smythe-Robertson, friamente. – O fato de você ser tão diferente assim é um embaraço para a empresa. Se você tivesse sido alugado, em vez de ter sido imediatamente vendido, por um contratempo, há muito que já teria sido substituído.

– Mas o problema é exatamente esse – disse Andrew. – Sou um robô livre e sou dono de mim mesmo. Portanto, aqui vim para pedir que me substitua. Não pode fazer isto sem o consentimento do proprietário. Atualmente, esse consentimento é extorquido como uma condição para o leasing, mas no meu tempo isto não acontecia.

Smyhte-Robertson estava olhando a um tempo surpreendido e confuso, e por um momento fez-se silêncio. Andrew acabou olhando fixamente para o hológrafo, na parede. Era uma máscara mortuária de Susan Calvin, santa padroeira de todos os roboticistas. Fazia agora quase duzentos anos que ela falecera mas, devido ao seu livro, Andrew a conhecia tão bem que quase podia se persuadir de que a conhecera em vida.

– Como poderei substituir você para você? – perguntou Smythe-Robertson. Se eu substituir você como robô, como poderei dar o novo robô a você, se no próprio ato de substituição você deixa de existir? – Sorriu, impiedosamente.

Paul se interpôs: – Absolutamente não vejo esta dificuldade. A sede da personalidade de Andrew é seu cérebro positrônico, que é a única parte que não pode ser substituída sem que se crie um novo robô. Consequentemente, o cérebro positrônico é Andrew, o proprietário. Qualquer outra parte do corpo robótico pode ser substituída sem afetar a personalidade do robô, e essas outras partes são possessões do cérebro. Eu diria que Andrew quer prover seu cérebro com um novo corpo robótico.

Calmamente, Andrew acedeu: – E isso mesmo. – Voltou-se para Smythe-Robertson: – Vocês fabricaram androides, não é mes mo? Robôs que têm a aparência externa de seres humanos completos, com a mesma textura de pele.

Smythe-Robertson confirmou: – Sim, fabricamos. Funcionaram perfeitamente bem, com seus tendões e sua pele sintética fibrosa. Praticamente, com exceção do cérebro, eles não tinham partes metálicas, ainda que fossem considerados robôs metálicos. Peso por peso, eram mais vigorosos.

Paul parecia interessado: – Não sabia disso. Quantos estão no mercado?

– Nenhum – informou Smythe.Robertson. – Eram muito mais caros que os modelos de metal e uma pesquisa de mercado mostrou que não seriam aceitos. Pareciam humanos demais.

Andrew disse: – Mas presumo que a empresa continua sabendo como fabricá-los. Isto posto, desejo solicitar ser substituído por um robô orgânico, um androide.

Paul parecia surpreendido: – Santo Deus! – foi o que conseguiu dizer.

Smythe-Roberfson engrossou: – Totalmente impossível.

– Impossível por quê? – interrogou Andrew. – É lógico que pagarei qualquer quantia que seja razoável.

Smythe.Robertson disse: – Não fabricamos androides.

– Vocês optaram por não fabricar androides – interpôs-se Paul rapidamente. – Isto não é o mesmo que dizer que vocês são incapazes de fabricá-los.

– Não obstante – Smythe-Robertson retomou a palavra – a fabricação de androides é contra o interesse público.

– Não há lei contra isto – esclareceu Paul.

– Mesmo assim, não os fabricamos nem os fabricaremos.

Paul pigarreou. – Mr. Smythe-Robertson – disse – Andrew é um robô livre, que está dentro dos limites da lei que garante os direitos dos robôs. Presumo que está ciente disso.

– Estou sabendo muito bem disso.

– Este robô, livre como é, escolhe usar roupas. Isto resulta em que com frequência ele é humilhado por seres humanos que agem impensadamente, a despeito da lei contra a humilhação dos robôs. Ë difícil mover ação penal contra vagas ofensas que, de um modo geral, as pessoas não encaram como ofensas, pessoas que devem decidir pela culpa ou pela inocência.

– Desde o início a U.S. Robots entendeu isto. A firma de seu pai, infelizmente, não agiu assim.

– Agora meu pai já faleceu – disse Paul – mas o que estou vendo é que estamos diante de uma clara ofensa a um preceito legal.

– De quê é que está falando? – indagou Srnythe-Robertson.

– Andrew Martin, meu cliente, acaba de se tornar meu cliente, é um robô livre que tem o direito de interpelar a ti. S. Robots and Mechanical Men Inc. pelo direito de substituição, que a empresa dá a quem quer que possua um robô há mais de vinte e cinco anos. Aliás, o caso é que a empresa até insiste na substituição.

Paul sorria, completamente à vontade. Prosseguiu: – O cérebro positrônico de meu cliente é proprietário do corpo de meu cliente que seguramente tem mais de vinte e cinco anos. O cérebro positrônico pede a substituição do corpo, e propõe-se a pagar qualquer quantia razoável por um corpo androide que faça essa substituição. Se se recusar a atender o pedido, meu cliente sofrerá uma humilhação, e nós entraremos com uma ação.

– Se bem que, de um modo geral, a opinião pública não estaria a favor do robô, num caso como este, devo lembrar-lhe que a U. S. Robots não goza de popularidade junto ao público em geral. Mesmo os quie precisam usar robôs, e se valer deles, têm suas desconfianças para com a empresa. Isto pode ser um resquício dos dias em que todo mundo receava os robôs. Pode ser um ressentimento contra o poder e a riqueza da U. S. Robots, que mantém um monopólio mundial. Seja qual for a causa, o ressentimento existe, e penso que o senhor chegará à conclusão de que é preferível não enfrentar uma ação, ainda mais levando em conta que meu cliente é rico e viverá por muitos séculos mais, e que eu não terei motivos, nunca, para me abster desta batalha.

Smythe.Robertson foi ficando, lentamente, ruborizado. – Está querendo me forçar a...

– Não o estou forçando a nada – contrapôs Paul. – Se deseja não atender ao pedido, muito razoável, de meu cliente, tem todo o direito de fazê-lo, e nós nos retiraremos sem mais palavras... Mas entraremos com uma ação, visto que é de todo nosso direito, e é provável que vocês percam em juízo.

– Bem... – disse Smythe.Robertson e fez uma pausa.

- Vejo que vai acabar concordando – disse Paul. – Poderá hesitar, mas acabará, no final, acedendo. Deixe.me então assegurar-lhe uma outra coisa. Se, no decorrer do processo de transferência do cérebro positrônico de meu cliente de seu corpo atual para outro, orgânico, houver algum dano, por menor que seja, então jamais tornarei a descansar enquanto não houver posto por terra a empresa. Se necessário, adotarei todas as medidas necessárias para mobilizar a opinião pública contra a empresa se uma trilha que seja da essência de platina-irídio de meu cliente for prejudicada. – Voltou.se para Andrew e disse: – Concorda com tudo isto?

Por um minuto inteiro, Andrew hesitou. Isto significava aprovar as mentiras, as chantagens, as aflições e as humilhações dos seres humanos. Mas não dor física, disse a si mesmo, não aprovaria a dor física.

Por fim, com voz débil, disse: – Sim.

14.

Era como ser construído de novo. Durante dias, depois durante semanas, finalmente por meses, Andrew achava que ele próprio não era, até certo ponto, ele próprio, e mesmo as ações mais simples davam margem a uma crescente hesitação.

Paul estava furioso. – Prejudicaram você, Andrew. Teremos de entrar com uma ação.

Andrew falou muito lentamente. – Não, não entre. Jamais será capaz de provar alguma... coisa... hum.

– Intenção criminosa?

– Sim. Além disso, fiquei mais forte, melhor. É tr-tr-tr...

– Tremor?

– Trauma. Além disso, nunca houve antes uma op-pp.op.. antes.

Andrew podia sentir seu cérebro, lá dentro. Ninguém mais poderia. Sabia que estava bem e durante os meses que levou para ele apreender coordenação plena e ação positrônica completa, gastava horas diante do espelho.

Completamente humano, não! O rosto era rígido – muito rígido – e os movimentos eram marcados demais. Faltava.lhe a descuidada liberdade do ser humano, mas talvez isto viesse

com o tempo. Pelo menos, poderia usar roupas sem a ridícula anomalia de um rosto de metal andando com roupas.

Um dia, disse: – Vou voltar ao trabalho.

Paul riu e disse: – Isto significa que você está bem. Que vai fazer? Outro livro?

– Não – disse Andrew, seriamente. – Vivo tempo demais para que qualquer outra carreira me apanhe pelo pescoço e nunca me abandone. Tempo houve em que, basicamente, eu era artista, e ainda posso retornar a isto. E tempo houve em que fui historiador, e ainda posso retomar a isto. Agora, porém, desejo ser biólogo de robôs.

– Você quer dizer psicólogo de robôs.

– Não. Isso implicaria o estudo de cérebros positrônicos e, por ora, falta-me vontade de fazê-lo. Parece-me que um biólogo de robôs cuidaria do funcionamento do corpo ligado ao cérebro.

– Isso não seria ser um roboticista?

– Um roboticista trabalha com um corpo metálico. Estudarei um corpo humanoide orgânico, do qual tenho um, tanto quanto sei.

Pensativamente, Paul comentou: – Você está limitando seu campo. Como artista, toda a concepção é sua; como historiador, li dou principalmente com robôs; como biólogo de robôs, lidará consigo mesmo.

– Assim me parece – confirmou Andrew, meneando a cabeça.

Andrew tinha de começar desde o princípio, pois nada sabia de biologia comum, quase nada de ciência. Seu vulto tornou-se familiar em bibliotecas, onde se sentava nos índices eletrônicos horas a fio, parecendo perfeitamente normal, com suas roupas. Os poucos que sabiam ser ele um robô, de maneira nenhuma interferiam nas suas pesquisas.

Construiu um laboratório no aposento que acrescentara à sua casa, e sua biblioteca também se ampliou.

Passaram-se os anos. Um dia, Paul veio ter com ele, dizendo: – Pena que você não esteja mais trabalhando em história de robôs. Ouvi dizer que a U.S. Robots está adotando uma política completamente nova.

Paul envelhecera, e seus olhos, que já não eram tão bons como antes, tinham sido substituídos por células fotópticas. Por esse motivo, aproximara-se mais de Andrew.

Andrew perguntou: – Que foi que fizeram?

– Estão fabricando centrais de computadores, cérebros positrônicos gigantes, que, na verdade, se comunicam com qualquer parte, desde doze a mil robôs, por microondas. Os robôs propriamente ditos não têm nenhum cérebro. São os membros de um cérebro gigantesco, e os dois estão fisicamente separados.

– Isso é mais eficiente?

– Diz a U. S. Robots que sim. Smythe-Robertson estabeleceu as novas diretrizes antes de falecer, todavia, e eu entendo que isto é um coice em você. A U. S. Robots decidiu que não fabricarão robôs que lhe dará o tipo de problemas que você deu a ela, daí porque separaram corpo e cérebro. O cérebro não terá corpo que se queira mudar; o corpo não terá cérebro que deseje seja lá o que for.

– é surpreendente, Andrew – continuou Paul – a influência que você teve na história dos robôs. Foi seu dom artístico que encorajou a U. S. Robots a. fabricar robôs mais precisos e especializados; foi sua liberdade que resultou no estabelecimento do principio dos direitos robóticos; foi sua insistência num corpo de androide que fez aU. S. Robots enveredar pela separação cérebro-corpo.

Andrew disse: – Acredito que, ao final, a empresa produzirá um vasto cérebro que controlará bilhões de corpos robóticos. Todos os ovos estarão numa única cesta. Perigoso. De todo inconveniente.

– Penso que você tem razão – falou Paul. – Mas suspeito que antes de um século isto não acontecerá, e não viverei para ver isto. Na verdade, pode ser que eu não viva nem para ver o ano que vem.

Preocupado, Andrew, exclamou: – Paul!

Paul deu de ombros. – Somos mortais, Andrew, não somos como você. Não importa muito, mas é importante garantir você num aspecto. Sou o último dos Martin humanos. Há colaterais, descendentes de minha tia-avó, mas não contam. O dinheiro que controlo pessoalmente será deixado em custódia, em seu nome e, tanto quanto se possa antever o futuro, você estará economicamente garantido.

Com dificuLdade, Andrew disse: – Desnecessário. – Durante todo o tempo, ele não conseguira se habituar ao falecimento dos Martin.

Paul disse: – Não vamos discutir. E assim que será feito. Em que está trabalhando?

– Estou planejando um sistema que permitirá aos androides como eu obter energia da combustão de hidrocarbonetos, antes do que de células atômicas.

Paul franziu as sobrancelhas: – Quer dizer que respirarão e comerão?

– Sim.

– Faz quanto tempo que está pesquisando neste sentido?

– Já faz agora bastante tempo, mas acredito que planejei uma câmara adequada de combustão para controle catalizado de desarranjos.

– Mas, Andrew, por quê? Com toda certeza a célula atômica é infinitamente melhor.

– Num certo sentido, talvez, mas a célula atômica não é humana.

15.

Levou tempo, mas Andrew tinha tempo. Em primeiro lugar, ele nada queria fazer antes de Paul morrer em paz.

Com a morte do neto do seu primeiro patrão, Andrew sentiu- se ainda mais exposto a um mundo hostil, e por esta mesma razão mais decidido estava a continuar no caminho que há tanto tempo escolhera.

Na verdade, sozinho mesmo ele não estava. Um homem morrera, é certo, mas a firma Feingold e Martin continuava, pois, assim como um robô não perece, uma empresa não morre. A empresa tinha seus caminhos e os seguia sem esmorecer. Por causa do legado, e através do escritório de advocacia, Andrew continuava bem rico. E, em troca dos grandes juros que a soma destinada a Andrew anualmente lhes proporcionava, Feingold e Martin se envolvia nos aspectos legais da nova

câmara de combustão.

Quando chegou a ocasião de Andrew visitar a U. . Robots and Mechanical Men Inc, ele foi sozinho. Uma vez fora com o Sr. Martin, outra vez com Paul. Desta vez, a terceira, estava sozinho, e com aparência humana.

A U. S. Robots tinha mudado. A fábrica, onde se fazia a produção, fora mudada para uma grande estação espacial, como se dera com muitas e muitas indústrias. Com ela tinham ido muitos robôs. A Terra propriamente dita estava se assemelhando a um parque, com sua população estabilizada em um bilhão de pessoas e talvez com não mais do que trinta por cento dela, no mínimo, de sua igualmente grande população de robôs com cérebros independentes.

O Diretor de Pesquisas era Alvin Magdescu, de pele e cabelos escuros, com um cavanhaque pontudo, nada usando acima da cintura, salvo a faixa, à altura do peito, que a moda impunha. Quanto a Andrew, estava inteiramente vestido, à velha maneira, de várias décadas atrás.

Magdescu disse: – Claro que conheço você, e me dá prazer vêlo. Você é nosso produto mais notório e é uma pena que o velho Smythe-Robertson tenha se colocado contra você. Muito poderia ter feito com você.

– Você ainda pode – disse Andrew.

– Não, não penso assim. Passou o tempo. Tivemos robôs na Terra por mais de um século, mas isto está mudado. Eles voltarão ao espaço e os que aqui ficarem não terão cérebro.

– Mas eu continuo, e permanecerei na Terra.

– E verdade, mas você não parece ter muito de um robô. Que veio pedir, de novo?

– Ser menos robô ainda. Visto que já sou um tanto orgânico, quero uma fonte orgânica de energia. Tenho aqui os planos...

Magdescu não teve pressa de examiná-los. De início, poderia ter tido esta intenção, mas ficou rijo e concentrado. A certa altura, disse: – Isto é notável. Quem planejou isto tudo?

– Eu – esclareceu Andrew.

Magdescu olhou-o incisivamente e disse: – Isto exigiria uma minuciosa vistoria em seu corpo, e num outro, experimental, visto que nunca se tentou isto antes. Previno-o, pois. Fique como você é.

A face de Andrew tinha meios limitados de expressão, mas a impaciência se evidenciou claramente em sua voz. – Dr. Magdescu, o senhor hão entendeu nada. Não tem o que escolher: só tem é de concordar comigo. Se tais instrumentos podem ser construídos no interior de meu corpo, também podem ser construídos dentro de corpos humanos. Já se assinalou a tendência a prolongar a vida humana mediante aparelhos protéticos. E não há aparelhos melhores do que os que planejei e continuo planejando.

– O que ocorre é que controlo minhas patentes por meio do escritório Feingold e Martin. Temos plena capacidade de entrarmos nós mesmos no negócio e de construir o tipo de aparelhos protéticos que poderão redundar na fabricação de seres humanos com muitas das qualidades dos robôs. Então, a própria empresa do senhor sofrerá.

– Se, todavia, me operar agora e concordar em trabalhar da mesma forma, no futuro, receberá permissão para fazer uso das patentes e para controlar a tecnologia tanto dos robôs como da protetização dos seres humanos, O leasing inicial, por certo, não será concedido enquanto a primeira operação não for levada a cabo com sucesso, e depois de ter decorrido tempo suficiente para provar que é verdadeiramente um sucesso. – A Primeira Lei pouca inibição estava exercendo sobre Andrew ao ele estabelecer aquelas severas condições para um ser humano. Estava aprendendo a raciocinar que aquilo que poderia parecer crueldade, a longo prazo poderia ser bondade.

Magdescu parecia aturdido. Disse: – Não sou o único a decidir algo deste porte. E uma decisão de nível empresarial que levaria tempo.

– Posso esperar um tempo razoável – disse Andrew – mas apenas um tempo razoável. – E pensou, com satisfação, que o próprio Paul não teria agido melhor.

16.

Levou apenas um tempo razoável, e a operação foi um sucesso.

Magdescu disse: – Opus-me muito à operação, Andrew, mas não pelas razões que poderia você supor. Eu não me oporia nem um pouco à operação, se tivesse sido em alguém outro. Odiaria pôr em risco o seu cérebro positrônico. Agora que você tem trilhas positrônicas em interação com trilhas nervosas simuladas, seria difícil manter o cérebro intacto, se o corpo ficasse ruim.

– Eu tinha plena confiança na capacidade da U. S. Robots – disse Andrew. – Agora, posso comer.

– Bem, você pode sorver óleo de oliva. Isto implicará, de vez em quando, uma limpeza da câmara de combustão, como lhe explicamos. Será um toque de desconforto, penso eu.

– Talvez, se eu não estivesse aguardando algo mais ainda. A autolimpeza não é impossível. Na verdade, estou trabalhando num instrumento que poderá cuidar de alimentos sólidos que, é de se esperar, conterá frações incombustíveis. Noutras palavras, matéria indigerível, que terá de ser eliminada.

– Teremos então de providenciar um ânus para você.

– O equivalente dele.

– Que mais, Andrew?

– Tudo o mais.

– Órgãos genitais, também?

– Na medida em que se adeqüem a meus planos. Meu corpo é uma tela na qual tenciono pintar...

Magdescu esperou que a sentença fosse completada, e, quando lhe pareceu que Andrew não a concluiria, ele próprio a inteirou: – Homem?

– Veremos – disse Andrew.

Magdescu falou: – Ë urna ambição mesquinha, Andrew. Você é melhor do que um homem. Você começou a decair, desde que optou pelo organicismo.

– Meu cérebro não sofreu.

– Não, não sofreu- Garanto-lhe isso. Mas, Andrew, todo o novo surto de desenvolvimento da protética, devido às suas patentes, está sendo comercializado em seu nome. Você é reconhecido e honrado como o inventor tal como você é. Vai brincar mais ainda com seu corpo?...

Andrew não respondeu.

Vieram as honras. Aceitou ser membro de várias sociedades científicas, incluindo uma dedicada à nova ciência que ele tinha estabelecido: a chamada robôbiologia, mas que acabara sendo chamada de protectologia.

No centésimo quinquagésimo aniversário de sua fabricação, Andrew foi homenageado com um jantar patrocinado pelaU. S. Robots. Se Andrew viu ironia nisto, a ninguém o disse.

Alvin Magdescu deixou seu sossego de aposentado para presidir o jantar. Estava com noventa e quatro anos e vivia por possuir partes protéticas que, entre outras coisas, preenchiam as funções do fígado e dos rins. O jantar atingiu seu clímax quando Magdescu, depois de uma alocução breve e emotiva, ergueu sua taça para brindar "o robô sesquicentenário."

Os nervos do rosto de Andrew tinham sido redesenhados, de forma que ele pudesse demonstrar toda uma gama de emoção, mas, no decorrer de toda a cerimônia, ele sentou-se, solenemente passivo. Não lhe agradava ser um Robô Sesquicentenário.

17.

Por fim, foi a protectologia que levou Andrew para fora da Terra. Nas décadas que se seguiram às comemorações do Sesquicentenário, a Lua acabara se transformando num mundo em tudo e por tudo semelhante à Terra, exceto quanto à gravidade, e em suas cidades subterrâneas havia já uma densa população.

Havia aparelhos protetizados para fazer frente ao problema da gravidade menor e Andrew passou cinco anos na Lua trabalhando com protetologistas de lá para fazer as adaptações necessárias. Quando não estava trabalhando, ele passeava em meio à população de robôs, cada um dos quais o tratava com a obsequiosidade devida a um homem.

Voltou a uma Terra que era monótona e quieta comparada com a Lua, e visitou os escritórios da Feingold e Martin para anunciar seu retorno.

O então diretor da firma, Simon DeLong, ficou surpreso. Ele disse: – Fomos informados de que você estava para retomar, Andrew (quase dissera "Sr. Martin"), mas não o esperávamos antes da próxima semana.

– Fiquei impaciente – explicou Andrew, bruscamente. Estava ansioso para chegar ao que lhe interessava. – Na Lua, Simon, eu estava encarregado de uma equipe de pesquisa de vinte cientistas humanos. Dava ordens que ninguém questionava. Os robôs lunares tratavam-me com o respeito devido a um ser humano – Por quê, então, não sou um ser humano?

Um olhar cauteloso passou pelos olhos de DeLong. – Meu prezado Andrew, como acabou de dizer, você é tratado como um ser humano tanto pelos robôs como pelas pessoas. Logo, de fato você é um ser humano.

– Ser um humano de fato não basta. Não quero apenas ser tratado como um deles, mas ser legalmente identificado como um deles. Quero ser um ser humano de jure.

– Bem, isso é outro assunto – disse DeLong. – Entraremos no domínio dos preconceitos humanos e entrará em jogo o fato inquestionável de que, por mais que você se

assemelhe a um ser humano, você não é um ser humano.

– Como é que não sou? – perguntou Andrew. – Tenho a forma de um ser humano e órgãos equivalentes aos de um ser humano. Meus órgãos, na verdade, são idênticos àqueles protetizados num ser humano. Contribuí artisticamente, literalmente e cientificamente para a cultura humana tanto quanto qualquer ser humano ora vivo. Que mais se pode pedir?

– Por mim, nada mais pediria. O problema é que será preciso um ato da Legislatura Mundial para defini-lo como ser humano. Francamente, não espero que isso aconteça.

– Com quem poderia eu falar, na Legislatura Mundial?

– Talvez com o Presidente do Comitê de Ciência e Tecnologia.

– Pode marcar uma entrevista?

– Mas você praticamente não precisa de um intermédio. Em sua posição, você pode...

– Não. Providencie você o encontro. – (Nem passou pela cabeça de Andrew que estava dando uma ordem direta a um ser humano. Acostumara-se a isto, na Lua). – Quero que ele saiba que a firma Feingold e Martin está me apoiando inteiramente.

– Bem, agora...

– Inteiramente, Simon. Em cento e setenta e três anos, de uma maneira ou de outra, dei uma grande contribuição para esta firma. No passado, tive obrigações para com membros individuais desta firma. Agora não tenho. Quase que é o contrário agora, e estou invocando os débitos que têm para comigo.

DeLong disse: – Farei o que puder.

18.

O Presidente do Comitê de Ciência e Tecnologia era do leste asiático e era mulher. Chamava-se Chee Li-Hsing e suas roupas transparentes (que obscureciam o que ela queria obscurecer tão-somente pelo seu ofuscamento) faziam-na parecer embrulhada em plástico.

Ela disse: – Simpatizo com seu desejo de possuir plenos direitos humanos. Tempos houve, na História, quando segmentos da população humana lutaram por plenos direitos humanos. Que direitos, contudo, provavelmente deseja, que ainda não tenha?

– Tão simples quanto meu direito de viver. Um robô pode ser desmontado a qualquer momento.

– E um ser humano pode ser executado a qualquer momento.

– A execução só pode ocorrer após o devido processo legal. Já para desmontar, não se exige ação legal. Só uma palavra de um ser humano investido de autoridade basta para que me deem fim. Além disso... Além disso... – Desesperadamente, Andrew tentava não dar indícios de estar suplicando, mas seus trejeitos, cuidadosamente planejados, de expressão de voz humana e de tom de voz a esta altura o traíram. – A verdade é que quero ser homem. Durante seis gerações de seres humanos eu desejei isto.

Li-Hsing olhou para cima, mirando-o com escuros olhos, a de- notarem simpatia. – A Legislatura pode criar uma lei declarando você homem, assim como poderia criar uma lei declarando que uma estátua de pedra seja definida como homem. Se realmente farão isto, entretanto, é tão provável no primeiro caso como no segundo. Os congressistas são tão humanos quanto o resto da população e sempre há um elemento de suspeita para com os robôs.

– Mesmo agora?

– Mesmo agora. Teremos todos de admitir o fato de que você mereceu a estima da humanidade e, não obstante, permaneceria ainda o receio de criar um precedente indesejável.

– Que precedente? Sou o único robô livre, o único de meu tipo, e jamais haverá outro. Pode consultar a U. S. Robots.

– "Jamais" é um tempo longo demais, Andrew, ou, se preferir, Sr. Martin, dado que, alegremente, lhe darei minha saudação pessoal como se fosse a uma pessoa mesmo. Constatará que a maioria dos congressistas não estarão dispostos a aceitar o precedente, por menos significativo que ele possa ser. O senhor tem minha simpatia, Sr. Martin, mas não posso lhe dizer que tenha esperanças. Na verdade...

Sentou-se de novo e sua testa enrugou-se. – Na verdade, se o assunto ficar muito acalorado, poderá até mesmo despertar um certo sentimento, tanto dentro da Legislatura como fora, com relação àquilo que o senhor mencionou, isto é, sua desmontagem. Liquidar o senhor poderá parecer a maneira mais fácil de resolver o dilema. Leve isto em conta antes de tocar o assunto para a frente.

Andrew disse: – Será que ninguém se lembrará da técnica da protetologia, algo que é quase que inteiramente meu?

– Poderá parecer cruel, mas não se lembrarão. Ou se lembrarão, se isto puder ser usado contra você. Dirão que você fez isto só em seu próprio benefício. Dirão que fazia parte de uma campanha para robotizar os seres humanos, ou para humanizar os robôs; de uma forma ou de outra, será mau, incorreto. Nunca tomou parte numa campanha política de ódio, Sr. Martin, e eu lhe digo que será objeto de uma difamação tão vil, de um tipo tal, que nem eu nem o senhor acreditaremos, assim como haverá pessoas que acreditarão. Sr. Martin, continue vivendo como até agora. – Ela se levantou, perto dela estando Andrew, sentado, e ela parecia pequena, quase uma criança.

Andrew disse: – Se eu decidir lutar por minha humanidade, estará do meu lado?

Ela pensou e, depois, disse: – Estarei tanto quanto puder estar. Se, a qualquer momento, parecer que tal postura ameaça meu futuro político, talvez eu tenha de abandoná-lo, visto que sua causa, sinto-o, não está muito enraizada em minhas crenças. Estou tentando ser franca com você.

– Obrigado, nada mais pedirei. Tenciono levar esta luta até o fim, sejam quais forem as consequências, e pedirei sua ajuda só enquanto puder me dar essa ajuda.

19.

Não foi um combate direto. Feingold e Martin aconselhou paciência e, amargamente, Andrew murmurou que tinha um estoque interminável de paciência. O escritório encetou então uma campanha para restringir e diminuir a área de combate.

Entraram com uma ação negando a obrigação de pagar dívidas a uma pessoa dotada de coração protético, baseados em que estar de posse de um órgão robótico tirava a humanidade e, assim, os direitos constitucionais dos seres humanos.

Esgrimiram com habilidade e tenacidade, perdendo em todas as instâncias, mas sempre forçando a decisão a ser tão ampla quanto possível. Depois, mediante apelações, levaram a questão ao Tribunal Mundial.

Levou anos, e milhões de dólares.

Quando veio a decisão final, DeLong fez uma comemoração de vitória em torno da perda legal. Na ocasião, Andrew achava-se presente no escritório da firma.

– Fizemos duas coisas, Andrew – disse DeLong. – E as duas são boas. Em primeiro lugar, estabelecemos o fato de que por mais aparelhos artificiais que um corpo humano possua, nem por isso deixa de ser um corpo humano. Em segundo lugar, envolvemos a opinião pública de tal maneira que ela se pôs fervorosamente a favor da interpretação ampla do que significa humanidade, visto que não existe um ser humano que não anseie pela protética para mantê-lo vivo.

– E você pensa que, agora, a Legislatura me concederá minha humanidade? – perguntou Andrew.

DeLong parecia sem forças, pouco à vontade. – Quanto a isso, não sou otimista. Permanece o único órgão que o Tribunal Mundial tem usado como critério de humanidade. Os seres humanos têm um cérebro celular e os robôs possuem um cérebro positrônico de platina-irídio, se é que têm um, e é fora de dúvida que você tem um cérebro positrônico... Não, Andrew, não me olhe deste jeito. Falta-nos o conhecimento para duplicar o trabalho de um cérebro celular em estruturas artificiais suficientemente próximas do tipo orgânico para nos permitir cair no âmbito da decisão do Tribunal. Nem você poderia fazer isto.

– Que temos de fazer, então?

– Tentar, por certo. A congressista Li-Hsing estará ao nosso lado, assim como um crescente número de congressistas. Neste assunto, é fora de dúvida que o presidente optará pelo lado da maioria da Legislatura.

– Estamos em maioria?

– Não, longe disso. Mas poderemos tê-la se o povo permitir que seu desejo de uma interpretação ampla de humanidade se estenda a você. A possibilidade é pequena, admito, mas, a não ser que você queira desistir, precisamos arriscar.

– Não quero desistir.

20.

A congressista Li-Hsing era consideravelmente mais velha agora do que quando Andrew pela primeira vez se encontrara com ela. De há muito que não usava mais roupas transparentes. Seu cabelo estava agora cortado bem rente e seus trajes eram agora tubulares. Andrew, pelo contrário, ainda se mantinha adepto, tanto quanto possível, dentro dos limites de um gosto razoável, do estilo de roupa que prevalecia quando ele pela primeira vez se vestira, um século atrás.

Ela disse: – Fomos até onde nos foi possível, Andrew. Depois do recesso, tentaremos uma vez mais, mas, para ser franca, a derrota é certa e tudo terá de ser abandonado. Todos os meus mais recentes esforços só me valeram uma derrota certa na próxima eleição para o congresso.

– Eu sei – disse Andrew – e isso me aborrece. Certa vez me disse que me abandonaria se chegássemos a este ponto. Por que não procedeu assim?

– Você sabe que a gente pode mudar de opinião. Abandonar você, num certo sentido, é pior do que ter mais um mandato. Já faz mais de vinte e cinco anos que estou na Legislatura. Já é suficiente.

– E não há um jeito de mudar as mentalidades, Chee?

– Mudamos todos os que podiam ser levados ao caminho da razão. Os outros, a maioria, não podem ser demovidos de suas antipatias emocionais.

– Antipatia emocional não é uma razão válida para se votar, quer a favor, quer contra.

– Sei disso, Andrew, mas eles não apresentam a antipatia emocional como sendo a razão deles.

Cautelosamente, Andrew disse: – Tudo se reduz ao cérebro, então, mas será que temos de pôr as coisas em termos de células versus pósitrons? Não há maneira de forçar uma definição funcional? Precisamos dizer que um cérebro é feito disto ou daquilo? Não podemos dizer que um cérebro é alguma coisa, qualquer coisa, capaz de um certo nível de pensamento?

– Não adiantará – replicou Li-Hsing. – Seu cérebro é feito pelo homem, o cérebro humano não é. Seu cérebro é construído, o deles desenvolvido. Para qualquer ser humano que tencione manter a barreira entre ele próprio e um robô, estas diferenças são uma parede de aço de um quilômetro de altura e um quilômetro de espessura.

– Se soubéssemos a fonte da antipatia deles, a verdadeira fonte de...

Com tristeza, Li-Hsing cortou: – Depois de ter vivido tantos anos, você ainda está querendo que os seres humanos sejam razoáveis, Andrew?... Pobre de você. Não fique zangado, mas é o robô que guia você nesta direção.

– Não sei – disse Andrew. – Se eu pudesse chegar a...

1. (reprise)

Se ele pudesse chegar a...

De há muito que ele sabia que poderia chegar a este ponto, e ao final ele estava em busca de um cirurgião. Achou um, habilidoso o bastante para a tarefa, disponível, o que quer dizer um cirurgião-robô, eis que nenhum cirurgião humano merecia confiança, neste ponto, seja em habilidade, seja em intenção.

O cirurgião não poderia ter feito a operação num ser humano, de forma que Andrew, depois de protelar o instante de decisão com uma triste pergunta, que refletia o turbilhão dentro de si mesmo, pôs a Primeira Lei de lado, declarando: – Também sou um robô.

E então disse, tão firmemente quanto havia aprendido a formar palavras mesmo diante de seres humanos, ao longo das últimas décadas: – Ordeno-lhe que execute a operação em mim.

Na ausência da Primeira Lei, uma ordem tão firmemente dada por alguém que tanto se parecia com um homem, ativou a Segunda Lei o suficiente para levar a melhor.

21.

Andrew estava certo de que sua sensação de fraqueza era totalmente imaginária. Ele se recuperara da operação. Não obstante, ele se inclinava, tão discretamente quanto podia, contra a parede. Sentar-se seria revelador demais.

Li-Hsing disse: – O voto final virá esta semana, Andrew. Não fui capaz de adiá-lo mais,e deveremos perder...E assim será, Andrew.

Ele disse: – Fico-lhe grato por sua habilidade no adiamento. Isto me deu o tempo de que eu necessitava e joguei o trunfo que precisava jogar.

Verdadeiramente preocupada, Li-Hsing perguntou: – Que trunfo é esse?

– Não poderia lhe dizer, ou ao pessoal da Feingold e Martin. Tenho certeza de que me deteriam. Ouça: se o problema é o cérebro, a grande diferença não estará no problema da imortalidade? Quem é que se preocupa com a aparência de um cérebro ou como ele é formado ou como é construído? O que importa é que as células cerebrais morrem; precisam morrer. Mesmo que qualquer outro órgão do corpo seja mantido ou substituído, as células cerebrais, se mataram a personalidade, precisam, por fim, morrer.

– Minhas próprias trilhas positrônicas já duraram quase dois séculos sem mudança perceptível e poderão durar séculos mais. Não é esta a barreira fundamental? Os seres humanos podem tolerar um robô imortal, porque não importa quanto tempo dura uma máquina. Não podem tolerar um ser humano imortal, visto que a própria mortalidade deles só é tolerável porque é universal. E por esta razão não quererão fazer de mim um ser humano.

Li-Hsing disse: – Aonde você quer chegar, Andrew?

– Removi este problema. Décadas atrás, meu cérebro positrô nico foi ligado a nervos orgânicos. Agora, uma última operação dispôs essa ligação de tal maneira que lentamente, bem lentamente, o potencial está sendo drenado de minhas trilhas.

O rosto finamente enrugado de Li-Hsing por um momento ficou sem expressão alguma. Seus lábios, então, se contraíram. – Quer dizer que você vai morrer? Não pode, Andrew. Isto viola a Terceira Lei.

– Não – explicou Andrew. – Escolhi entre a morte de meu corpo e a morte de minhas aspirações e desejos. Deixar meu corpo viver à custa da morte maior é que teria violado a Terceira Lei.

Li.Hsing pegou no braço dele, como se estivesse para sacudi-lo. Controlou-se. – Não vai dar certo, Andrew. Retroceda.

– Não dá. Seria dano demais para mim. Tenho um ano para viver, mais ou menos. Chegarei ao meu ducentésimo aniversário de fabricação. Tive a fraqueza suficiente para dispor as coisas desta manei ra

– E que adiantará? Você é um louco, Andrew.

– Se isto me trouxer humanidade, terá valido a pena. Se não, isto me levará ao fim de meus esforços, o que também vale a pena.

E Li-Hsing fez algo que a surpreendeu a si mesma. Mansamente, ela começou a chorar.

22.

Foi singular como este último feito mexeu com a imaginação do mundo. Tudo que Andrew fizera antes não influenciara o mundo. Mas, finalmente, ele tinha aceito mesmo a morte para ser humano e o sacrifício era grande demais pata ser rejeitado.

A cerimônia final foi programada, quase deliberadamente, para o ducentésimo aniversário. O Presidente do Mundo estava para assinar o ato e torná-lo lei e a cerimônia poderia ser vista pela rede mundial. Seria mesmo transmitida para o estado lunar e, inclusive, para a colônia marciana.

Andrew estava numa cadeira de rodas. Ainda podia andar, mas só tropegamente.

Com a humanidade a observar, o Presidente do Mundo disse: – Cinquenta anos atrás, Andrew, você foi declarado Robô sesquicentenário. – Fez uma pausa e, num tom mais solene, disse: – Hoje nós o declaramos um Homem Bicentenário, Sr. Martin.

Sorrindo, Andrew estendeu a mão, para apertar a do Presidente.

23.

Jazia Andrew no leito, com seus pensamentos pouco a pouco se apagando.

Desesperadamente, procurava se agarrar a eles. Homem! Ele era um homem! Queria que este fosse seu último pensamento. Queria dissolver-se, morrer, pensando nisto.

Abriu os olhos uma vez mais e, pela última vez, reconheceu Li-Hsing aguardando, solenemente. Havia outros, mas eram apenas sombras, sombras irreconhecíveis. Só Li-Hsing estava

de pé, contra o cinza que se aprofundava. Lentamente, centímetro a centímetro, ele estendeu a mão e, muito fracamente, muito debilmente, sentiu que ela pegara na sua mão.

Aos olhos dele, ela estava se desvanecendo, enquanto o último de seus pensamentos se escoou.

Mas, antes de ela se desvanecer completamente, um último pensamento fugitivo lhe veio, e por um momento permaneceu na mente dele, antes que tudo se detivesse.

– Menina – sussurrou ele, baixinho demais para ser ouvido.

♦

Antigamente, a gente escrevia ficção científica para revistas de ficção científica. De fato, certa vez John Campbell definiu jocosa- mente este indefinido campo, assim: – Ficção científica é aquilo que os editores de ficção científica compram.

Contudo, na atualidade, todos os tipos de editores a adquirem, e estou preparado para receber solicitações das mais inesperadas fontes. Por exemplo: no verão de 1975, recebi um pedido de uma revista intitulada High Fidelity, no sentido de escrever uma estória de ficção científica com 2.500 palavras, situada vinte e cinco anos no futuro, e que de alguma maneira tratasse de gravação sonora.

Fiquei intrigado pela estreiteza das condições limitadoras, visto que era quase que um desafio. Naturalmente que expliquei ao editor que eu não sabia nada de música ou de gravações sonoras, mas isto foi posto de lado, impacientemente, como sendo irrelevante. Comecei a estória aos 18 de setembro de 1975, e quando a concluí o editor gostou dela. Sugeriu-me algumas mudanças que removeriam um pouco da aura de ignorância musical de minha parte e, então, a estória apareceu no número de abril de 1976 da revista.

9

♦

O Hino

Jerome Bishop, compositor e trombonista, nunca tinha estado num hospital para doentes mentais antes.

Houve ocasiões em que ele suspeitara de que um dia poderia estar num, como paciente (quem estava a salvo?), mas nunca lhe ocorrera que poderia um dia estar num desses hospitais para dar uma consulta sobre aberração mental. Um consultor.

Lá se sentou, no ano 2001, com o mundo numa terrível confusão, mas (era o que diziam) já saindo dela, e levantou-se quando entrou uma mulher de meia-idade. O cabelo dela estava começando a ficar grisalho, e Bishop estava conscientemente grato de que seu próprio cabelo ainda estava bem espesso e nitidamente escuro.

– O senhor é que é o Sr. Bishop? – perguntou ela.

– Da última vez assim parecia.

Ela estendeu a mão: – Sou a doutora Cray. Quer me acompanhar?

Apertou a mão dela e a seguiu. Tentava não se deixar atemorizar pelos deprimentes uniformes de cor bege usados por quantos ele via.

A dra. Cray pôs um dedo nos lábios e o encaminhou para uma cadeira. Apertou um botão e apagaram-se as luzes, fazendo com que uma janela, com uma luz por detrás, aparecesse. Através da janela, Bishop podia ver uma mulher em algo que se parecia com uma cadeira de dentista, inclinada para trás. Da cabeça dela emergia uma floresta de fios flexíveis, sendo que uma tira de papel um pouco menos estreita se desdobrava para cima.

Voltou a luz e a visão desapareceu.

A dra. Cray disse: – Sabe o que estamos fazendo aqui?

– Está gravando ondas cerebrais? Estou só dando um palpite.

– Palpite bom. Estamos. É uma gravação com laser. Sabe como funciona?

– Minhas produções são gravadas com laser – disse Bishop, cruzando as pernas – o que não quer dizer que eu saiba como funciona. São os engenheiros que conhecem os detalhes... Ouça, doutora, se pensa que sou um engenheiro de laser, não sou não.

– Não, sei que não é – apressou-se em dizer a doutora. – Está aqui por outra coisa mais... Deixe-me explicar. Podemos alterar muito delicadamente um feixe de laser; com muito maior rapidez e com muito maior precisão do que podemos alterar uma corrente elétrica ou mesmo um feixe de elétrons. Isto significa que uma onda muito complexa pode ser gravada com detalhes muito maiores do que jamais antes se imaginou. Podemos fazer um esboço com um feixe de laser microscopicamente estreito e obter uma onda que podemos estudar num microscópio e conseguir minuciosos detalhes invisíveis a olho nu e que não poderiam ser obtidos de nenhuma outra maneira.

Bishop disse: – Se é a respeito disto que quer me consultar, então tudo que posso dizer é que não compensa conseguir todos estes detalhes. Só pode se ouvir muito. Se estreitar uma gravação com laser além de um certo limite, criará uma despesa, mas não obterá o resultado. Na verdade, uns dizem que se obtém uma espécie de zumbido que começa a submergir a música. Eu próprio não o ouço, mas digo-lhe que, se deseja o melhor, não deve estreitar tanto assim o feixe de laser... Claro está que, com ondas cerebrais, a coisa pode ser diferente, mas o que lhe disse é tudo que posso lhe dizer, de forma que vou andando e não cobrarei nada, exceto a despesa do transporte.

Fez como se fosse se levantar, mas a dra. Cray sacudiu vigorosamente a cabeça.

– Sente-se, por favor, Sr. Bishop. Gravar ondas cerebrais é diferente. Aqui precisamos mesmo de todos os detalhes que pudermos ter. Até agora, tudo que conseguimos extrair das ondas cerebrais foram os pequenos e sobrepostos uns aos outros efeitos de dez bilhões de células cerebrais, uma espécie de média rude que apaga tudo, salvo os efeitos mais gerais.

– Está querendo dizer que é como ouvir dez bilhões de pianos, todos com afinação diferente, a mil quilômetros daqui?

– Exatamente.

– Tudo que consegue é ruído?

– Não exatamente. Conseguimos a informação sobre a epilepsia, por exemplo. Entretanto, com gravação em laser, começamos a obter detalhes mais precisos; começamos a ouvir as afinações individuais daqueles diferentes pianos; começamos a ouvir quais pianos, em particular, podem estar desafinados.

Bishop ergueu as sobrancelhas. – Quer dizer que pode afirmar o que enlouquece uma determinada pessoa louca?

– Num certo sentido. Veja isto. Num outro canto do quarto, um vídeo iluminou-se, com uma linha fina ondulando sobre ele.

– Vê isto, Sr. Bishop? – A dra. Cray apertou o botão de um indicador em sua mão e um pontinho da linha luminosa tornou-se vermelho. A linha se deslocou pelo vídeo iluminado e pontinhos luminosos vermelhos apareciam periodicamente. -

– Isso é uma microfotografia – explicou a dra. Cray. – Estas pequenas descontinuidades vermelhas não são visíveis a olho nu e não seriam visíveis com nenhum instrumento de gravação menos delicado do que o laser. Aparecem só quando este doente está deprimido. As marcas são mais pronunciadas quanto mais profunda a depressão.

Durante uns instantes, Bishop considerou o que ouvira, após o que disse: – E pode-se fazer alguma coisa a propósito? Até aqui, parece que a senhora apenas tem condições de dizer, pelos pontos vermelhos, que há uma depressão, coisa que também pode ser percebida simplesmente prestando-se atenção ao doente.

– Certo, certo, mas os detalhes ajudam. Por exemplo: podemos converter as ondas cerebrais em ondas luminosas que ficam bruxuleando, delicadamente, e, o que é mais importante, no equivalente a ondas sonoras. Usamos o mesmo sistema de laser empregado para gravar música. Obtemos uma espécie de murmúrio musical indistinto que se combina com a luz bruxuleante. Acredito que gostaria de ouvi-la, com o fone de ouvido.

– A música desta pessoa deprimida, cujo cérebro produziu aquela linha?

– Sim, e visto que não podemos intensificá-la muito para não perdermos os detalhes, estamos lhe pedindo que ouça pelo fone de ouvido.

– Devo observar a luz, também?

– Não é necessário. Podemos fechar os olhos. Já entrará bastante luz bruxuleante pelas pálpebras para afetar o cérebro.

Bishop fechou os olhos. Através do murmúrio, ele podia ouvir o diminuto lamento de um batimento complexo, um batimento complexo, triste, que trazia em si todas as complicações do cansado velho mundo. Prestou atenção, vagamente consciente dos vagos lampejos de luz a incidirem sobre seu globo ocular de tempos em tempos.

Sentiu darem uns puxões em sua camisa. – Sr. Bishop... Sr. Bishop...

Respirou profundamente. – Obrigado – disse, estremecendo um pouco. – Isto me deprimiu, mas não pude me dominar.

– Estava prestando atenção à onda cerebral de depressão e isto o estava afetando. Estava forçando o próprio padrão de sua onda cerebral a dançar no mesmo ritmo. Sentiu-se deprimido, não é?

– O tempo todo.

– Bem, se conseguirmos identificar a porção da onda que caracteriza a depressão, ou qualquer anormalidade mental, removê-la e deixar tocar todo o resto da onda cerebral, o padrão de comportamento do paciente se modificará a ponto de se normalizar.

– Durante quanto tempo?

– Durante algum tempo após determos o tratamento. Durante algum tempo, mas não muito. Uns poucos dias. Uma semana. Então o paciente tem de voltar.

– Isto é melhor do que nada.

– Mas é menos do que o suficiente. Uma pessoa nasce com certos genes, Sr. Bishop, que ditam uma certa estrutura em potencial do cérebro. Uma pessoa sofre influências ambientais. Não são coisas fáceis de neutralizar, de forma que, aqui nesta instituição, estamos tentando descobrir esquemas de neutralização mais eficientes e mais duradouros... E talvez o senhor possa nos ajudar. Razão pela qual lhe pedimos que aqui viesse.

– Mas, doutora, não sei nada a respeito disso. Nunca ouvi falar de gravar ondas

cerebrais com laser. – Afastou as mãos, palmas voltadas para baixo. – Nada tenho para a senhora.

A doutora parecia impaciente. Enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos da jaqueta e disse: – Faz pouco, o senhor disse que o laser gravava com mais detalhes do que o ouvido poderia ouvir.

– Sim, afirmei e mantenho o que disse.

– Sei. Um de meus colegas leu uma entrevista que o senhor deu, publicada no número de dezembro de 2 000 da revista High Fidelity, na qual o senhor disse isto. Foi o que atraiu nossa atenção. O ouvido não pode captar os detalhes que o laser capta, mas o olho sim, percebe? É a luz bruxuleante que altera o padrão cerebral em relação à norma, não a ondulação sonora. Sozinho, o som nada fará. Contudo, reforçará o efeito quando a luz estiver atuando.

– Não pode se queixar disto.

– Podemos. O reforço não é suficientemente bom. As variações suaves, delicadas, quase infinitamente complexas, produzidas no som pela gravação com laser, se perdem no ouvido.

Há coisas demais presentes, que submergem a porção que está sendo reforçada.

– Que a fez pensar que se acha presente aqui uma porção de reforço?

– Porque, ocasionalmente, mais ou menos por acidente, podemos produzir algo que parece funcionar melhor do que a onda do cérebro todo, mas não vemos por quê. Precisamos de um músico. Talvez você. Se prestar atenção a ambos os conjuntos de ondas cerebrais, talvez possa perceber, mediante alguma intuição, uma batida que se adequará melhor ao conjunto normal do que o anormal. Isso poderá então reforçar a luz, como vê, e melhorar a efetividade da terapia.

– Ei – disse Bishop alarmado – está jogando muita responsabilidade para cima de mim. Quando escrevo música, estou apenas acariciando o ouvido e fazendo os músculos concordarem. Não estou tentando curar um cérebro doente.

– Tudo que lhe pedimos é que acaricie os ouvidos e faça os músculos concordarem, mas faça isto de tal forma que se adeqüe à música normal das ondas cerebrais.. E lhe asseguro que não precisa temer a responsabilidade, Sr. Bishop. É muito improvável que sua música prejudique; poderá até beneficiar bastante. E, vencedor ou vencido, o senhor será remunerado.

Ele disse: – Bem, vou tentar, se bem que não prometa nada.

Voltou dois dias depois. A dra. Cray abandonou uma reunião para falar com ele. Ela o olhou com olhos pequeninos, tão cansados estavam.

– Conseguiu alguma coisa?

– Consegui alguma coisa. Poderá funcionar.

– Como sabe?

– Não sei. Apenas pressinto que... Ouça: ouvi as fitas de laser que você me deu; a onda cerebral de música conforme vinha do paciente com depressão e a onda cerebral como a modificou, para o normal. E está certa; sem a luz bruxuleante, não me afetou de nenhum modo. De qualquer forma, subtraí a segunda da primeira para ver qual era a diferença.

– O senhor tem um computador? – perguntou a dra. Cray.

– Não, um computador não ajudaria. Dar-me-ia demais. Se se tomar um padrão complicado de onda de laser e se se subtrair outro padrão complicado de onda de laser, acaba-se ficando com um padrão que é ainda uma bela complicação de padrão de onda. Não, subtraí-o em minha mente para ver que tipo de batimento tinha sido deixado... Seria um batimento anormal que eu teria de cancelar com um contrabatimento -

– Como pode fazer essa subtração em sua mente?

Bishop parecia impaciente. – Não sei. Como foi que Beethoven ouviu a Nona Sinfonia em sua cabeça antes de escrevê-la? O cérebro é também um computador muito bom, não é mesmo?

– Desconfio que sim. – Ela se aquietou. – Trouxe o contrabatimento?

– Penso que sim. Gravei-o numa fita comum porque não há necessidade de mais do que isso. É mais ou menos com dihdih diliDAH... dihdihdihDAH... dihdihdihDAHDAHDAHdillDAH... e assim por diante. Acrescentei um tom e a senhora pode transmiti-lo através dos fones de ouvido enquanto ela observa a luz bruxuleante que é adaptada ao padrão normal de onda cerebral. Se estou certo, vai tirar do padrão até mesmo a luz do dia.

– Tem certeza?

– Se eu tivesse certeza, não teríamos de tentar, não é mesmo, doutora?

Por um momento, a doutora Cray ficou pensativa. – Marcarei uma hora com a doente. Gostaria que você estivesse aqui.

– Se quiser. Suponho que faz parte do trabalho de consultoria.

– Não haverá possibilidade de ficar na sala de tratamento, entende, mas eu o queria aqui fora.

– Como queira.

Quando chegou, a doente parecia atormentada. Suas pálpebras estavam caídas, sua voz era baixa e ela resmungava.

Bishop deu-lhe um olhar fortuito, enquanto se sentava num canto, sem ser notado. Viu-a entrar na sala de tratamento e esperou pacientemente, pensando: E se der certo? Por que não acondicionar ondas cerebrais de luz com apropriado acompanhamento de som para combater a depressão, para aumentar a energia, para elevar o amor? Não apenas para doentes, mas também para gente normal, que poderia encontrar um substituto pan toda a carga proveniente do álcool e de drogas usados para ajustar suas emoções, um substituto categoricamente melhor baseado nas próprias ondas cerebrais... E, finalmente, depois de quarenta e cinco minutos, ela saiu.

Agora, estava plácida e as rugas num certo sentido haviam se apagado de sua face.

– Sinto-me melhor, dra. Cray – disse ela, sorrindo. – Sinto-me muito melhor.

– Normalmente, é como você se sente – disse a médica, quietamente.

– Mas não deste jeito – contestou a mulher. – Deste jeito, não. Desta vez foi diferente. Nas outras vezes, mesmo quando eu pensava que estava me sentindo melhor, podia pressentir na parte de trás de minha cabeça aquela sensação horrível, apenas aguardando para voltar no minuto em que eu relaxava. Agora... foi-se: simplesmente foi-se!

A médica disse: – Não podemos ter certeza de que se foi para sempre. Marcaremos urna consulta para, digamos, daqui a duas semanas, mas, se houver problemas, pode me telefonar antes disso. Certo? Alguma coisa lhe pareceu diferente, no tratamento?

A mulher pensou um bocadinho. – Não – disse hesitante. E então: – Talvez a luz bruxuleante. Isto poderia ter sido diferente: talvez um tanto mais clara e nítida.

– Ouviu alguma coisa?

– Era para ouvir?

A dra. Cray se ergueu- – Muito bem. Lembre-se de marcar a consulta com minha secretária.

À porta, a mulher se deteve, voltou-se, e disse: – É uma sensação feliz, a de sentir-se feliz – e saiu.

Disse a médica: – Ela não ouviu nada, Sr. Bishop. Suponho que seu contrabatimento reforçou o padrão normal da onda cerebral de forma tão natural, que o som, digamos assim, se perdia na luz... E pode ter funcionado, também.

Voltou-se para Bishop, olhando-o com os olhos bem abertos. – O senhor nos dará assistência em outros casos, Sr. Bishop? Pagar- lhe-emos o mais que pudermos, e se isto for comprovadamente uma terapia efetiva para doenças mentais, providenciaremos para que lhe seja dado todo o crédito devido.

Bishop disse: – Ficarei contente de poder ajudá-la, doutora, mas não será tão difícil

como possa pensar. O trabalho já está quase feito.

– Quase feito?...

– Durante séculos houve músicos. Talvez nada soubessem sobre ondas cerebrais, mas fizeram o melhor que puderam para apreenderem as melodias e os sons que poderiam afetar as pessoas, apreenderam seus dedos tamborilando, seus músculos se contorcendo, seus rostos sorrindo, suas lágrimas jorrando, seus corações pesarosos. Estes tons estavam à espera. Uma vez que se consiga o contrabatimento, para afinar basta soar a melodia.

– Foi isso que o senhor fez?

– Com certeza. Que melhor pode rebater uma depressão do que um hino de despertar religioso? É para isto que eles foram compostos. A percussão faz você sair de si mesmo. Ela exalta você. Talvez ela não dure o bastante por si mesma, mas se for usada para re forçar o padrão normal de onda cerebral, deverá pesar sobre ele.

– Um hino de despertar religioso? – A dra. Cray olhava-o, olhos bem abertos,

espantada.

– Com certeza. Usei neste caso o melhor de todos eles. Fiz a doente ouvir “When the Saints Go Marching In”.

Cantou a música suavemente, indicando com o estalar dos de dos as percussões e, lá pelo terceiro compasso, também as pontas dos dedos da dra. Cray estavam estalando.

♦

A estória seguinte foi pedida pela Bell Telephone Magazine no decorrer de um excelente almoço. Queriam uma estória de umas 3.000 palavras, centrada em torno de um problema de comunicações. Havia duas amplas exigências: primeiro, que ela abordasse métodos de comunicação bem além dos atualmente em pesquisa pela Bell Telephone e, segundo, que eu não postulasse um fim para as exigências das empresas de comunicações.

Kim Armstrong, responsável pela revista, que estava no almoço, era uma mulher extraordinariamente encantadora, mas eu teria posto mãos à obra de qualquer maneira, porque, antes de terminar o almoço. eu já tinha um esboço de argumento guardado com segurança dentro de minha cabeça.* Comecei a trabalhar em 19 de outubro de 1975, Uma vez pronta, a Sra. Armstrong gostou dela, e foi publicada no número de fevereiro de 1976 da revista.

10

♦

Antiquado

Ben Estes sabia que ia morrer e não o fazia sentir-se nem um pouco melhor saber que aquele fora o risco diário em todos os anos de sua vida. A vida de um astromineiro, indo para cá e para lá através da ainda vasta extensão não mapeada do cinturão de asteroides, não era particularmente doce, mas também tinha todas as condições para ser curta.

Naturalmente que sempre havia a chance de um achado de surpresa, que enriqueceria a pessoa por toda a vida, e esta fora uma descoberta surpreendente mesmo. A maior surpresa do mundo, mas que não enriqueceria Estes: matá-lo-ia.

Harvey Funarelli gemeu mansamente, lá de seu beliche, e Bem se voltou, estremecendo, enquanto seus músculos rangiam. Tinham sido tratados rudemente. Seguramente que ele não tinha sido atingido tão duramente quanto Funarelli pelo fato de Funarelli ser maior, e também por ter estado mais perto do ponto de quase-impacto.

Sombriamente, Ben olhou para seu companheiro, dizendo: – Como se sente, Harv?

Novamente Funarelli gemeu: – Sinto todas as juntas quebradas. Com os diabos, que foi que aconteceu? Contra o que colidimos?

Ben caminhou um pouco, claudicando visivelmente, e disse: – Não tente ficar de pé.

– Mas eu posso – falou Funarelli. – Basta que me estenda a mão. Aiiii! Será que não quebrei uma costela? Bem aqui. Que aconteceu, Ben?

Ben apontou para a escotilha de bombordo. Não era dos maiores, mas era o melhor que uma astronave para dois astromineiros poderia ter. Para ele Funarelli se dirigiu, muito lentamente, debruçando-se sobre o ombro de Ben. Prestou atenção.

Logicamente, havia estrelas, mas a mente com experiência em astronáutica as elimina. Sempre há estrelas. Mais perto, havia um monte de seixos de cascalho de tamanhos variados, todos a se moverem lentamente, em relação a seus vizinhos, como um enxame de abelhas muito, muito preguiçosas.

Funarelli disse: – Nunca vi alguma coisa como esta, antes. Que estão fazendo aqui?

– Estas rochas disse Ben – são o que restou de um asteroide estilhaçado, desconfio eu, e ainda estão rodeando o que as estilhaçou, e o que nos estilhaçou.

– O quê? – Funarelli olhou em vão para dentro da escuridão.

Ben apontou: – Isto! – Havia uma fraca cintilação na direção em que ele apontava.

– Não vejo nada.

– Nem daria para ver: é um buraco negro.

Os cabelos negros de Funarelli, cortados rentes, estavam na verdade de pé, e seus olhos escuros, fixos, acrescentavam um toque de horror à cena. – Você está louco – disse.

– Não. Pode haver buracos negros de todos os tamanhos. É o que dizem os astrônomos. Este aqui tem a massa de um asteroide grande, penso eu, e estamos nos movendo em torno dele. De outra maneira, como é que algo que não podemos ver nos manteria em órbita?

– Não existe notícia de nenhuma...

– Sei disso. Como poderia haver? Não pode ser visto. É massa... Opa! Lá vem o Sol! – A astronave, em lenta rotação, acabara por mostrar o Sol e a escotilha tinha automaticamente se polarizado na opacidade. – De qualquer maneira – prosseguiu Ben – descobrimos o primeiro buraco negro, na verdade, em um ponto qualquer do Universo. Só que não viveremos para ver nossa descoberta creditada a nós.

– Que aconteceu? – perguntou Funarelli.

– Chegamos tão perto, que os efeitos de maré nos esmagarão.

– Que efeitos de maré?

Ben disse: – Não sou astrônomo, mas, segundo entendi, mesmo quando a força

gravitacional total de uma coisa como esta não é grande, fica-se tão próximo dele, que a atração se toma intensa. Esta intensidade declina tão rapidamente com o aumento da distância que a extremidade de um objeto que estiver mais próximo da coisa que atrai é atraída com muito mais força do que a outra extremidade. Portanto, o objeto é esticado. E quanto mais perto ele estiver, e quanto maior for, pior o efeito. Os seus músculos foram torcidos. Sorte que seus ossos não se quebraram.

Funarelli fez uma careta. – Não estou muito certo de que não se quebraram... Que mais aconteceu?

– Os tanques de combustível foram destruídos. Cá estamos nós, em maus lençóis, em órbita... Foi sorte acontecer de acabarmos num buraco negro suficientemente distante e suficientemente circular para minimizar o efeito de maré. Se estivéssemos mais perto ou, até, se tivéssemos mesmo nos aproximado repentinamente numa das extremidades de órbita...

– Podemos emitir um aviso?

– Nem uma palavra. As comunicações foram esmagadas.

– Não pode consertá-las?

– Na verdade, não sou um perito em comunicações, mas mesmo que fosse... Não dá para consertar.

– Não se poderia fazer uma improvisação?

Ben sacudiu a cabeça. – A única coisa que podemos fazer é esperar e morrer. Mas não é isso que me aborrece mais.

– Pois eu estou aborrecido – retrucou Funarelli, sentando-se em seu beliche e sustentando a cabeça com as mãos.

– Podemos recorrer às pílulas – disse Ben. – Seria uma morte fácil. O que é ruim mesmo é que não podemos comunicar nada a respeito... disto. – Apontou para a escotilha, novamente iluminada, á medida que o Sol se movia fora de alcance.

– A respeito do buraco negro?

– Sim, é perigoso. Parece estar em órbita sobre o Sol, mas quem sabe se essa órbita é estável? E mesmo que seja, ela tende a se ampliar.

– Desconfio que vai engolir tanta coisa, até se empanturrar.

– Com certeza. Engole tudo que o acha. Há poeira cósmica entrando nele o tempo todo, em espiral, e liberando energia, à medida que vai entrando. É isto que produz estas cintilações. Até mesmo, de vez em quando, o buraco engolirá um fragmento maior que passar por aqui e haverá um clarão de radiação, completamente até raios X. Quanto maior ficar o buraco, mais fácil será para ele aspirar materiais de distâncias cada vez maiores.

Por um momento, ambos ficaram contemplando a escotilha, após o que Ben prosseguiu. – Agora, neste exato momento, talvez possa ser dominado. Se a NASA puder conduzir para cá um asteroide razoavelmente grande, e fazê-lo atravessar o buraco corretamente, o buraco será arremetido para fora de sua órbita por atração gravitacional mútua entre ele próprio e o asteroide. Pode-se fazer com que o buraco se curve numa direção tal que possa ser dirigido para fora

do Sistema Solar, com alguma ajuda e aceleração adicionais.

Funarelli disse: – Acha que começou muito pequeno?

– Poderia ter sido um microburaco formado no big bang, quando o Universo foi criado. Pode ter crescido ao longo de bilhões de anos, e, se continuar a crescer, poderá se tomar incontrolável. Poderá até ser a sepultura do Sistema Solar.

– Por que foi que não o descobriram?

– Ninguém tem estado a observar. Quem esperaria encontrar um buraco negro no cinturão de asteroides? E ele não produz radiação suficiente para ser notado, nem tem massa suficiente para ser, outrossim, notado. É preciso cair dentro dele, como foi o nosso caso.

– Ben, você tem certeza de que estamos sem poder nos comunicar?... Qual a distância de Vesta? Sem muita demora, poderiam nos alcançar, a partir de Vesta. É a maior base, no cinturão de asteroides.

Ben novamente sacudiu a cabeça. – Não sei exatamente onde está Vesta. O computador também se avariou.

– Meu Deus! Que foi que não quebrou?

– O sistema de ar está funcionando. O purificador de água também. Temos muita água e comida. Poderemos durar duas semanas, quiçá mais.

Seguiu-se um silêncio. Depois de certo tempo, Funarelli disse:

– Ouça: mesmo que não saibamos exatamente onde está Vesta, sabemos que não pode estar a mais do que uns poucos milhões de quilômetros daqui. Se pudermos alcançá-la com algum sinal, poderão enviar para cá uma nave controlada pelo rádio, dentro de uma semana.

– Uma nave controlada pelo rádio, sim – confirmou Ben. Era fácil. Uma nave sem tripulantes poderia ser acelerada a níveis que a carne e o sangue humanos não poderiam suportar. Poderia fazer viagens em um terço do tempo exigido por uma nave tripulada.

Funarelli fechou os olhos, como se estivesse bloqueando a dor, e disse: – Não zombe de uma nave dirigida pelo rádio. Ela poderia nos trazer suprimentos de emergência, e ela teria material a bordo para podermos estabelecer um sistema de comunicações. Poderíamos nos agüentar até que viessem nossos salvadores.

Ben sentou-se no outro beliche- – Eu não estava caçoando da nave guiada por rádio. Estava apenas pensando que não há como enviar um sinal, nenhuma maneira. Nem mesmo podemos gritar. O vácuo do espaço não transmite o som.

Abobalhado, Funarelli disse: – Não posso acreditar que você não possa pensar em nada. Nossas vidas dependem disso.

– Pode ser até que a vida de toda a humanidade dependa disso, mas ainda assim nada me ocorre. Por que não pensa você em alguma solução?

Funarelli grunhiu, movendo suas ancas. Agarrou os apoios de mão na parede ao lado de seu beliche e colocou-se em posição vertical. – Uma coisa me passou pela cabeça – disse. – Por que não desliga os motores de gravidade e economiza força, para termos de cansar menos nossos músculos?

Ben murmurou: – Boa ideia. – Ergueu-se e dirigiu-se para o painel de controle, onde desligou a gravidade.

Com um suspiro, Funarelli ficou flutuando, e disse: – Por que é que os idiotas não podem achar o buraco?

– Você quer dizer como nós descobrimos? Não há outra maneira. Ele não se manifesta muito notoriamente, o buraco.

Funarelli disse: – Ainda está doendo, mesmo sem ter de lutar contra a gravidade... Bem, se continuar doendo deste jeito, não vou me incomodar muito quando chegar a hora de tomar a pílula... Existe alguma maneira de fazermos aquele buraco negro fazer mais do que está fazendo?

Ao que Ben retrucou, inflexivelmente: – Se um destes pedacinhos de cascalho puser na cabeça a ideia de cair no buraco, teremos uma explosão de raios X.

– E em Vesta dariam para eles detectarem isso?

Ben sacudiu a cabeça. – Duvido. Não estão à procura de algo assim. Na Terra, todavia, é certo que detectariam esta explosão. Alguns das estações espaciais mantêm o céu sob constante vigilância de mudanças de radiação. Chegam a detectar explosões incrivelmente pequenas.

– Tudo bem, Ben, se a explosão chegar a ser notada na Terra, até que será bom. Mandarão uma mensagem a Vesta, para que investiguem. Levaria uns quinze minutos para os raios X atingirem a Terra e então levaria outros quinze minutos para as ondas de rádio atingirem Vesta.

– E o tempo entre as duas? Os receptores poderão registrar automaticamente uma explosão de raios X provinda desta ou daquela direção, mas quem é capaz de dizer exatamente de onde ela veio? Poderia estar vindo de uma distante galáxia, que aconteceu de estar nesta particular direção... Algum técnico notará o impacto na gravação e ficará à espreita de mais algumas explosões no mesmo lugar. Como não haverá outra, a informação será considerada irrelevante. Além disso, a explosão não ocorrerá. Deve ter havido toneladas de raios X quando o buraco negro espatifou este asteroide com seu efeito de maré, mas isto pode ter acontecido milhares de anos atrás, quando ninguém estava observando. O que sobrou destes fragmentos a estas alturas já deve ter até órbitas razoavelmente estáveis.

– Se tivéssemos nossos foguetes...

– Deixe-me imaginar. Poderíamos encaminhar nossa nave para o buraco negro. Poderíamos usar nossa morte para encaminhar uma mensagem. Isto também não adiantaria nada. Seria também um impulso, vindo de um lugar qualquer.

Indignado, Funarelli disse: – Não estava pensando nisso. Não estou à venda, em troca de uma morte heroica, O que eu quis dizer é que temos três motores. Se pudéssemos improvisá-los na direção daquelas três rochas maiores e bonitinhas, e pudéssemos enfiar cada uma delas no buraco, haveria três explosões de raios X, e se as fizéssemos uma por dia, a fonte das explosões seria mais facilmente detectável, contra o pano de fundo das estrelas. Isto seria interessante, não lhe parece? Os técnicos não perceberiam de pronto esta repetição sistemática?

– Pode ser que sim, pode ser que não. Além disso, não sobraram foguetes, e não poderíamos assestá-los contra as rochas se... – Ben ficou silencioso. Com voz alterada, então, disse: – Será que nossos trajes espaciais estão intactos?

Excitado, Funarelli disse: – Nossos trajes transmissores!

– Diabos, o alcance deles não é superior a uns poucos quilômetros. Estou pensando em outra coisa. Estou pensando em sair daqui. – Abriu o zíper de sua blusa. – Parecem estar em ordem.

– Por que quer sair?

– Podemos não ter foguete nenhum, mas ainda temos a força de nossos músculos. Pelo menos, eu tenho. Acha que pode jogar uma pedra?

Funarelli fez o gesto de quem arremessava algo, ou o começo de um gesto, e seu rosto encheu-se de agonia. E disse: – Posso dar um pulo até o Sol?

– Vou sair e jogar algumas... O traje parece estar em ordem. Quem sabe eu consiga jogar algumas no buraco... Espero que o fecho de ar funcione.

Ansiosamente, Funarelli indagou: – Podemos economizar ar?

Fatigado, Ben retrucou: – Daqui a duas semanas, isto terá importância?...

De vez em quando, todo astromineiro tem de sair de sua astronave para fazer algum conserto, para apanhar algum bocado de material nas vizinhanças. Em geral, é uma ocasião excitante. De qualquer forma, é uma mudança.

Ben sentia pouca excitação: muita ansiedade, apenas. Sua crença era tão terrivelmente primitiva que ele se sentia maluco por tê-la. Já era suficientemente ruim morrer mesmo não tendo de morrer como um pobre louco.

Lá estava ele, no negror do espaço, com as estrelas cintilantes que já vira centenas de vezes antes. Agora, todavia, no pálido reflexo do pequeno e distante Sol, havia o brilho embaçado de centenas de fragmentos de rocha, que outrora deviam ter feito parte de um asteroide, e que agora formavam como que um pequeno anel de Saturno sobre um buraco negro. Os fragmentos pareciam quase sem movimento, visto que todos se mexiam juntamente com a astronave.

Ben julgou a direção da rotação das estrelas e constatou que a astronave e os fragmentos lentamente se moviam noutra direção. Se pudesse jogar uma rocha na direção do movimento das estrelas neutralizaria a velocidade relativa de alguma das rochas em relação ao buraco negro. Se não neutralizasse o bastante da velocidade, ou se neutralizasse demais, a rocha cairia na direção do buraco, ricochetearia nele e voltaria ao ponto de onde proviera. Se a neutralizasse o suficiente, ela se aproximaria o bastante para ser neutralizada pelo efeito de maré. Os grãos de pó, em seus movimentos, tornar-se-iam mais lentos uns aos outros e cairiam no buraco em espiral, liberando raios X, à medida que o fizessem.

Ben usou sua rede de mineiro, feita de aço e tântalo, para apanhar rochas, escolhendo-as primeiro pelo tamanho. Ele estava grato pelo fato de os trajes modernos permitirem completa liberdade de movimento, não sendo mais os quase esquifes que eram os trajes quando os primeiros astronautas, quase um século antes, tinham chegado à Lua.

Assim que reuniu fragmentos suficientes de rocha, jogou um. Pôde vê-lo reluzir e apagar-se, à luz do Sol, enquanto caía na direção do buraco. Esperou e nada aconteceu. Não sabia quanto tempo poderia levar para a pedra cair no buraco, se é que ela ia cair, mas contou até seiscentos e jogou de novo.

Repetidas vezes assim procedeu, com uma terrível paciência, nascida de procurar uma alternativa para a morte, e finalmente houve uma súbita labareda na direção do buraco negro. Uma luz visível e, ele sabia, uma explosão de radiação de energia superior, tanto quanto podiam durar os raios X.

Teve de parar de juntar mais fragmentos e então percebeu qual a distância do alvo. Estava acertando, quase que todas as vezes. Orientou-se de maneira tal que os suaves lampejos do buraco negro seriam vistos logo acima da porção central da astronave. Era uma relação que não mudava ou mudava menos, à medida que a astronave circulava e oscilava em torno de um eixo.

Mesmo levando em conta o cuidado com que fazia os arremessos, parecia-lhe que estava acertando muito, O buraco negro, pensou, era mais amplo do que pensara e engoliria sua presa mesmo de uma distância maior. Isto tornava o buraco mais perigoso, mas aumentava a possibilidade de ele, Ben, e seu amigo, serem salvos.

Voltou à astronave. Seus ossos estavam cansados e seu ombro dianteiro doía.

Funarelli ajudou-o a despir o traje. – Terrível! Você estava jogando pedras no buraco negro!

Ben inclinou a cabeça. – Sim, e espero que meu traje tenha detido os raios X. Quero ver se não morro logo de envenenamento radioativo.

– Lá na Terra, vão ver isto, não é mesmo?

– Tenho certeza de que sim – afirmou Ben. – Mas será que darão atenção? Registrarão isto e se perguntarão que é isso. Mas o que os levará a virem até aqui, para olharem mais de perto? Tenho de fazer alguma coisa que os faça vir, mas só depois de descansar um pouco.

Uma hora depois, pôs outro traje espacial. Não havia tempo para esperar que as baterias solares do primeiro traje recarregassem. E disse: – Espero não ter perdido a pontaria.

Novamente lá estava ele, lá fora, e teve a certeza de que, mesmo se permitindo uma razoável variação de velocidades e de direções, o buraco negro sempre sugaria as pedras, conforme elas fossem se movendo na direção dele.

Ben reuniu tantas pedras quantas pôde e colocou-as cuidadosamente num entalhe no casco da astronave. Não ficaram paradas, embora se deslocassem muitíssimo lentamente. Mesmo depois de Ben ter apanhado todas que pôde, as que ele apanhara primeiro não tinham se deslocado mais do que bolas de bilhar numa mesa.

Então ele as jogou, primeiro tensamente, depois com crescente confiança, e o buraco piscou, e piscou, e piscou.

Pareceu-lhe que o alvo se tomava cada vez mais fácil de atingir. E lhe parecia também que o buraco negro estava inchando doida mente a cada impacto e que logo o buraco sugaria a ele e à astronave em sua goela insaciável.

Era sua imaginação, por certo, e nada mais. Por fim, todas as pedras tinham se ido e ele sentiu que, de qualquer forma, nada mais poderia arremessar. Parecia que fazia horas a fio que ele estava lá fora.

Quando se viu de novo no interior da astronave, e assim que Funarelli o auxiliou a tirar seu capacete espacial, só pôde dizer: – Está feito. Mais do que isto não dá para fazer.

– Puxa! Quantas vezes o buraco chamejou! – comentou Funarelli.

– Muitas vezes, e com certeza isto deve ter sido registrado. Agora, só temos é que esperar. Eles têm de vir.

Funarelli ajudou-o a tirar o resto do traje, da melhor forma que pôde, com seus músculos doloridos. Ficou de pé, após isso, grunhindo e arquejando, e disse: – Você acredita mesmo que eles virão, Ben?

– Penso que têm de vir – disse Ben, quase que forçando o acontecimento a acontecer mesmo pela pura força da vontade. – Penso que eles têm de vir.

– Por que pensa que têm de vir? – indagou Funarelli, parecendo como um homem que quer se agarrar a bagatelas mas não ousa.

– Porque eu me comuniquei – explicou Ben. – Não apenas somos as primeiras pessoas a localizarem um buraco negro, mas somos também os primeiros a usar um deles para comunicação; somos os primeiros a usar o mais aperfeiçoado recurso de comunicação do futuro, o primeiro que pode enviar mensagens de estrela para estrela e de galáxia para galáxia, e que também poderá ser a fonte fundamental de energia... – Estava palpitando, e sua voz soava um pouco selvagem.

– De que está falando? – falou Funarelli.

– Joguei as pedras em ritmo, Harv – esclareceu Ben – e as irrupções de raios X vieram ritmadamente. Era pisca pisca pisca, pisca-pisca-pisca, pisca pisca pisca ... e assim por diante.

– Sim?...

– É antiquado, muito antiquado, mas é algo de que qualquer pessoa se recorda dos dias em que as pessoas se comunicavam através de correntes elétricas e fios.

– Você quer dizer o fotógrafo, quer dizer, o fonógrafo...

– O telégrafo, Harv. As irrupções que produzi serão registradas, e, na primeira vez que alguém examinar a gravaçâo, quebrarão a cabeça. Não é porque estejam mirando uma fonte de raios X; não é porque seja apenas uma fonte de raios X se movendo muito lenta- mente contra o pano de fundo das estrelas, de forma que tenha de estar dentro do nosso Sistema Solar. O que conta é que estarão presenciando uma fonte de raios X, indo e vindo, e produzindo o sinal SOS... – SOS... E

quando unia fonte de raios X está gritando por socorro, pode apostar que virão, o mais depressa que puderem, nem que seja só para ver o que é que há o que é isto...

Adormeceu.

Cinco dias depois, chegou uma astronave teleguiada, para salvá-los.

♦

Eventualmente, pode ocorrer a alguns de meus gentis leitores que há uma certa semelhança entre esta estória e a primeira que publiquei, “Náufragos em Vesta”, há trinta e sete anos. Em ambas as estórias, dois homens se veem numa astronave transformada em armadilha, por ter sofrido um acidente no cinturão de asteroides e precisam usar sua intuição para divisar uma maneira de escapar do que parecia ser morte certa.

Lógico que as resoluções tomadas para sair do problema são completamente diferentes, e estava em minha mente demonstrar algumas das mudanças no panorama do Universo que ocorreram ao longo destes trinta e sete anos, produzindo em 1976 uma solução que teria sido inconcebível em 1939.

No outono de 1975, Fred Dannay (mais conhecido como Ellery Queen) aproximou-se de mim com uma ideia muito intrigante para o número de agosto de 1976 da revista Ellery Queen‘s Mystery Magazine, que estaria nas bancas por ocasião do Bicentenário. Planejava publicar uma estória de mistério relacionada com o próprio Bicentenário e outra relacionada com o Centenário, isto é, 1876. Ele precisava agora era de uma para o Tricentenário, em 2076 e, logicamente, isto significava uma estória de ficção científica.

Visto que tinha escrito numerosas estórias de mistério para a revista nos últimos anos, ele pensou em mim e propôs-me que empreendesse a tarefa. Concordei e pus-me a trabalhar no dia 1º de novembro de 1975. Acabei uma estória de ficção científica intransigente que, receei, poderia ser um pouco pesada para leitores de mistério. Diferente foi o pensamento de Fred, aparentemente, pois aceitou a estória e foi gentil ao ponto de me pagar uma gratificação.

11

♦

O Incidente do Tricentenário

4 de julho de 2076... e pela terceira vez o incidente do sistema convencional de numeração, baseada nas potências de dez, conduzira os dois últimos dígitos do ano de volta ao funesto 76, que tinha visto o nascimento de uma nação.

Não era mais uma nação, no velho sentido; era antes uma expressão geográfica; parte de um todo maior que compunha a Federação de toda a humanidade sobre a Terra, junto com seus ramos na Lua e nas colônias espaciais. Pela cultura e pela herança, todavia, o nome e a ideia continuavam vivos, e esta porção do planeta designada pelo velho nome ainda era a mais próspera e avançada região do mundo... E o Presidente dos Estados Unidos era ainda a mais poderosa personalidade individual do Conselho Planetário.

Lawrence Edwards observava a pequena figura do Presidente do alto de seus sessenta metros. Movia-se preguiçosamente por sobre a multidão, com seu motor flotrônico fazendo um som desengonçado que pouco se ouvia, às suas costas, e o que ele via tinha exatamente a aparência que qualquer um veria numa cena de holovisão. Quantas vezes vira ele figuras pequeninas como esta em sua sala de visitas, figurinhas num cubo de luz solar, parecendo tão reais como se fossem homúnculos vivos, exceto que se podia pôr a mão através delas.

Não se poderia pôr a mão através das figurinhas que se espalhavam às dezenas de milhares por entre os espaços que rodeavam o Monumento a Washington. E não se poderia pôr os dedos através do Presidente. Antes, se poderia alcançá-lo, tocá-lo, apertar sua mão.

Edwards pensou sardonicamente na inutilidade daquele ele mento de tangibilidade que fora acrescentado e desejou estar a duzentos quilômetros de distância, flutuando pelos ares em alguma região selvagem, em vez de estar aqui onde se achava, a observar qualquer indício de desordem. Não havia razão alguma para ele estar aqui, não fosse o valor mitológico da “pressão sobre a carne”.

Edwards não era um admirador do Presidente – Hugo Allen Winkler, quinquagésimo sétimo da lista.

Para Edwards, o Presidente Winkler parecia um homem vazio, agradável aos outros, um caçador de votos, um prometedor. Era desapontador ter um homem como este na função que ocupava, depois de todas as esperanças dos seus primeiros meses de administração. A Federação Mundial estava em perigo de se desmantelar muito antes de seu mandato terminar e Winkler nada podia fazer. Precisava-se agora de uma mão forte, não de uma mão alegre; uma voz forte, não uma voz adocicada.

Lá estava ele, agora, apertando mãos, com um espaço em torno dele, conseguido à força pelo Serviço, com o próprio Edwards, mais uns poucos outros do Serviço, a observarem, lá de cima.

Certamente o Presidente concorreria à reeleição, e parecia haver uma boa possibilidade de que ele seria derrotado. Isto só pioraria as coisas, visto que o empenho do partido oposicionista era a destruição da Federação.

Edwards suspirou. Seriam miseráveis os quatro anos vindouros – talvez os quarenta – e tudo que ele podia fazer era flutuar no ar, pronto a entrar em contacto com qualquer agente do Serviço lá embaixo, no solo, pelo laserfone se houvesse o menor indício...

Não viu o menor indício. Não havia sinal de distúrbio. Só um sopro de poeira branca, dificilmente visível; apenas uma cintilação momentânea à luz do sol, para cima e se afastando, e que se afastou com a mesma rapidez com que ele a vira.

Onde estava o Presidente? Com a poeira, perdera-o de vista.

Olhou em torno, nas vizinhanças de onde o vira pela última vez. Afinal, o Presidente não poderia ter se afastado tanto.

Foi então que tomou consciência da perturbação. Primeiro, a perturbação foi entre os próprios agentes do Serviço, que pareciam ter enlouquecido, e que loucamente se moviam, aos empurrões. Depois, os agentes situados em meio à multidão que estava próxima ficaram contagiados e, sucessivamente, os agentes mais distantes. O ruído aumentou, tornando-se uma trovoada.

Edwards não teve de ouvir as palavras que compunham o crescente rugido. Parecia que o rugido lhe trazia as notícias pelo seu próprio clamor, pela sua própria urgência. O Presidente Winkler tinha desaparecido! Um momento atrás, lá estava e, no momento seguinte, desaparecera em meio a um punhado de pó!

Edwards conteve a respiração numa agonizante espera durante o que lhe pareceu um momento de eternidade, até o longo momento em que finalmente se entendeu o que sucedera e em que a multidão irrompeu num estampido doido, de sublevação.

Foi quando uma ressonante voz soou por sobre o disforme alarido e, ao ouvi-la, o ruído foi arrefecendo, morreu e se tomou um silêncio. Era como se, afinal de contas, tudo não passasse de um programa em holovisão e alguém tivesse baixado o som a ponto de ser inaudível.

Edwards pensou: Meu Deus, é o Presidente!

Não havia como se enganar, quanto à voz. Winkler estava de pé, no palco guardado no qual deveria proferir sua alocução relativa ao Tricentenário e do qual ele saíra fazia apenas dez minutos para apertar mãos de alguns dentre a multidão.

Como é que ele voltara para lá?...

Edwards ouviu...

– Amigos dos Estados Unidos, nada me aconteceu. O que acabaram de ver foi a quebra de um aparelho mecânico. Não era o Presidente de vocês, de forma que não vamos permitir que uma falha mecânica obscureça a celebração do dia mais feliz que o mundo já viu... Deem-me sua atenção, amigos dos Estados Unidos...

E seguiu-se a alocução do Tricentenário, a maior que Winkler já fizera, ou que Edwards ouvira. Edwards como que esqueceu suas funções de supervisão em sua ansiedade de ouvir.

Winkler acertara! Compreendera a importância da Federação e estava se fazendo compreender.

Bem lá no íntimo, contudo, outra parte dele estava lembrando os insistentes boatos de que os últimos progressos na robótica haviam resultado na fabricação de um robô êmulo do

Presidente, um robô que poderia se desincumbir das funções puramente cerimoniais, que podia apertar as mãos do povo, que nunca estaria aborrecido ou exausto, nem poderia ser assassinado...

Edwards, de certa maneira chocado, pensava que isto é o que deveria ter acontecido. Existia mesmo o tal robô semelhante ao Presidente e, num certo sentido... ele havia sido assassinado.

13 de outubro de 2078.

Edwards olhou para cima, quando se aproximou seu robô-guia, de cintura alta, a lhe dizer, melifluamente: – Sr. Janek quer vê-lo agora.

Edwards pôs-se de pé, sentindo-se alto, olhando o atarracado guia metálico de cima. Contudo, não se sentia jovem. Seu rosto tinha sulcos, amealhados nos últimos dois anos, mais ou menos, e ele estava ciente disto.

Seguiu o guia até uma sala surpreendentemente pequena, onde, atrás de uma escrivaninha surpreendentemente pequena, sentava-se Francis Janek, um homem de aparência incongruentemente jovem, um tanto barrigudo.

Janek sorriu e seu olhar era amistoso ao se erguer para o aperto de mãos. – Sr. Edwards.

Edwards murmurou: – Estou feliz por ter a oportunidade, senhor...

Nunca Edwards vira Janek antes, mas àquela altura ser secretário pessoal do Presidente era uma função tranquila, das que davam margem a poucas notícias.

Janek disse: – Sente-se, sente-se. Quer um bastão de soja?

Edwards recusou, com um sorriso polido, e sentou-se. Janek estava claramente enfatizando sua juventude. Sua camisa enrugada estava aberta e os pelos de seu peito tinham sido tingidos de um violeta nítido, ainda que abrandado.

Janek falou: – Sei que, a esta altura, já faz algumas semanas que tem tentado entrar em contato comigo. Lamento a demora. Espero que entenda que meu tempo não me pertence inteiramente. De qualquer forma, cá estamos nós, agora... Por falar nisso: entrei em contacto com o Chefe do Serviço, e ele fez as melhores referências a seu respeito. Ele lamenta o seu pedido de demissão.

Com o olhar abatido, Edwards disse: – Pareceu-me melhor levar avante minhas investigações, sem perigo de embaraçar o Serviço.

Um sorriso cintilou no rosto de Janek. – Suas atividades, mesmo sendo discretas, contudo, já foram notadas. O Chefe explica que você tem estado a investigar o incidente do Tricentenário e devo admitir que foi isso que me persuadiu a vê-lo tão cedo quanto pude. Foi por isso que pediu a sua demissão? Está investigando um assunto encerrado.

– Assunto encerrado como, Sr. Janek? O fato de o senhor chamar o que aconteceu de Incidente não altera o fato de que foi uma tentativa de assassinato.

– Uma questão de semântica. Por que usar uma frase perturbadora?

– Só porque pareceria representar uma verdade perturbadora. Com certeza o senhor diria que alguém tentou matar o Presidente.

Janek estendeu as mãos. – Se foi isto que ocorreu, a trama malogrou. Um instrumento mecânico foi destruído. Nada mais. Na verdade, se considerarmos adequadamente o Incidente, ou como queira denominá-lo, fez um enorme bem à nação e ao mundo. Como todos sabemos, o Presidente foi abalado pelo Incidente e também a nação. O Presidente e todos nós percebemos o que poderia significar um retorno à violência do século passado e isto produziu uma grande reviravolta.

– Não nego isso.

– Lógico que não pode. Mesmo os inimigos do Presidente admitirão que os dois últimos anos viram grandes realizações. A Federação é hoje muitíssimo mais forte do que qualquer pessoa sonharia que ela fosse, no dia do Tricentenário. Poderíamos até dizer que se impediu uma desintegração da economia global.

Cautelosamente, Edwards disse: – Sim, o Presidente mudou. É o que todos dizem.

Janek retomou a palavra: – Sempre foi um grande homem. O Incidente fê-lo concentrar-se nos grandes temas com uma intensidade ainda maior, contudo.

– Coisa que ele não fazia antes?

– Talvez não com tanta intensidade... Na verdade, hoje, o Presidente e todos nós queremos esquecer o Incidente. Meu objetivo principal é, ao vê-lo, Sr. Edwards, deixar isto bem claro para o senhor. Não estamos no Século Vinte e não podemos encarcerá-lo por estar sendo inconveniente para nós, ou embaraçá-lo de alguma maneira, mas mesmo a Constituição Mundial não nos proíbe de tentar persuadi-lo. Está me entendendo?

– Estou sim, mas não concordo com o senhor. Podemos esquecer o Incidente, se a pessoa responsável nunca foi detida?...

– Talvez tudo esteja bem, senhor, Muito melhor do que poderia pensar unia pessoa... hum... uma pessoa desequilibrada que não queira entender que o assunto não tem as proporções que se quer lhe dar, num cenário que, possivelmente, nos levaria de volta aos dias do Século Vinte.

– Mas a narrativa oficial chega a afirmar que o robô explodiu espontaneamente, o que é impossível, o que foi um golpe injusto para a indústria de robôs.

– Robô é um termo que eu não usaria, Sr. Edwards. Era um aparelho mecânico. Ninguém disse que os robôs são perigosos de per si, e certamente não o são os robôs metálicos rotineiros. A única referência aqui é aos instrumentos incomumente complexos, semelhantes ao homem, que parecem de carne e osso, e que poderíamos chamar de androides. Na verdade, são tão complexos que talvez possam explodir por isso mesmo; não sou um perito no assunto. A indústria de robôs se recobrará.

Obstinadamente, Edwards disse: – Ninguém, no governo, parece se preocupar com o fato de que atingiremos ou não o âmago da questão.

– Já expliquei que não houve consequências salvo as boas. Por que ficar revolvendo o lodo lá no fundo, quando a água, em cima, está limpa?

– E o uso do desintegrado??

Por um momento, a mão de Janek, que lentamente girava o recipiente com bastões de soja, sobre a mesa, se deteve. Depois, ela voltou ao movimento rítmico. Suavemente, falou: – Que é isso?

Com ar decidido, Edwards disse: – Sr. Janek, penso que sabe do que estou falando. Como membro do Serviço...

– Ao qual você, logicamente, não mais pertence.

– Não obstante, como membro do Serviço, não pude deixar de ouvir coisas que, nem sempre, eram destinadas a meus ouvidos, suponho. Ouvi falar de uma nova arma, e vi algo acontecer no Tricentenário que exigiria uma. O objeto que todos pensavam que fosse o Presidente desapareceu em meio a uma nuvem de pó muito fino. Era como se cada átomo do objeto contido dentro dos limites da nuvem perdesse os vínculos com os outros átomos. O objeto se tornara uma nuvem de átomos individuais que, por certo, começaram a se recombinar, mas que se dispersaram com uma rapidez tal que não deram a impressão de serem mais do que uma cintilação momentânea de poeira.

– Muito ficção científica isso...

– É lógico que não entendo a ciência que possa estar por detrás disso, Sr. Janek, mas percebo que seria necessária muitíssima energia para se conseguir esta quebra de vínculos. Essa energia teria de ser retirada do ambiente. Aquelas pessoas que estavam próximas do aparelho mecânico que fazia as vezes do Presidente no momento, que pude localizar e que concordaram em falar, foram unânimes em relatar uma onda de frio que como que as banhou:

Janek pôs o recipiente com bastões de soja de lado com um pequeno estalido do dispositivo contra celulite. Disse: – Apenas para argumentar, admitamos que exista algo como um desintegrador.

– Não precisa argumentar: ele existe.

– Não vou argumentar. Pessoalmente, não conheço o tal de desintegrador, mas, em minhas atribuições, não é provável que eu desconheça algo que tanta ressonância tenha em questões atinentes à segurança como armamento novo. Mas, se existir um desintegrador, e se for tão secreto assim, precisa ser um monopólio norte-americano, desconhecido do resto da Federação. Logo, deveria ser algo sobre o qual nem eu nem o senhor deveríamos estar falando. Poderia ser uma arma

de guerra mais perigosa que as bombas nucleares, precisamente porque, se o que diz é verdade, não produz nada mais que desintegrar aonde se dá o impacto, e frio nas vizinhanças do impacto: Nenhuma explosão, nenhum fogo, nenhuma radiação mortal. Sem estes desagradáveis efeitos secundários, não haveria repressão ao seu uso, se bem que esta arma, por tudo quanto sabemos, poderia ser construída num tamanho bastante para destruir o próprio planeta.

– Concordo com tudo isto – disse Edwards.

– Você vê então que, se não houver desintegrador, é tolice falar a respeito de um; e se houver um desintegrador, é criminoso falar dele.

– Ainda não discuti isto, exceto com o senhor, agora, porque estou tentando persuadi-lo da seriedade da situação. Se foi usado um, por exemplo, o governo não deveria estar interessado em decidir como chegou a ser usado, caso outra unidade da Federação esteja de posse de um?

Janek sacudiu a cabeça. – Penso que podemos nos apoiar no fato de que os órgãos do governo disso incumbidos é que terão de estudar o assunto. É melhor que você não se preocupe com a questão.

Com uma impaciência que a custo conseguia controlar, Edwards disse: – Pode me garantir o senhor que os Estados Unidos são o único governo que tem esta arma à sua disposição?

– Não posso lhe afirmar isto, visto que nada sei sobre essa arma, e não virei a saber. Nem deveria ter falado comigo sobre este assunto. Mesmo não existindo semelhante arma, o boato de sua existência poderá ser perigoso.

– Mas, visto que lhe falei, e visto que o mal já está feito, deixe-me acabar de falar. Deixe-me ter a oportunidade de convencê-lo de que o senhor e ninguém mais, detém a chave de uma situação temível que talvez só eu esteja vendo.

– Só você está vendo? Eu tenho a chave?

– Parece-lhe loucura? Deixe-me explicar e depois julgue por si mesmo.

– Vou conceder-lhe um pouco mais de tempo, mas mantenho o que afirmei. O senhor precisa abandonar isto, este seu hobby, esta investigação. Ela é terrivelmente perigosa.

– Abandonar o assunto é que seria perigoso. Não está vendo que, se o desintegrador existe, e se os Estados Unidos têm o seu monopólio, segue-se que o número de pessoas que poderia ter acesso a ele deveria ser estritamente limitado? Como ex-integrante do Serviço, tenho algum conhecimento prático do assunto e afirmo-lhe que a única pessoa do mundo que poderia tentar surripiar de nossos arsenais ultrassecretos um desintegrador seria o próprio Presidente.. Somente o Presidente dos Estados Unidos, Sr. Janek, poderia ter engendrado aquela tentativa de assassinato.

Ambos ficaram a se olhar fixamente, por um momento, após o que Janek apertou um botão em sua mesa.

Esclareceu: – Aumentei os cuidados. Agora, ninguém, de modo algum, pode nos ouvir. Está percebendo o perigo de sua afirmação, Sr. Edwards? Perigo para si mesmo? Não deve superestimar o valor da Constituição Global. Um governo tem o direito de tomar medidas razoáveis para proteger sua estabilidade.

Edwards disse: – Estou me aproximando do senhor, Sr. Janek, como sendo alguém que, presumo, é um leal cidadão norte-americano. Venho à sua presença com a notícia de um crime terrível que afeta todos os norte-americanos e a Federação inteira. Um crime que produziu uma situação que talvez só o senhor possa corrigir. Por que me agride com ameaças?

Janek disse: – E a segunda vez que você tenta dar a entender que sou um salvador em potencial do mundo. Não posso me ver neste papel. Espero que você entenda que não tenho poderes fora do comum.

– O senhor é o secretário do Presidente.

– O que não significa que tenho acesso especial a ele, ou que eu seja alguém com íntimo relacionamento com ele. Ocasiões há, Sr. Edwards, em que suspeito que os outros consideram que não sou mais do que um fracassado, e há até mesmo ocasiões em que corro o perigo de concordar com estas pessoas...

– Seja lá como for, o senhor vê o Presidente com frequência, informalmente, o senhor o vê...

Impaciente, Janek o interrompeu: – Vejo-o o bastante para lhe garantir que o Presidente não ordenaria a destruição daquele sósia mecânico dele no dia do Tricentenário.

– Quer dizer que, em sua opinião, isto é impossível?

– Não estou afirmando isto. Eu diria que não. Afinal de contas, para que é que ele faria isto? Por que quereria o Presidente destruir um androide semelhante a ele, que lhe foi de valiosa ajuda ao longo dos três primeiros anos de seu mandato como Presidente? E, se por qualquer razão, ele quisesse destruir o robô, com todos os diabos, por que desejaria fazê-lo de uma maneira tão escandalosamente pública, nada mais, nada menos, no Tricentenário, fazendo, destarte, propaganda de sua existência, arriscando-se a uma reação pública, se o povo soubesse que estava apertando as mãos de um robô, sem falar nas repercussões diplomáticas do fato de representantes diplomáticos de outras partes da Federação estarem a tratar com um robô?... Em vez disso, ele poderia simplesmente ter ordenado, em caráter privado, que o robô fosse desmontado. Isto só seria do conhecimento de uns poucos elementos da alta hierarquia da Administração.

– De qualquer forma, não houve consequências indesejáveis para o Presidente, como resultado do Incidente, não é?

– Ele teve de encurtar a cerimônia. E já não é mais tão acessível como era antes.

– Como o robô era.

– Sim. – admitiu Janek, pouco à vontade. – Sim, acredito que é isso mesmo.

Edwards disse: – E, na verdade, o Presidente foi reeleito e sua popularidade não diminuiu, mesmo tendo a destruição sido pública. Argumentar com a destruição pública não é tão convincente como o senhor está querendo fazer parecer.

– Mas a reeleição veio a despeito do Incidente. Ela se deveu à rápida ação do Presidente, dando um passo avante e pronunciando aquilo que você tem de admitir como tendo sido uma das grandes falas da história norte-americana. Foi uma performance muito admirável: você tem de admitir isso.

– Foi um drama muito bem representado. Poder-se-ia até dizer que o Presidente estava contando com aquilo...

Janek inclinou para trás o encosto de sua poltrona. – Se bem o entendo, Edwards, você está insinuando um argumento muito complicado de novela. Está querendo dizer que o Presidente fez destruir o sósia do jeito que ele foi destruído, em meio a uma multidão, justo no dia da celebração do Tricentenário, com o mundo observando, de forma a conseguir a admiração popular por seu espírito resoluto? Está insinuando que ele urdiu toda esta trama para criar uma reputação de homem de um inesperado vigor, de uma inesperada força, debaixo de circunstâncias extremamente dramáticas, de

forma a transformar uma campanha que o levaria à derrota numa campanha vitoriosa? Parece que o senhor andou lendo contos de fadas, Sr. Edwards.

Edwards disse: – Se eu estivesse querendo afirmar tudo isto, seria realmente um conto de fadas, mas não estou querendo. Nunca insinuei que o Presidente ordenou a "morte" do robô. Apenas lhe pedi que pensasse se isto seria possível e o senhor afirmou com muita energia até que não seria. Estou contente pelo fato de o senhor assim ter procedido, pois concordo com o senhor.

– Então, por que tudo isto? Estou começando a desconfiar que o senhor está me fazendo desperdiçar tempo.

– Um momento mais, por favor. Nunca lhe ocorreu perguntar por que a coisa não poderia ter sido feita com um feixe laser, com um desativador de campo, com uma marreta, pelo amor de Deus? Por que alguém se daria ao trabalho de se meter numa incrível complicação, arranjando uma arma guardada pela mais forte segurança que um governo poderia ter, para executar urna tarefa que não exigi ria urna arma deste porte? Pondo de lado a dificuldade de obter a arma, por que arriscar-se a revelar a existência de um desintegrador ao resto do mundo?

– Toda esta história de desintegrador é apenas uma teoria sua.

– O robô desapareceu totalmente, diante de meus olhos. Eu estava observando. Portanto, não estou me apoiando em depoimentos alheios. Não importa o nome que o senhor empresta à arma; seja qual for o nome, teve o efeito de desmontar o robô átomo por átomo, espalhando todos esses átomos de maneira irrecuperável. Por que fazer isto? Foi um tremendo massacre.

– Não sei o que se passava na mente de quem fez isto.

– Não? Ainda assim, a mim me parece que só há uma razão lógica para o robô ser reduzido a pó, quando algo muito mais simples poderia ter levado à destruição. A redução a pó não deixou vestígio algum do objeto, do robô. Nada deixou para indicar o que fora aquilo que foi destruído, se era um robô ou outra coisa qualquer.

Janek disse: – Mas não há dúvida alguma quanto a que é que foi destruído.

– Será que não?... Afirmei que só o Presidente poderia conseguir um desintegrador e fazer com que fosse usado. Mas, considerando a existência de um robô em tudo e por tudo semelhante a ele, qual foi o Presidente que engendrou a coisa?...

Asperamente, Janek disse: – Acho que nossa conversa não pode prosseguir. Você está louco.

Edwards disse: – Penso que terminei. Pelo amor de Deus, pense bem. O Presidente não destruiu o robô. Seus argumentos, quanto a isto, são convincentes, O que aconteceu foi que o robô destruiu o Presidente. O Presidente Winkler foi morto em meio à multidão, no dia 4 de julho de 2076. Então, um robô, com toda a aparência de ser o Presidente, pronunciou a alocução, concorreu à reeleição, foi reeleito, e ainda é o Presidente dos Estados Unidos!

– Loucura!

– Vim à sua presença, porque o senhor é que pode provar isto e corrigir isto, também.

– Não é tão simples assim- O Presidente é... o Presidente. – Janek fez o gesto de quem ia se erguer e dar por encerrada a entrevista.

Com rapidez e urgência, Edwards falou: – O senhor próprio disse que ele mudou. A alocução do Tricentenário estava além da capacidade do velho Winkler. O senhor mesmo não ficou surpreendido com as realizações dos últimos dois anos? Para dizer a verdade, o Winkler do primeiro mandato poderia ter feito tudo isto?...

– Sim, poderia, visto que o Presidente do segundo mandato é o Presidente do primeiro mandato.

– Nega que ele tenha mudado? Desafio o senhor. Decida o senhor e submeter-me-ei à sua decisão.

– Ele se pôs à altura do desafio: isto é que é. Já aconteceu isto antes, na história dos Estados Unidos. – Mesmo tendo afirmado isto, ao se sentar de novo, Janek parecia muitíssimo pouco à vontade.

– Ele não bebe – disse Edwards.

– Nunca bebeu... muito.

– Faz tempo que não tem relações com mulheres. Nega que no passado ele as procurava?

– Um Presidente é um homem. Entretanto, nos últimos dois anos, dedicou-se aos assuntos da Federação.

– Admito que isto seja uma mudança para melhor – concordou Edwards – mas é uma mudança. Lógico que se ele tivesse uma mulher, a encenação não poderia prosseguir, não é mesmo?

– É ruim que ele não tenha uma esposa – comentou Janek, pronunciando a arcaica palavra "esposa" com uma certa ênfase. – Tivesse ele esposa, o problema todo não se manifestaria.

– O fato de não ter tomou a conspiração toda mais prática. De qualquer forma, teve dois filhos. Não acredito que nenhum dos dois tenha estado na Casa Branca, desde o Tricentenário.

– E por que teriam de ter ido até lá? Já são crescidos, vivem as suas próprias vidas.

– Mas têm sido convidados? O Presidente tem manifestado interesse em vê-los? Como secretário particular dele, o senhor sabe ria. Foram convidados?

Janek disse: – Está perdendo tempo. Um robô não pode matar um ser humano. Sabe muito bem que esta é a Primeira Lei da Robótica.

– Sei disso. Mas ninguém está dizendo que o robô-Winkler matou o Winkler-humano diretamente. Quando o Winkler-humano estava no meio da multidão, o robô-Winkler estava no palanque e duvido que um desintegrador pudesse ser apontado daquela distância sem causar danos mais acentuados. Talvez pudesse, mas é mais provável que o robô-Winkler tivesse um cúmplice, um "comparsa", se o jargão do Século Vinte estiver certo.

Janek ficou carrancudo. Seu rosto franco se contraiu e parecia sofrer. Ele disse: – Sabe, acho que a loucura é contagiosa. Na verdade, estou começando a pensar melhor nesta maluquice que veio me contar. Ainda bem que não é válida. Afinal de contas, por que o assassinato do Winkler-humano teria de ocorrer em público? Todos os argumentos contra a destruição do robô em público valem contra o assassinato do Presidente em público também. Não vê que isto põe por água abaixo toda a sua teoria?

– Não põe não... – principiou Edwards.

– Põe sim. Salvo uns poucos altos funcionários, ninguém mais sabia do robô sósia. Se o Presidente Winkler fosse assassinado não em público, e se se eliminasse seu corpo, o robô facilmente poderia assumir o lugar dele, sem suspeitas. Por exemplo: sem levantar as suas suspeitas, Edwards.

– Sempre haveria uns poucos funcionários que saberiam, Sr. Janek. O assassinato acabaria se espalhando. – Edwards inclinou-se para a frente, com decisão. – Veja aqui: normalmente, não poderia haver o menor perigo de confundir o ser humano com a máquina. Imagino que o robô não era usado constantemente, sendo posto em funcionamento apenas para finalidades específicas, e sempre haveria uns individuos-chave, talvez muitos até, que saberiam onde estava o Presidente e o que ele estava fazendo. Se assim fosse, o assassinato teria de ocorrer quando estes importantes funcionários, na verdade, acreditassem que o Presidente era mesmo o robô.

– Não concordo.

– Escute aqui: uma das tarefas do robô era apertar as mãos do povo; apertar a carne

deles. Quando isto estivesse ocorrendo, os oficiais sabedores da verdade estariam perfeitamente cônscios de que, na verdade, quem apertava as mãos era o robô.

– Exatamente. Agora sim, você está dizendo coisa com coisa. Era o robô.

– Exceto que era o Tricentenário, e que o Presidente Winkler não poderia resistir à vontade de apertar as mãos do povo. Suponho que seja mais do que humano esperar que um Presidente, particularmente um cativador de massas vazias, um amante de aplausos como Winkler, não quisesse abrir mão da adulação da multidão no dia mais importante de todos, deixando esta atribuição para uma máquina. E talvez o robô tenha cuidadosamente alimentado este impulso de tal forma que, no dia do Tricentenário, o Presidente teria ordenado ao robô que permanecesse atrás do pódio, enquanto ele próprio se dispunha a apertar as mãos e a ser aplaudido.

– Secretamente?

– Lógico que secretamente. Se o Presidente dissesse a alguém do Serviço, ou a algum de seus auxiliares, ou ao senhor, permitir-lhe-iam que o fizesse, que fosse até o povo?... A atitude oficial com relação à possibilidade de um assassinato praticamente virou uma doença desde os eventos do Século Vinte. Assim, encorajado por um robô obviamente esperto...

– Você presume que o robô seja esperto pelo fato de agora estar funcionando como Presidente. E um raciocínio circular. Se não é ele o Presidente, não há razão para pensar que seja esperto, ou que fosse capaz de imaginar toda esta conspiração. Além disso, que outro motivo, possivelmente, poderia levar um robô a conspirar em prol de um assassinato? Mesmo que ele não matasse o Presidente diretamente, a Primeira Lei também proíbe que se tire, indiretamente, a vida de alguém, já que a Primeira Lei diz: "Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal."

Edwards disse: – A Primeira Lei não é absoluta. Que dizer se o fato de fazer mal a um ser humano salvasse a vida de dois outros, ou de três, ou mesmo, de três bilhões?... O robô pode ter pensado que a salvação da Federação tem precedência sobre a salvação de uma vida. Além disso, de forma alguma era um robô comum. Foi construído para duplicar as qualidades de Presidente de forma tão íntima, a ponto de poder enganar a qualquer um. Suponhamos que ele tivesse a compreensão do Presidente Winkler, sem a sua fraqueza, e suponhamos que ele soubesse que poderia salvar a Federação onde o Presidente não podia salvá-la...

– Você pode raciocinar assim, mas como é que um aparelho mecânico poderia?

– E a única maneira de explicar o que sucedeu.

– Penso que é uma fantasia paranoica.

Edwards contestou: – Então me diga por que o objeto que foi destruído foi reduzido a átomos. Que outra explicação teria sentido, salvo a de que era a única maneira de ocultar o fato de que fora um ser humano, e não um robô, que fora destruído? Dê-me uma alternativa.

Janek enmbesceu: – Não quero admitir isso.

– Mas tudo que afirmei pode ser provado, ou então negue. É por isso que vim à sua presença, à sua presença.

– E como é que poderei provar tudo isso? Ou, mesmo, desprovar?

– Ninguém vê o Presidente em momentos em que ele está totalmente à vontade, como você o vê. É com você, na falta de uma família, que ele é mais informal. Estude-o.

– Já fiz isso. Afirmo-lhe que ele não é...

– Estudou nada. O senhor não suspeitou de nada errado. Pequenos indícios nada significam para o senhor. Estude-o agora, ciente de que ele pode ser um robô, e verá.

Ironicamente, Janek disse: – Posso pô-lo a nocaute e, com um detector ultrassônico, provar que ele é de metal. Mesmo um androide tem cérebro de platina-irídio.

– Não será necessário nenhuma ação drástica. Apenas o observe e verá que ele é tão radicalmente diferente do homem que ele era, que não pode ser um homem.

Janek olhou para o relógio na parede. Disse: – Faz mais de uma hora que estamos conversando.

– Lamento ter tomado tanto de seu tempo, mas espero que tenha entendido a importância de tudo isto.

– Importância? – disse Janek. Levantou-se, então, e o que tinha parecido um ar de desânimo subitamente se transformou em qualquer coisa de esperançoso. – Mas é, na verdade, importante? É mesmo?

– Como pode não ser importante? Um robô ser Presidente dos Estados Unidos não é importante?

– Não, não é isso que quero dizer. Esqueça quem pode estar desempenhando o papel do Presidente Winkler. Pense apenas nisto: alguém, à testa da Presidência dos Estados Unidos, salvou a Federação; manteve-a unida e, no presente momento, dirige o Conselho de acordo com os interesses da paz e da conciliação construtiva. Admite tudo isto?

Edwards disse: – Lógico que admito tudo isso. Mas, o que dizer do precedente que se estabeleceu? Um robô na Casa Branca, agora, por uma razão muito boa, pode levar a um robô na Casa Branca daqui a vinte anos por uma razão muito mim e, depois, poderá nos conduzir a termos robôs na Casa Branca sem motivo algum, mas apenas como questão de fato. Não vê a importância de abafar um possível toque de trombeta para o fim da humanidade, quando a trombeta soar sua primeira nota incerta?

Janek sacudiu os ombros. – Admitamos que eu constate que ele é um robô. Vamos irradiar isto para o mundo todo? Sabe como é que isto afetará a Federação? Sabe o que isto representará para a estrutura financeira do mundo? Sabe...

– Sei sim. E por isto que vim aqui falar-lhe em particular, em vez de tentar dar isto ao conhecimento público. Depende do senhor examinar o assunto e chegar a uma conclusão definitiva. Em seguida, cabe também ao senhor, tendo constatado que o suposto Presidente é um robô, coisa que estou certo de que acontecerá, convencê-lo a renunciar.

– E, pela versão que você deu da Primeira Lei, ele então me matará, eis que estarei ameaçando sua hábil condução da maior cri se global do Século Vinte e Um.

Edwards sacudiu a cabeça. – O robô agiu secretamente antes, e ninguém tentou se opor aos argumentos que ele usou consigo mesmo. O senhor é capaz de reforçar uma interpretação estrita da Primeira Lei, com seus argumentos. Se necessário, poderemos obter ajuda de algum funcionário da U. S. Robots and Mechanical Men Inc. que, antes de mais nada, construiu o robô. Uma vez que ele renuncie, o Vice-Presidente o sucederá. Se o robô-Winkler pôs o velho mundo no caminho certo, muito bem; o Vice-Presidente poderá agora conservá-lo no caminho certo, ainda mais que o Vice-Presidente é uma decente e honrada mulher. Mas não podemos ter um robô a nos dar ordens, e nunca mais poderemos ter um.

– E se o Presidente for um ser humano?

– Deixo isso a seu critério. Saberá como proceder.

Janek disse: – Não confio tanto assim em mim mesmo. E se eu não puder decidir? Se eu não puder me forçar a decidir? Se eu não ousar? Quais são seus planos?

Edwards parecia cansado. – Não sei. Talvez eu tenha de ir até a U. S. Robots. Mas acho que não terei de chegar a tanto. Estou plenamente confiante de que agora que deixei o problema a seus cuidados ele será resolvido. O senhor deseja ser governado por um robô?

Levantou-se e Janek deixou-o ir embora. Não apertaram as mãos.

Profundamente chocado, lá ficou Janek, no crepúsculo que se manifestava.

Um robô!

O sujeito entrara, argumentara de maneira perfeitamente racional que o Presidente dos Estados Unidos era um robô.

Poderia ter sido fácil contra-argumentar. Não obstante, Janek tentara pensar em todos os argumentos de que dispunha, e todos tinham se mostrado inúteis, e, por fim, o sujeito não se deixara abalar.

Um robô como Presidente! Edwards estava certo disto, e continuaria convicto disto. E se Janek insistisse que o Presidente era humano, Edwards iria até a U. S. Robots. Não descansaria.

Janek franziu a testa ao pensar nos vinte e oito meses que haviam decorrido desde o Tricentenário e como tudo tinha transcorrido tão bem, diante das possibilidades. E agora?

Perdido em sombrios pensamentos, lá ficou.

Tinha ainda o desintegrador, mas certamente não seria necessário usá-lo contra um ser humano, tanto mais que a natureza de seu corpo estava fora de quaisquer dúvidas. Um laser silencioso, a vibrar um golpe em algum lugar solitário, resolveria a questão.

No primeiro caso, tinha sido difícil manobrar o Presidente; neste caso aqui, todavia, ele nem teria de saber.

♦

Meu primeiro pensamento foi intitular a estória precedente de “Morte no Tricentênio”, mas o dicionário garantiu-me que “tricentenário” era uma maneira perfeitamente boa de me referir a

um tricentésimo aniversário, de forma que a denominei de “Morte no Tricentenário.”

Fred mudou o nome para “O Incidente do Tricentenário”, o que, em minha opinião, foi uma grande melhora, e adotei-a com brados de alegria. Nem sempre me agradam as mudanças de títulos que ele faz, e geralmente afirmo isto, como em minha coleção de pequenas estórias de mistério *Tales of the Black Widowers*. Nada mais justo que eu lhe dê crédito por uma boa mudança.

Uma coisa mais: de novo, esta estória representa um retomo a um tema que desenvolvi numa estória anterior. Essa estória anterior foi “Evidência”, publicada pela primeira vez em 1946, trinta anos antes da estória que se segue. Exceto quanto ao tema, não há semelhança entre as duas, e deixo ao gentil leitor, se ele ou ela leu as duas, decidir se, neste meio tempo, melhorei ou não. (Mas não me escrevam, por favor, a não ser que achem que melhorei.)

♦

O tempo voa. Eu, propriamente, sou um eterno jovem, mas tudo o mais está envelhecendo. Perceberam que com o número de abril de 1976, Amazing Stories, a mais antiga das revistas de ficção científica, comemorou seu Meio Centenário?

O número de abril de 1926 de Amazing Stories foi o Volume 1, número 1. Foi o primeiríssimo número da primeiríssima revista até então inteiramente dedicada à ficção científica, e isto foi cinquenta anos atrás.

Hugo Gernsback nascera em Luxemburgo, em 1884, e emigrara para os Estados Unidos em 1904. Chegou a escrever algumas estórias de ficção científica excruciantemente ruins, mas com algumas predições terrivelmente boas nelas, e veio a publicar uma revista, na qual incluiu estórias de ficção científica (ciência ficção, como ele as denominava) e, durante algum tempo, começou a cogitar da publicação de uma revista só com estórias de ficção científica. Uma circular que enviou em 1924, exploratória, produziu resultados desapontadores, mas, em 1926, sem qualquer aviso prévio, sem fanfarras, colocou a revista nas bancas.

Sol Cohen, o atual responsável pela revista, telefonou-me no outono de 1975, para me perguntar se eu poderia dar alguma contribuição em honra do quinquagésimo aniversário da revista. E, se bem que, como de hábito, eu estivesse até o pescoço de compromissos, não houve como me recusar. Em 22 de novembro de 1975, sentei-me para escrever "Nascimento de uma Noção", que foi a forma como me fiz representar na edição de aniversário.

12

♦

Nascimento de Uma Noção*

Não é, de maneira alguma, uma coincidência que o primeiro a inventar uma máquina do tempo que funcionasse tenha sido um entusiasta da ficção científica. Era inevitável. Por que outras razões deveria um cientista que, quanto ao mais, era são, sequer ousar ir ao encalço das várias teorias exóticas que pareciam apontar para a manobrabilidade do tempo, a despeito da Teoria da Relatividade?

Isto exigia energia, por certo. Tudo requer energia. Mas Simeon Weill estava preparado para pagar o preço. Tudo (bem... quase tudo) para fazer seu sonho oculto de ficção científica se tomar uma realidade.

O problema era que não havia como controlar quer a direção, quer a distância através da qual alguém seria cronologicamente impelido. Tudo resultaria de colisões temporais ao acaso de equipamentos taquiônicos e Weill podia fazer camundongos e até mesmo coelhos desaparecer, mas, se era no futuro ou no passado, ele não saberia dizer. Um camundongo reapareceu, de forma que ele deveria ter vi só um pouco no passado e parecia não ter sido nem um pouco machucado. E os outros? Quem poderia dizer?

Imaginou um disparador automático para a máquina. Teoricamente, ele faria o empurrão (fosse lá qual fosse) reverter, trazendo o objeto de volta (de qualquer direção ou de qualquer distância a que ele tivesse ido). Nem sempre funcionava, mas cinco coelhos voltaram ilesos.

Se pelo menos ele pudesse fazer o disparador à prova de erros, Weill teria feito uma tentativa consigo mesmo. Estava morrendo de vontade de fazer essa tentativa, o que não era uma reação própria de um físico teórico, mas era a absolutamente previsível emoção de um fanático por ficção científica, particularmente admirador das produções “espaço-operísticas” de algumas décadas anteriores ao ano de então, 1976.

Era inevitável, então, que o acidente pudesse acontecer. De modo nenhum ele poderia ter caminhado entre os têmpodos com consciente determinação. Sabia que as probabilidades de ele não voltar eram de duas em cinco. Por outro lado, ele estava morrendo de vontade de tentar, de forma que se deslocou com seus dois pezões e ficou cambaleando entre os têmpodos como resultado de um acidente total... Mas existem mesmo acidentes?...

Ele poderia ter sido arremessado para o passado ou para o futuro. Aconteceu-lhe de ser arremessado no passado.

Poderia ter sido arremessado incontáveis milhares de anos para trás ou apenas um dia e meio. Aconteceu-lhe de ser arremessado cinquenta e um anos para trás, na época em que o Escândalo Harding estava em plena efervescência, se bem que o país estivesse se mantendo em paz com Coolidge e soubesse que ninguém no mundo poderia surrar Jack Dempsey.

Mas, algo nas teorias de Weill havia que elas não haviam contado a ele. Sabia o que poderia acontecer às partículas propriamente ditas, mas não havia como prever o que aconteceria ao relacionamento entre as várias partículas. E há relacionamentos mais complexos que os que há no cérebro?

De forma que o que aconteceu foi que Weill recuou no tempo, com sua mente desenrolada. Não totalmente, felizmente, visto que Weill nem tinha sido concebido no ano anterior ao Sesquicentenário dos Estados Unidos, e um cérebro com menos que qualquer desenvolvimento seria uma grave desvantagem.

Ele se desenrolou claudicante, parcial e inabilmente, e quando Weill se achou num banco de jardim não distante de sua residência de 1976, na parte baixa de Manhattan, onde ele experimentava uma dúbia simbiose com a Universidade de Nova Iorque, ele se achou no ano de 1925 com uma colossal dor de cabeça, e sem uma ideia muito clara do que é que estava havendo.

Achou-se a olhar fixamente para um homem de seus quarenta anos, cabelo com brilhantina, maçãs do rosto salientes, nariz adunco, e que partilhava com ele o banco.

O homem parecia preocupado. E disse: – De onde você veio? Um minuto atrás, não estava aqui. – Tinha um distinto acento germânico.

Weill não estava seguro. Não podia se lembrar. Mas uma frase parecia perdurar, em meio ao caos, dentro de seu crânio, mesmo não tendo ele certeza do que ela poderia significar.

– Máquina do tempo – arquejou.

O outro se empertigou. E perguntou: Lê romances pseudo científicos?...

– O quê? – perguntou Weill.

– Já leu A Máquina do Tempo, de H. G. Wells?

A repetição da frase pareceu acalmar Weill um pouco. A dor em sua cabeça diminuíra. O nome Wells pareceu-lhe familiar, ou seria seu próprio nome? Não, seu nome era Weill.

– Wells? – perguntou. – Eu sou Weill.

O outro estendeu a mão. – E eu sou Hugo Gernsback. De vez em quando escrevo romances pseudocientíficos, mas, por certo, não está correto dizer “pseudo”. Isto parece dar a impressão de que se trata de uma fraude. E não é assim, O nome deveria ser escrito corretamente; ficção científica. Gosto de abreviar desta maneira... – eus olhos escuros brilharam – “cientificção”.

– Sim – disse Weill, tentando desesperadamente reunir fragmentos em sua memória, assim como experiências intactas, e obtendo apenas estados de espírito e impressões. – Cientificção. Melhor do que pseudo. Se bem que ainda não...

– Se bem escrita. Leu minha “Ralph 124C41+”?

– Hugo Gernsback – disse Weill, franzindo o sobrecenho, – Famoso...

– Só um pouquinho – atalhou o outro, sacudindo a cabeça. – Editei revistas sobre rádio e sobre invenções elétricas, faz anos. Já leu “Ciência e Invenção”?”

Weill apanhou a palavra “invenção” e de certa forma ela o deixou à beira de compreender o que tentara exprimir com “máquina do tempo”. Ficou ansioso e disse: – Sim, sim.

– E que acha da cientificção que acrescento em cada número da revista?

Novamente a cientificção. A palavra tinha um efeito calmante sobre Weill e, mesmo assim, não se sentia plenamente bem. Um pouco mais... Não muito...

E disse: – Alguma coisa mais. Não muito...

– Não muito, não suficiente? Sim, tenho pensado nisto. No ano passado enviei circulares, solicitando assinaturas para uma revista que teria só cientificção. Eu iria chamá-la de Cientificção. Os resultados foram muito desapontadores. Como é que você explicaria isto?

Weill não o ouvira. Ainda estava se concentrando na palavra "cientificção", que não lhe parecia muito certa, mas ele não podia compreender por que ela não lhe parecia certa.

Ele disse: – O nome não está certo.

– Não está certo para uma revista? Pode ser que seja. Não pensei num nome bom; alguma coisa que chamasse a atenção direta para o que ele quer. É isto. Se eu arranjasse um bom nome, eu começaria com a revista e não me preocuparia com circulares. Eu não pediria nada. Eu simplesmente poria a revista em todas as bancas dos Estados Unidos na próxima primavera, isto é tudo.

Weill ficou a olhá-lo, sem expressão.

O homem disse: – Claro que as estórias que quero ensinariam ciência enquanto divertiriam e excitariam o leitor. Abririam para ele os vastos objetivos do futuro. Aviões atravessarão o Atlântico sem escalas.

– Aviões? – Weill teve uma visão fugitiva de uma grande baleia metálica, erguendo-se às suas próprias custas. Passado um momento, já não dava mais para vê-la. Ele disse: – Grandes, transportando centenas de pessoas mais rápido que o som.

– Naturalmente. Por que não? E mantendo-se em contacto, por meio do rádio, com a terra, a todo instante.

– Satélites.

– O quê? Foi a vez do outro olhar, confuso.

– Ondas de rádio vindas de um satélite artificial no espaço.

O outro sacudiu vigorosamente a cabeça. – Eu predisse o uso de ondas de rádio para detectar algo à distância em “Ralph 124C41+”. Espelhos espaciais? Eu os previ. E também a televisão, por certo. E energia do átomo.

Weill estava galvanizado. Imagens chamejavam diante dos olhos de sua mente em desordem. – Átomo – disse ele. – Sim. Bombas-nucleares.

– Rádio – disse o outro, complacentemente.

– Plutônio – disse Weill.

– O quê?

– Plutônio. E fusão nuclear. Imitando o Sol. Náilon e plásticos. Pesticidas para matar os insetos. Computadores para resolver os problemas.

– Computadores? Você quer dizer robôs?

– Computadores de bolso – disse Weill, entusiasticamente. – Objetos pequenos. Segurá-los na mão e resolver problemas. Radinhos. Também de segurar na mão. Câmaras fotográficas que revelam as fotos dentro delas mesmas. Holografias. Fotografias tridimensionais.

O outro perguntou: – Você escreve cientificção?

Weill não prestou atenção. Continuou tentando reter as imagens. Estavam ficando mais claras. – Arranha-céus – disse. – De alumínio e vidro. Vias elevadas. Televisão a cores. O homem na Lua. Sondas enviadas a Júpiter.

– O homem na Lua – falou o outro. – Júlio Verne. Leu Júlio Verne?

Weill sacudiu a cabeça. Agora estava bem claro. A cabeça estava melhorando um pouco. – A descida na Lua vista pela televisão. Todo mundo vendo. E fotografias de Marte. Não há canais em Marte.

– Não há canais em Marte? – perguntou o outro, atônito. – Mas eles foram vistos!

Firmemente, Weill retomou a palavra: – Não há os canais. Vulcões. Os maiores. Os maiores canyons. Transistores, lasers, táquions. Veja se prende os táquions. Faça-os empurrar o tempo para trás. Mova-se contra o tempo. Mova-se contra o tempo. In-cri...

A voz de Weill estava ficando mais fraca e seus contornos tremiam. Aconteceu de forma tal que o outro homem desviou o olhar, neste momento, olhando abobalhado o céu azul, murmurando: – Taquions? De que está ele falando?

Estava pensando em que, se um estranho que ele ocasionalmente encontrara no parque estava tão interessado em cientificção, era um bom indício de que era hora de lançar a revista. Lembrou-se então de que o outro não tinha nome e afastou a ideia,a contragosto.

Voltou-se para trás, em tempo de ouvir as últimas palavras de Weill: – Viagem taquiônica no tempo, uma estória fascinante... – E lá se fora ele, abocanhando de volta seu próprio tempo.

Hugo Gernsback encarou com horror o local em que o homem tinha estado. Não o vira chegar e, na verdade, também não o vira ir- se embora. Sua mente rejeitava aquele autêntico desaparecimento... Que sujeito mais estranho... corte esquisito nas roupas, chegou a pensar, e suas palavras eram irregulares e turbilhonantes.

O próprio estranho o dissera, uma estória fascinante. Suas últimas palavras.

E então Gernsback murmurou a frase escandindo-a bem; – Estória fascinante... Estórias Fascinantes*?

Um sorriso começou a brotar nos cantos de sua boca.

Uma palavra final...

Ao reunir as estórias para esta coleção, não pude deixar de notar que entre novembro de 1974 e novembro de 1975 escrevi e vendi sete estórias de ficção científica. Além disso, escrevi e vendi duas estórias de mistério e uma novela de mistério, num total de 132.000 palavras de ficção.

Compreendem, então, porque, quando algumas pessoas, deslumbradas com meus mais de 120 livros de não-ficção, me perguntam se parei de escrever ficção, eu sempre respondo: – Não parei, não.

Bem... *não parei mesmo!*

E, enquanto eu viver, não pararei!